



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA E SEXUALIDADE OPERÁRIA:  
DISCURSOS LGBTTTs NO *CHÃO DE FÁBRICA*  
EM CAMPINA GRANDE - PB (2009 -2016)**

**JOÃO DIOGO TRINDADE CORDEIRO ARAÚJO**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

**JOÃO DIOGO TRINDADE CORDEIRO ARAÚJO**

**ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA E SEXUALIDADE OPERÁRIA:  
DISCURSOS LGBTTTs NO *CHÃO DE FÁBRICA*  
EM CAMPINA GRANDE - PB (2009 - 2016)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas.

Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

|       |   |
|-------|---|
| A663e | <p data-bbox="469 1211 1311 1368">Araújo, João Diogo Trindade Cordeiro.<br/>Estéticas da existência e sexualidade operária : discursos LGBTTTs no <i>chão de fábrica</i> em Campina Grande – PB (2009 - 2016) / João Diogo Trindade Cordeiro Araújo. – Campina Grande, 2018.<br/>182 f : il.</p> <p data-bbox="469 1435 1311 1559">Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.<br/>"Orientação: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior".<br/>Referências.</p> <p data-bbox="469 1626 1311 1715">1. Sexualidade. 2. Estética da Existência. 3. Práticas Educativas. 4. Sexualidade Operária. 5. Discursos LGBTTTs. I. Soares Júnior, Azemar dos Santos. II. Título.</p> <p data-bbox="979 1749 1311 1774">CDU 316.647.8-055.34(043)</p> |
|-------|---|

**JOÃO DIOGO TRINDADE CORDEIRO ARAÚJO**

**ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA E SEXUALIDADE OPERÁRIA:  
DISCURSOS LGBTTTs NO *CHÃO DE FÁBRICA*  
EM CAMPINA GRANDE - PB (2009 - 2016)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior–UFRN/UFCG**

**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vandiner Ribeiro - UFRN**

**Examinadora Externa**

---

**Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – UFCG**

**Examinador Interno**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses – UEPB/UFCG**

**Suplente Interna**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amanda Batista Braga – UFPB**

**Suplente Externa**

## AGRADECIMENTOS

*“Só há felicidade se não exigirmos nada do amanhã e aceitarmos do hoje, com gratidão, o que nos trouxe. A hora mágica sempre chega”.*  
(Hermann Hesse).

Recordo-me das madrugadas insones, das conversas intermináveis ao telefone, das ideias que me escapavam por entre os dedos em ínfimos segundos, fugidias, escorregadias. Enquanto o sol matinal despertava os anjos que dormiam em seus recônditos, eu, navegante impreciso e malabarista noturno, ansiava por palavras e frases que me permitissem escrever um pífio parágrafo, uma linha, por mais torta que emergisse. Escrevia, apagava. Escrevia novamente, gostava do que lia e, no regozijo me deliciava, vibrava. O quarto pulsava vida, os livros e seus autores bailavam rodopiando sobre a minha cabeça, que adormecia, sonhava.

Rumo ao derradeiro momento, na hora mágica que aqui me traz, eternizo memórias encerrando ciclos de minha existência. Por Deus, confesso, em meus desatinos, que em alguns momentos previ não alcançar essa dádiva. Insisti. Diante da sublime importância do agora, dirijo-me ao Senhor da Luz, Criador que me permitiu o privilégio da vida, para lhe oferecer a mais perfeita gratidão. A Ti e aos Teus santos materializados na rica experiência humana da amizade, devoto meus sinceros agradecimentos, pois eles, cotidianamente, floream as minhas rotas de passagem e iluminaram os meus esconderijos.

A todos e a todas que compõem a coordenação do PPGH, agradeço pelo atendimento gentil dedicado a mim. Pela presteza de me receberem quando se fazia necessário e pelas orientações dispensadas a mim enquanto aluno da Pós-Graduação.

Ao Professor *Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior*, orientador, amigo de minh'alma, que abraçou meu sonho e me acolheu com o mais terno sorriso, ofereço-lhe a mais profunda gratidão. Que o brilho dos meus olhos lhe deem a certeza do quanto o prezo e o estimo, que cada abraço meu revele o carinho e o zelo que tenho por ti e pelo compromisso desse encontro. Não me deixaste desamparado, acreditaste quando nem eu mesmo era capaz. Grato sou por tamanho amor.

Ao Professor *Dr. Iranilson Buriti*, agradeço pela graça com que conduziu as aulas, confrontando de maneira tão precisa minhas sensibilidades. Ensinou-me sobre a beleza de uma

escrita poética. Arrancou-me sorrisos infantis, assim como lágrimas emocionadas pela experiência do “aprender”.

À professora *Dr<sup>a</sup>. Vandiner Ribeiro*, sou grato por me conduzir no aprendizado sobre gênero e sexualidade. Grato pelo seu esforço em colaborar de forma efetiva com esse trabalho, trazendo luz e vibrando as melhores energias para o desfecho dessa conquista.

À professora *Keila Queiroz*, minha gratidão. O seu incentivo foi de fundamental importância no decorrer de toda a caminhada. Me senti abraçado e protegido quando, por muitos momentos, a solidão e a insegurança tentaram me fazer desistir.

À Professora *Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli Gomes Nascimento* e à Professora *Dr<sup>a</sup>. Eronides Câmara de Araújo*, meus mais singelos agradecimentos. Muito do que escrevo, o faço por trazê-las comigo a partir das mais ricas experiências vivenciadas em sala de aula, na disciplina ministrada por ambas.

Agradeço ao Professor *Dr. Luciano Mendonça de Lima*, que em parceria com a Professora *Dr<sup>a</sup>. Marinalva Vilar de Lima*, ministrou a disciplina História Cultural e Social, contribuindo para pensar sobre o meu lugar enquanto pesquisador. Ao Professor *Dr. Gervásio Batista Aranha*, que sabiamente me mostrou as possibilidades dos caminhos teóricos para se pensar uma História crítica e reflexiva, meu muito obrigado.

Aos interlocutores dessa pesquisa, que me permitiram conhecer suas trajetórias e experiências belas, minha gratidão. Vocês foram partícipes no decorrer dessa jornada acadêmica, eixo central de minhas discussões, agentes diretos nessa experiência transformadora. Que suas vozes ecoem pelo universo, rompendo as barreiras do preconceito e da marginalização.

Ao amigo e primo *Wilker Araújo (in memoriam)*, a gratidão eterna pelo incentivo. A tua alegria contagiante se transformou em força para que eu conquistasse um sonho que era fruto de uma batalha nossa. Sinto-me, nesse momento, honrado em lhe dedicar essa titulação, simbolizando não só a minha vitória, mas a tua.

Aos amigos do mestrado *Marinalva Vilar, Janaina Leandro, Nita Keoma, Júnia Lima, Thalita Mariana Moura, Marco Antônio e Neusa Victor*, amigos que me abraçaram neste curso, jovens admiráveis aos quais desejo muitas conquistas, agradeço a atenção. Os cafés e as conversas partilhadas jamais serão apagados de minha memória. Aos demais estudantes do curso, que todos consigam realizar seus sonhos.

À minha querida filha *Júlia Torquato Cordeiro*, de onze anos, meu tudo, minha maior paixão. Agradeço por sua presença em minha caminhada. Se busco ser melhor, certamente, o

faço pensando em você. Desculpe-me pelas ausências e saiba que essa vitória hoje, mais do que minha, é sua. Amo você com todas as minhas forças.

Aos meus pais *Elineide Cordeiro* e *João Barbosa*, às irmãs *Talita Cordeiro* e *Larissa Cordeiro* (que em muitos momentos se fizeram presentes na partilha das responsabilidades sobre Júlia, para que eu pudesse me dedicar de forma exclusiva ao mestrado), aos avós *Rosineide Trindade* e *Matusalém Cordeiro* (*in memoriam*), aos tios *Júlio Marcos Trindade*, *Renata Trindade* e *Julice Trindade*, meu muitíssimo obrigado por acreditarem que tudo seria possível. Estendo meus agradecimentos a *David Lobão*, por me acolher e por acreditar no meu mestrado.

Aos amigos *Hélder Nóbrega*, *Renata Oliveira*, *Éder Alencar*, *Flávia Mentor* e *Jhonas Farias*, que colaboraram indistintamente na coleta dos dados e demais suportes físicos e emocionais da pesquisa, meus agradecimentos sinceros.

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem por objetivo discutir como eram vivenciadas as práticas educativas da sexualidade e as estéticas da existência a partir das narrativas orais dos operários LGBTTTs que atuavam de forma direta ou indireta no *chão de fábrica* da cidade de Campina Grande – PB, no período que vai de 2009 a 2016. Para costurar os corpos analisados nesse texto, dialogamos com a História do Tempo Presente a partir das narrativas de operários homoafetivos cisgêneros, assim como através de uma operária transexual e de suas memórias. Problematisamos as práticas educativas da sexualidade, como o machismo, a homofobia e a transfobia, com fins de oferecer visibilidade a sujeitos que, por representarem uma minoria historicamente excluída da sociedade, são alvos do discurso biológico. As narrativas foram interpretadas pelas tramas da História Cultural, com a metodologia da Análise do Discurso sob o prisma de Michel Foucault (1985), autor que colaborou com os conceitos sobre o *dispositivo da sexualidade* e *estética da existência*. Judith Butler (2008) se fez presente na discussão sobre o conceito de *abjeto* e Guacira Lopes Louro (2015) emergiu traçando uma linha tênue entre *gênero* e *corpo*. Com esses olhares teóricos, identificamos nas experiências fabris as relações entre operários masculinos e suas singularidades. Observamos as táticas para se aproximar afetivamente ou assediar sexualmente o outro, que representava a diferença de gênero e sexualidade no âmbito do trabalho. Concluímos que no cotidiano dos operários LGBTTTs percebemos as táticas de defesa para sobreviver a um ambiente impregnado por práticas discriminatórias.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Estética da Existência. Abjeto. Práticas educativas. Corpo.



## ABSTRACT

This work aimed to discuss how the educational practices of sexuality and the aesthetics of existence were experienced through the narratives of LGBTTT workers who worked directly or indirectly on factory floor. To build this operation, we dialogue with Present Time History through the narratives of homaffective and cisgender workers, as well as a transsexual worker. We problematize the educational practices of sexuality such as male dominance, homophobia and transphobia in order to offer expression to subjects that, because they represent a minority, are historically excluded from society and targets of biological discourse. The narratives were interpreted through Cultural History with the methodology of the discourse analysis by the prism of Michel Foucault (1985), author who collaborated with the concepts on the device of sexuality and aesthetics of existence. Judith Butler (2008) was present in the discussion about the concept of abject and Guacira Lopes Louro (2015) emerged drawing a fine line between gender and body. With these theoretical views we identify in the factory experiences the relations between male workers and their singularities. We observed the tactics to approach affectively or sexually harass the other that represented the difference of gender and sexuality in the scope of the work. In the daily life of the LGBTTT's workers we perceive the tactics of defense to survive an environment impregnated by discriminatory practices.

**Keywords:** Sexuality. Aesthetics of Existence. Abject. Educational Practices. Body.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 1:</b> Fotografias de anotações eróticas e homofóbicas escritas nos banheiros da fábrica.   | 90  |
| <b>Figura 2:</b> Imagem contida na página pública do <i>Facebook</i> de <i>Agrado</i> , para seu programa “ <i>De Frente com Agrado</i> ” ..... | 159 |
| <b>Figura 3:</b> Imagem contida na página pública do <i>Facebook</i> de <i>Agrado</i> com chamadas virtuais anunciando o programa ao vivo.....  | 160 |
| <b>Figura 4:</b> A dança como um robe .....   | 163 |
| <b>Figura 5:</b> No salão de beleza do bairro.....  | 166 |

## LISTA DE SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais

AIDS – Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida

ANIS - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

CLAM - Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

DSM - Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais

ERP - *Enterprise Resources Planning*

FtM - *Female to Male*

GLP – Gás Liquefeito de Petróleo

GRID - *Gay Related Immune Deficiency*

HsH – Homens que Fazem Sexo com Homens

LGBT - Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

LGBTTT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

LIDIS - Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos Humanos

MfT – *Male to female*

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização das Nações Unidas

RH – Recursos Humanos

SAP – Sistemas, Aplicativos e Produtos para Processamento de Dados

STF – Superior Tribunal Federal

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UCLA - Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b>  |
| Nas entrelinhas do saber: a teoria e os estudos de gênero na fábrica .....  | 20         |
| Violando memórias: narrativas fecundas do contar .....  | 30         |
| <br><b>CAPÍTULO I - MODOS DE VIVER OPERÁRIO: A AMIZADE E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA SEXUALIDADE NO CHÃO DE FÁBRICA.....</b>                              | <b>40</b>  |
| 1.1 Homem <i>versus</i> máquina: a fábrica e seu “chão” apresentados pelos cinco sentidos.....  | 43         |
| 1.1.1 Desnudando a fábrica: um passeio pelos cinco sentidos.....  | 43         |
| 12 A fábrica e seu chão, um encontro de sensibilidades.....   | 47         |
| 13 Construindo a estética da existência dos operários LGBTTTTS .....  | 53         |
| 14 Vítimas da Transfobia e da Homofobia: práticas educativas da sexualidade pautadas no preconceito em relação ao “Outro” .....                         | 61         |
| 15 <i>Agrado</i> , uma pessoa transgênera no <i>chão de fábrica</i> .....   | 72         |
| <br><b>CAPÍTULO II - O ESPAÇO FABRIL PRODUZINDO SUJEITOS E RELAÇÕES: TRABALHO, SEXUALIDADE E DESEJO NO ENCONTRO OPERÁRIO.....</b>                       | <b>78</b>  |
| 21 Operários LGBTTTTS no cotidiano fabril: na transgressão a busca pela reafirmação das sexualidades.....   | 79         |
| 22 Os restaurantes da fábrica: espaços de sociabilidade que proporcionam o encontro.....  | 81         |
| 23 Nos banheiros masculinos, práticas espaciais homoeróticas que subvertem a ordem .....  | 89         |
| 2.3.1 Uma mulher no banheiro dos homens?.....   | 98         |
| 24 Operários na experiência de vivenciar os sentimentos.....  | 105        |
| 2.4.1 “Mas eu sei que ele é casado, e esse lance não vai muito à frente”: a passionalidade em uma relação homoafetiva operária .....                    | 116        |
| 2.4.2 “eu me envolvi com uma pessoa de lá. Isso foi logo no início”: o primeiro emprego, o primeiro amor.....   | 118        |
| <br><b>CAPÍTULO III – “FICAMOS MAIS AUTÊNTICAS QUANTO MAIS NÓS NOS PARECEMOS COM O QUE SONHAMOS QUE SOMOS”: UM CORPO CONSTRUÍDO PARA (A)GRADAR.....</b> | <b>124</b> |
| 3.1 De volta para casa .....  | 125        |

|  |            |
|--|------------|
| 3.2 <i>Agrado</i> , um menino? .....   | 130        |
| 3.3 No muro da escola, o primeiro ato. ....  | 137        |
| 3.4 Atravessando as fronteiras do gênero e da sexualidade numa viagem existencial..... | 140        |
| 3.5 Um rosto e um corpo feitos para brilhar no ciberespaço. ....                       | 153        |
| 3.5.1 O vasto universo do ciberespaço. ....  | 155        |
| 3.5.2 <i>De Frente com Agrado</i> .....  | 158        |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>170</b> |
| <b>FONTES CONSULTADAS</b> .....  | <b>174</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>175</b> |

## INTRODUÇÃO

“Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever”  
(Michel Foucault, 2008).

Considerando o pensamento de Michel Foucault (2008), registrado na epígrafe desta introdução, também me sinto livre para escrever. Não busco construir rostos, tento sensibilizar outros rostos para ver o diferente, pois, na dinâmica da vida, não podemos permanecer o mesmo. Nessa perspectiva, viajo nas lembranças dos momentos vividos em uma fábrica<sup>1</sup> e vou reconstruindo os acontecimentos, considerando-os apenas a partir das minhas memórias, pois, para elas existirem, precisei de outros, que, em determinada temporalidade, partilharam vivências e amizades. A partir das relações que entrelacei com os operários no dia a dia fabril, fui provocado a contar histórias, tecendo, nas entrelinhas da subjetividade, a reconstrução de um passado experimentado, memórias minhas que se entrelaçam com as lembranças dos demais sujeitos operários.

O espaço fabril apresentou-se como o eixo central dos acontecimentos, sendo a fábrica em questão, atuante no setor calçadista da cidade de Campina Grande – PB, produzindo calçados emborrachados para serem comercializados dentro e fora do Brasil<sup>2</sup>. Com, aproximadamente, nove mil operários, revelou-se como uma das maiores companhias brasileiras calçadistas. O contingente humano, em sua maioria, era representado por sujeitos do sexo masculino que interagiam com as múltiplas identidades sexuais e de gênero que transitavam pelos espaços fabris. No decorrer de suas jornadas diárias de trabalho, construíam suas relações de alteridade baseadas, “também”, na sexualidade, o que me despertou em mim o interesse de problematizar tanto os sujeitos operários quanto suas relações, considerando, sobretudo, uma abordagem LGBTTT<sup>3</sup>. As lembranças que me levaram a embarcar em uma viagem de volta à fábrica me fizeram, novamente, ouvir os sons das máquinas, os gritos dos operários, sentir os cheiros do ambiente, enxergar os transeuntes. Paisagens que permanecem em movimento e trazem para o meu presente um novo contar.

---

<sup>1</sup> Por questões de cunho ético, não estou autorizado a mencionar o nome da referida fábrica.

<sup>2</sup> A referida fábrica atende países da América central e do Norte, como México, EUA e Canadá, além de países europeus, como a Inglaterra, Portugal, Espanha e Alemanha. Está presente no Continente Africano, em específico, na África do Sul, como também em países do Oriente Médio, a saber: Paquistão e Arábia Saudita, dentre outros.

<sup>3</sup> LGBTTT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

No primeiro dia de trabalho, enquanto funcionário recém-contratado, chegando ao portão principal do acesso, me senti convidado a me deslocar por entre espaços cujas lembranças ainda marcam minhas memórias. Desse portão, ouvia o coração da fábrica pulsando e me convidando a iniciar uma viagem da qual jamais esqueceria. Após adentrar seus limites, de frente a um galpão de proporções gigantescas, percebi homens e máquinas dialogando e se misturando ao som ensurdecedor e ao cheiro de borracha que pairava pelo ar. Eram os cheiros e os sons que aguçavam a minha curiosidade de interagir naquele espaço. Apesar de já estar entre os limites que compunham a grande fábrica, eu ainda não tinha chegado ao seu “coração”, ao que chamavam *chão de fábrica*<sup>4</sup>, mas era impossível desconsiderar sua existência. Esse lugar me proporcionaria um novo experimentar, se desnudaria diante dos meus olhos e me ajudaria a compor histórias em que o diálogo estabelecido entre homens e máquinas muito teria a dizer.

O *chão de fábricas* e apresentava como o lugar dentro da grande fábrica onde se situava a linha de produção, onde as máquinas estavam ajustadas a um *layout* que permitia o trabalho e a ação dos operários diariamente, em consonância com todos os insumos disponíveis. Neste caso, a disponibilidade de matéria-prima fazia-se necessária para a produção de calçados, ou, melhor dizendo, para a produção de sandálias de borracha. Este ambiente era transitado por funcionários administrativos e operários vinte e quatro horas por dia. O maquinário só era desligado no domingo, perfazendo seis dias de atividade intensa na produção de calçados emborrachados. Esse espaço<sup>5</sup> tornou-se um lugar praticado por vivências, onde eram recorrentes os meus questionamentos sobre as relações que surgiam entre os personagens masculinos e femininos dessa trama fabril.

A sensação era de euforia ao ser apresentado aos operários das máquinas, era algo novo que me acontecia naquele momento. Não seria apenas uma visita de rotina. Minha vivência diária com os inúmeros operários me permitia vislumbrar a importância de me perceber enquanto sujeito da experiência, que é, segundo Larrosa (2004, p. 163), “[...] um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo do qual faz experiência se apodera dele”. Enquanto funcionário poderia ter avaliado o meu encontro com a fábrica como uma

---

<sup>4</sup> Uma nova leitura do termo “chão-de-fábrica” não se resume à ideia de ser um lugar onde ocorre somente a transformação de matéria-prima em produto acabado, é necessário que o termo considere o colaborador como parte do processo que envolve os meios de produção, sendo este (colaborador) conhecedor de cada etapa (Cf.: MARTUNG; GOMES; PALHAES, 2010).

<sup>5</sup> Para Certeau (1998, p. 202 – grifo do autor), existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço é um cruzamento de móveis, é *um lugar praticado*.



oportunidade profissional, ou até mais: como uma tentativa de sobreviver numa sociedade que gira em torno do capital. Mas, foi diferente, fui tocado e convidado a viver uma experiência sensível que se desnudaria para além do profissional.

Estar na fábrica marcava o início de uma transformação contínua, era bastante representativo, significava o meu encontro e encanto com um universo novo que se desnudava diante de mim e me convidava a viver momentos de descobertas, conflitos e desencontros nas relações de alteridade. A partir desse primeiro contato, permaneci durante dois anos exercendo minhas funções laborais, atento aos sinais, aos olhares apressados, aos gritos de chefes e supervisores, um mundo em constante movimento, e eu estava, finalmente, adentrando no *chão de fábrica*. Dentre as minhas responsabilidades, estava a necessidade vigente de visitar o *chão de fábrica* para acompanhar as ordens de produção <sup>6</sup>. Ainda no processo de seleção, fui informado pelo setor de Recursos Humanos - RH - que o trabalho de todos os colaboradores constava diretamente atrelado ao acompanhamento da linha de produção, o que me deixou curioso e ligeiramente motivado a conhecer como se dava o processo produtivo, como também o contingente humano envolvido.

Na fábrica, vivenciei dois momentos que merecem destaque: a atividade laboral e a atividade acadêmica, respectivamente. No *primeiro momento*, enquanto funcionário que se deparava com diversos tipos masculinos e femininos no dia a dia de trabalho e que precisava se relacionar bem para atingir sua produtividade diária. Graduado em Administração, me reconhecia num ambiente racionalizado, pensado para atender ao capital e para gerar lucros. Minha função laboral era condicionante para que os resultados fossem atingidos e para que as metas de produtividade atendessem à demanda de vendas.

O *segundo momento* da experiência ocorreu a partir do meu interesse em pesquisar sobre gênero na fábrica, quando terminei minhas atividades profissionais neste local e me dediquei às atividades acadêmicas. Retornei ao meu antigo espaço de trabalho para, desta vez, recolher depoimentos e conversar com operários LGBTTTs, no intuito de iniciar minha jornada enquanto pesquisador. As narrativas oportunizaram-me uma troca de vivências e o lapidar do meu olhar sensível enquanto pesquisador em formação. Minhas jornadas diárias deixaram de sofrer a interferência direta da instituição, já que não retornei como funcionário, mas sim como pesquisador.

---

<sup>6</sup> Ordens de produção: planejamento diário da produção que é encaminhando para o supervisor da produção a fim de que sejam dadas as tratativas primordiais e o material comece a ser produzido.

Oficialmente desligado de meus compromissos com esta organização fabril, busquei desenvolver um trabalho de pesquisa atento ao detalhe humano, aos sujeitos e as suas subjetividades, às nuances que me levariam a uma viagem histórica pelas vielas de um grande complexo industrial. Estar naquele lugar e conviver com aqueles sujeitos possibilitou-me o encantamento por realizar essa pesquisa, deslocando-me para a necessidade dos estudos de gênero.

A minha interação com operários LGBTTTs, aqui entendidos como os “outros”, representantes da *diferença*<sup>7</sup>, tornou-se rotineira tanto no primeiro momento, ainda enquanto funcionário, quanto no segundo momento, já como pesquisador. O outro da diferença. Diferença essa que distanciava os operários, diferença que causava separações denunciando valorações de sujeitos múltiplos em suas relações de alteridade. Esse outro, que segundo Skliar (2003, p. 4) apresenta-se como “[...] um corpo sem corpo. Uma voz que fala sem voz. Que diz sem dizer. Que foi massacrado e segue culpabilizado por seu próprio massacre”. E, assim, eu os percebia em suas interações humanas no ambiente fabril, colonizados, minimizados e excluídos, hostilizados por uma maioria de operários de matriz heterossexual, estes representando o “eu” completo, que acreditavam ser natural e biologicamente dominantes.

O que de fato existia nas relações das quais eu tive acesso era uma busca incessante por enquadrar o outro nas categorias de gênero inteligível<sup>8</sup>, que, para Butler (2008, p. 162), “serão aqueles que mantêm uma relação de coerência entre sexo, gênero, pratica sexual e desejo [...] sustentada pelo discurso biológico”, não atentando para a consciência da multiplicidade e fluidez que o gênero propiciava. Os sujeitos que não se adequavam à determinada performatividade sexual e/ou gênero eram considerados corpos abjetos<sup>9</sup>. Portanto, percebidos como seres inexistentes pela maioria do operariado. Eram imediatamente excluídos do convívio e discriminados por transgredirem com a ideia de norma. Para Senkevics (2012, p.1) “toda construção, seja de um sujeito ou de uma identidade, envolve um grau de normatização, cujo efeito é a produção de excluídos”. A norma definia a exclusão, ou seja, operários LGBTTTs,

<sup>7</sup> Para Carlos Skliar (p. 6), “É possível que ao pensar nas diferenças seja necessário, ao mesmo tempo, afirmar a multiplicidade e a singularidade das valorações de um sujeito; como sugere Martin Hopenhayn (1999: 129): a diferenciação, pensada como diferença operando ou acontecendo (...), é ato de deslocamento plural entre muitas alternativas de interpretação, mas também é ato de posicionamento singular frente a essa luta de interpretações possíveis”. A diferença, para esse autor, não constitui um ponto de vista, mas uma distância que separa de um outro ou outros; é uma diferença entre perspectivas, uma dobradiça que: articula o singular de uma perspectiva e o plural de seus deslocamentos virtuais”.

<sup>8</sup> De acordo com Butler (2008, p. 162), “a matriz cultural pela qual a identidade de gênero se torna inteligível”.

<sup>9</sup> Para Butler (2000, p.155) “O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.

por não atenderem os padrões de gênero e sexualidade, eram conduzidos às zonas inabitáveis da vida social na fábrica. A interação com os demais operários (heterossexuais) se limitava, de forma geral, às responsabilidades laborais.

Ao conhecer e caminhar nesse universo, fui convidado diariamente a compreender o diálogo entre máquinas e pessoas, e para além dessa compreensão, vi surgir, diante de mim, a necessidade de entender como se davam as relações identitárias desses operários em seus cotidianos. Fui seduzido a perceber as amizades que surgiam entre homens cisgêneros<sup>10</sup> heterossexuais com homens também cisgêneros, mas de orientação sexual homoafetiva<sup>11</sup>. Observei as interações entre uma pessoa transgênera<sup>12</sup> com seus chefes e pares, abraçando questões acerca do desrespeito com a mesma, por assumir uma identidade de gênero trans. Observei, também, relações que desenhavam os enfrentamentos diários contra a homofobia<sup>13</sup> e transfobia<sup>14</sup> no trabalho, relações que desnudavam táticas e estratégias para burlar códigos de ética quando se buscava viver no trabalho a experiência do sentimento e do prazer sexual, reafirmando as transgressões morais e éticas frente ao gênero conforme.

Ao descrever essa passagem pela fábrica como uma experiência<sup>15</sup>, deparo-me com novas formas de comunidade LGBTTT, em que a sexualidade e o gênero estavam representados no convívio diário de um contexto impregnado por múltiplas práticas educativas<sup>16</sup>, como o machismo culturalmente inserido nos comportamentos dos sujeitos heterossexuais e as práticas de *lgbtfobia*, indo de encontro à própria ética institucional que prezava pela “igualdade”. Tive ali a oportunidade de experimentar a multiplicidade de formas de vida que a amizade sugere e que nascem e crescem para além do sexismo. Apesar de ser um ambiente masculino e

<sup>10</sup> Para Lanz (2015, p. 403), o termo cisgênero significa a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher e homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho e fêmea).

<sup>11</sup> Kotlinski (2015, p. 3) conceitua homoafetividade no sentido de “[...] visibilizar e romper com o paradigma de que a homossexualidade está necessariamente restrita ao ato sexual”, assim como heterossexismo, como sendo “[...] um pensamento segundo o qual todas as pessoas são heterossexuais. Um indivíduo ou grupo heterossexista não reconhece a possibilidade de existência legítima da homossexualidade, ou mesmo da bissexualidade”.

<sup>12</sup> Segundo Lanz (2015, p. 428), transgênero é “todo tipo de pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas no que diz respeito a conduta preconizada pelo dispositivo binário de gênero.

<sup>13</sup> Lanz (2015, p.413) afirma que a homofobia significa “ódio, aversão, repúdio ou medo de contato com pessoas de orientação homossexual (*gays*, *lésbicas*)”.

<sup>14</sup> Para Lanz (2015, p. 427), transfobia é o medo, repulsa e/ou aversão expressões de gênero fora do binômio masculino-feminino.

<sup>15</sup> Para Larrosa (2001, p. 154), a experiência é o que nos “passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca”.

<sup>16</sup> Girondi *et al.* (2006, p. 162) afirmam que a educação configura-se, estabelece-se, estrutura-se em diversas dimensões. Sua dimensão privilegiada é a prática educativa, vista como prática social intencionada em que confluem as intencionalidades e as expectativas sociais, na qual se concretiza a realidade subjetivada, em um processo histórico-social que se renova continuamente. A educação está sempre presente quando as pessoas se desenvolvem, se aperfeiçoam. Ela supõe uma interação entre as pessoas e uma relação destas com o mundo que as cerca.

conservador, visto que o contingente de trabalhadores era formado, em sua grande maioria, por homens que se reconheciam heterossexuais, a ética organizacional sugeria que todos deviam ser tratados igualmente. O trabalho era coletivo e indicava diariamente a necessidade de interagir com um sujeito “diferente” do padrão heteronormatizado<sup>17</sup> e tratar o sujeito LGBTTT de forma igualitária, como propunha o código de ética profissional, o que, muitas vezes, não ocorria na prática.

Retomando o *primeiro momento* (laboral), desde o início da minha jornada na fábrica, notava que os companheiros de trabalho me interpelavam em tom jocoso, afirmando que eu namorava uma operária chamada “Agrado”<sup>18</sup> (pseudônimo utilizado para a operária transexual). Por não conhecer bem o quadro de operários, até achava estranho uma mulher operar o maquinário do *chão de fábrica*, uma visão simplista codificada pelo masculino que eu assumia naquele momento. O sexismo estava presente em meu comportamento e na minha leitura de gênero, a transformação necessária ocorreria em breve, através da minha pesquisa, realizando uma desconstrução de mim mesmo. A presença de uma operária chamada *Agrado* culminaria no interesse em me aprofundar nos estudos de gênero e sexualidade operária.

Na segunda semana de trabalho, percebi passar por mim em direção à fila de acesso ao restaurante uma jovem com cabelos longos, tingidos de uma cor forte amarelada. Ela usava um uniforme cingido que enfatizava seus atributos corporais com largos quadris. Conduzia-se séria, a passos lentos e despreocupados. De cabeça erguida, não esboçava nenhuma reação ao se sentir imediatamente observada por todos os sujeitos (em grande parte do gênero masculino) que compunham e, ao mesmo tempo, adentravam aquele espaço de sociabilidades: o restaurante.

Um companheiro do grupo apontou para ela ligeiramente e afirmou, olhando em minha direção: “olhe sua namorada passando”. Era o discurso transfóbico se reafirmando pela rejeição da homossexualidade ligada à imagem feminilizada de *Agrado*, uma rejeição, como afirma Louro (2015, p. 27), “que se expressa muitas vezes, por declarada homofobia”. *Agrado* era uma pessoa transgênera e os discursos sobre essa operária circulavam como prática educativa da sexualidade (de maneira transfóbica) por toda a fábrica, embalados pelo riso e pelo “escárnio” discriminatórios característicos do preconceito.

---

<sup>17</sup> Para David W. Foster (2001, p. 19) por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira de implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade as práticas heterossexuais.

<sup>18</sup> Pseudônimo utilizado para preservar a identidade do sujeito.

Ao rememorar meus primeiros momentos profissionais na fábrica, encontrei-me, na condição de pesquisador, perguntando-me como, em um universo tão masculinizante, viril e possivelmente discriminatório, que é o ambiente fabril, aquele sujeito “*Agrado*” se relacionava com os demais companheiros de trabalho. Quais os laços afetivos e profissionais ela conseguia criar? Será que as oportunidades de trabalho eram iguais para todos, inclusive para ela? Movido por questionamentos, me transpus a problematizar as variações que circundavam as relações de amizade, como também de exclusão entre operários na fábrica.

Transitei por territórios de existências que não eram meus, mas que dialogavam com o meu vir-a-ser enquanto sujeito pesquisador e futuro historiador, visto que, no período em que ocorria a pesquisa, também cursava Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Para além de pesquisador, afirma Lozano (2006, p. 24), “o historiador oral que tende a integrar todas essas práticas está em busca do seu passado e ao mesmo tempo de sua identidade”. Portanto, produzir conhecimento histórico a partir de fontes orais é um trabalho de renovação e ressignificação de si. A esse respeito, era olhando para o “outro” que eu, muitas vezes, via nele o reflexo de mim mesmo. As relações de alteridade numa pesquisa qualitativa, em que a escuta é o eixo central, tornam-se conflituosas, porém, transformadoras. Acredito que o historiador oral é transformado durante o ato da pesquisa porque vive experiências que “contracenam” com o seu passado e o ajudam a redimensionar sua identidade ainda em formação.

O recorte temporal que esta pesquisa compreende vai de 2009 a 2016. A escolha desse marco temporal se deu por representar, cronologicamente, o tempo de trabalho da colaboradora *Agrado*, uma das interlocutoras desta pesquisa, a qual teve maior tempo de serviço prestado à organização. A ideia de escolher a fábrica e seu portentoso “*chão de fábrica*” vem desse universo responsável por viabilizar a paixão pela temática problematizada nesta pesquisa, que se inicia quando, em 2016, optei por me desligar das atividades trabalhistas junto à organização e, assim, me dedicar ao desenvolvimento do projeto de pesquisa desta dissertação.

Com a aproximação, a interação e a escuta, verifiquei que sujeitos construíam suas vidas fora dos padrões de gênero e sexualidade impostos socialmente. Ao se reconhecerem *gays*, bissexuais ou transgêneros, eles desenhavam novas formas de ser e de se comportar, apresentando-se como esse outro da diferença, questionando os lugares do masculino e feminino na sociedade. Em contrapartida, percebi que os operários LGBTTTs, ao exporem à fábrica suas formas de viver e de se relacionar, as belezas de suas existências provocavam práticas educativas da sexualidade, como a transfobia e a homofobia, sendo essas práticas um

conjunto de saberes pedagogizados a partir dos binarismos (macho e fêmea) socialmente construídos. Com isso, me propus a dar visibilidade a esses sujeitos operários.

O preconceito por parte de operários heterossexuais surgia à medida em que eles percebiam os grupos LGBTTTs vivenciando “paqueras”, casos amorosos e o próprio ato sexual homoafetivo nos banheiros da fábrica, transgredindo os padrões de sexualidade ditos aceitáveis. A amizade- em sua maioria, ocorrendo de forma estratégica - era o fio condutor dessas tramas, e a partir dessas experiências dos operários, formulei a seguinte problemática: como são vivenciadas as práticas de sexualidade e estética da existência nas narrativas dos operários LGBTTTs no *chão de fábrica*?

Assim, o **objetivo** deste trabalho é discutir como eram vivenciadas as práticas educativas da sexualidade e as estéticas da existência a partir das narrativas dos operários LGBTTTs que atuavam de forma direta ou indireta no *chão de fábrica*. A sexualidade desses sujeitos e suas práticas me “acenderam” um alerta: era importante reconhecer que o “poder” e o “sexo” moviam uma correlação de forças nas falas dos operários, fazendo-me atentar para o fato de que esta pesquisa deveria ser iniciada problematizando essa correlação.

O objeto desta pesquisa é a sexualidade e a estética da existência dos operários LGBTTTs no *chão de fábrica*, aqui trabalhados nas relações que se formam entre eles a partir de seus discursos sobre gênero e sexualidade. Dito isto, passarei a apresentar a discussão teórica. Alguns conceitos como *sexualidade, dispositivo da sexualidade, gênero, corpo e estética da existência* estarão presentes por todo o caminho textual. O diálogo com teóricos dos estudos de gênero norteou todo o processo de investigação e escrita. A partir da percepção destes autores, passei a observar as práticas cotidianas e a realizar analogias que me permitiram um aprofundamento nos estudos e no conhecimento do meu objeto de pesquisa.

Nas entrelinhas do saber: a teoria e os estudos de gênero na fábrica

Torna-se significativo considerar o papel do movimento feminista contemporâneo a partir de suas lutas ideológicas na considerada “segunda onda” feminista - ocorrida na década 1960 - quando os estudos acadêmicos passaram a questionar o papel das mulheres na sociedade e suas segregações sociais e políticas que, historicamente, invisibilizaram-nas. Nesse contexto, tornou-se necessário demonstrar que não eram as características sexuais que definiriam o masculino ou feminino, mas sim como essas características eram representadas ou valorizadas em uma sociedade num dado momento histórico. Para Scott (1995 *apud* Louro 1997, p. 21), as

feministas prezavam pela rejeição do determinismo biológico visando o “caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Era importante não apenas observar o sexo, mas tudo o que a sociedade construía sobre ele. A esse respeito, Louro (1997, p. 22) afirma que “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”.

Deste modo, observa-se que é no âmbito das relações sociais que são construídos os gêneros e que não só as mulheres estariam sendo contempladas com as análises, mas, também, os homens. É importante salientar que não houve, por parte das feministas, uma “exclusão” da explicação biológica na constituição do gênero, mas, para elas, ao se tratar deste conceito, era necessário que fosse enfatizada a sobreposição da construção social na formação do mesmo. Nesse sentido, ao relacionar minhas vivências numa grande fábrica com os estudos de gênero, por meio da convivência com os operários, percebi uma repetição comportamental masculinizante que objetivava enquadrar aqueles sujeitos numa categoria de gênero heterossexista socialmente aceita.

Ao tratar das discussões sobre o conceito de gênero, Piscitelli (2002, p. 15) afirma que “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido, que se congela no tempo, produzindo a aparência de uma substância, de uma espécie de ser natural”. Os comportamentos percebidos no ambiente fabril eram reproduzidos a partir de uma ordem natural aparente. Os corpos reproduziam uma forma de ser e de se comportar regida pelo *dispositivo da sexualidade*.

Vejo que o conceito do *dispositivo*, proposto por Foucault, encaixou-se de forma contundente nas minhas discussões, visto que pensar as relações operárias pelo viés da sexualidade é repensar a própria ideia de normatização dos saberes e das regras sociais que estão institucionalizadas e impregnadas nos indivíduos e que os acompanham para quaisquer espaços de sociabilidades. Foucault (1981, p. 70) afirma que o *dispositivo* é um

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre elementos.

Na fábrica, o dispositivo era institucionalizado e percebido a partir da vigilância e do controle constantes. Os corpos estavam condicionados a seguir desde as regras sobre o horário de chegada e de saída, intervalos para refeições, até as regras que penalizavam os corpos que

praticassem o ato sexual nas dependências do banheiro, na maioria dos casos, com a demissão por justa causa. O código de ética estabelecia um conjunto de regras informando a todos e todas como deveriam se comportar, impondo restrições e penalizações.

Foucault (1999, p. 100) ainda acrescenta que a sexualidade é

[...] O nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com a dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

Para que eu compreendesse como o *dispositivo da sexualidade* atuou frente às interações naquele lugar, foi necessário perceber a relação existente entre o poder e o sexo discutida por

Foucault (1999), e as regras que o primeiro (o poder) impõe ao segundo (o sexo). Fui de encontro aos discursos naturalizados dos operários heterossexuais que almejavam tentativas de desqualificar ou resumir as competências profissionais dos operários LGBTTTs – ao dispositivo da sexualidade que, ao prescrever normas, sugere que o transgressor seja marginalizado, corroborando, assim, com as relações de força existentes entre o poder e o sexo.

No que tange às regras impostas pelo poder, estas atuam para reduzir o sexo a partir da lei, a um regime binário “do que é lícito ou não”, “do que é proibido ou não”. O sexo passou a ser ordenado pelo poder e é a partir da relação que estabelece com a lei que ele se decifra. Em resumo, as relações de poder atuam pronunciando as regras, as quais, visibilizadas social e culturalmente através do discurso, enunciam um estado de direito. O poder cria a regra e a transforma em lei pelo viés jurídico-discursivo.

A relação entre sexo e poder se presume negativa, e em se falando de sexo, jamais o poder estabeleceria modo prosaico de se relacionar. Logo, o diálogo entre o sexo e o poder é permeado de rejeição, exclusão, recusa, barragem, ocultação e mascaramento. Não existe uma prática de liberdade quando se fala de ambos ao mesmo tempo. O poder poda o sexo e o prazer torna-se vigiado para que fronteiras sejam demarcadas. Essa relação é cheia de limites, o sexo não tem a autorização de seguir o fluxo dos prazeres, é impedido, mas o poder não consegue, de forma alguma, anular o desejo (FOUCAULT, 1999).

Concordo com Francis Madlener (2007) quando ela afirma que, para Foucault, o *dispositivo da sexualidade* é o meio por onde a sexualidade é regida e por onde o ato sexual é disciplinado, sua execução é percebida através das práticas discursivas, dos saberes e dos poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer verdades a respeito do corpo e de seus prazeres. A prescrição de normas interfere de forma direta na construção das identidades



sexuais levando estudiosos a pensarem até que ponto esse processo de normatização trouxe e continua trazendo prejuízos para uma experiência que, em tese, deveria ser criadora de novas formas de relações. O dispositivo é impregnado pela presença do sentido fálico, exercendo o poder de forma a tornar o sexo possuidor de uma verdade sobre o indivíduo.

Segundo Foucault (1999, p. 91) “[...] onde há poder, há resistência”, e essa premissa se tornou explícita quando percebi a presença forte e ativa de cinco indivíduos LGBTTTs demarcando seus espaços na fábrica, partindo da ideia de que suas sexualidades eram múltiplas e expressivas. Estes resistiam ao poder vigente heteronormatizador quando autênticos em suas maneiras de se comportar. Posicionavam-se revelando à sociedade “fabril” seus modos de vida transgressores tanto no gênero quanto na expressão da sexualidade. O andar feminino e debochado de alguns ou o fardamento cingido ao corpo de outros dava uma demonstração clara de resistência frente às relações de poder instituídas. Burlas eram pensadas e praticadas como forma de se esquivar dos efeitos de “poder” que prezavam por reduzir as sexualidades ao ponto de fazê-las desaparecer por entre os outros tipos masculinos, invisibilizando suas representações de identidade de gênero nas relações humanas cotidianas sociais.

Para Lanz (2015, p. 414), a identidade de gênero é

O que uma pessoa sente que é em relação a modelos culturalmente aceitos de homem e mulher ou masculino e feminino. Autopercepção – portanto algo totalmente subjetivo – da categoria de gênero na qual uma pessoa se reconhece, a despeito da classificação recebida ao nascer em função do seu sexo biológico.

A identidade de gênero, portanto, é autopercebida dentro de um processo subjetivo e pessoal, podendo atender ou não à categoria de gênero recebida ao nascer. Ou seja, pode-se nascer biologicamente “macho”, mas, é possível se reconhecer, ao longo de sua existência, como “mulher”. Lanz (2015, p. 414) afirma que “essa autodefinição costuma vir muito cedo na vida do indivíduo, como também pode aparecer em idade avançada, ou ser fluida e mutável ao longo de toda a vida.” Essa consideração vem dialogar com as histórias de vida dos sujeitos aqui visibilizados. *Agrado*, por exemplo, se destaca por ter sido a única dentre os sujeitos da pesquisa a transicionar<sup>19</sup> do gênero masculino para o gênero feminino, fato esse ocorrido a partir dos dezenove anos. É importante ressaltar que, além da identidade de gênero, existe a identidade sexual<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Transição: processo de mudança de gênero.

<sup>20</sup> Deborah Britzman (1996 *apud* Guacira Lopes Louro 1997, p. 26) afirma que “os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem “viver seus desejos e prazeres corporais” de muitos modos. Suas identidades sexuais se constituíam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as”.

Vale reconhecer que a maior parte dos discursos sobre gênero abarcam, de alguma maneira, questões sobre a sexualidade, e como resultado desse enlace (gênero e sexualidade) surgiram novas formas de representação, novas possibilidades de transgressão que modificaram os cenários e as realidades vigentes quando desestabilizados os modelos impostos pelo poder. Concordo quando Guacira Lopes Louro (2015, p. 10) afirma que:

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer.

Quando o sexo resolve se sobrepôr ao poder, ou seja, quando os discursos que estabelecem “verdades” sobre o sexo são rompidos, temos nesse ínterim um conflito de forças em que vão surgindo novas possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais e de gênero. Considerando-se que o “corpo fala”, era no corpo e através dele que os operários LGBTTTs rompiam com a fixidez do masculino imposta como padrões na fábrica. A forma como se vestiam, como tingiam seus cabelos e apertavam suas camisas e calças e a vaidade ao pendurar pingentes coloridos ao redor de seus crachás davam a ideia imediata de uma linguagem corporal sexualizada, transgressora e desestabilizadora.

Louro (2015, p.11) conceitua *sexualidade* a partir da ideia do *dispositivo da sexualidade* pensada por Foucault, endossando que ela é “uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades”. Esses discursos que estão presentes de forma efetiva na sociedade circulavam no cotidiano fabril seguindo a mesma linha normatizadora e normalizadora <sup>21</sup>, desembocando em conflitos, como a perseguição aos funcionários LGBTTTs, por parte de seus supervisores e pares heterossexuais. A desqualificação de competências profissionais pelo fato destes reconhecerem assumidamente uma identidade de gênero ou orientação sexual transgressora (que não se adequa ao padrão heteronormativo), o desrespeito humano e a inferiorização desses sujeitos frente ao grupo

---

<sup>21</sup> Sobre normalidade, Miskolci (2007, p. 109) afirma que “o uso do termo normal como o conhecemos surge da intersecção do conhecimento sociológico e do médico. Ambos estavam imbuídos do mesmo interesse de medir, classificar e disciplinar os indivíduos de forma a que estes se conformem à normalidade. Para compreender a diferença entre normalidade e normatividade, Spargo (2017, p. 53) propõe que a “normatividade é um tipo de operação de poder que estabelece e promove um conjunto de normas (de comportamento, de existência). Enquanto o “normal” pode ser estabelecido estatisticamente, as normas tendem a ser estabelecidas moralmente e têm a força de imperativos. A heterossexualidade pode ser “normal” em termos estatísticos, mas a normatividade das forças atuais de entender o sexo lhe garante a condição de norma, definidos contra as práticas e os desejos anormais. O aspecto mais perturbador da normatividade é a “normatização” pela qual as normas se mantêm”.

majoritário de matriz heterossexual são alguns dos exemplos presentes na fábrica e que refletem uma produtividade discursiva que impõe saberes e exigem comportamentos por não considerar ser a sexualidade múltipla e socialmente inventada.

As relações em torno da sexualidade foram se evidenciando e, com isso, foram me seduzindo a investigá-las no campo da pesquisa, pois tanto o gênero quanto a sexualidade transgrediam, partindo da ideia de resistência que socialmente prevê Foucault (1999, p. 92): “[...] Clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis”.

Essas formas fluidas de ser e de estar confrontam os padrões normativos vigentes, mas, à medida em que ocorriam confrontos resistentes por assumirem suas orientações sexuais homoafetivas, as transgressões se construíam como novas artes do viver e do “sobreviver” no dia a dia do operariado. Discorrendo sobre como a homossexualidade nos é apresentada, Foucault (2004, p. 69) afirma que ela

É uma das concessões que se fazem aos outros de apenas apresentar a homossexualidade sob a forma de um prazer imediato, de dois jovens que se encontram na rua, se seduzam por um olhar, que põem a mão na bunda um do outro, e se lançando ao ar por um quarto de hora.

A relação homoafetiva traz consigo uma série de representações sexistas que estão associadas à promiscuidade ou ao ato sexual nefasto. Na citação anterior, Foucault ressaltou que essa apresentação ocorreu de maneira indevida, já que bem se sabe que as relações homossexuais incidem para além do prazer, da sedução e do ato sexual. É importante ressaltar que o humor através dos risos e das chacotas estava em evidência na fábrica, quando o assunto estava relacionado ao sujeito que transgredia matriz binária heterossexual.

Na pesquisa, indico alguns conceitos que irão ajudar a compreender tanto os sujeitos operários quanto as relações construídas entre eles (LGBTTTs e heterossexuais) por meio da problemática no interior da fábrica. Um dos conceitos fundamentais desse processo é o de *gênero*, que, para Lanz, (2015, p. 410), é

O conjunto dos papéis sociais oportunidades e interdições, atitudes psicossociais e atribuições políticas, econômicas e culturais que a sociedade compulsoriamente impõe a cada um e a todos os indivíduos, em função exclusiva de terem nascido machos ou fêmeas.

De forma compulsória, o indivíduo, ao nascer “fêmea” ou “macho”, adota, para si, na maioria das vezes, um gênero imposto pela sociedade que nada mais é do que um conjunto predefinido pelo meio social de atribuições práticas de como ser “homem” ou “mulher”. Ambos serão pedagogizados por um discurso naturalizado, seguindo regras de normatização para viver suas experiências individuais e coletivas.

O conceito de *corpo* também vem sendo abordado na pesquisa. Ressalto a importância dos *corpos dóceis*<sup>22</sup> e/ou *transgressores* no entremeio das relações que os norteiam na fábrica. O corpo educado e dócil aparece todo o tempo. Sua hegemonia é quebrada pelo corpo subversivo. Em dois espaços, os interlocutores narram os deslocamentos experimentados por esses corpos. Nos Restaurantes, a partir das narrativas orais, foi possível encontrar os corpos docilizados com mãos higienizadas que escolhiam o alimento, conversavam de forma amistosa, sentavam-se educadamente, alguns nitidamente faziam orações para iniciar a ingestão dos alimentos. Já nos banheiros, encontravam-se os corpos expostos à nudez, subversivos e transgressores, corpos sedentos por sexo e desejo afetivo. Os olhares se mostravam convidativos sugerindo a entrada nas cabines sanitárias. As chacotas, o riso e as piadas de cunho pejorativo inundavam aquele ambiente. Em momentos distintos, problematizei o corpo que transgredia a docilidade e passei a observar um outro corpo, agora impregnado por códigos que quebravam os ideais binários de gênero performativo. O corpo que seduzia, que se vestia e que se travestia, o corpo que sensualizava nos mictórios e cabines sanitárias. O corpo homoafetivo, que criava e suscitava o desejo do outro masculino, que desembocava em relações despidoras com aquele que negava o desejo por um semelhante.

Nos restaurantes, os corpos “dóceis” já disciplinados pelo horário do almoço se juntavam para uma suposta sociabilidade entre heterossexuais e LGBTTTs. Entretanto, havia uma prática de exclusão a esses últimos, na medida em que os temas para conversas, como futebol e mulher, eram considerados e representados (inclusive para os LGBTTTs), como naturalmente dos heterossexuais, já que, culturalmente, o futebol está associado ao masculino, e não ao feminino, ou ao corpo que nega o enquadramento, o que indicava ser essa uma prática que os homoafetivos terminavam subjetivando como verdadeira. Por outro lado, as conversas nos Restaurantes funcionavam como camuflagem do que ocorriam nos banheiros.

---

<sup>22</sup> Para Soares Júnior (2015, p. 15), Foucault apresentou, na obra *Vigiar e punir* (2008), que “um corpo sujeito às normas é um corpo ‘corrigido’, no qual a sujeição moral e física produz uma consciência subjugada. Para tanto, foi necessário o desenvolvimento de disciplinas capazes de tornar os indivíduos, homens, mulheres e crianças, cada vez mais “dóceis e úteis”. Formas de conter o corpo que nem sempre são violentas fisicamente, mas que são capazes de alterar todo um pensamento acerca daquilo que se acreditava ser correto; ou seja, substituir os maus modos, considerados agressivos à civilização pelos bons hábitos impostos por aqueles que governam e se dizem ser porta-vozes da saúde e da educação”.

Os banheiros eram os lugares onde os corpos poderiam estar despossuídos de quaisquer vestimentas; era o lugar onde havia a visibilidade e a sensibilidade da libido e do desejo. Os restaurantes eram espaços praticados pela manutenção do corpo para o trabalho e como lugar praticado pela fé por meio dos agradecimentos pelo o acesso à alimentação. Para Letícia Lanz (2015, p. 144), o corpo é uma criação do campo do simbólico, continuamente reificado no campo do imaginário coletivo. É uma sequência de ações estereotipadas, exaustivamente repetidas pelos indivíduos, produzindo a ilusão de substância ou coisa original.

Concordo ainda com a autora, quando ela afirma que o *corpo* é modelado segundo um contexto sociopolítico-cultural em que vivem os sujeitos. Portanto, é perceptível que o corpo educado é inventado para atender a uma normalização imposta pelo próprio *dispositivo da sexualidade*. Muitas vezes, esse corpo dócil transgride para atender à libido e ao desejo. Aqui, chamarei de “encontro de corpos na busca pelo prazer e pelo amor”, já que, segundo relatos, muitos desses encontros são o combustível necessário para que as relações de afeto entre os homens (que se reconhecem heterossexuais e são casados com mulheres) e operários LGBTTTs deslanchem para os casos de amor discretos nas relações.

Ao sair das cabines e das dependências dos banheiros, todos voltam ao convívio dos demais corpos, agora, novamente, dóceis e padronizados. Alguns, pelo viés da heterossexualidade, reassumem suas posturas masculinizantes, outros, homoafetivos assumidos, preferem, ainda assim, continuar desfazendo os estereótipos vigentes do gênero binário (macho/fêmea) e seguirem expondo suas linguagens corporais transgressoras, para que seus corpos indiquem suas identidades sexuais e de gênero.

Essas são essas formas de existir frente às normatizações e às normalizações impostas pela sociedade que irão nortear todos os desdobramentos desta pesquisa. De forma peculiar, os operários LGBTTTs construía suas maneiras de ser e de sobreviver dentro e fora da fábrica, trazendo beleza às suas existências quando assumiam suas identidades de gênero e sexuais para si e para o outro em suas relações de alteridade. Alguns tinham a liberdade de ser o que desejavam ser e, de forma livre, construía novas estéticas.

Foi possível perceber que os operários LGBTTTs construía suas “artes do viver”. Se não o fizessem, como sobreviveriam? Segundo Foucault (1983, p. 198-199),

As “artes da existência” devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.

Operários que buscavam novos modos de ser e de se relacionar consigo e com os demais companheiros de trabalho, modos que permitiam ser livres para existir, expressando suas singularidades e definindo suas próprias regras de condutas. Essa busca refletia o esforço para que estes fossem visibilizados e suas liberdades afirmadas. Um exercício permanente que resultava numa transformação pessoal e do mundo que os cercava. Busquei perceber nessas estéticas formas de refletir sobre a realidade desses operários no *chão de fábrica*. A cada entrevista, a cada conversa, tornou-se possível localizar os deslocamentos aos quais a *estética da existência* propunha.

Foucault (2004, p. 74) diz:

Esta elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo certos cânones coletivos, estava no centro, me parece, da experiência moral, da vontade moral na Antiguidade, enquanto que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, amoral assume muito mais a forma de um código de regras (somente práticas mais ascéticas estavam mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal).

O pensador faz um caminho de volta à Antiguidade para compreender como as experiências morais existenciais daquele período histórico eram vivenciadas em contraponto à moral estabelecida pelo mundo ocidental cristão. Enquanto na Antiguidade, ainda que se obedecessem a certos cânones coletivos, o sujeito moral buscava se constituir buscando uma ética que afirmasse sua própria liberdade, era dialogando com as práticas de liberdade que esse sujeito da Antiguidade se construía para a posteridade que encontrava nele um exemplo a ser seguido. Analisando o advento do cristianismo, Foucault (2004, p. 74) percebeu que, ao invés do sujeito pautar sua conduta em práticas de liberdade para construir suas artes do viver, se subjugará a um sistema de regras de obediência para que sejam norteadas suas experiências enquanto sujeito de uma moral social.

Ainda concordando com Foucault (2004), fica claro que essa moral baseada na religiosidade cristã que impõe regras é passível de questionamentos diante das múltiplas possibilidades de se existir enquanto sujeito ético e moral. É preciso refletir sobre as práticas de liberdade considerando o *cuidado de si*<sup>23</sup>, para que, gradativamente, se busque um rompimento efetivo com a moral cristã, contribuindo para que essa ausência seja substituída por uma moral que dialogue com a *estética da existência*. A ideia não é impor uma nova maneira

---

<sup>23</sup> Para Galvão (2014, p. 1), numa perspectiva foucaultiana, “a ética do ‘cuidado de si’ consiste em um conjunto de regras de existência que o sujeito dá a si mesmo promovendo, segundo sua vontade e desejo, uma forma ou estilo de vida culminando em uma ‘estética da existência’”. O cuidado de si não consiste em uma ética em que o sujeito se isola do mundo, mas sim retorna para si mesmo para depois agir.

de pensar as experiências existenciais, mas problematizar os mecanismos sociais que reprimiam e constrangiam os sujeitos, para que estes se determinassem a escolher suas formas de viver em sociedade.

Os sujeitos entrevistados me contavam histórias ambientadas na fábrica, sobre homens apressados, me falavam um pouco dessa urgência, da pressa pela concretização do ato sexual nas cabines sanitárias dos banheiros, nas práticas de paqueras com bilhetinhos recebidos nos Restaurantes sugerindo os encontros, nas pichações e recadinhos escritos nas paredes do banheiro, do desejo escondido dos operários casados com mulheres que viviam uma vida dupla e precisavam com urgência aliviar seus fetiches. Me contavam das paixões, das dores dos operários que se apaixonavam e não podiam viver suas relações afetivas por estarem sujeitos a um conjunto de regras. Era nessa correria por “viver” que eu percebia essa urgência da qual Albuquerque Júnior (2010, p. 45) expõe: “urgência. Seria sob o signo da urgência, da rapidez, da instantaneidade que se apoiaria todo o estilo de vida, uma cultura, uma estética da existência elaborada pelos homossexuais no mundo contemporâneo”.

Esse autor problematiza, nesse trecho, a *estética da existência* homoafetiva como uma urgência. Afirma que as relações homoafetivas ocorrem com velocidade e de forma passageira por não serem aceitas socialmente. Concorde que na fábrica elas eram urgentes, mas, para além dos portões, alguns dos sujeitos entrevistados, supostamente, viviam relações saudáveis e duradouras. Nas dependências da fábrica, os operários homoafetivos viviam na penumbra, se amavam apressadamente por não terem tempo a perder quando as “oportunidades” do encontro de corpos e afetos surgiam diante dos mesmos.

Quando o autor Albuquerque Júnior (2010) escreveu sobre essa “pressa”, referiu-se ao amor e ao desejo. No entanto, essa “deixa” me traz a reflexão de que o operário homoafetivo precisava agir velozmente nas questões que ocorriam para além das relações de afeto. Era necessária a pressa pela conquista do respeito, da aceitação. Em muitas narrativas, alguns operários homoafetivos se mostraram “*experts*” em denunciar, de forma imediata, o preconceito e a opressão impostos por parte de seus chefes e supervisores.

A urgência em trazer para o campo teórico a experiência operária LGBTTT fez com que eu me debruçasse em questionamentos sobre as minorias e suas lutas por visibilidade. Muito vem se falando na contemporaneidade sobre questões relacionadas ao gênero, e, para mim, a própria descoberta da luta feminista motivou-me a pesquisar sobre as “minorias oprimidas” de

gênero. O feminismo <sup>24</sup> foi a mola propulsora que me inspirou perceber a luta contra as opressões que, historicamente, ocorreram e ainda ocorrem. O acesso aos saberes e conceitos me conduziram a enxergar os sujeitos homoafetivos que vivem à margem, e, mais do que isso, senti-me na incumbência de ir ao encontro destes como forma de dar voz aos marginalizados, aos silenciados da História. Após transitar por entre os conceitos que fizeram parte dessa jornada teórica, apresentarei, em seguida, a metodologia e as fontes como partes de um “arcabouço prático” dessa investigação, apresentando, para além dos métodos, narradores que se aventuraram nesse grande desafio do “contar-se”.

### Violando memórias: narrativas fecundas do contar

O ato de entrevistar me trouxe alguns impactos. Logo, percebi, de acordo com Portelli (2006, p. 12), que “a entrevista, implicitamente, realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente”. A meu ver, diante dos interlocutores desta pesquisa, imediatamente tentei sair desse lugar de autoridade descrito acima. Era necessário um relato de experiência, mas não de assujeitamento<sup>25</sup>. Propus uma conversa com a finalidade de criar um ambiente propício e seguro para os sujeitos e, a partir daí, conhecer um pouco mais sobre cada um.

Esses primeiros encontros foram conflitantes. As informações recebidas sobre suas trajetórias de vida causaram forte impacto para ambos. Era o início de uma transformação do meu olhar sobre o outro, como também, o reencontro de cada um deles com suas dores e lutas até ali. Era preciso “não” resumir a história de vida ao simples ato de entrevistar e transcrever. Trabalhar com história oral impõe ao pesquisador os cuidados legais para a sua utilização, e lidar com as técnicas de oralidade como fonte requer posicionamentos teóricos que, muitas

---

<sup>24</sup> Para Lanz (2015, p. 408), o feminismo é um movimento social, político e filosófico cuja meta principal é a libertação da mulher de padrões opressores baseados em normas de gênero. Ao longo da história, esses padrões determinaram e fixaram, de um lado, a supremacia do macho sobre a fêmea e, de outro, a sua total submissão a ele.

<sup>25</sup> Seguindo a linha de pensamento foucaultiana, Guareshi (2011, p. 200) afirma que pensar, através da prática de pesquisa, como nos tornamos o que somos traz para a análise um elemento bastante central na construção do sujeito: a ideia de que se o conhecimento, através do dispositivo científico, produz verdades sobre os sujeitos, produz, portanto, modos de assujeitamento, ou seja, estabelece um determinado ser-sujeito-assujeitado nas verdades que o constituem e naquelas que sobre ele são formuladas. Esse exercício de pesquisa propõe, assim, que seja utilizada a razão para se indagar racionalmente (ou seja, suspeitar ou desconstruir um pensar hegemônico) sobre os efeitos da produção dos saberes que, nas sociedades ocidentais modernas, legitimam e fabricam os sujeitos pela prática de assujeitamento.



vezes, ultrapassam a própria fonte, levando a entender o conhecimento histórico e a própria História. Para Cardoso (2009, p. 32):

Longe de ser um recurso que possibilita conhecer o que os documentos escritos não dizem, ou incorporar dados até então não conhecidos sobre determinado assunto, as narrativas orais permitem compreender experiências sociais compartilhadas em tempos cruzados, ou seja, o do acontecido e o do relato, como também estabelecer relações dialógicas entre entrevistados e entrevistadores que ultrapassam a busca pela veracidade dos fatos.

O ato de entrevistar personagens do cotidiano fabril me deu a oportunidade de, ao conhecer suas vivências, poder compreender suas experiências e, num dado momento, cruzá-las entre si e com as minhas memórias também enquanto sujeito dessa pesquisa. Essa relação que vai se formando no interagir com esse outro não tem como foco ultrapassar essa ideia de “prova” ou de “veracidade” cristalizada pela pesquisa científica de caráter positivista. Muito mais importante se tornou, nesse processo, trabalhar as subjetividades e as experiências sociais que são compartilhadas, dando uma tratativa que compreende tempos que se cruzam entre o ocorrido e o relato.

Quando viajo em busca das lembranças que fazem parte dos momentos vividos na fábrica, vou reconstruindo cada acontecimento, não os considerando apenas a partir das minhas memórias individuais, visto que, para elas existirem, precisam do outro, dos sujeitos que em sociedade ou comunidade estiveram partilhando comigo de dados momentos passados. Para Halbwachs (2004, p. 31),

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Como pesquisador, ao adotar a metodologia da história oral, percebi que a função primordial é saber ouvir o que esse “outro” tinha a dizer. Ao entrevistar, percebi os sorrisos dos interlocutores ao rememorar suas alegrias infantis, mas também vi, por muitas vezes, as lágrimas escorrerem pelos rostos de quem corajosamente relatava suas dores e resignações. Registre cada movimento, cada gesto, vi o quanto cada expressão facial denunciava a emoção do momento. A mão trêmula, o falar “baixinho” para terceiros não ouvirem em suas residências os segredos tão bem escondidos por meses ou até anos, a confiança se formando, a troca de vivências e de saberes que cada encontro proporcionava foram de uma utilidade única para que

a pesquisa seguisse um fluxo se transformasse a partir da história oral que decididamente “violava” aquelas memórias.

O interesse sensível em construir relações de alteridade com sujeitos LGBTTTs a partir da pesquisa me possibilitou enxergar o quão primordial é conduzir esse debate para além dos portões da fábrica. As experiências vivenciadas foram de fundamental importância para motivar essa escrita a partir das narrativas que foram analisadas metodologicamente, utilizando-se da *Análise de Discurso* de Michel Foucault. Os discursos, segundo o filósofo, “[...] são reproduzidos e repetidos” (Foucault, 2011, p. 233). Ainda para Foucault (1996, p. 10), “o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo”. Dentro de uma organização trabalhista, os discursos têm força criadora, podem manipular e seduzir. Nesse caso específico, eles são analisados a partir da própria perspectiva das relações entre os operários sobre as questões que permeiam a sexualidade e a construção das estéticas da existência.

Tive a oportunidade de me aproximar e entrevistar alguns indivíduos que me deram o mote para as discussões que se seguem. Interagir no cotidiano fabril, ainda enquanto funcionário, ou ouvi-los já na condição de pesquisador, me permitiu unir teoria e prática nesse estudo. As emoções, as dores sofridas diariamente, o choro, metáfora da coragem, que escorriam de seus olhos ao falarem sobre si, e a emoção proporcionada por cada encontro estão latentes em minhas memórias.

As fontes orais compuseram a linha investigativa da pesquisa. São fontes que têm como temporalidade a contemporaneidade. Foram histórias do presente que, provavelmente, muitas pessoas se sentirão representadas por elas. As fontes foram concebidas como textos nos quais analisei criações e relações de poder. Criação de narrar suas experiências por meio de crítica ao presente e ser reconhecido como produtor de seus textos e, ao mesmo tempo, criador de disputas de poder. Segundo Continentino (2006, p. 11), foi preciso considerar “[...] o poder de interrogação e provocação, não como exigência de resposta, mas como perpetuação e atualização de um desejo de invenção”. A partir das narrativas dos interlocutores, todo o processo científico/criativo foi tomando “forma” à medida que era submetido aos métodos de interrogação conforme descrito.

A organização que disponibilizou o “*chão de fábrica*” em análise, para que os funcionários relatassem suas experiências vividas, não autorizou que a pesquisa transcorresse por entre os espaços internos de suas dependências, assim como não permitiu que o seu nome fantasia ou jurídico fosse divulgado. Portanto, por questões éticas, o trabalho transcorre em um

*chão de fábrica* do setor calçadista na cidade de Campina Grande - PB. Por essa razão, resolvi usar a palavra “fábrica” como uma maneira coerente de substituir o nome fantasia da empresa afim de que o trabalho científico não fosse comprometido e, por conseguinte, viesse a alcançar seus objetivos de forma satisfatória, trazendo para a sociedade em geral, bem como para a academia, um novo olhar sobre esse outro da diferença, um olhar não apenas que o modelo administrativo racionalizava, mas um olhar da história enquanto ciência que reverencia a sensibilidade que as subjetividades propõem.

Os cinco sujeitos desta pesquisa foram escolhidos mediante alguns critérios que condiziam com o que a problemática propunha. Os interlocutores foram os trabalhadores fabris que atuavam diretamente no *chão de fábrica*. Operários que manuseavam desde o maquinário disponível na linha de produção, como prensas, moinhos e *silks*, até profissionais que lidavam com o *chão de fábrica* prestando serviços atrelados às suas formações acadêmicas, a exemplo do engenheiro de produção<sup>26</sup>.

Inicialmente, ocorreu-me uma vasta possibilidade para a seleção dos interlocutores em potencial para a pesquisa. Sujeitos com experiências significativas, conforme o objeto propunha, sujeitos aos quais tive a oportunidade de interagir no cotidiano do trabalho, seja pela necessidade de algum suporte técnico e/ou braçal seja pelos encontros casuais em restaurantes, banheiros e demais dependências da grande fábrica. Toda a interação tornou-se importante e, para mim, uma porta aberta para que os caminhos das futuras entrevistas fossem se materializando.

A escolha dos cinco entrevistados se deu por orientação de três critérios qualitativos e não quantitativos. Essas “unidades qualitativas” foram distribuídas por categorias pré-definidas de sexo, gênero e orientação sexual, respectivamente: 1. *Macho*; 2. *gênero masculino/feminino* (Cisgênero<sup>27</sup> e/ou transgênero feminino); e 3. Com *orientação sexual* abarcando homoafetivos e heterossexuais (assumidos ou não). É importante salientar que esses operários trabalharam no setor fabril calçadista atuando de forma direta ou indireta no *chão de fábrica*.

<sup>26</sup> O engenheiro de produção é fundamental em empreendimentos de quase todos os setores. Cabe a ele gerenciar os recursos humanos, financeiros e materiais de uma empresa a fim de elevar sua produtividade e rentabilidade. Ao associar conhecimentos de engenharia a técnicas de administração e fundamentos de economia, é capaz de propor procedimentos e métodos que racionalizam o trabalho, aperfeiçoam a produção e ordenam as atividades financeiras, logísticas e comerciais de uma organização.

<sup>27</sup> Segundo Lanz (2015, p. 403), o sujeito cisgênero é “a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer a função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros que, de muitas e variadas formas, se sentem desajustados em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer”.

A entrevista temática foi escolhida por se adequar como um reforço na intermediação do diálogo com os entrevistados. A técnica, segundo Lucília Delgado (2006, p. 22-23), objetiva “fornecer elementos, informações, versões e interpretações sobre temas específicos”. Utilizei roteiros semiestruturados para que a entrevista fosse norteadada pelo viés da sexualidade, construindo perguntas relevantes que indicassem o objeto da pesquisa<sup>28</sup>. Foram entrevistados quatro sujeitos homens cisgêneros e uma mulher transexual de orientação heterossexual.

Após finalizar o recolhimento das entrevistas, iniciei o processo de análise. Para Lucília Delgado (2006, p. 28-29), “esse processo é constituído por três etapas: a transcrição das entrevistas, a conferência da fidelidade e a análise das entrevistas”. Foi necessário observar cada fala de forma peculiar, associando-as aos gestos e a demais expressões registradas no diário de campo<sup>29</sup>. Os relatos contêm muitas pausas, interrupções e esquecimentos. Para as marcações dos silêncios, utilizei as reticências, como também para os esquecimentos e interrupções do pensamento. As pausas curtas, presentes na linguagem falada, foram marcadas pela pontuação usual da linguagem escrita como vírgula e ponto e vírgula. As expressões, como o riso e o choro, também foram marcadas na tentativa de melhor traduzir os depoimentos orais para quem os lesse.

Após a transcrição, foi realizada a primeira análise de informações contidas nos materiais. As perguntas que não foram suficientemente exploradas ficaram separadas para que, numa segunda entrevista com os mesmos sujeitos, elas recebessem as merecidas atenções. Após a transcrição, foi realizada uma decomposição temática com a finalidade de localizar os conceitos que dialogavam com a temática da pesquisa, presentes nas narrativas, para fichamento. Por fim, ao fazer a decomposição das entrevistas, pude melhor organizar os trechos selecionados para integrarem o texto dissertativo.

Como forma de proteger as identidades dos sujeitos entrevistados, optei por ilustrar a apresentação dos perfis culturais/sociais utilizando pseudônimos de famosos personagens da ficção. Essa foi uma forma encontrada de traçar as características dos entrevistados em paralelo com os comportamentos apresentados por personagens de filmes que retratam a realidade de inúmeros indivíduos e seus modos de viver suas sexualidades.

A operária transgênero aqui se chamará *Agrado*<sup>30</sup> em alusão a um personagem de um filme espanhol intitulado *Tudo sobre minha mãe* (1999). Na película, uma travesti se prostitui

---

<sup>28</sup> Não utilizei questionários com perguntas objetivas, as conversas foram conduzidas com naturalidade, criando para o respondente um ambiente harmônico e seguro.

<sup>29</sup> Diário de campo: caderno de anotações, onde o entrevistador registra pontos considerados importantes da entrevista, como gestos, expressões, emoções e demais subjetividades que o registro sonoro não captura.

<sup>30</sup> Personagem do filme espanhol “Tudo sobre minha mãe” (1999).

na zona meretrícia de Barcelona. Ela gosta muito de falar sobre o seu corpo e é bastante reverenciada tanto por homens quanto por mulheres, o que, muitas vezes, implica que sofra variados assédios de cunho moral/sexual. A *Agrado* do filme não buscou uma passabilidade<sup>31</sup>, sua afirmação pública é feita pela exibição do seu corpo exatamente como ele é: um corpo transformado que dá sentido à experiência. Vi nessa personagem fictícia de Pedro Almodóvar<sup>32</sup> características tanto físicas quanto comportamentais que se assemelham à “operária travesti” que aqui problematizo. A diferença da personagem mencionada é a de que a operária em questão nunca se prostituiu.

*Bobby*, personagem do filme *Orações para Bobby* (2009), é um personagem denso baseado em uma história verídica. O filme representa o conflito existencial de um sujeito que se descobre gay e que, por pressão familiar/religiosa, busca, a todo custo, enquadrar-se ao padrão heteronormativo ao ser considerado um pecador. A trajetória de *Bobby* é repleta de preconceito, não aceitação e culpa. Sofre *bullying*<sup>33</sup> e, em decorrência da depressão, comete suicídio. Resolvi trazer essa personagem da ficção por entrevistar um operário que viveu o dilema da não aceitação de sua condição homoafetiva, desembocando em episódios depressivos que o levaram a tentar cometer suicídio em duas ocasiões. Assim como na ficção, as narrativas do operário *Bobby* foram extremamente comoventes, acrescentando muito da complexidade e do sofrimento humano a esta pesquisa.

*Adam*, personagem de *Priscilla, a rainha do deserto* (1994), é um personagem de carisma ímpar, um “rapaz alegre” que, com sua leveza, enfrenta o preconceito ao se apresentar em casas de espetáculo e em ambientes sociais como uma *dragqueen*<sup>34</sup>. Sua espontaneidade em lidar com os desafios diários e sua garra em se autoafirmar como realmente se reconhece impulsionam uma reflexão sobre a dignidade humana. Um dos interlocutores dessa pesquisa tem uma relação direta com o personagem da ficção por apresentar características semelhantes. É alegre, “bem resolvido”, enérgico, assumido em sua orientação sexual no ambiente fabril e

<sup>31</sup> Para Leticia Lanz (2015, p. 421), a passabilidade é o “termo que traduz o quanto uma pessoa transgênera se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer”.

<sup>32</sup> Pedro Almodóvar é cineasta, ator e argumentista espanhol.

<sup>33</sup> O *bullying* corresponde à prática de atos de **violência física ou psicológica**, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores, contra uma determinada vítima.

<sup>34</sup> Em seu dicionário transgênero, Lanz (2015, p. 406) afirma que com orientação sexual predominantemente homossexual (ao contrário dos *crodressers*), as *dragqueens* caracteristicamente se travestem somente para a realização de *shows* e apresentações em bares e casas noturnas LGBT, onde também atuam geralmente como recepcionistas. No universo transgênero, as *dragqueens* se destacam pelo modo “*over*” (exagerado) com que representam o gênero feminino, mostrando em público uma figura de mulher muito mais “caricatural” do que propriamente feminina.

consegue atrair, para sua convivência diária na fábrica, sujeitos, inclusive, heterossexuais. É importante ressaltar que o *Adam* da fábrica não é *dragqueen*.

*Milk*, personagem central do filme *Milk – A voz da igualdade* (2013), é um indivíduo inspirador por sua coragem de enfrentar o preconceito, um ser humano que luta por igualdade de direitos e de oportunidades para todos. Por ser enérgico e bem resolvido no que se refere a sua identidade de gênero e orientação sexual, esse personagem possui características do operário entrevistado que, ao se assumir homoafetivo em seu ambiente familiar e profissional (fábrica), resolveu enfrentar os obstáculos impostos pela sociedade lutando todos os dias contra o preconceito.

*Gabriel*, personagem do longa metragem *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), apresenta-se como um sujeito que está descobrindo o amor ainda na sua adolescência, e na trama, ele se envolve afetivamente com o seu amigo da escola. Por se apresentar um personagem sensível a questões relacionadas ao afeto e ao sentimento entre sujeitos masculinos, esse personagem mostra algumas semelhanças com o operário entrevistado. As falas sobre descobertas sexuais e a experimentação do amor compõem boa parte das narrativas do entrevistado que se apaixona, pela “primeira vez”, por um operário quando é contratado para trabalhar na fábrica.

Após a apresentação do objeto – sexualidade e estética da existência nas relações entre heterossexuais e LGBTTTs no *chão de fábrica*– e de uma breve discussão da literatura que dialoga com a temática escolhida, passo a apresentar a estrutura desta dissertação, que ficou assim distribuída: o **capítulo um**, intitulado *Modos de viver operário: a amizade e as práticas educativas da sexualidade no chão de fábrica*, é dedicado à amizade e às práticas educativas da sexualidade presentes no *chão de fábrica*. A construção do texto dissertativo foi possível a partir um olhar significativo para as relações de amizade que surgiram no cotidiano fabril, como forma de se construir as estéticas da existência dos funcionários homoafetivos.

A vivência enquanto sujeito da pesquisa e os relatos dos demais sujeitos que direta ou indiretamente compartilharam comigo dessa experiência me conduziram a dividir esse primeiro capítulo em cinco tópicos: nos três primeiros tópicos *Homem versus máquina: a fábrica e seu “chão” apresentados pelos cinco sentidos*, *Caminhos fabris: um passeio sensorial por novos territórios da existência* e *No pulsar do chão de fábrica, um encontro de sensibilidades*, apresento a fábrica e o *chão de fábrica* em termos operacionais, cartografando seus anexos por onde transitavam internamente os operários, a exemplo da entrada principal, dos banheiros, dos restaurantes, do setor de recursos humanos e administração, os depósitos e o centro de

distribuição, o *layout* da linha de produção e o maquinário disponível. À medida que apresento o espaço, traço um paralelo com a experiência de conhecê-lo através dos cinco sentidos. Uma narrativa para que o leitor se familiarize com o ambiente fabril.

Nos quarto e quinto tópicos, *As vítimas da Homofobia: práticas educativas da sexualidade pautadas no preconceito em relação ao “diferente” e Agrado, uma pessoa transgênera no chão de fábrica*, direcionei o olhar de pesquisador para questões relacionadas ao preconceito sofrido por funcionários que compõem a base da pirâmide da classe trabalhadora na fábrica. Os operários eram partícipes de uma classe historicamente explorada e, condicionado a esse fato, ainda se viam “execrados” pela homofobia de seus pares e supervisores por assumirem, em sua maioria, suas orientações sexuais e identidade de gênero.

O **capítulo dois**, *O espaço fabril produzindo sujeitos e relações: trabalho, sexualidade e desejo no encontro operário*, está disposto em três tópicos e um subtópico: os dois primeiros, intitulados de *Os restaurantes da fábrica: espaços de sociabilidade que proporcionam o encontro* e *Nos banheiros masculinos, práticas espaciais homoeróticas que subvertem a ordem*, respectivamente, apresentam uma geografia fragmentada dos espaços praticados pelos operários e as diversas funções que estes espaços permitem mediante as necessidades de quem os utiliza. São espaços de sociabilidade pensados de forma organizacional para atender às necessidades fisiológicas, mas que, também, são subjetivados como lugares de encontros para atender ao prazer sexual e afetivo. O segundo tópico traz um “subtópico” discutindo as questões relacionadas à transfobia sofrida pela operária *Agrado* nos banheiros masculinos.

O terceiro e último tópico *Operários na experiência de vivenciar os sentimentos*, abordo de forma aprofundada os conceitos de experiência, a partir de Larrosa (2004), e sentimentos através dos escritos de Rezende (2008) e de Pesavento (2007), considerando as narrativas amorosas dos sujeitos LGBTTTs que transpassam os limites da sexualidade e se apaixonam por seus pares masculinos no ambiente fabril.

O **capítulo três** desta dissertação contará a história da operária transgênera *Agrado*. Com o título *A travessia existencial de Agrado: gênero, transgressão e transgeneridade*, este pretende construir a biografia da menina que nasceu biologicamente menino, desde a sua infância pobre, passando pela descoberta da sexualidade e construção da sua identidade de gênero no período da adolescência, até os sabores e dissabores da transição. A família, a amizade, o trabalho e os amores farão parte do eixo central dessa escrita sensível, que levará o leitor a conhecer e a conviver com *Agrado* até a sua chegada na grande fábrica. Este capítulo abarácará quatro tópicos: *Agrado, um menino?*, que discutirá sobre as conexões dos saberes

masculinos pedagogizados *versus* as suas experiências infantis associadas ao feminino. Ao recordar temporalidades vividas, *Agrado* irá expor as primeiras dúvidas acerca da sexualidade, a “super-proteção” dos pais e a descoberta de que não era um menino, mas, sim, uma menina. Esse primeiro tópico terá como objetivo ajudar os leitores a pensarem de forma reflexiva como foram construídos histórica e culturalmente os lugares sociais atribuídos ao masculino e ao feminino.

O segundo tópico, intitulado *No espaço escolar cristão um corpo profanado*, discutirá a descoberta da sexualidade no âmbito da escola. O desejo, o prazer e o sentir-se mulher. Partindo de sua primeira experiência sexual as narrativas de *Agrado* caminham tateando os passos iniciais para a transição de gênero. Os amigos, a concorrência com as mulheres e os primeiros namorados. Os amores e suas dores, as traições. A rejeição social, o riso e o escárnio. O corpo transgredindo fronteiras. A violência de gênero. O terceiro tópico, *Atravessando as fronteiras do gênero e da sexualidade numa viagem existencial*, utilizará a metáfora da viagem para apontar os deslocamentos de *Agrado* quando ao se assumir mulher trans. O quarto e último tópico, *De frente com Agrado: um corpo feito para brilhar no cyber espaço*, abordará a experiência de *Agrado* no âmbito da rede social - *Facebook* -, a partir do seu programa virtual “De frente com *Agrado*”.

Albuquerque Júnior (2013, p. 3) afirma que “se pode escrever para desencontrar-se consigo mesmo, produzir um distanciamento de si, escrever para se perder, para simular os germes de novas existências, escrever como novas possibilidades de se dizer sujeito”. A partir do momento em que, enquanto sujeito pesquisador, busquei em mim mesmo formas de transgredir com relação ao meu olhar do preconceito, estaria ensaiando um novo modo de agir e de pensar, dessa forma, desestabilizando toda uma pedagogia heteronormativa que ainda me acompanhava. O diálogo com os teóricos dos estudos de gênero influenciariam a minha escrita, antes estática e agora ressignificada, a partir de uma nova maneira de experimentar a vida. E para que esse encontro com a pesquisa propiciasse a beleza, era hora de me apaixonar pelo meu trabalho, pelo meu objeto, pelos vários sujeitos interlocutores que eu estava me dispondo a conhecer e a entrevistar. O estranhamento, aos poucos, precisaria se transformar na motivação, para que, nas correntezas de um processo criativo, o meu olhar sobre o outro fosse sendo modificado.

A linha para entrelaçar essas vidas à minha já estava em mãos, mas era preciso poética. Era a agulha do real nas mãos da fantasia que deveria ir bordando pouco a pouco o nosso dia a



dia<sup>35</sup> (meu e dos sujeitos interlocutores). A minha vida com a vida deles, precisava formar um elo, uma melodia harmônica, uma relação de afetos, tormentos e crises de uma paixão. Só assim nasceria a escrita bordada no tecido de nossas subjetividades.

Os estudos de gênero foram muito felizes ao questionarem a ideia de conceitos como masculino e feminino/homem e mulher. A partir desses questionamentos, surgiram novas formas de pensar, novas maneiras de existir e com o caminhar dos meus estudos sobre gênero fui descobrindo multiplicidade das “artes do viver”. Albuquerque Júnior (2013, p.3) suscitou um questionamento que vem permeando minhas investigações no campo da pesquisa e da escrita: “Como escrever e inscrever as diferenças do desejo, do pensamento e da vida de um homossexual numa língua que carrega marcas de uma sociedade heteronormativa e heterodominante”?

Repensando a linguagem, venho propondo-me, dia a dia, diante desse “zig-zag de tormentos”, a ir traçando esse bordado, caminhando paulatinamente pelas curvas generosas da compreensão. É compreendendo o outro da diferença que encontro respostas para os momentos de tensão. Os fios e as linhas do pensamento vão me apresentando as tramas, histórias que se enovelam umas às outras, e que, como uma colcha de retalhos, vou costurando minha nova linguagem, afim de transportar para a escrita essa costura. Para costurar, precisei de romances, de carretéis, meadas e linhas. Sem as linhas e sem o tecido, não se borda. Sem mergulhar em minhas próprias sensibilidades, não conseguiria escrever, pelo menos não a escrita-arte. Portanto, foi preciso sair dos lugares socialmente instituídos, foi preciso repensar o estranhamento para que pudesse ser praticada a liberdade. Foi preciso coragem.

Alinhavando as tensões, os sentimentos e os tormentos fui, aos poucos, transportando de maneira gradual minhas vivências da pesquisa para a escrita. Uma escrita que anuncia, segundo Barbosa (2015, p. 4), “os espaços entre, que permitem ao leitor respiros e interpretações [...] linhas que se entremeiam para formar superfícies e linhas que vão tomar as superfícies”. A linha do grafite, do lápis ou da caneta para que se escreva com paixão sobre esse outro, sobre mim mesmo, sobre nossos encontros e desencontros e sobre nossas crises. A linha como elemento de linguagem escrita, que me ajudou a bordar as palavras, a partir de agora, não mais nos tecidos da fantasia, mas sim, nas realidades do papel. A linha que bordava pontos cheios e vazios, agora, desenhou traços e rabiscos com a pena de Clio.

---

<sup>35</sup> Trecho da música “A linha e o linho”, do cantor e compositor Gilberto Gil.

**CAPÍTULO I**  
**MODOS DE VIVER OPERÁRIO:**  
**A AMIZADE E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA SEXUALIDADE NO**  
***CHÃO DE FÁBRICA***

“Eu raramente me incomodo com algo,  
quem se incomoda? Mas tem esse meu amigo  
que é da fábrica, ele se incomoda muito  
com qualquer piada que falem  
ou solte contra ele [...] ele responde”  
(*Milk*, 2016).

### 1.1 Homem *versus* máquina: a fábrica e seu “chão”

Discorrer sobre a “fábrica” numa escala contemporânea me remete a percorrer cenas da história da industrialização no Brasil, tendo em vista que foi nesse cenário que o ser humano passou a ser recrutado como “mão de obra”, ou seja, perdia sua autonomia produtiva de artesão livre para ser submetido às regras e a imposições do “dono” dos meios de produção. Então, para conhecer a atuação de operários no espaço de uma fábrica calçadista no município de Campina Grande – PB, foi preciso pensar em como eram construídos esses espaços de atuação no Brasil.

A história da industrialização brasileira tem sua importância e representa um marco no desenvolvimento trazido com o advento da modernidade. Para isso, elaborei um breve recorte historiográfico de acontecimentos sobre a industrialização no seu contexto de expansão a partir do incentivo do Estado nos anos 1950, dando visibilidade também à realidade desse município.

Segundo Rodrigues (2009, p. 3), “historicamente a expansão industrial no Brasil ocorreu em meados da década de cinquenta, acentuando a importância política das camadas sociais que apresentam características das sociedades modernas”. Quando se pensa sobre as condições de trabalho e recrutamento de mão-de-obra, torna-se enfático observar que o contingente de trabalhadores fabris inicialmente foi formado por estrangeiros que, recém chegados em São Paulo, assumiram as frentes de trabalho nas indústrias. O elemento estrangeiro foi sendo substituído pelo trabalhador brasileiro que assumiu o papel de uma nova mão de obra provinda do setor rural e dos demais setores marginais de serviços das grandes cidades.

A industrialização se expandiu e chegou ao Nordeste do país no final da década de 1960, figurando no cenário nacional como um compromisso entre o projeto de crescimento capitalista e os interesses da burguesia regional. Esse processo de industrialização no Nordeste deve ser pensado como parte de um movimento mais amplo que buscava a reconstituição das classes e de seus projetos de nível local, atendendo a uma integração nacional. Em seus estudos, Antônio Guimarães e Nádyá Castro (2007, p. 4) informam que, no início da década 1960, as atividades eram voltadas ao setor agrícola, onde estabelecimentos de menor porte atendiam a um mercado regional. Com o advento da industrialização, as atividades começaram a se aproximar de um padrão nacional tendo como base a política de incentivos fiscais 34/18<sup>36</sup>, contribuindo para que o Nordeste, já em finais da década 1960, apresentasse novos perfis de atividade industrial.

---

<sup>36</sup> Incentivos fiscais 34/18: [...] Esse dispositivo, que é o Artigo 34 da lei que aprovou o primeiro plano-diretor da SUDENE (Lei nº 3.995 de 14 de Dezembro de 1961) e do Artigo 18, que sancionou o programa para 1963-1965, Lei nº 4.239, de 27-6-63, tornou-se conhecido no Brasil pelo nome de Incentivos Fiscais do Artigo 34/18 ou simplesmente Artigo 34/18. [...] O princípio básico, em que repousa o mecanismo do artigo 34/18 é a permissão

A cidade de Campina Grande, em meados da década de sessenta, não disponibilizava um setor industrial competitivo frente ao cenário econômico da época devido às suas indústrias, que se limitavam ao beneficiamento do algodão, produção de couro e peles, alimentos e têxtil. Esse modelo começa a se esgotar. Durante o período do chamado de “Milagre Brasileiro” (década de 1970), a cidade passa a receber incentivo da SUDENE que potencializava a cidade para que recebesse a instalação de seu distrito industrial. Entre 1969 e 1979, Campina Grande se tornou um grande centro de atividade industrial (OLIVEIRA, 2007).

No artigo intitulado *Relembrando: Wallig Nordeste S. A. Indústria e Comércio*<sup>37</sup>, Adriano Araújo e Emmanuel Sousa (2011, p. 1) revelaram que um dos grandes expoentes da indústria nesse período foi o Complexo WalligNordeste, cuja maior acionista era o industrial paulista Werner Wallig, que aceitou o convite do então prefeito Newton Rique para instalar em Campina Grande uma filial de sua indústria de fogões domésticos, no ano de 1967. O complexo ocupava uma área de 23.000 metros quadrados e estava localizado na Rua João Wallig no Distrito Industrial. Durante o período em que atuou em Campina Grande, a Wallig Nordeste chegou a ter uma fabricação de 22.500 unidades por mês, exportando, inclusive, para o continente africano. A empresa encerrou suas atividades em 1979 devido à crise da indústria de fogões “Cosmopolita”, que tinha como sua subsidiária a Wallig Nordeste. Diante do fato, a Wallig Nordeste passou a destinar seus recursos para a Cosmopolita, perdendo seu capital de giro. Diante do encerramento das atividades, o índice de desempregados aumentou devido ao corte de 1500 operários.

Considerando o ambiente fabril especificamente voltado para o setor calçadista, localizado no Nordeste do Brasil, na espacialidade que compreende o semiárido paraibano, Campina Grande despontaria, a partir da década de 1980, como o maior polo de exportação no setor de calçados, segundo o SEBRAE<sup>38</sup>, que em meados de 2013, já apontava o estado da Paraíba como o segundo maior exportador de calçados do país.

A industrialização na Paraíba ocorre de forma efetiva na década de 1960 a partir de projetos de incentivos aprovados pela SUDENE. É importante considerar que os incentivos fiscais foram estratégicos para o desenvolvimento da indústria na região. Depois da constituição de 1988, a conjuntura econômica sofre alterações, o governo deixava de intervir na economia e os estados assumiriam esse papel com a responsabilidade de atrair investimentos produtivos,

---

concedida a todas as pessoas jurídicas nacionais de abaterem, de sua renda tributável, até um valor de 50% do total, desde que o invertam em projetos aprovados pela SUDENE para o Nordeste.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-nordeste-sa.html>>. Acesso em: 08/02/2018.

<sup>38</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

utilizando a concessão de incentivos fiscais, instrumentalizando, portanto, o desenvolvimento local. Ocorreu uma guerra fiscal entre os estados da federação no intuito de atrair indústrias para a região (ALVES, 2012).

A fábrica calçadista pesquisada produz calçados atendendo aos mercados interno e externo. Hoje, ela comporta cerca de nove mil operários que trabalham no *chão de fábrica* vinte quatro horas por dia, revezando-os em três turnos, seis vezes por semana. Tive a oportunidade de compor o quadro de funcionários por um período de, aproximadamente, dois anos, temporalidade na qual vivi e convivi com operários e supervisores diariamente, sendo o “*chão de fábrica*” o ponto de convergência para que toda a narrativa dessa dissertação fosse tomando corpo. A minha chegada nesse universo trouxe impactos importantes na minha vida profissional e acadêmica.

#### 1.1.1 Desnudando a fábrica: um passeio pelos cinco sentidos

Quase me atraso devido à fila do estacionamento. O medo é uma sensação de estranhamento que se apoderava dos meus pensamentos, fazendo com que balbuciasse palavras disciplinadoras: “daqui pra frente acorde mais cedo seu moço!”. Lembrava de um ditado popular muito utilizado na Região Nordeste que minha avó costumava pronunciar quando eu era criança: “rapadura é doce, mas não é mole não”. Enfrentaria, a partir dali, oito horas de trabalho fabril. Ao me aproximar da recepção, ouvia um imenso barulho, máquinas a todo vapor pareciam saber da minha chegada, se estavam felizes com minha presença, descobriria muito em breve. De fato, havia um bom tempo que andava curioso para conhecê-las: os ruídos e o clima urbano industrial eram convidativos; pessoas para todo lado. Era o primeiro dia de trabalho na fábrica.

O setor de atuação ao qual fui designado nos primeiros dias de fábrica era o de “planejamento e controle de produção”, mais conhecido como PCP. Aquele setor era responsável por planejar, de forma estratégica, toda a produção de calçados, controlando e acompanhando a linha de produção desde seu início, atentando para a disponibilidade de matéria-prima e demais insumos até a finalização, quando o produto acabado é encaixotado e guardado em seus respectivos estoques. Via aquela oportunidade como uma possibilidade de trabalhar numa multinacional, e, mais do que isso, por ter me graduado administrador, havia chegado a hora de “botar a mão na massa”. Tratava-se de um estado de graça, buscando controlar a timidez e a ansiedade.

Do portão de entrada até o setor de planejamento, trajeto retilíneo de, aproximadamente, 900 metros, as paisagens se formavam: edifícios e ruas de pavimentação asfáltica compunham as imagens flutuantes da fábrica, apresentando uma modernidade industrial ainda não experimentada. A experiência era solitária, mesmo que em meio a tantas pessoas. Me sentia contemplado na metáfora de Walter Benjamin (2012, p. 39-52): “[...] gostava de solidão, mas se possível no meio da multidão”, “uma espécie de botânico do asfalto”, um “*flâneur*” seduzido pelo conflito que novas relações proporcionam. Os primeiros passos representaram o início de uma experiência existencial individualizada onde a presença de outras pessoas me instigava, eu, o desconhecido, bailava para os olhos daqueles que ocupavam o *chão de fábrica*.

O início do convívio com determinados sujeitos que já consumiam a cultura fabril estava se iniciando. Me sentia forasteiro, e os funcionários aos quais comecei ter contato representavam a diferença pelo nível de conhecimento que já possuíam. Funcionários mais antigos, responsáveis por positivar as vivências dentro do espaço fabril. Sujeitos que abarcavam conhecimentos trazidos através dos anos de trabalho. Homens disciplinados pela norma fabril percebida no vestir com seus fardamentos higienizados, no andar de pisada firme com suas galochas. Donos de falas áridas ponderadas por entre os traquejos e os gestos que traduziam os códigos de uma cultura masculinista presente enfaticamente naquele ambiente. Nesse viés me sentia estranho, diferente, vivendo uma experiência enriquecedora.

A cada passo notava a presença de sujeitos diferentes de mim. Falavam muito sobre futebol, e à medida que eu andava, pensava, comigo mesmo, que deveria começar a acompanhar esses jogos para criar um clima de interação com os demais fanáticos. Me perguntava: quais temas eles gostavam de discutir na hora do almoço? Seguindo adiante, fiquei surpreso com a primeira pergunta feita pelo estimado colega que me acompanhava, possivelmente influenciada pela audição de conversas paralelas, soltas pelo ar: “Pra qual time de futebol você torce”? “Viu o jogo ontem à noite”? Me fiz de desentendido, desconversei. Se o tema fosse futebol, provavelmente, eu não saberia interagir com meus companheiros.

À medida que caminhava, observava, também atento aos sinais, via e era visto. Falando sobre mim, permitia que o outro me conhecesse, e, diante das diferenças desnudadas pelo contato com aquele contingente humano, nesse primeiro momento, sabia que era preciso celebrar a diversidade e a heterogeneidade como fontes de uma rica experiência que estava por vir. O meu olhar cruzava a linha do horizonte, percorria cada detalhe da estrutura física, encontrava de forma tímida outros olhares, cumprimentava-os com um leve baixar de cabeça, era retribuído. Quando menos espero, o companheiro ao meu lado me puxa pelo braço

afirmando que deveria estar atento à sinalização <sup>39</sup> adesivada no chão, que por medida de segurança, deveria obedecer as setas, pontilhados e letreiros para que eu não ficasse vulnerável a situações de risco, afinal de contas, homens e máquinas estavam por toda a parte e alguns veículos poderiam causar atropelamentos. O poder disciplinar era constante e, dados os cuidados, havia 293 dias que não ocorriam acidentes na fábrica, portanto, não seria eu, em meu primeiro dia de trabalho, que iria quebrar essa corrente.

A grande fábrica comportava três “chãos de fábrica” localizados na parte interna de grandes galpões, cada um com aproximados 1,5 km de extensão, sendo estes divididos entre fábrica 1 (galpão mais antigo) e fábrica 2 (galpão recém-inaugurado). Do meu lado direito, a fábrica 1, e ao meu lado esquerdo, o setor de acabamento<sup>40</sup>. Por entre as brechas, eu visualizava inúmeros sujeitos do sexo masculino, de variados tipos físicos, concentrados e desempenhando o “papel” de condutores do maquinário disponível alocado aquele espaço. Ao voltar meu olhar para frente, avistava banheiros, grandes baterias sendo transitadas continuamente, principalmente nos banheiros masculinos. Na frente daquele local, alguns encostavam-se nas paredes, sorriam, falavam sobre mulheres, bebedeiras, religião e como, de praxe, sobre futebol.

Adentrando o setor de PCP, com um certo rubor facial, ia sendo apresentado a cada um dos companheiros e companheiras de trabalho. Uma sala grande de 80x7m que comportava 24 baias<sup>41</sup> e uma sala de gerência dentro de uma perspectiva *panóptica*<sup>42</sup>. A presença masculina se mostrava hegemônica, éramos vinte homens e quatro mulheres, dentre elas, nossa gerente. As pernas continuavam trêmulas, eu tentava, no ápice da minha timidez. Sentia-me intruso, forasteiro, estranho naquele ambiente que para muitos já era familiar. Aquela sala *panóptica* dividida em baias me remeteu a filmes *hollywoodianos* que, em suas películas, representam o sistema capitalista com estações de trabalho, computadores, folhas de papel, impressoras, telefones tocando a todo instante e um trânsito de pessoas e informações constantes. Sentia-me

<sup>39</sup> Comunicação visual obrigatória utilizada como dispositivos de segurança para os indivíduos que transitam na fábrica.

<sup>40</sup> O setor de acabamento tem por finalidade unir todas as peças integrantes de determinados modelos (solas, forquilha, embalagens, etiquetas, acessórios, etc.), para que sejam lançados em uma célula de produção com fins de finalizar a confecção do produto.

<sup>41</sup> As baias são estações de trabalho dispostas lado a lado e separadas por pequenas divisórias. Têm por função otimizar o espaço, priorizando a integração e privacidade no ambiente de trabalho.

<sup>42</sup> Um *panóptico* é uma construção cujo formato faz com que se consiga vigiar a totalidade da sua superfície interior a partir de um único ponto. Para Foucault (1985 *apud* Bessi *et al.*, 2007, p. 84), “a máxima “tempo é dinheiro” provém da história da economia e do capitalismo industrial, que associa ao tempo uma perspectiva linear e sucessiva, da qual se deve extrair o máximo de trabalho no menor tempo possível. A concentração em massa de trabalhadores sob um mesmo teto e por período determinado de tempo, entretanto, resultava na adoção de regras que visavam a ordenar o trabalho e os relacionamentos estabelecidos, a fim de que os parâmetros vigentes de ordem moral, religiosa, política ou mesmo social não sofressem transgressões e afrontas. Enquanto permanecessem no espaço fabril, tal como acontecia em outras instituições, os trabalhadores encontravam-se sob uma vigilância que, até o início do século XX, ainda necessitava dos modos de confinamento para ser exercida.

o próprio personagem Chris Gardner vivido por Will Smith em *A procura da felicidade*. Certamente, seria submetido a um alto nível de cobrança para alcançar resultados, mas sobre a “felicidade”, de fato eu a procurava.

Às oito e vinte da manhã, acompanhado pelo mesmo funcionário que me recepcionou, fui conhecer o que todos chamam de coração da grande fábrica, o lugar para onde se convergem todas as atenções, o esplendoroso “*chão de fábrica*”. Acabara de ser tomado por um entusiasmo, esse espaço exercia um poder sobre mim desde os portões, era chegado o momento de conhecê-lo.

Para iniciar esse passeio pelo *chão de fábrica*, é importante considerar o contexto de mercado ao qual as fábricas de grande porte estão inseridas. Estas atendem a um modelo capitalista que gira em torno do lucro. Então, todas as ações são previamente planejadas para que prejuízos não ocorram e venham a comprometer o bem estar organizacional financeiro. À medida que as tecnologias da informação foram sendo implantadas e evoluindo para atender a mercados globalizados, mais competitivas, e, conseqüentemente, mais produtivas, tornaram-se as grandes fábricas. Os dados gerados por estes sistemas de informação contribuem para que sejam tomadas estratégias com fins de alavancar os lucros. No âmbito da automação fabril, as informações coletadas dos processos industriais, em tempo real, podem ser utilizadas para se avaliar cada etapa da cadeia de valor e mostrar possíveis pontos de melhorias. Porém, para que estas melhorias ocorram, é preciso uma análise detalhada, tanto das necessidades reais das organizações quanto da pretensão em níveis de investimento no setor.

No caso da empresa investigada, os dados coletados pelo SAP<sup>43</sup> permitiam a administração da produção enxergar pontos de melhorias para que os gestores deliberassem sobre os insumos<sup>44</sup> disponíveis. Além de colaborar com a revisão do layout da linha de produção para que o processo se tornassem ágeis e eficientes. Segundo Corrêa, Giansi e Caon (2007, p. 22), “ser competitivo é ser capaz de superar a concorrência naqueles aspectos de desempenho que os nichos de mercados mais valorizam”. Considerando-se a importância do capital para fábricas de grande porte, até pelos altos níveis de investimentos, quanto mais a linha de produção operasse seus processos em índices de desempenho otimizado (minimização das perdas, manutenção da qualidade e melhor planejamento da produção) melhor ira posicionar-

---

<sup>43</sup> O SAP é um sistema integrado de gestão empresarial (ERP) transacional, produto principal da SAP AG, uma empresa alemã líder no desenvolvimento de *softwares* corporativos.

<sup>44</sup> Para que Moreira (2001, p. 8-9) insumos são os recursos a serem transformados diretamente em produtos, como as matérias-primas, e mais os recursos que movem o sistema, como a mão-de-obra, o capital, as máquinas e equipamentos, as instalações, o conhecimento técnico dos processos etc.



se frente ao mercado competitivo tendo em vista que confeccionaria produtos de qualidade a um custo mais baixo e em curtos espaços de tempo.

O *chão de fábrica* aqui mencionado centraliza, em um mesmo local, todas as máquinas destinadas a um tipo específico de operação, atendendo a um arranjo físico que diminua custos, como propõem Vilar e Cláudio Júnior (2014, p. 106): “a distribuição das diversas instalações industriais busca minimizar os custos da produção, no caso do arranjo físico geral, a intenção é minimizar os custos com deslocamento”. Esse tipo de arranjo físico foi a solução encontrada pelas empresas para permitir um crescimento de produção pelo emprego do tempo ocioso das máquinas. A capacidade de produção de determinado departamento seria a soma das capacidades individuais das máquinas, portanto, o sistema produtivo é dividido em cinco processos: mistura primária (peneiras), mistura final (moinho), prensas, injetoras <sup>45</sup> e acabamento <sup>46</sup>. Após a passagem pelo setor de acabamento, o produto é embalado e encaminhado ao depósito onde será estocado até ser expedido para os devidos compradores, a estocagem significa a última fase do processo.

## 1.2 A fábrica e seu chão, um encontro de sensibilidades

“Cheiros, gostos, toques, olhares, cores, ruídos, dor, medo, raiva e prazer configuram um verdadeiro índice das possibilidades de definição de novas sensibilidades na história”

(Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, 2007).

Ruas, endereços, esquinas, edifícios, passagens, calçadas e labirintos. Trânsito, paisagens. Carretas e caminhões deslocavam-se pela “grande fábrica” abarrotados de emborrachados coloridos que iam desde a cor preta ao “rosa chiclete”, contrastando com a presença das empilhadeiras<sup>47</sup> que, de um ponto a outro das dependências internas, dialogavam com os transeuntes. O ar era esfumaçado, cinza, denso, quase palpável, era uma visível amostra da manufatura ali presente, da mistura do pó da borracha com demais aditivos químicos em processo de transformação industrial no *chão de fábrica*.

<sup>45</sup> Injetoras: maquinário responsável pela confecção das forquilhas de borracha.

<sup>46</sup> O setor de acabamento caracteriza-se pelo *layout* celular ou células de produção. Nessa estrutura, todos os desperdícios associados à superprodução, como espera, movimentação e transporte, processamento, estoques e fabricação de produtos defeituosos podem ser eliminados; porém, dentro das células produtivas. Esse tipo de estrutura produtiva, o *layout* celular, faz com que o fluxo de produção (*lead time*) do produto em fabricação seja acelerado. Cada célula trabalha com uma determinada numeração.

<sup>47</sup> Uma empilhadeira ou empilhador é uma máquina usada principalmente para carregar e descarregar mercadorias em paletes. Existem diversos tipos e modelos. Os mais comuns, em galpões fechados e centros de distribuição são as empilhadeiras de combustão em gás liquefeito (GLP) e elétricas.

O ambiente estava constantemente impregnado por um odor forte vindo das peneiras<sup>48</sup>, *bamburys*<sup>49</sup> e moinhos<sup>50</sup>, que incessantemente trabalhavam a borracha para que esta atendesse a um padrão de qualidade crível. Naquele espaço, sentia um imediato gosto amargo em meu paladar, posto que, ao falar com os demais sujeitos, ingeria instantaneamente aquela materialidade química. Tratava-se de um espaço aberto aos gritos, às gargalhadas, ao compasso interminável das máquinas “aporrinhadas”, aquele som que ecoava aos ouvidos dos trabalhadores, estes, assegurados por protetores auriculares<sup>51</sup> que reduziam o impacto estremeceador daquela orquestração laboral.

Um passeio pelo *chão de fábrica* e pelos seus anexos me conduziu a pensar sobre uma narrativa cheia de signos e significados seduzidos por um novo olhar, um olhar sensível conduzido pela experiência. Estar no universo de uma grande fábrica me trouxe a sensação de ser transportado metafisicamente para um universo paralelo, onde as percepções sensoriais tornaram-se, naqueles instantes, mais aguçadas, intensas. O estranhamento ao entrar em contato com aquela realidade impactou-me sensorial e emocionalmente, foi uma experiência, ainda que particular, conectada histórico/culturalmente com o “outro”, trazendo-me a ideia de sensibilidade partilhada. A minha escrita emerge desse tempo da experiência, da presença corporal naqueles espaços, andando, captando cheiros e sons, dimensões visíveis e discretas.

Na fábrica, o olho enxergava a “simetria” (ou a assimetria) de suas ruas. Via os operários em sua diversidade, sujeitos fardados, iguais no vestir, porém, diferentes no existir. Padronizados em suas formas de andar e de se comportar. Sujeitos que caminhavam num “ir e vir” infinito de um dia de trabalho, conduzindo empilhadeiras e carrinhos de mão cheios de forquilhas<sup>52</sup> e solas, sujeitos que se amontoavam nas filas dos refeitórios e dos banheiros, ou até mesmo na fila para trincar o “ponto” ao final de suas jornadas. Para Albuquerque Júnior (2008, p. 121), “a visão é o aparelhamento de experimentação do mundo e o olhar é o instrumento de significação privilegiado quando se trata de construção das espacialidades, notadamente na cultura ocidental”. A visão, enquanto sentido substancial iniciou-me numa experimentação sensorial moderna e a partir dela pude subjetivar meus olhares.

<sup>48</sup> As peneiras são processadores de borracha e têm como função peneirar os grãos de acordo com formulação específica para que se atinja o nível de “*mesh*” determinado pelo laboratório.

<sup>49</sup> Os *bamburys* são misturadores de alta potência responsáveis por homogeneizar os resíduos de peneira (borracha e demais aditivos) utilizando-se da pressão, velocidade, temperatura e tempo de ciclo ideais e específicos nesse processo.

<sup>50</sup> Os moinhos são dois cilindros de aproximadamente dois metros que giram horizontalmente em sentidos e velocidades opostas recebendo, o material homogeneizado pelo *bambury*. Esse material é cortado pelo operário em forma de mantas para que seja resfriado e siga para a modelagem no setor de prensas.

<sup>51</sup> Protetores auriculares são “miniequipamentos” de proteção para a região auditiva.

<sup>52</sup> Tiras ou forquilhas são as amarras que acoplam-se à parte superior das sandálias.

O olhar se apresentava como um dos sentidos mais solicitados da vida urbana industrial. Um olhar que se ocupava com pessoas e coisas, que enxergava a manufatura em pleno vigor, um olhar que, ao adentrar os grandes depósitos, enxergava produtos encaixotados, produtos guardados e prontos para serem expedidos aos seus destinos. Mais que isso, um olhar passante que visualizava os operários, suas formas de interagir com seus pares, como também com o meio para fazer dele o mais feliz possível. Por vezes, olhava sem dar conta de estar olhando.

Um protetor auricular protegia os sentidos auditivos como forma de serem minimizados os murmúrios, gritos, ruídos e chiados. A modernidade continuava ecoando suas vozes com seus sons urbanos industriais e me deixava destoante frente a tantas melodias que inundavam aquele espaço. O ambiente fabril, sutilmente, se tornara, por vezes, uma experiência musical, e o versinho “vida de operário, vida de operário/braços na máquina operando a situação/crescimento da produção/e o lucro é do patrão”<sup>53</sup> transitava por entre meus pensamentos, me trazendo à memória as lutas e reivindicações da classe operária por seus direitos. Após esse rápido *frenesi*, fui reconduzido à realidade quando chamado a atenção para a comunicação visual no piso, dessa vez, estaria sujeito de forma direta a sofrer algum dano físico, caso não obedecesse às normas de segurança.

O contingente humano comandava o processo milimetricamente, durante oito horas diárias, com um intervalo de uma hora para o descanso. O *tato* me remetia a reflexões sobre as condições humanas de trabalho, sobre os esforços braçais, sobre as altas temperaturas a que sujeitos eram submetidos diariamente. Os movimentos eram repetitivos, as lesões ocorriam com frequência. Naquele espaço, todos atuavam suas funções já pré-determinadas. A presença de homens fardados trabalhando de forma a precisar utilizar-se de força física constante me levava a questionar essa falsa ideia de igualdade pulverizada no interior das instituições trabalhistas. Os indivíduos que compunham a base da pirâmide social estavam submetidos às mais diversas condições de trabalho, e no ambiente fabril, eram considerados “peões”, em alusão a pessoas de baixa renda. Senti-me atraído, já nesse primeiro momento, a problematizar essa ideia de “igualdade”, à medida que fosse particularizando as experiências desses personagens.

Os aromas provindos das manufaturas de borracha não eram dos mais agradáveis. Em alguns ambientes, como no laboratório, era obrigatório o uso de máscara para que fosse coibida a inalação de determinados gases de origem tóxica. Mas, de uma coisa, eu não tenho dúvidas,

---

<sup>53</sup>A música “Vida de operário” traz algumas reflexões sobre o cotidiano de muitos trabalhadores brasileiros e demais trabalhadores inseridos no sistema capitalista. Composta por Gislene Mineira, a música ganhou notoriedade quando gravada pela banda Pato Fu. A canção está presente no álbum intitulado “Gol de quem?”, lançado em 1995.

aqueles odores traziam à tona, no presente, lembranças dessa temporalidade experimentada. O cheiro da borracha quente, dos pigmentos utilizados no processo de coloração daquele material. Cheiros que se misturavam aos odores corporais de quem por aquele ambiente transitava, cheiros que se misturavam aos odores desses corpos umedecidos pelo suor da lida diária.

Os restaurantes da fábrica situavam-se em dependências anexas ao *chão de fábrica*. E para se deslocar até o banheiro, no trajeto, passava-se pela porta frontal destes, ainda fechados com seus funcionários a preparar os “regabofes” diários. Os cheiros mudavam conforme mudava o ambiente, agora o aroma de temperos dava a ideia do que seria servido no almoço, o paladar era estimulado pelo olfato e a fome muito em breve já daria sinais. O amargor presente na boca durante o trabalho no *chão de fábrica* seria substituído por uma alimentação farta. Para Moreno e Segantini (2007, p. 48) “o comer e o seu reverso; a fome, como aspectos históricos, pode encontrar expressões no corpo: magreza, saúde, beleza, feiura. Sentido que responde às necessidades do físico e do gozo dos sentidos”. Os aromas tornavam-se palatáveis.

O paladar era estimulado pelos cheiros de comida advindos do restaurante. A fome se tornava uma consequência dessa tortura olfativa. No retorno ao trabalho, após ir ao banheiro, era preciso controle e disciplina para seguir firme a jornada por entre prensas e *bamburys*. Trabalhar utilizando-se da força requeria alimentação adequada e em boa quantidade. No espaço de tempo de uma hora, os operários precisavam ingerir os alimentos, descansar e retornar para os sabores e dissabores do comando das máquinas.

Existia força no som, o corpo trepidava e respondia. Em minhas visitas ao *chão de fábrica*, muitas vezes confundia o olfato com o tato, afinal de contas, o ar, como dito anteriormente, era palpável, tocado, para além de odorizado. Os odores respirados tornavam-se amargos. As altas temperaturas do *chão de fábrica* eram provocadas pelo calor emitido da borracha quente que saía das máquinas quando retiradas em mantas<sup>54</sup> para o descanso<sup>55</sup>, assim, como eram quentes também os corpos que ali transitavam, saudáveis, suados, cansados, moribundos, jovens ou envelhecidos, corpos disciplinados pela ordem, por códigos éticos investidos de poder.

Ao transitar pelos “entre-lugares”, muitas vezes, labirínticos do *chão de fábrica* e seus anexos<sup>56</sup>, a experiência ia se tornando sensorial, resumindo-se não apenas ao ambiente físico, a percepção sobre aquele espaço não era de uma simples referência de localização geográfica ou

<sup>54</sup> Peças emborrachadas de superfície plana medindo 1,5 x 1,0m.

<sup>55</sup> Local de quarentena para a borracha recém trabalhada.

<sup>56</sup> Anexos: banheiros e restaurantes.

topográfica onde se desenrolavam acontecimentos do cotidiano, havia um significado para além do físico. Como afirmou Pesavento (2005, p. 2):

Principiemos pelo entendimento da sensibilidade como uma outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo.

Passante curioso em constante estado de alerta e atento à vida fabril, um passante que se deslocava por entre homens e máquinas abraçando subjetividades e espaços. Aquela realidade física racionalizada dialogava todo o tempo com um mundo particular de sensibilidades, portanto, descrever o espaço físico tornou-se mais prazeroso e instigante a partir da subjetivação do olhar. A fábrica e seu “coração” estavam pulsando em pleno vigor físico e emocional, a geometria espacial passou a ser percebida pelo campo do conhecimento do sensível. A caminhada por entre os novos territórios de existências transpassava as fronteiras visíveis de concreto, metal e até arame farpado, cujos destinos eram os limites sensoriais da emoção que construía processos criativos de investigação para além do conhecimento científico, processos transformadores inimagináveis.

O *chão de fábrica* possuía formas geométricas em uma planta desenhada por entre plataformas metálicas ou de concreto para suportarem o peso das máquinas e o trânsito do pessoal. Aquela visão robusta do espaço físico uniforme era impactante pela logística nas medidas em que se apresentava. Os mezaninos se elevavam como andares intermediários entre dois pavimentos, ambos - térreo e primeiro andar - comportando homens e máquinas na disputa por espaços. A altura, largura e comprimentos das edificações davam visibilidade à concepção e ao planejamento focado na linha de produção, um *chão de fábrica* sem declives, liso e bem sinalizado por letreiros e faixas em seu piso. Ao vislumbrar essas novas formas e contornos, minha educação estava sendo dirigida ao olhar, mesmo que ainda acostumando-me com essas novas ordenações do espaço.

Entre os grandes e pequenos homens, haviam as imensas e pequenas máquinas. Elas estavam vivas, atentas, enfileiradas, muitas delas, “endiabradas”, esperneavam de forma agoniada em seus gritos, como que reclamando do calor de um recinto pouco ventilado. Era um barulho tão forte, que do portão de entrada da grande fábrica já se ouvia a confusão, operários e supervisores corriam ao seu encontro para acalmá-las. As “prensas”, como assim eram

chamadas, tinham aproximadamente três metros e meio de comprimento por um metro e meio de largura. Em seu interior, a temperatura se aproximava dos noventa graus para derretimento e modelagem da borracha, que ficava disposta em bandejas de metal administradas por um operário.

As demais máquinas, como trabalhavam tímidas, conversando baixinho entre si, deviam comentar sobre cansaço diário e sobre os planos para o sono profundo em que cairiam no domingo, assim como todas as companheiras de lida, que torciam para que o único dia em que poderiam finalmente, descansar, chegasse. Estas eram menores e mais gentis, localizavam-se em espaços reservados por serem delicadas e suscetíveis à quebra ou ao desgaste excessivo. Manuseadas magnificamente por operários que apresentavam alguma restrição física, sujeitos que, de tanto realizarem movimentos repetitivos, desenvolveram Lesão por Esforço Repetitivo - LER - e precisaram ser remanejados a outras funções em que não se submetessem a maiores riscos em suas integridades físicas já comprometidas.

Oliveira (2012, p. 8) afirma que

Dessa forma, se, de alguma maneira, os objetos nos tocam de modo a permitir que sobre eles estabeleçamos as mais diversas simbologias, ainda assim a apreensão do mundo se dá pela via dos nossos sentidos primeiros: tato, olfato, paladar, visão e audição.

Os sentidos ali aflorados me guiavam a apreender aquele novo mundo a partir de minha sensibilidade. Cada passo e cada toque indicavam a descoberta de novos conhecimentos. O *Olhar* dizia para eu ver além do óbvio racional. O *tato* e o *olfato* permitiam-me realizar leituras de mundo com maior êxtase, a *audição* trazia-me a sensação de poder distinguir os atores daquele espetáculo através do som que cada um emitia, e o *paladar* ocasionava-me o sabor de uma nova experiência, muitas vezes, amarga, difícil de ser digerida por conta da exploração vivenciada, mas transformadora em sua prática. Aquela realidade pujante não se reduziu ao cálculo, ao útil, ao mais do mesmo, ela se apresentava como uma nova estética que, nesse contexto, soa como *A esthesia*, de Alexander Baugarter (*apud* Oliveira 2007, p. 8), despontando enquanto “ciência das coisas sensíveis”, um lugar onde as práticas de liberdade estavam circunscritas a uma dimensão subjetiva singular.

### 1.3 Construindo a estética da existência dos operários LGBTTTs

As relações de alteridade vêm sendo ressignificadas. Novas formas de viver e de se relacionar com o outro tem levado a sociedade a uma crise de identidade<sup>57</sup> cujas certezas não mais existem, o que me levou a, também, problematizar a forma como os sujeitos sociais compreendem gênero/sexualidade e se relacionam a partir deles. Mantendo o foco presente nas relações, segui investigando sob uma ótica subjetiva que desnudasse esses indivíduos (operários LGBTTTs) para além das questões trabalhistas, não resumindo-os apenas à discussão estatizada de classe e de relações de produção, mas referindo-se também a questões que os minimizassem apenas a sujeitos que gostavam de fazer sexo com “semelhantes”, alimentando, assim, a prática educativa do preconceito e visibilizando diferenças pelo viés da negatividade e não como uma experiência enriquecedora.

Stuart Hall (2000, p. 50) afirma que

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora [...].

Era preciso ir ao encontro desse trabalhador “diferente”, que sofria e era explorado de variadas formas, transitar por entre experiências de vida tão delicadas onde o *dispositivo da sexualidade* normatizava e normalizava a partir de uma matriz binária, que impunha padrões de comportamentos aceitáveis socialmente. A diferença estava dialogando com as identidades que transitavam por aqueles espaços, e, nesse contexto, o diálogo observado ocorria pelo viés da sexualidade e do gênero. A questão a ser pensada é se a diferença se apresentava de forma positiva e enriquecedora ou de forma marginalizante e excludente.

Quando comecei a refletir sobre minha vivência na fábrica, associando-a aos estudos de gênero e aos teóricos com os quais passei a dialogar na pesquisa, observei que alguns discursos machistas, misóginos e sexistas, assim como práticas heterossexistas prescritas pelo *dispositivo da sexualidade* estavam impressos nas relações entre operários, que, ao transgredi-los, no caso dos LGBTTTs, gerava rejeição por parte de alguns trabalhadores heterossexuais. Dentre os

---

<sup>57</sup> Para Stuart Hall (2001, p. 7), a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos a ancoragem estável no mundo social.

discursos sobre a sexualidade vivida no cotidiano fabril, o relato de *Milk*, de 31 anos, operador de máquinas no setor de acabamento<sup>58</sup>, homoafetivo assumido, me chamou a atenção no que se refere ao preconceito sofrido por parte de seus pares. No relato abaixo, a simples necessidade de sair em dupla com um amigo também homoafetivo para beber água representou uma ruptura com padrões de heteronormatividade, visibilizando a prática do preconceito.

Teve uma vez que a gente foi beber água lá no *silk da fábrica 1*, a água lá é gelada, aí tipo assim, quando a gente foi lá veio um suposto irmão evangélico dizendo que a gente ia pro inferno e isso, e aquilo...aí meu amigo não aguentou, foi chamar ele, pegar ele, aí foi quando o líder veio perguntar o que foi, aí a gente disse que ele veio dizer que a gente tava pecando e que ia pro inferno. Daí a gente disse que ia levar esse caso pro RH, aí o líder disse: “não”. Aí nesse caso o rapaz foi suspenso, porque assim que a gente entra a empresa diz “não toleramos qualquer tipo de preconceito aqui”, é a ética (MILK, 2016).

A fala de *Milk* exemplifica uma luta que se travava para que se afirmem as diferentes identidades de gênero e sexuais. De um lado, um sujeito que assume sua identidade social por meio da prática religiosa e do outros dois sujeitos amigos (homoafetivos assumidos), que rechaçavam a abordagem “preconceituosa” do operário. No embate para que se afirmassem suas identidades, o encontro desses personagens na fábrica e seus comportamentos apenas refletiu a turbulência e a desgraça social que muitos desses conflitos de identidade proporcionam no convívio social, seja na fábrica ou para além de seus portões.

É no âmbito da homossexualidade que Foucault (2004, p. 20) situa a amizade. Ele problematiza a amizade entre masculinos, observa que na Antiguidade, ser amigo de outrem tinha outra conotação, existia nessas relações práticas de liberdade, permitindo que o cuidado de si e do outro estivesse presente. Uma sociedade aberta à ética da amizade, como na Antiguidade, se definia plural e diversa, permitindo que o ser humano recriasse constantemente suas relações com intensidade de afetos, o que vem a se perder entre os séculos XVI e XVII, quando a amizade desaparece no meio da sociedade masculina, sendo considerada, segundo textos do século XVI, um ato perigoso. Foucault (2004, p. 20) acrescenta que

Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: “o que fazem dois homens juntos?” E neste momento o problema apareceu. Em nossos dias, quando os homens fazem amor ou têm relações sexuais, isso é percebido como um problema. Estou seguro de ter razão: a desaparecimento da amizade enquanto relação social e o fato da homossexualidade ser declarada como problema social, político e médico fazem parte do mesmo processo.

<sup>58</sup> Setor localizado no final da linha de produção, onde o produto é finalizado e embalado para ser destinado ao estoque.



A amizade masculina e feminina havia se tornado um ato perigoso. Dois homens que andam juntos nos dias de hoje reverberam inúmeras interrogações nos espaços sociais, e não seria diferente no ambiente de trabalho. Um vínculo de amizade entre dois sujeitos homoafetivos assumidos representou uma ameaça à masculinidade hegemônica, como também uma ameaça à própria cultura capitalista da organização. Afinal de contas, amigos no trabalho poderiam preferir uma conversa ao invés de trabalhar e render produtividade. O relato do homoafetivo desnudava uma prática comum e estratégica dos homoafetivos na grande fábrica. Eles evitavam transitar por entre os ambientes internos sozinhos, temendo algum tipo de represália ou agressão, seja ela verbal ou física. Em detrimento dessa possibilidade real, andavam em duplas ou em grupos de dois ou três que, não necessariamente, precisavam compartilhar da mesma orientação sexual, mas que fossem de seu grupo de amigos para assegurarem de que nenhum mal lhes sucederia.

Para Paiva (2011, p. 65),

Pela sua natureza minoritária, a amizade, uma vez liberta da supressão das relações sexuais (segundo o modelo antigo) e da desconfiança que recaía sobre ela (modelo cristão), pode construir territórios microscópicos de experimentação – troca de afeição, de prazer, etc. – pontos de resistência potencial, organizar novas práticas de si, novas formas de cuidado e governo (de si e do outro) à margem e em substituição às formas de relacionamento institucionalizadas.

A amizade enquanto cuidado de si e do outro precede a estética da existência no mundo contemporâneo, criando linhas de fuga que se encontram com práticas de liberdade, produzindo sujeitos “livres” da supressão criada pelo dispositivo da sexualidade. Estes sujeitos “livres” subjetivam novas formas de relacionar-se com o outro, escapando, portanto, das relações sociais cristalizadas, transitando por territórios antes desconhecidos, agora experimentados. Subvertendo a regra, a amizade entre masculinos no *chão de fábrica* respaldaram a autoafirmação das identidades e suas singularidades, uma nova forma de viver tanto individual quanto coletivamente o afeto. São essas práticas de liberdade que criam vínculos fundamentais na criação de formas de vida *gay* no cotidiano da fábrica, práticas que rechaçam de forma estratégica as investidas dos demais sujeitos de tentarem impor suas crenças e seus “valores” sociais estáticos conservadores.

A prática do preconceito é comum no ambiente de trabalho. Nesse caso específico, dois operários resolveram sair para beber água juntos. Com isso, foram apontados e imediatamente insultados de forma grosseira quando o operário afirmou que eles iriam para o “inferno” por

conta das suas orientações sexuais. Percebe-se que em nenhum momento ocorreu alguma prática que denotasse o ato sexual explícito, apenas o “transitar” de um local ao outro na companhia de um amigo gerou um desconforto, sendo preciso acionar o “líder” para que a situação fosse resolvida. De um lado, o autor das ofensas demonstrou de forma explícita a prática do preconceito, e do outro, uma relação de amizade sem sexo que, muito possivelmente, se formou no ambiente de trabalho como uma maneira de se defender, afinal de contas, ir ao bebedouro sozinho poderia apresentar riscos maiores, insultos ou agressões sem sequer uma testemunha que presenciasse o fato.

Acredito, assim como Mello (2007, p. 1), que é preciso considerar que a história operária vem deixando de ser uma história exclusiva do movimento organizado. As experiências do trabalhador “comum” têm estado em maior evidência a partir dos seus grupos silenciados, o que permite ter acesso pelo viés de uma perspectiva de classe que descarta suas concepções rígidas e estáticas e olha para o processo de formação da classe, observando a presença simultânea de identidades de classe e de identidades locais, considerando as suas fusões e combinações. Existe, a partir de então, uma tendência a se estudar a história operária concentrando-se em objetos que se desviam do centro da análise das relações de produção, sem, contudo, desconsiderá-las.

Das relações que se configuravam naquele ambiente de trabalho – *chão de fábrica* – chamou-me a atenção a amizade e como ela ia se constituindo como um modo de vida que dava visibilidade a determinadas práticas educativas em sua grande maioria “masculinizantes” e “machistas” comuns no dia a dia desses homens. Os gritos ecoavam no *chão de fábrica*: “Ei seu fresco! Venha me render<sup>59</sup> que eu quero ir no banheiro”, gritava um dos operários. “Passei a noite com tua mulher, pense num sono”, outro operário que, de forma sarcástica, tripudiava do companheiro ao lado. “Tá com a mão limpa? Então pega na minha e balance!” Era a masculinidade hegemônica que, utilizando-se do falocentrismo como centro da linguagem, pulverizava práticas de dominação através das gargalhadas, do escárnio, do humor matinal de operários que iniciavam suas jornadas laborais. O trabalho pesado parecia ficar menos doloroso e toda essa observação me induzia a problematizar essas práticas, sutilmente anotava em diário de campo tudo o que observava, percebia, principalmente, quando uma operária transgênera chegava para dialogar ou interagir com os demais sujeitos que ali já se posicionavam para o trabalho.

---

<sup>59</sup> Render: uma prática comum em que o indivíduo é substituído em suas funções para que este realize atividades que atendam suas necessidades fisiológicas.

A presença de *Agrado* no *chão de fábrica* “quebrava” com a ideia de masculino ao transgredir o cenário de uma linha de produção composta por homens que se reconheciam heterossexuais, chamando principalmente a atenção dos colaboradores novatos que estavam em treinamento. Era imediata a reação ao ver *Agrado* chegando ao setor para mais um dia de trabalho, os cochichos, falatórios e fofocas davam conta daquela presença que representava o “diferente”, o “outro” que provocava e causava estranhamentos. As falas do preconceito eram evidentes: “[...] quem é ela, ou é ele?”; “Isso é um travesti né? Coisa feia”; “Eita galega corajosa! Pena que não tem o que eu gosto”; “‘Vije’, Deus tenha misericórdia!”; vários eram os comentários de cunho preconceituoso, em sua grande maioria, provindos de sujeitos que estavam iniciando suas atividades profissionais na grande fábrica.

*Agrado* me provocava curiosidade, chamava-me a atenção, assim como também a atenção dos operários masculinos por representar o diferente. Uma existência livre para viver um corpo ressignificado. A liberdade que possibilitava modos de vida diferentes soava como um fator que impulsionava aquele corpo a assumir sua identidade de gênero como desejava, e não a partir das nomeações que lhe deram ao nascer, ou seja, uma *Agrado* que se ressignificava construindo sua própria estética. A noção de *Estética da Existência* surgiu de uma vontade política que pretendia romper com os códigos sociais que regulavam a vida em todos os seus detalhes. Surgiu do pensamento não-dogmático. Não existiam mais certezas nem verdades absolutas. Para Michel Foucault (2005 *apud* Figueiredo 2010, p. 290), a ideia de *Estética da Existência* partia do sentido “de saber como governar sua própria vida para dar a forma mais bela possível [...] uma prática de si que tem por objetivo constituir a si mesmo como artífice da beleza de sua própria vida”. Para além de *Agrado*, era possível perceber “outros artistas” da beleza, operários LGBTTTs que “se compreendiam”, reconheciam-se, estilizavam-se dando a forma mais bela as suas vidas. Senhores e senhora de suas condutas se jogavam contra um sistema que tentava controlá-los, distribuí-los e ordená-los, adequá-los a um binarismo padrão que não os representava.

A motivação sobre pesquisar as relações entre operários no *chão de fábrica* a partir das narrativas dos operários LGBTTTs surgiu, como explicado na introdução desta dissertação, a partir da curiosidade lançada a mim involuntariamente por *Agrado* enquanto sujeito, que, esteticamente, transgredia com a ideia de “masculino” reproduzida na fábrica. Nascia, a partir daí, uma necessidade de aproximação com o operário LGBTTT, de compreender que existiam outros “masculinos” e “femininos”, outras identidades sexuais e de gênero que fugiam dos padrões hegemônicos, identidades que imprimiam beleza em suas existências. Me sentia

seduzido a conhecer esse sujeito, *Agrado*, que tanto me chamava a atenção e, a partir dele, problematizar outros sujeitos e relações no campo do trabalho. Sentia-me seduzido, agora não mais enquanto funcionário, mas enquanto pesquisador e estudioso de gênero ao me aproximar de *Agrado*. Deixando de lado meu estranhamento inicial, me posicionei e fui ao encontro de *Agrado* e de sua história de vida.

Em seu primeiro relato sobre suas experiências no ambiente de trabalho, ao citar o processo de seleção para ser aceita na fábrica, *Agrado* (2016) afirmou:

[...] Porque lá a gente tira a roupa pra saber se tem alguma hérnia, entendeu como é? Mas não tirei a roupa toda não, eu tirei só calça e suspensório. Aí ele perguntou “você usa cueca?” Aí eu disse, “eu vou usar o quê?” Aí nisso eu “senti”, assim, na mesma hora ele mandou se retirar todos os homens e ficou só eu. Aí foi chegando enfermeira, todo mundo pra ver, eu digo ‘meu Deus o que será que tá acontecendo, será que eu estou com alguma coisa estranha em cima de mim?’. Chegando aí eu escutava quando todo mundo fazia “eu não tô acreditando não”, só que eu soube levar na esportiva.

Essa fala em específico me fez refletir sobre o “diferente”, sobre minhas formas de conceber a sexualidade e o gênero. De início, eu estava assustado, contudo, segui a conversa com *Agrado*, rompendo com o olhar sexista que até então me acompanhara. Era o transformar-se enquanto “sujeito da experiência”. O relato de sua vivência fabril, de assédio moral e sexual sofridos, por vezes, me deixara atordoado, minhas memórias sobre a fábrica eram relativamente positivas, e porque não poderia ser assim para todos? Porque *Agrado* precisava carregar o fardo de dores e lembranças tristes quando, em nenhum momento, agiu de forma vil com quaisquer colaboradores. Na fala de *Agrado*, percebi as práticas educativas explicitando sutilmente as maneiras como somos, enquanto sujeitos sociais, pedagogizados pelos discursos sobre o sexo. Acredito que pelo simples fato de durante toda a vida ter de enquadrar-me em um padrão de sexualidade socialmente aceito, o que *Agrado* rompia, ela representava o diferente para mim, ela transgredia e, como consequência, a dor era uma presença constante em seus relatos de vida.

Para Silva (2000, p. 50), “a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão e da marginalização daquelas pessoas que são definidas como outros da diferença”. *Agrado*, ao representar esse modelo de sujeito, escreveu sua história na fábrica vivenciando cotidianamente perseguições, constrangimentos, olhares de descaso e sarcasmo, desrespeito e exclusão, o que de forma imediata apresenta um cenário negativo e, muitas vezes, doloroso para se perpetrar. As brincadeiras transfóbicas nos horários das refeições, o sorriso indiscreto de operários ao perceberem a presença dela. O sarcasmo, as piadas. No banheiro masculino, *Agrado* era hostilizada, recebia “cantadas” de cunho sexual, representava a diferença. Em

contrapartida, é preciso considerar que o “ser” diferente de *Agrado* contribuiu de forma rica com a própria noção de diversidade contemporânea, e naquela temporalidade em que estive conhecendo-a, pude perceber na riqueza das experimentações de *Agrado*, dolorosas ou felizes, a possibilidade de me ressignificar enquanto sujeito social e problematizar sujeitos que, muitas vezes, não são olhados porque vivem à margem de uma sociedade que exclui.

No dia a dia de trabalho, observei algumas vezes a chegada de *Agrado* ao seu posto de trabalho. Simpática, interagia com seus companheiros de “lida”, alguns amigos, prontamente, cumprimentavam-na. Outros sujeitos hostilizavam-na enquanto também se dirigia aos seus postos de trabalho para iniciar mais um dia em que ela precisaria, como a mesma relata: “matar cem leões”. *Agrado* tem seus círculos de amizade na fábrica e nem todos os seus amigos são operários LGBTTTs. Vejamos sua fala:

[...] Mas porque escuta só, tem que ter uma cabeça muito boa, se você for parar para sentir esse tipo de incômodo você endoidece. Porque o preconceito tá aí todo dia, a cada dia eu digo isso por mim quando eu chego na minha casa eu falo “Eita! Hoje eu matei cem leão”. Eu superei tudo isso no dia a dia. Preconceito é todo dia.

Era latente o meu desejo, ainda enquanto funcionário fabril, de conhecer como *Agrado* se relacionava com os demais operários e, em consequência disso, compreender como as práticas de preconceito eram vivenciadas por ela enquanto pessoa transgênera e pelos demais operários assumidamente homoafetivos, tendo em vista que essa realidade é sempre vista de forma pejorativa. *Agrado*, apesar de sofrer preconceitos em seu cotidiano, conseguia, em contrapartida, firmar laços de amizades com homens que se reconheciam na condição de heterossexuais. Michel Foucault (2004, p. 19) afirma ser a amizade uma “relação social no interior da qual os indivíduos dispõem de uma certa liberdade, de uma certa forma de escolha (limitadas, claramente) [...]”. O que me despertara, naquele momento, a investigar como essa prática de liberdade era vivenciada por *Agrado* e demais companheiros operários. Ainda refletindo sobre a amizade, percebi que esta poderia se revelar por meio de uma multiplicidade de formas. A amizade, para Ortega (1999, p. 12), trata-se de

[...] Um convite, um apelo à experimentação de novas formas de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade que são poucas e simplificadas.

Se a amizade representa uma prática de liberdade e um apelo à experimentação de novas formas de vida, é relevante considerar que ela é um dos pilares para que novas estéticas da

existência venham a se manifestar por entre as relações sociais que se estabeleceram no cotidiano dos operários. Pensar em amizade é perceber formas muitas vezes involuntárias de transgredir com relações sociais padronizadas, de burlar a ética organizacional que não vê com bons olhos a amizade entre companheiros de trabalho, temendo a resistência ou a perda do foco no trabalho.

Ao tratar essa minha passagem pela fábrica como uma experiência, me sentia tocado pelo fato de poder interagir com todos independente de suas identidades, de poder criar laços afetivos, de me confrontar enquanto sujeito social educado para ser “macho” e criar mecanismos que me aproximassem de operários LGBTTTs e, com eles, também desconstruísse algumas leituras que, durante muito tempo, me sugestionaram a ser um sujeito preconceituoso.

Os homens e as máquinas, em uma suposta harmonia, tornaram-se os personagens dessa trama. Personagens que organizavam suas realidades cotidianas e se expressavam de forma representativa<sup>60</sup> através de comportamentos e práticas sociais. Sujeitos que em suas lutas diárias clamavam por visibilidade, que sonhavam em sair de seus silêncios, que queriam ter as mesmas oportunidades profissionais que os demais companheiros de trabalho. Era necessário um olhar que focalizasse suas estéticas da existência como artes do viver e sobreviver dentre os limites de uma fábrica. Estes sujeitos me seduziram a problematizar suas existências investigando suas práticas da sexualidade, suas formas de se relacionar. Lancei-me na busca por conhecer as suas experiências e os seus conflitos diários. Para Ana Miguel *et al.* (2010, p. 82),

Toda uma cultura de si nos foi apresentada por Foucault. Uma experiência que denuncia que é preciso preocupar-se consigo mesmo objetivando constituir-se como indivíduo livre, ao invés de anular-se violentamente através de culpas e ressentimentos. Uma ética do eu, em que o ponto de confronto ao poder está na relação de si para consigo.

Essa perspectiva de “preocupar-se consigo” lançada por Michel Foucault, abriu-me um leque de possibilidades para que o estudo das estéticas da existência fosse sendo realizado, visto que, de alguma forma, eu sabia que aqueles sujeitos deveriam ter todo esse cuidado para consigo, para, em seguida, esse “cuidado” ser refletido em suas formas de vida. Estes se constituíam indivíduos livres anulando-se de suas culpas e ressentimentos, dores e fragilidades por não se adequarem aos padrões de normatização impostos. Para Nascimento (2010, p. 236),

---

<sup>60</sup> Para Silva (2000, p. 17) a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. Por meio dos significados produzidos pelas representações, damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que estes sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

As construções sociais e as expressões das homossexualidades poderiam ser compreendidas como produção de singularidades da estética da existência e, talvez assim, as práticas discursivas dos homossexuais não buscassem o "status quo" da heterossexualidade, mas reinventassem as possibilidades de estilos criativos de vida em sociedade.

O homoafetivo, por transgredir padrões de comportamentos sociais, busca, em suas individualidades, construir novas formas de vida que não estão associadas aos padrões de normalidade impostos. São formas de viver que precisam ser consideradas em suas singularidades. Esses sujeitos não se enquadram nos estereótipos “inventados” pela sociedade, desenhando, assim, suas próprias estéticas da existência enquanto possibilidades criativas de viver e interagir com outros indivíduos.

O preconceito vitimizava sujeitos, oprimindo-os em seus ambientes de trabalho. Ele ocorria a partir de uma fala, um sorriso ou um gesto grosseiro daquele “colega” que atuava na mesma função, ou até mesmo do chefe imediato ou supervisor. O discurso preconceituoso, machista e lgbtfóbico tomou seu lugar nas falas e nas relações entre os operários na fábrica e, muitas vezes, a gestão organizacional optava pela “vista grossa” para esse tipo de ação quando naturalizava o comportamento homofóbico e/ou transfóbico, ao permitir que determinados agressores seguissem impunes e continuassem realizando seu trabalho à contento. O debate sobre essas práticas educativas da sexualidade enriquece a discussão no sentido de problematizar as ações dos agressores frente a uma classe trabalhadora historicamente marginalizada no campo do trabalho.

#### 1.4 As vítimas da transfobia e da homofobia: práticas educativas da sexualidade pautadas no preconceito em relação ao “Outro”

Para que as questões referentes ao gênero fossem problematizadas, numa perspectiva LGBTTTT na fábrica, era de suma importância adentrar a organização no intuito de questionar práticas relativas à diversidade no ambiente de trabalho e às formas de assédio moral e sexual que insistem em perdurar nas relações entre os chefes e seus subordinados. No decorrer da pesquisa, surgiram questões e observações críticas que se chocavam diretamente com a gestão organizacional e com sua incapacidade de gerir conflitos de gênero que, notadamente, se instalam na rotina diária trabalhista. Muito se fala sobre igualdade, sobre moral e ética profissional, mas o que percebi enquanto funcionário fabril foi que existia, por parte de operários, supervisores e gerentes, variadas formas de burlar as regras de convivência e da ética,

camuflando práticas como a transfobia e a homofobia contra os operários LGBTTTTs, silenciando, em contrapartida, as atitudes sexistas dos agressores.

A discussão proposta está localizada no centro dessas relações que abarcam práticas educativas da sexualidade e apontam para as homofobias, que são invisibilizadas ao ponto de serem despercebidas. A homofobia qualifica o “outro” como contrário, inferior e abjeto por este ser diferente em seus modos de ser, fazendo com que ele seja excluído de sua humanidade, dignidade e personalidade. Para Mott e Cerqueira (1985 *apud* Nascimento 2010, p. 229),

A homofobia pode ser compreendida como um ódio explícito, persistente e generalizado, que se expressa por práticas sociais violentas. Pode se apresentar tanto nas tipificações penais sobre a honra quanto com atos extremos de violência física sendo, geralmente, evidenciadas nos crimes com requintes de crueldades, que culminam em homicídios hediondos.

Infelizmente, ser LGBTTTT (Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual e Transgênero) no Brasil ainda se configura uma situação de risco devido à violação dos direitos humanos por motivações diversas. Segundo dados do *Relatório de Violência Homofóbica* no Brasil, coletados no ano 2013 e divulgados pelo *Ministério de Direitos Humanos*<sup>61</sup>, no ano de 2016, entre os tipos de homofobia considerados na pesquisa realizada, pode-se apontar a *homofobia institucional*, caracterizada através das formas pelas quais instituições discriminam pessoas em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero presumida, e os *crimes de ódio* de caráter homofóbico, ou seja, violências tipificadas pelo código penal, cometidas em função da orientação sexual ou identidade de gênero da vítima. Qualquer indivíduo cuja identidade de gênero e/ou sexual venha a transgredir com os padrões de heteronormatividade possui grande chance de ser vítima da homofobia como também da transfobia.

Em 2013, ainda segundo informações contidas no relatório de violência homofóbica, foram registradas 1.965 denúncias pelo Disque Direitos Humanos<sup>62</sup> (Disque 100) de 3.398 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 1.906 vítimas e 2.461 suspeitos. É preciso considerar que esses números, apesar de alarmantes, representam as violações que são reportadas ao Disque Direitos Humanos e não correspondem à totalidade das violências ocorridas cotidianamente contra a população LGBT, infelizmente, muito mais numerosas do

<sup>61</sup> O Ministério dos Direitos Humanos atualmente se resume à Secretaria Especial de Direitos Humanos que está vinculada de forma direta ao Ministério da Justiça do então Governo Michel Temer.

<sup>62</sup> *Disque Direitos Humanos* ou *Disque 100* é uma ferramenta vinculada ao departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos que tem a competência de receber, examinar e encaminhar denúncias e reclamações, atuar na resolução de tensões e conflitos sociais que envolvam violações de direitos humanos, além de orientar e adotar providências para o tratamento dos casos de violação.



que aquelas que chegam ao conhecimento do poder público. Dentre os estados com maior número de denúncias, ainda, segundo o *Relatório de Violência Homofóbica*, estão São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Já os estados com maior número de homicídios são: São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais. O perfil da população LGBT mais vitimizada é de jovens (54,9%), pretos e pardos (39,9%) do sexo biológico masculino (73%), gays (24,5%) e travestis/transsexuais (17,8%).

Traçando um paralelo dos números apresentados com as vivências dos companheiros de trabalho LGBTTTs na fábrica, vários são os indicativos de que a violência homofóbica e transfóbica no ambiente de trabalho tem sido representativa. Todos os interlocutores desta pesquisa, em algum momento, me relataram os abusos sofridos no dia a dia, o desrespeito quando da utilização dos banheiros masculinos, as chacotas e piadas nos horários de refeição, a homofobia/transfobia discreta, que buscava a invisibilidade, tornando-se visível. Os casos de perseguição, ameaças de companheiros de jornadas e de chefes e supervisores que estarão sendo comentados no decorrer da escrita desnudavam as relações de poder<sup>63</sup> vigentes. As vítimas (operários LGBTTTs), muitas vezes, sentiam-se acuados, e por temerem represálias, preferiam calar-se. Outros se muniam de coragem e recorriam aos seus líderes imediatos ou procuravam o setor de recursos humanos para denunciar seus agressores.

As relações de poder existentes entre operários e supervisores davam alguns indícios do assédio moral sofrido pelos operários no *chão de fábrica*. Muitas vezes o assédio era representado pelo “grito”, pela ideia de disciplina, pela alteração no tom de voz por parte de alguns supervisores ou até de operários que relutavam em atender às ordens expedidas pela chefia. As relações eram pautadas pela opressão, o poder, a partir de suas formas distintas, circulava no cotidiano fabril. Os supervisores abarcavam conhecimentos, saberes sobre mecânica, engenharia e administração, saberes não compartilhados com os demais operários, criando efeitos de verdade, subjugando-os a uma labuta diária cansativa tanto física quanto mentalmente. Para Machado (1981, p. 10):

---

<sup>63</sup> Foucault (1979, p. 182) afirma: “Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício”. Para Foucault, as relações de poder ultrapassam o nível estatal e estão presentes por toda a sociedade, estando dissolvidas por todo o tecido social. O poder, para Foucault, é uma prática social construída historicamente. São formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. Constata Foucault que o poder está em toda parte e provoca ações e uma relação flutuante, não estando nem em uma instituição nem em ninguém. Não está no rei, no presidente, em uma pessoa, mas nas relações sociais existentes, sendo ações sobre ações.

Não existe em Foucault uma teoria geral do poder [...] em suas análises não considera o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais [...] mas unicamente formas díspares, heterogêneas em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

As relações de poder que ocorriam na fábrica eram caracterizadas por um poder disciplinar, comum no sistema capitalista. Eram práticas sociais que atuavam sobre os indivíduos de formas singulares a partir da disciplinarização dos corpos no *chão de fábrica*. O principal objetivo do poder disciplinar, segundo Marques (2006, p. 2), constava “na fabricação de um tipo específico de sujeito para dele extrair seu potencial produtivo e neutralizar sua capacidade de mobilização política”. Portanto, é preciso atentar para estas relações de poder, entender que elas se desdobravam em diferentes formas, inicialmente subjugando ao trabalho, ao grito, mas, observado, numa perspectiva lgbtfóbica, que as relações de poder se desenvolviam para além das questões relacionadas ao trabalho, quando, muitas vezes, a sexualidade provocava o assédio moral e sexual por parte dos supervisores.

Na fábrica, espaço predominantemente masculino, revela-se que tais práticas ultrapassam o *chão de fábrica* se deslocando aos banheiros, refeitórios e corredores. Nos corredores de acesso externo como também nas dependências da fábrica, o ir e vir de um contingente pelo qual em sua maioria são homens declarados heterossexuais se mistura à diversidade LGBTTTT, propondo um campo rico de expressões das questões sociais em todos os setores. Souza Júnior (2013, p. 97) afirma que “[...] as representações sociais acerca dos homossexuais são discriminatórias, na interação com seus colegas de trabalho”. As chacotas, as imitações de prováveis trejeitos e as piadas ocorrem todos os dias, o que corrobora para que os operários LGBTTTTs se utilizem de estratégias e táticas discursivas para se defender ou até mesmo atacar companheiros que compartilham dos mesmos espaços de sociabilidade.

Nas relações de exploração onde os níveis de hierarquia se sobrepõem, os operários sofrem opressão por serem trabalhadores que compõem a base do trabalho fabril atendendo ao capital, como afirmam Alves e Silva (2002, p. 9):

Para a organização capitalista do trabalho, o papel dos indivíduos sempre esteve atrelado a sua utilidade para a reprodução do capital. Se por um lado, para o capital não há diferença entre os indivíduos desde que produzam e consumam, por outro lado, a atribuição de privilégios de classe sempre esteve ligada a manipulação dos interesses e fidelidades.

Como se não bastasse serem sujeitos que representavam um contingente humano expropriado de direitos, ainda precisavam resistir às investidas interesseiras de chefes e

supervisores que os perseguiram pelo fato de terem assumido uma orientação sexual que não atendia aos padrões vigentes. Muitas vezes, de forma estratégica, esses supervisores impediam que operários LGBTTTs progredissem em suas funções por se recusarem a ceder algumas chantagens de cunho sexual.

Ao discorrer sobre as relações de poder que se estabelecem no dia a dia de um *chão de fábrica*, precisamos considerar que existem níveis de hierarquias profissionais em que determinados operários são conduzidos à função de chefes e supervisores (sujeitos de poder) que representam uma instituição, nesse caso, a fábrica, e que, muitas vezes, se utilizam de sua posição frente à classe operária para agir com imprudência para, estrategicamente, manipular os demais operários que estão submetidos à sua autoridade, impondo não apenas o atendimento de suas metas de produção, mas também o atendimento de interesses espúrios de cunho sexual, ameaçando-os com um discurso que oprime, humilha e impõe medo. Mas é importante observar que o poder não se limita nas mãos desses agentes administrativos ou da instituição, o poder circula. A estratégia é expressa fisicamente através da linguagem, de rituais e de discursos e tem como trabalho sistematizar e impor a ordem. Para Mello (2007, p. 3),

Com a observação e análise dos pequenos territórios da vida cotidiana, a tese de uma classe operária homogeneia e indiferenciada não se sustenta, uma vez que esta ignora a existência dos processos nos quais se evidenciaram as múltiplas e diferenciadas formas de apropriação e a circulação de valores, de onde resultou uma variedade de nuances em torno da história operária.

*Agrado* representa a heterogeneidade da classe operária, nesse caso, refletido no perfil do sujeito pobre e historicamente explorado. É importante que se observe as pequenas nuances que derrubam a tese da existência de uma classe operária homogênea, já que *Agrado* representa a própria diversidade no seio da classe operária. Atentando para esta temporalidade em que *Agrado*, pessoa transgênera, se dedica ao trabalho no setor fabril, vários são os relatos da mesma sobre as investidas de seus pares e supervisores para que ela cedesse e atendesse aos desejos e fantasias sexuais desses sujeitos que, em sua maioria, se afirmam heterossexuais e casados.

Os dias de *Agrado* na fábrica, assim como fora dela, são como em um campo de batalha, calculando suas ações e movimentos com o intuito de, quando preciso, atacar para se defender, como se percebe na fala abaixo:

Eu pedi pra mudar de setor porque eu tava sendo pressionada por um supervisor. [Falando baixo] Ele disse “se você não sair comigo eu vou lhe demitir” aí eu disse “eu posso até sair da empresa, mas com orgulho de não ter saído aqui com você, porque isso não é papel”. Me ameaçou muito (AGRADO, 2016).

A operária sofreu perseguições e ameaças por não atender aos pedidos de encontros de ordem sexual, experiências que serão relatadas mais à frente. Muitas vezes, solicitava, inclusive, a mudança de setor ou de horário, sendo essa uma *tática* de defesa para poder continuar trabalhando sem os infortúnios ou perseguições que sofria. Para Michel Foucault (1995, p. 141), “a tática é compreendida como “arte de construir [...] atividades codificadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontram majorando por sua combinação calculada”. Nesse sentido, a operária, corpo controlado pela disciplina, buscava artifícios como os citados anteriormente para calcular possibilidades de permanecer no âmbito do *chão de fábrica* sem os infortúnios dos assédios moral e/ou sexual por parte de seus pares, chefes e supervisores, que, assim como *Agrado*, eram sujeitos que representavam as diferentes correlações de forças pelos cargos que ocupavam. *Agrado* resistia a tais investidas, muitas vezes se reportando a outros, no intuito de solicitar ajuda. Codificava, numa linguagem sutil, o interesse em trocar de setor, mas deixava explícito para o assediador que jamais cederia, mesmo diante da eminente demissão. *Agrado* (2016) prossegue:

Porque diante de um superior eu não sou nada. Concorda comigo? Vai ser a palavra minha contra a dele. Eu fui lá no RH e pedi pra mudar de setor. Ele fez: “me diga o motivo”. Eu não disse. Eu disse “nem que seja pra ir pra outro setor que seja pesado ou elevado, mas eu quero sair daquele setor”. Até hoje eu não contei, porque assim ele poderia dizer, o fato de eu ser uma trans, ele poderia alegar o que? É ela que quer dar em cima de mim, a palavra minha contra a dele.

O fato de não contar o motivo de pedir para mudar de setor indica uma tática explícita muito comum por parte de quem sofre assédio no ambiente de trabalho. *Agrado*, por medo de represálias, sequer justificou seu pedido de troca de setor, assim o fez para se manter contratada, já que diante de um confronto poderia ser prejudicada. Para a operária, um supervisor teria um maior poder de convencimento frente a gerência, o que viria a culminar com a saída de *Agrado* do quadro de funcionários da empresa. É importante considerar que quando Michel Foucault corrobora para que se reflita sobre a ideia de tática, o faz observando o território onde se estabelecem as relações de poder. Nesse caso em específico, o controle decorrente da disciplina dava margem para que ocorressem os assédios relatados. Estes, por sua vez, refletiam-se na forma como apareciam e foram relatados, resultantes ou produtos da tática por parte da chefia interessada.

Para os sujeitos que supervisionavam o *chão de fábrica*, tornava-se menos arriscado, diante da posição que ocupavam, agir taticamente para alcançarem seus objetivos, seja

ameaçando ou perseguindo os operários que estavam sob seus comandos. O pânico que se criou diante da situação de ameaça foi refletido no próprio relato. A operária, quando recordou a experiência do assédio, imediatamente diminuiu o tom de sua voz, deixando visível o reflexo dessa composição de forças que agia cotidianamente por entre os sujeitos que no *chão de fábrica* se encontravam. Sendo assim, ficou nítido que ambos os lados (chefes e operários) se utilizavam de táticas com fins de alcançar seus objetivos.

As atitudes de *Agrado* foram pensadas como uma forma de se esquivar das investidas de seu supervisor imediato e, a partir do acesso a casos como esses, percebo a necessidade emergente de problematizar o cotidiano desses sujeitos, considerando que o caso de *Agrado* foi apenas mais um dentre os vários casos de discriminação, transfobia e sexismo no ambiente de trabalho. Essas práticas educativas da sexualidade oprimem e depreciam a imagem desses sujeitos, impossibilitando-os, muitas vezes, de conviverem de forma pacífica no seu cotidiano. Dentre os sujeitos que tive a oportunidade de entrevistar, outros também relataram em seus depoimentos os excessos da homofobia, seja em casa ou no trabalho, em seus relatos de vivência, pude perceber o quanto essa violência moral, psicológica e social se estende para todos os ambientes de sociabilidade frequentados por indivíduos que resolveram viver da forma que se sentiam bem. Um exemplo desse relato ocorreu com o operário *Milk*.

*Milk*, operador de prensas<sup>64</sup>, trabalha na fábrica há cinco anos. Nascido em uma família composta por duas irmãs, um irmão, mãe e padrasto, conviveu pouco com o irmão porque ele se casou e saiu do convívio familiar muito jovem. *Milk* teve uma relação de intenso sofrimento e opressão por parte do seu padrasto. Quando se referiu ao período em que convivia com ele, afirmou que “foi outro tormento na minha vida, o meu padrasto”. *Milk* conheceu a homofobia dentro de sua própria “casa”, dias e noites que pareciam uma “eternidade”. O medo, o desespero e o ódio eram alguns dos sentimentos cotidianos experimentados. As dores físicas e psicológicas estão impressas em suas lembranças e, em algumas vezes, se externaram ao falar do padrasto em nossas conversas. Ao ser questionado sobre sofrer violência física, o interlocutor sinalizou positivamente. Afirmou que cresceu com o padrasto e não conheceu o pai, que o abandonou. As marcas da violência estavam estampadas em seu corpo e em suas lembranças: “[...] ele chegou a bater uma vez com uma barra de ferro nos meus pés e no joelho [...], teve uma vez que ele quebrou o cabo de vassoura nas minhas costas” (MILK, 2016), relatou de forma bastante emocionada.

---

<sup>64</sup> Prensas são máquinas que compõem a linha de produção de calçados. Nelas, são colocadas as mantas de borracha para os modelos e numerações dos calçados serem moldados.

A dor física experimentada por *Milk* deixou sequelas amargas. Falar de sua relação como padrasto ainda é algo que causa um horror perceptível. Segundo ele, na maioria das vezes, era agredido não necessariamente por ser um sujeito homoafetivo assumido, mas pelo simples fato de não cumprir as regras de convivência, a exemplo de não poder falar ao celular depois das 22h ou de não poder chegar à casa onde residia dentro do horário estipulado. O que *Milk* questionava era que os outros irmãos não cumpriam determinadas regras e não sofriam sanções, contudo, apenas ele sofria essas agressões por não se enquadrar aos padrões domésticos/familiares que o padrasto considerava correto.

*Adam*, 31 anos, filho caçula de sete irmãos, era universitário e trabalhava na fábrica há cinco anos. Era operador no setor de acabamento com prospecção de promoção a líder no setor aqui mencionado. Trabalhava fardado, e em seu comportamento, apresentava-se extrovertido, mas, quando necessário, utilizava-se da seriedade como forma de impor respeito. Era gentil para com seus pares e interessado em realizar um trabalho com qualidade para que tivesse chances de crescimento na organização. Assumia-se homoafetivo apenas no ambiente de trabalho e acadêmico. Para sua família, não expôs sua sexualidade devido ao medo de represálias por parte de seu pai e irmãos do sexo masculino.

Para Vinícius e Costa (2007, p. 4), no contexto da identidade *gay*, é importante ressaltar e analisar o processo pelo qual o homossexual assume-se como tal. Para entender como se dá o processo de revelação da orientação sexual, torna-se necessário avaliá-lo sob suas diferentes óticas, vez que não constitui procedimento único no qual o homossexual revela-se como *gay* somente uma vez em sua vida. Na verdade, indeterminadas vezes, em tempos diferentes, em lugares diferentes, e, conseqüentemente, para pessoas diferentes, o *gay* assume-se como homossexual.

Com essas práticas, *Adam* construiu dois tipos de comportamento, um para o convívio profissional, onde se deixava visibilizar, e outro para o convívio familiar, onde omitia sua orientação sexual. Era no trabalho que ele se sentia inteiro, construindo uma estética focada na liberdade, mesmo sabendo que poderia ter problemas profissionais por se assumir. No espaço profissional, ambiente dessa pesquisa, *Adam* teve a liberdade, apesar da homofobia vigente, de se assumir sem maiores transtornos, já que na fábrica a ética organizacional promovia a sensação de segurança e o medo não era uma constante. No espaço fabril, comportamentos depreciativos e ofensivos eram proibidos e os agressores poderiam ser denunciados e, conseqüentemente, punidos por chefes e supervisores.

Sobre não assumir sua condição de homoafetivo no ambiente familiar, *Adam* (2016) se justificou partindo do nítido preconceito percebido em seus pais, relatado na seguinte fala: “[...] mais pelo preconceito assim, dos pais mesmos, que eles não gostam, que nenhum pai queria ter um filho homossexual, assim, aí eles não assumem por isso, no meu caso também né? [...]”. Ainda rememorava algumas práticas de homofobia percebidas nas falas do pai: “[...] Meu pai diz que botava pra fora assim né? Sempre comentava assim quando eu era mais novo [...]”. Nessa última fala, observa-se um tom de ameaça. Ela tinha a função de camuflar o desejo do filho ou mesmo a possibilidade de se assumir *gay*. Pode-se supor que, para o pai de *Adam*, a ameaça funcionava como um dispositivo de punição (caso “descobrisse” que o filho seria *gay*, o expulsaria), já para *Adam*, isso funcionava como um dispositivo de medo.

Para Miskolci (2009, p. 172),

[...] Em contextos heterossexistas, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos.

A ameaça de expulsão do convívio de sua família por este ser um sujeito homoafetivo se tornou uma regra que era estabelecida para atender aos padrões heterossexuais impostos pelo pai, que se utilizava de uma prática homofóbica, que induzia *Adam* a permanecer sozinho *dentro do armário*<sup>65</sup>, lidando com seus temores e sofrimentos. Oprimido pelo armário, no convívio familiar, *Adam* mantinha sua sexualidade camuflada pelo comportamento heterossexual, ou seja, se apresentava nesse espaço familiar como tal, não podendo compartilhar suas angústias e experiências afetivas com pessoas do mesmo sexo. Lanz (2015, p. 29) colabora afirmando que

A verdade é que coisas como identidade de gênero, papéis de gênero e estereótipos de gênero, que até pouco tempo eram sólidas e inequívocas referências da categoria de gênero de uma pessoa, entraram em franco colapso. Atualmente tornou-se extremamente comum, por exemplo, o indivíduo ter uma identidade de gênero na *Internet*, outra na cama, outra na família, outra no trabalho e outra no lazer.

*Adam* transitava por entre as identidades *gay* e heterossexual. Em seu cotidiano familiar, apresentava-se como heterossexual, no ambiente de trabalho, assumia sua identidade

<sup>65</sup> Para Eve Kosofsky Sedgwick (2007 *apud* Miskolci 2009, p. 171), “o armário é um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hetero-homo da sociedade ocidental desde fins do século XIX. Ele se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo”.

homoafetiva. Apesar de se sentir livre para revelar sua orientação sexual aos companheiros de trabalho, era comum que ocorressem eventos situacionais em que ele poderia constatar a prática da homofobia, como o próprio relata em seu depoimento:

[...] Peraí deixa eu pensar, tipo a gente, eu não sei se foi desrespeito, acho que foi mais preconceito do pessoal, a gente tava fazendo pausa ativa, que é dez minutos que a gente faz de pausa ativa [...] É tipo uns exercícios que a gente faz lá, a gente para dez minutinhos pra se alongar, aí era pra fazer de dois em dois e os meninos tudo se juntaram, aí fui ficar com um lá pra fazer essa pausa ativa e eles não quiseram ficar comigo, fazer a pausa ativa comigo por preconceito eu acho, pros outros não ficar falando ou pensar que eu vou dá em cima deles, alguma coisa desse tipo [...]. Eu saí, deixei eles lá fazendo a pausa e fui embora [...] beber água, fui no banheiro (ADAM, 2016).

Durante o relato de *Adam*, percebi de forma clara o quanto essa lembrança o incomodou. Observei no semblante de *Adam*: à medida que se disponibilizava a falar, ia mudando, enrubescendo e demonstrando um descontentamento com o comportamento de seu companheiro de trabalho pelo fato de não querer participar com ele de um momento de relaxamento físico no intervalo das atividades. A atitude do colaborador em rejeitar *Adam* denuncia um comportamento homofóbico de autoafirmação. Para Louro (2015, p. 28),

A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o macho.

A homofobia explicada por Louro(2015) estava representada na rejeição da brincadeira, do abraço, do contato físico com o homoafetivo em público, o que poderia denotar que o suposto macho heterossexual estava transgredindo as barreiras de sua sexualidade normatizada. Então é preferível se utilizar de práticas homofóbicas de rejeição do “outro” para não ser visto de forma suspeita pelos demais companheiros. A cautela em não ser taxado de “gay” e de “mulherzinha” faz com que os sujeitos se comportem, muitas vezes, de forma até agressiva para evitar transtornos dessa natureza. A masculinidade impõe gestos e comportamentos, é preciso seguir à risca para não ganhar “fama”.

Outra vivência de homoafetivo que considero importante nesse estudo é o caso do *Gabriel*. Ele tem 26 anos, 1,78 de altura, é comunicativo, cursou o Ensino Médio completo. Está casado com um homem. Desempenha a função de operador no setor de acabamento, mas sem maiores expectativas quanto ao trabalho que realiza na fábrica, pretendendo voltar a estudar



para buscar melhores colocações em outras empresas do mercado. Reconhece-se homoafetivo tanto no ambiente familiar quanto nos demais espaços de sociabilidade do qual faz parte. Diz ter apoio por parte da família e dos amigos. Nunca teve envolvimento com mulheres, portanto, construiu suas práticas da sexualidade voltadas para o interesse no gênero masculino. *Gabriel* demonstrou ser um indivíduo sensível que foge do estigma de promiscuidade.

Aos dezoito anos, *Gabriel* participou de uma seleção e iniciou suas atividades profissionais na fábrica, exercendo a função de operador de prensas. Para ele, essa oportunidade lhe trouxe amadurecimento, era um mundo novo onde ele iria interagir com novos e diferentes sujeitos. Desde que adentrou os portões da fábrica, relatou que sofre assédios de alguns colaboradores que se aproximam de forma estratégica, propondo um elo de amizade para, em seguida, deixar visível o interesse e o desejo. Na maioria, são homens casados que se interessam por acharem *Gabriel* discreto, o que criou um ambiente seguro para a aproximação e para uma possível relação, como afirma o depoente em seu relato:

[...] Procura [...] eu acho que até porque assim, tem uns homossexuais que dão muita moral aos rapazes lá, e eu acho que por conta do meu jeito, de ser mais na minha, ser mais reservado e de ser bem discreto também, chama mais a atenção deles, isso no pensamento deles né? Como já me disseram é uma coisa mais difícil pra eles, é uma coisa mais difícil então se torna uma coisa mais interessante como já me disse já “eu me interessei por você, porque você é difícil e se torna mais interessante” (GABRIEL, 2016).

Os sujeitos que demonstraram interesse e tentam aproximação com *Gabriel*, em sua maioria, eram casados com mulheres, se reconheciam heterossexuais e eram provindos de família construída com filhos. Buscavam aventuras com outros homens e terminavam por quebrar a matriz binária de gênero heteronormativo de forma camuflada e silenciada não só com *Gabriel*, que, segundo relata, teve apenas uma relação com operadores de *chão de fábrica* (importante frisar que, à época, *Gabriel* era solteiro). *Gabriel* se mostrou cauteloso quanto aos relacionamentos com outros homens do seu ambiente de trabalho e afirmou:

[...] Eu sou uma pessoa bem centrada assim nas coisas que eu vou fazer, então se eu ver que a pessoa está dando em cima de mim, eu vejo que se eu der corda ela vai cair, então eu vejo se aquilo vale a pena pra mim, se é aquilo que eu quero, se eu vou me apaixonar no relacionamento, se eu vou machucar pessoas que não fazem parte daquele momento, que por conta da pessoa ser casada tem uma família, tem filhos e querendo ou não é um respeito em conjunto (GABRIEL, 2016).

*Gabriel* rechaçou muitos dos assédios sexuais que sofreu exatamente porque teve receio de se expor. Como em grande maioria esses assédios provinham de sujeitos casados, o

interlocutor afirmou ter medo de vir a causar algum problema para o outro, preferindo não se envolver e, assim, evitando problemas futuros. O que não significava dizer que não se sentiu atraído pelas investidas desses homens, apenas não correspondia para que não viesse a causar transtorno para eles ou até mesmo para a família que o sujeito casado constituiu. Assim como *Gabriel*, vários outros operários homoafetivos se deparavam com a paquera, com as cantadas diárias no *chão de fábrica*, e assim iam construindo suas artes do viver como forma de sobreviver naquele ambiente. Se em algum momento resolveram visibilizar suas escolhas e orientações sexuais, precisavam conduzir suas histórias de vida por caminhos que não são comuns a todos, traçaram suas vivências a partir de suas subjetividades e criaram novas formas de viver em comunidade.

Assumir-se nos diversos espaços de sociabilidade era um processo lento, difícil e complicado devido aos preconceitos pulverizados na sociedade, como também na própria família. De um lado, está o sujeito que decide “divulgar” suas escolhas e orientações, oscilando entre a autoaceitação e a autorrepressão, à medida que sofre retaliações da sociedade, que por conta de suas normas de conduta de gênero, irá considerá-lo transgressor. Nesse processo delicado, é preciso pensar uma terceira via existencial, partindo da ideia de ruptura com os binarismos oficiais (masculino/feminino) que venham a ressignificar seus modos de existir. Foi o caso de *Agrado*, que no espaço da fábrica, se propôs a viver sua existência transgênera.

### 1.5 *Agrado*, uma pessoa transgênera no chão de fábrica

*Agrado* vivia com seus pais e seus oito irmãos numa casa de quatro cômodos, sendo um destes separados da casa. Ela chamava de “quarto dos fundos” por estar localizado no quintal. Era um quarto que servia como apoio para guardar objetos em desuso pela família. Para se sentir reservada, *Agrado* decidiu fazer pequenos ajustes e se instalar nele. O quarto dos fundos é historicamente pensado como o quarto da pessoa que não faz parte da família, o quarto da “empregada”. Nesse sentido, percebi uma forma de diferenciação condicionada à sua identidade de gênero transgressora. Ter um quarto na casa implicaria que seu comportamento atendia aos padrões de uma família nuclear, o que não era o caso, então, por ser “diferente”, era importante apartar-se desse convívio de intimidade disputado pela família heteronormativa. Dessa forma *Agrado* se apropriava do “fato” para burlar a própria diferença instituída e com isso ter seu espaço onde poderia transitar livremente trazendo amigos e companheiros para seu lugar de intimidade.

*Agrado* acordava todos os dias bem cedo, já que precisaria estar na fábrica às seis horas da manhã. Contou-me que religiosamente se despedia de sua mãe com um beijo, costumeiramente cumprimentava seu pai e de forma rápida realizava um desjejum apressado. Era preciso seguir para o ponto em que pegaria o ônibus que a conduziria até a fábrica. Em seu relato, ela afirmava que, ao chegar ao ponto, cumprimentava alguns companheiros que também aguardavam o transporte, o ônibus que os conduziria até o destino não tardava a chegar. Entrava no ônibus, sentando-se nas primeiras poltronas, fechava a janela para que o vento não assanhasse seus cabelos e assumia uma postura introspectiva ao perceber que alguns indivíduos começavam a sorrir em sua direção ou até mesmo “brincar” de forma pejorativa com ela.

Ao descer no seu destino final – a fábrica –, *Agrado* encontrava alguns de seus amigos, o que lhe trazia um imediato alívio. Era entre os “seus” que *Agrado* conseguia articular, “ser o que é” sem aflições. Já posicionados para fazer a troca de turmas, se abraçavam, conversavam e criavam um ambiente de segurança para ela, que, acostumada com os olhares indiscretos, passava nas roletas de entrada como se nada estivesse acontecendo. Chegando ao seu setor para trabalhar, sacava do bolso o seu protetor auricular e seguia para seu posto de trabalho, dando sequência a atividade fabril substituindo o operador da noite, considerando que a atividade produtiva no *chão de fábrica* não podia parar.

A chegada de *Agrado* ao seu posto costumava gerar espanto para alguns funcionários que estavam na operação. Geralmente, os operários novatos são os mais assustados, tentando decifrar se ela era do sexo masculino ou do sexo feminino. *Agrado* trabalhava na fábrica há nove anos e conseguia desviar-se dos olhares curiosos, buscando direcionar seu foco para a atividade proposta. Durante o trabalho, ela é de pouca conversa. Se socializa com alguns sujeitos que fazem parte do seu grupo de amigos, tem bom relacionamento com seus chefes e supervisores, fato que a ajuda a vencer sua jornada e a cumprir suas responsabilidades sem maiores contratempos, atingindo suas metas de produtividade.

Concordo com Lanz (2015, p. 13) quando a mesma enfatiza que é preciso investigar a transgeneridade como um fenômeno de desvio das normas sociais e de condutas de gênero ao ressaltar sua natureza sócio-política, buscando localizá-la fora do domínio dos saberes médicos, onde continua sendo tratada como perversão, como uma forma de promiscuidade, de delinquência moral e social, como doença mental ou distúrbio neurológico. Espera-se que o CID, Classificação Internacional de Doenças, publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em sua 11ª versão, venha a eliminar da sua lista de patologias mentais o item F.64, no qual identidades de gênero-divergentes são listadas como transtornos mentais. Possuir uma

identidade de gênero divergente nomeado no nascimento ou ser transgressor do dispositivo binário de gênero indica, de acordo com o discurso médico, que tal sujeito tem problemas mentais.

O fato de *Agrado* pautar sua existência na insubmissão à ordem binária de gêneros levou-a à construção de uma terceira via para viver sua sexualidade de forma plena e em harmonia com o meio. Muito pelo contrário, *Agrado* se proporciona dia a dia para encarar sua vida como ela realmente deseja, subjetivando seus desejos e fantasias, não reprimindo suas vontades. Ela se desnuda e vive suas experiências de maneira transformadora e corajosa, trazendo para si a responsabilidade por seus atos, ao sair do casulo imposto pela heteronormatividade.

*Agrado*, após se assumir transexual, esteve à mercê de comentários transfóbicos, sofreu com o preconceito dos mais próximos, como também, diante das raras oportunidades de trabalho que iam surgindo, encontrava no caminho obstáculos que conflitavam frequentemente com suas escolhas, com sua sexualidade. Ela relatou que teve a oportunidade de trabalhar como dançarina em uma banda de forró eletrônico, em seguida, trabalhou como vendedora em uma loja de confecções. Experiências trabalhistas ocorridas antes de ingressar como operária na fábrica. Sobre o período em que trabalhou como dançarina ela relatou:

[...] Tipo assim, teve um concurso e eu até falei isso não foi? De dança, pra achar uma dançarina pra dançar numa banda, só que precisava ter todas essas características para ser mulher. Aí eles me chamaram. Só que por sinal o dono da banda sabia que eu não era mulher. Mas só que ele queria “por fim da força”. Aí uma das candidatas que estava concorrendo comigo falou: “como é que pode? Eu fiquei em terceiro lugar e esse *gay* ficou em primeiro lugar”, aí o dono da banda olhou pra ela “pra você ver a capacidade até onde foi dela. Você sendo uma mulher não teve capacidade pra ganhar dela.” Eu achei que ali foi preconceito (da concorrente) por eu ter que disputar com uma mulher (AGRADO, 2016).

A marginalização da pessoa trans, possivelmente, ocorre em variados espaços de sociabilidade. Nesse primeiro contato durante a seleção para dançarina, *Agrado* sentiu na pele o preconceito, chamaram-na de “*gay*” quando, à época, ela já se reafirmava mulher. A concorrente não aceitava o fato de perder a vaga para uma transexual. Competir diretamente com *Agrado* e perder foi como uma afronta, afinal de contas, quando um sujeito que é historicamente marginalizado se destaca, a sociedade busca formas de contestar. É como se a pessoa trans fosse condenada, durante sua vida inteira, a viver na margem, sendo hostilizada.

Os relatos de *Agrado* sobre o preconceito sofrido por transexuais não se estende apenas às suas vivências. Ela conta, por exemplo, da luta de outras pessoas nas mesmas condições que

sofrem violência constantemente. Em suas narrativas ela se deixava visibilizar à medida que rememora situações de amigas próximas como o caso de Bárbara:

[...] Tem uma amiga minha, Bárbara, que se matou em João Pessoa, por causa do preconceito, por ela ter um namorado. Ela não poder andar com seu namorado publicamente assim, a família dele não aceitava e quando ela saía com ele todo mundo olhava, ela ficou louca, ela se matou (semblante de tristeza). Aí se eu for contar cada dia esses obstáculos eu vou endoidecer, é por isso que eu digo, cada dia que eu passo é uma vitória pra mim. Vitória familiar, amigo, trabalho, tudo (AGRADO, 2016).

Numa breve reflexão sobre a cultura de violência que mira as pessoas trans no Brasil, uma pergunta surge inesperadamente: o caso relatado por *Agrado* foi um suicídio ou um assassinato? A sociedade parece ter fechado os olhos para situações do tipo. Afinal de contas, quando o aparelho midiático informa que uma pessoa trans cometeu suicídio, o faz de maneira equivocada. Percebemos que parte da sociedade se encarrega de excluir as minorias, fazendo com que as causas de um suicídio sejam, por vezes, provocadas pela transfobia. Ao contrário, de longe, não ocorreu apenas com Bárbara a tragédia do suicídio, pois assassinatos dessa envergadura ocorrem com muita frequência e são cometidos pela sociedade transfóbica. O *Centro Nacional pela Igualdade dos Transgêneros* revela que em 2017,

[...] 17.715 pessoas trans foram entrevistadas, constatou-se que: 14% das/os transexuais foram enviados a um profissional, após revelarem sua identidade de gênero à família, com a intenção de impedi-las/los de passarem pela transição; 10% sofreram violência de algum membro da família; 8% foram expulsos de casa devido à sua identidade de gênero; a taxa de desemprego das pessoas trans é de 15% e um terço disse estar vivendo na pobreza – o dobro da taxa da população norte-americana em geral, 40% das/os transexuais já tentaram o suicídio em algum momento de suas vidas. Em outra pesquisa, feita em Ontário, no Canadá, aponta-se que 35% das pessoas trans entrevistadas relataram ter pensado em suicídio em 2014 e 11% chegaram a tentar se matar.

O relato de *Agrado* serve de mote para que se reforcem as discussões acerca das variadas formas de violência e a crítica ao Estado, que insiste em não abraçar efetivamente políticas que assegurem o direito de ir e vir de quem assume sua identidade sexual ou de gênero. Monteiro(2017), ativista trans, em seu artigo *Desvelando a Transexualidade: suicídio e uma vida que não pertence às/aos transexuais*, denuncia um mal que vem atingindo com frequência a população trans, o suicídio. Responsabilizando o Estado, ela afirma:

O suicídio da população trans é motivado pelo Estado; pela política, que não contempla esta população; pela sociedade transfóbica que faz com que queiram se matar; pelos inúmeros constrangimentos, humilhações, situações vexatórias, opressões; pela falta de apoio familiar para lidar com toda a transfobia vivida, já que

muitas/os são expulsas/os de casa; pela ausência de amparo familiar, social, institucional; pela transfobia verbal, física, psicológica, institucional que atinge pessoas trans todos os dias (MONTEIRO, 2017).

Em um dos trechos do depoimento, *Agrado* relata: “ela ficou louca, ela se matou”. Essa passagem dialoga diretamente com a crítica levantada pela ativista. Inúmeros são os constrangimentos que a população transsofre cotidianamente, a humilhação por parte da família, das instituições e da própria transfobia verbal semeia os transtornos de ordem psiquiátrica, levando vários desses sujeitos a atentarem contra a própria vida. Lanz (2015, p. 260-261) defende que

É um verdadeiro arsenal de maldades o repertório de sanções que a “sociedade normal” cisgênera pode impor e efetivamente impõe contra pessoas que transgridem abertamente o dispositivo binário de gênero [...] escárnio, desprezo, humilhação, rejeição e exclusão. Significa tornar-se alvo de *bullying*, discriminação, segregação, invisibilização e outras sanções ainda muito mais duras e cruéis por parte da sociedade, inclusive violência física capaz de levar à morte a pessoa transgênera.

Sair da margem se torna quase impossível diante de tantos obstáculos impostos pela sociedade. Se está contratada por uma instituição ainda que mantenha o emprego, não será vislumbrada por ascensão profissional e, possivelmente, não exercerá cargos de chefia. As chances de encontrar colocações no mercado são risíveis. Além do arsenal de maldades, Lanz (2015, p. 260) complementa: “as organizações são terrivelmente transfóbicas: não toleram pessoas transgêneras em seus quadros, a menos que a pessoa permaneça totalmente armarizada”. Em nenhum momento da entrevista *Agrado* relatou que permaneceu na fábrica armarizada. No processo para seleção na fábrica, ela se apresentou com o seu nome de registro, mas, espontaneamente, no cotidiano fabril, se apresentava como *Agrado*. Trabalhar na fábrica motivava-a a seguir suas lutas individuais. Para ela sair de casa e retornar sã era uma vitória diária diante de tanta insegurança.

Ao trilhar por outros caminhos, esse sujeito ao qual entrevisto abre um leque de possibilidades que vão de encontro ao ideal cristalizado e nada convidativo de que uma pessoa transgênero está fadada ao fracasso profissional e social. Para Miguel *et al.* (2010, p. 63), “é na dimensão da ética expressa na relação de si para consigo que o indivíduo pode confrontar o poder e criar um modo de vida mais livre e intensificado”. *Agrado* é esse sujeito ético que transita por seu ambiente profissional, se relacionando consigo e com o “outro”, buscando se relacionar com poderes (a empresa) e saberes (a heteronormatividade vigente) no experienciar diário de sua vivência fabril operária, desbravando novos caminhos desse vir-a-ser operário.

A sexualidade vivida na fábrica e em seus espaços de sociabilidade trazia consigo práticas educativas comuns na sociedade de uma forma geral, e a transfobia exemplificava a materialização dessas práticas nos discursos dos operários. A única diferença é que, no ambiente fabril, por questões éticas, os indivíduos heterossexuais se sentiam acuados em atuar livremente e de maneira preconceituosa por medo de um sistema de vigilância que os punissem com a demissão. Por um outro lado, pessoas “trans” e sujeitos homoafetivos construía suas estéticas pautadas na amizade, buscando afirmar suas identidades sexuais a partir dessas relações de alteridade, explicitando suas novas formas de se reafirmarem no cotidiano do trabalho, não abandonando seus comportamentos.

*Agrado, Adam, Milk e Gabriel* foram apenas alguns dos inúmeros representantes desse universo LGBTTT, como também exímios representantes de uma estética existencial que buscava trazer beleza para suas árduas vidas. No próximo capítulo, algumas dessas personagens irão depor sobre suas experiências nos espaços físicos internos, como restaurantes e banheiros masculinos. Nas narrativas que se seguirão, os espaços cartografados muito terão a falar sobre os encontros e sobre as relações afetivas e sexuais no espaço fabril.

## **CAPÍTULO II**

### **O ESPAÇO FABRIL PRODUZINDO SUJEITOS E RELAÇÕES: TRABALHO, SEXUALIDADE E DESEJO NO ENCONTRO OPERÁRIO**

“Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira;  
são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter  
outros efeitos”  
(Michel Foucault, 2017).



## 2.1 Operários LGBTTTs no cotidiano fabril: na transgressão a busca pela reafirmação das sexualidades

A grande fábrica apresentava seus atores no ir e vir das jornadas diárias de trabalho. Nesse movimento incessante, orientações sexuais e de gênero se misturavam. Os operários LGBTTT conviviam com os demais operários num território que abarcava ricas possibilidades de táticas para se viver com criatividade a plena afetividade e o desejo homoerótico. Esse capítulo tem como objetivo apresentar os espaços e os encontros homoeróticos que neles ocorriam. Aquela espacialidade se tornava, por vezes, território<sup>66</sup> do encontro subjetivado pelo desejo, conduzindo os sujeitos a práticas de conquista a partir da aproximação como “outro”. Faz-se importante considerar que as relações sociais entre os operários na fábrica refletiam o que se é observado no contexto social contemporâneo como um todo.

Benhur Pinos da Costa (2012, p. 38), ao tratar da sociedade, materializa-a como sendo o “resultado de um emaranhado de expressões de sujeitos e grupos sociais diversos que se diferenciam em virtude dos seus modos de inserção econômica ao modo de produção e por identificações de cunho subjetivo-pessoais e culturais diversas”. As relações de alteridade estavam presentes no cotidiano fabril vislumbrando esse emaranhado de expressões de operários diversos e suas identidades de gênero e sexual. Os operários LGBTTT sofriam por transgredirem os padrões morais e estéticos construídos socialmente, sofriam em situações onde precisavam colocar-se fora do centro das configurações de poder quando ocorria o “interesse” pelo “outro”.

As formas de se aproximar e de conquistar os demais sujeitos masculinos exemplificavam a transgressão ocorrida em alguns espaços da fábrica. Conforme os relatos dos indivíduos entrevistados *Agrado* e *Adam*, o restaurante ambientava a transgressão de forma velada através da paquera com olhares fulminantes e sedutores entre uma “garfada” e outra, como também revelava o medo dos operários heterossexuais de se aproximarem, no ato da refeição, da operária trans *Agrado*. A esse respeito, ela relata: “esse meu amigo sentava perto de mim mas ele me dava muita satisfação porque estava perto de mim, dizendo que não tinha preconceito [...] deixa as coisas agir naturalmente” (AGRADO, 2016).

---

<sup>66</sup> Marcelo Lopes de Souza (2007 *apud* SILVA, 2009, p. 179) define território como um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros de uma coletividade ou comunidade, os *insiders*) e os outros (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). Territórios que são, no fundo, antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos.

O medo de ser hostilizado por companheiros de trabalho impedia que a diferença fosse de fato interpretada como algo positivo. Os bilhetes com números de contatos telefônicos e corações desenhados definiam as demais práticas de conquistas comuns naquele ambiente, sobre essa prática, abordarei com os relatos mais à frente. Corpos docilizados, disciplinados para o horário da refeição, corpos que codificavam suas transgressões usando este espaço de forma velada para se aproximar e conquistar seus objetos de desejo, como também para definir seus lugares culturais e sociais.

Os banheiros masculinos eram localizados a trezentos metros dos restaurantes. Também eram considerados ambientes de transgressão, mas diferentes dos restaurantes, apresentavam cartografias de ser e de se relacionar com o “outro” moldadas pela subversão explícita. Enquanto no restaurante os corpos se apresentavam dóceis e disciplinados, no banheiro, longe dos olhares dos supervisores e gerentes, os corpos arriscavam a subversão nos comportamentos. Agora livres, se expressavam sem precisar dos bilhetes do restaurante ou dos olhares discretos. No encontro entre masculinos, acontecia a paquera em alto e bom tom. A distância entre os restaurantes e os banheiros era ínfima e o trajeto percorrido indicava a busca do prazer pelo gozo, um caminho motivado pelo desejo e pelas fantasias homoeróticas. Eram corpos masculinos que experienciavam para além do trabalho a concretização do desejo e do sexo<sup>67</sup>, comportamentos observados em grupos sociais não-hegemônicos que resistiam a uma ordem específica dominante, burlando regras heteronormatizadoras no exercício da prática da “pegação”<sup>68</sup>. Os relatos e análises referentes à esta discussão serão retomados nos tópicos seguintes.

Silva (2009, p. 15) argumenta que “o espaço compõe uma realidade heteronormativa, mas também pode subvertê-la”. Nesse sentido, os banheiros masculinos da fábrica representavam um espaço propício para a subversão, apresentando-se como marcadores espaciais da “pegação” homoerótica, simbolizada pela prática da espreita<sup>69</sup>, tanto para operários

---

<sup>67</sup> Para Judith Butler (2015, p. 153), “a categoria ‘sexo’ é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Michel Foucault chamou de ‘ideal regulatório’. Nesse sentido, pois o ‘sexo’ não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: essa materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo”.

<sup>68</sup> Segundo Benhur Pinós da Costa (2014, p. 152), a “pegação” é conhecida popularmente entre sujeitos LGBTs como ações para fins sexuais que vão desde o flerte até os atos sexuais propriamente ditos. Apegação, além de simples diversão e exercício do desejo, existe vinculada à transgressão de um conjunto de instituições e materialidades heteronormativas.

<sup>69</sup> Ainda conforme Benhur Pinós da Costa (2014, p. 153), a prática da espreita pode ser entendida como uma atividade de paquera sigilosa e discreta, porém muito atenta aos sinais da disponibilidade sexual do outro que convive ou passa no mesmo espaço.

LGBTTTs quanto para operários que se reconheciam heterossexuais - HSH<sup>70</sup>. Ainda segundo Silva (2009, p. 15), “os transgressores da norma geral estabelecida são fadados a severas punições, construídas pelas táticas eficazes e sutis da interdição”, ou seja, os operários que subvertiam a realidade heteronormativa estavam sujeitos a penalidades por infringirem o código de ética organizacional. As sanções iam desde uma advertência formal até a demissão por justa causa.

## 2.2 Os restaurantes da fábrica: espaços de sociabilidade que proporcionam o encontro

A minha experiência enquanto trabalhador fabril me permitiu observar alguns deslocamentos. Entre onze horas e meio dia, os operários se revezavam no *chão de fábrica*, encerrando, temporariamente, suas atividades para se dirigirem ao restaurante. Algumas das vezes, eu percebia *Agrado* indo ao restaurante para se alimentar assim como todos os operários e operárias. Em uma hora, ela precisaria retornar para o setor de acabamento e retomar suas atividades laborais. Por volta de meio dia, ela encontrava-se, já em direção ao restaurante, com alguns companheiros que costumeiramente se uniam para juntos realizarem o ato da refeição. Assim como todo aquele contingente, antes de adentrar ao ambiente, higienizava suas mãos, comportamento bastante comum. Quando *Agrado* atravessava a porta de entrada, eu, ali presente, percebia a presença de antigos operários que, sutilmente, acenavam para ela, como também os olhares curiosos dos novos funcionários.

Vindo das mesas, eu ouvia algumas risadas diante da presença que acabara de adentrar aquele espaço. De mão em mão, percebi que entregaram um “bilhetinho” bem dobrado em sua direção. Durante as conversas que tive já no âmbito da pesquisa, perguntei se ela lia os bilhetes que recebia no restaurante, a resposta foi afirmativa: “eu leio e olho pra trás” (AGRADO, 2016). Mas, assim como percebi, rechaçava imediatamente a possibilidade de interagir com o interessado: amassava os bilhetes que recebia no restaurante e os jogavam no chão. Ainda de acordo com a interlocutora, os homens, em sua maioria ditos heterossexuais, deixavam bilhetes sobre a mesa em que ela almoçava. Em geral, o conteúdo dos bilhetes propunha marcar encontros. Em alguns bilhetes, podia ser lido: “[...] ‘Eu tô aqui, olhe pra trás!’”. Quando eu olho tá a pessoa dando com a mão, aí eu faço de conta que não tô nem vendo”, ou como noutro bilhete: “[...] eu li: Olha pra trás eu estou com tal roupa, quando eu olho eu tiro a vista, aí eu

---

<sup>70</sup>*Homens que Fazem Sexo com Homens* (HSH) é uma expressão que se refere a pessoas do sexo masculino que, frequentemente ou esporadicamente, têm atividade sexual com pessoas do sexo masculino mas não se reconhecem como gays.

jogo o papel e ele viu que eu não gostei” (AGRADO, 2016). A operária, à medida que sofria o assédio discreto, refutava quaisquer possibilidades de sinalizar que sentia algum interesse.

*Agrado* acreditava que muitos dos homens operários que se interessavam por ela o faziam apenas por achar que a mesma realizava programas de ordem sexual, conforme relato que abaixo:

[...] Eles deixam telefone e diz ligue pra mim gostosa, eu preciso sair com você. Uns chegam a pensar que eu sou garota de programa, porque pelo fato de eu ser uma “trans” na visão do povo, muita faz prostituição, eu nunca passei por essa experiência de fazer prostituição. Aí chegam a perguntar “e quanto que é seu programa, me dê que eu pago”, nem me interessa. Lá no refeitório quando eu vou almoçar eles deixam muito bilhete assim, eu nem [...] eu recebo muita cantada (AGRADO, 2016).

As táticas de “cantadas” através dos bilhetes eram muito comuns nas relações que surgiam entre os operários heterossexuais e LGBTTTs. No caso de *Agrado*, em específico, foi percebido através de sua fala que algumas cantadas a incomodavam, já que o senso comum associava, de forma equivocada, a imagem de uma trans (*Agrado*) ao travestismo ou à prostituição. Para Letícia Lanz (2015, p. 314-315), “a palavra travesti pode designar indistintamente qualquer pessoa que se apresente em público usando vestuário culturalmente definido para o uso do gênero oposto ao dela”. A autora ainda complementa: “ser travesti implica confrontar, de modo permanente e direto o dispositivo binário do gênero sobre o qual se apóia toda a arquitetura das relações sociais”, ou seja, quando se associa pelo senso comum travestismo à prostituição (fato vivenciado pela operária), ocorre-se um equívoco social que precisa ser combatido.

Silva (2009, p. 136) afirma que:

O termo travesti é compreendido de diferentes formas em distintos contextos espaciais. Há um problema semântico que envolve associações do termo travesti a transgênero e transexual para nomear pessoas que apresentam uma dissonância entre o corpo biológico e a identidade de gênero.

No caso da transexualidade, comumente se acreditava que só quem poderia abarcar essa identidade eram os sujeitos “masculinos” que optavam pela cirurgia de transgenitalização, ou seja, a intervenção cirúrgica da mudança do sexo biológico. Letícia Lanz (2015, p. 329) afirma que “é preciso ficar claro que cirurgias, hormonizações ou outras intervenções médicas não são capazes de legitimar a transexualidade de ninguém”. A autora compreende o processo de identificação como algo profundamente subjetivo, ou seja, o que

legítima a identidade de alguém é a sua própria auto identificação numa dada categoria de gênero.

Berenice Bento (2006, p.44) aborda a transexualidade como sendo “a nomenclatura oficial para definir as pessoas que vivem uma contradição entre corpo e subjetividade”. Dessa contradição, surgem os processos de (res)significação corporal como forma de se deslocar dos destinos biológicos e repensar comportamentos identitários que passarão a ser baseados na subjetividade, na maneira particular de se reconhecerem em determinadas categorias de gênero. Para Berenice Bento (2006, p.44), “o que faz um sujeito afirmar que pertence a outro gênero é um sentimento; para muitos transexuais, a transformação do corpo por meio dos hormônios já é suficiente para lhes garantir um sentido de identidade”. Essa afirmativa confirma o que foi dito nas narrativas da operária *Agrado*. Apesar de não ter se submetido à cirurgia de transgenitalização, ela se reconhece como transexual feminina e vive essa realidade subjetivada por um sentimento de pertença a essa categoria de gênero.

Estudos realizados por Souza (2015, p.6) apontam que existem atualmente dois tipos de transexuais: os transhomem ou transexual FtM (a sigla vem do inglês *Female to Male*, que significa “de mulher para homem”), sendo estes os indivíduos que nascem com organismo biológico feminino e passam a viver socialmente como homens. As transexuais femininas são denominadas como mulheres trans ou transexual MtF, pois são pessoas que nascem com o sexo biológico masculino e se reconhecem socialmente como mulheres. Ainda segundo Souza (2015, p.6) “transexual é toda pessoa que, no momento em que não se identifica como sexo do nascimento, busca a adequação do corpo, conforme o gênero com o qual possui identidade”. É importante frisar que a transição poderá ocorrer de diversas formas, sendo algumas delas utilizando vestimentas usualmente/socialmente consideradas do sexo oposto ou realizando intervenções cirúrgicas.

*Agrado* se auto definia trans. Na fábrica, os operários a percebiam como uma travesti (conforme relato abaixo) que se prostituía. Em nenhum momento *Agrado* revelou o interesse dos seus companheiros de lida em saber como ela se reconhecia. A conotação sexual atribuída à operária tinha como finalidade marginalizar socialmente. Segue depoimento:

[...] Eu não quero me sentir a gostosona [em alta voz], mas num é porque você é gostosa, é bonita não, eles acha assim (falando baixo) que travesti é uma caixa de sexo entendeu? Pra eles? Aí eles acham que é obrigado a deitar em cima, [palmas] é meu ponto de vista com eles (AGRADO, 2016).

O relato reforça o descontentamento de *Agrado* frente à conotação sexual que lhe é atribuída no ambiente de trabalho. Ao assumir-se como uma pessoa trans, *Agrado* automaticamente gerou uma série de impressões de cunho machista e preconceituoso por representar um indivíduo que transgrediu as condutas do gênero conforme. O termo “travesti” passou a soar de forma pejorativa, implicando sérios desdobramentos no dia a dia de trabalho, e o desrespeito passou a ser uma prática constante com a qual ela tem de lidar todos os dias. Uma contradição, já que a organização preza pela igualdade entre seus colaboradores.

Dentre os nove mil operários e operárias que trabalhavam nessa fábrica de calçados da cidade de Campina Grande, *Agrado* era apontada como a única transexual MtF: “[...] mas a única trans sou eu, recebi até uma homenagem lá [...] que eu era a única trans que trabalhava em indústria brasileira, indústria de calçados, que a maioria é cabeleireira, essas coisas[...]” (AGRADO, 2016). Em seus estudos, Braz (2012, p. 36) dissertou sobre o comportamento da travesti afirmando que:

O fato de não se sentirem aceitas na sociedade faz com que só sejam reconhecidas quando realizam atividades que estejam ligadas ao que é construído para o feminino, como por exemplo, cabelereira, manicure, maquiadora, ou o trabalho em cozinhas, na qual essas atividades são estabelecidas para as mulheres. Sendo assim, as travestis teriam a necessidade de realizar essas atribuições como forma de legitimar o processo de transformação de seus corpos.

Estudos apontam que as pessoas travestis e transexuais, em sua maioria, tendem a seguir o caminho da prostituição. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), os dados apontam que 90% das pessoas trans recorrem à prostituição em algum momento da vida ou atuam em empregos informais nas zonas periféricas das grandes cidades por não terem oportunidades no mercado de trabalho formal, devido ao preconceito cultural e social. Muitas delas buscaram atividades associadas ao feminino num processo incessante por legitimação. *Agrado* se posicionou à margem desse discurso de “exclusão” quando assumiu a função de operária em uma grande fábrica, exercendo funções associadas ao masculino, não perdendo suas características psíquicas e/ou corporais femininas.

As investidas sofridas diariamente por *Agrado* nos restaurantes da fábrica, quando bem observadas, fornecem uma extensa gama de possibilidades de se problematizar sujeitos que são marginalizados por conta de sua identidade de gênero e/ou sexual. No caso de *Agrado*, o que se torna passível de problematização é o fato de ela ser uma funcionária efetiva e com qualificação profissional numa grande corporação, e, mesmo assim, ser associada à prostituição, além de sofrer com condutas transfóbicas dentro do ambiente corporativo, reflexo

do comportamento social, obstáculo tanto para as travestis como para as transexuais nos dias de hoje.

Os relatos de *Agrado* colaboraram com esse estudo no sentido de se buscar compreender as relações de gênero que se formam no cotidiano fabril. Através de práticas de conquistas, como as dos “bilhetinhos”, pude observar como a imagem de uma pessoa trans é produzida por indivíduos do sexo masculino no ambiente de trabalho. O gênero transgredido indica que a sexualidade do indivíduo que transgrediu é vista (pelos operários heterossexuais) de forma promíscua, não condizendo, de fato, com a representação trazida por *Agrado* em suas narrativas.

Outro interlocutor dessa pesquisa também relatou suas experiências nos horários de refeições na fábrica. *Adam* é um operário homoafetivo assumido que sofreu preconceitos no interior da fábrica por pares e supervisores, mas no ambiente de sociabilidades – restaurante –, afirmou nunca ter sido desrespeitado. A aproximação com os companheiros ocorria através das supostas “brincadeiras”, e não necessariamente através as paqueras ou bilhetinhos. Segundo o relato do operário:

[...] Eles são mais “respeitosos” no refeitório. Até porque eu janto com os meninos, eu nunca jantei com as meninas. Eu sempre janto com os meninos, com os homens [...] a gente sempre se respeita. Tem aquelas brincadeiras mas mesmo assim a gente se respeita, tanto eu respeito eles (ADAM, 2017).

A esse respeito, a consideração de Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010, p. 891) é a de que “em face da multiplicidade de manifestações sociais no mundo organizacional, o humor se destaca como forma de comunicar algo, mesmo que não explícito, aparando arestas e suavizando críticas e agressões, sob o pretexto de provocar o riso”.

*Adam* criava táticas de aproximação e de defesa para poder sobreviver ao preconceito, dada sua orientação sexual assumida no ambiente de trabalho. Irigaray (2010, p. 9) contribui afirmando que “a orientação sexual, por si só, já é fonte de pressão e discriminação no ambiente de trabalho”, uma realidade comum no cotidiano deste operário assumido. No desenrolar das relações que *Adam* construía, esta discriminação era explicitada como um “desdém” pelo fato de ter sua orientação sexual assumida na fábrica. As brincadeiras “bem humoradas” caricaturavam-no como o “engraçado” e possuíam no “riso” sua forma de sutilmente camuflar a discriminação.

O fato de escolher jantar com os “meninos” soava como uma tática de defesa utilizada por *Adam* para se sentir protegido diante das brincadeiras ditas masculinas externas ao grupo de companheiros, já que, por estar entre sujeitos do sexo masculino e sendo homem cisgênero,

na prática, não atrairia a atenção dos demais operários. Caso ocorresse de atrair, seria respeitado por ser partícipe de um grupo supostamente heterossexual. Em contrapartida, percebe-se uma tática de aproximação, já que, por estar entre operários que representavam o masculino numa composição heterossexual, *Adam* criava oportunidades de estreitar laços através da amizade a partir das brincadeiras que ocorriam no convívio ao se reunirem para as refeições. Quando interpelado sobre quais brincadeiras aconteciam no refeitório, ele respondeu:

[...] Tipo assim, ficar me agarrando, me chamar de meu amor [...] mas só brincadeira mesmo, mas assim nada, além disso [...] agarram mas como amizade mesmo, mas na brincadeira, assim, nada a sério [...] “Venha cá meu amor, meu gostosinho e tal”, eu sei que é brincadeira deles, aí eu relevo. Entro na brincadeira junto com eles (ADAM, 2017).

O “ódio” contra os homoafetivos se vestia com o “riso” e com o “escárnio”. As piadas e as brincadeiras de cunho transfóbico e/ou homofóbico se resumiam às intenções depreciativas para com os sujeitos LGBTTTs. *Adam* apresentava características culturalmente associadas ao feminino. O andar era considerado por seus pares e supervisores “delicado demais”, e o timbre de sua voz, agudo, o que levava os companheiros de trabalho de *Adam* a associá-lo ao estereótipo<sup>71</sup> cristalizado (de maneira equivocada) do *gay*, o que provocava o riso por parte de alguns operários que construía representações, fazendo-as circular no interior da fábrica. Segundo Woitowicz (2009, p. 5), “esta presença do riso na cultura popular demonstra que, em diferentes contextos, o humor é capaz de se revelar como veículo de expressão de modos de pensar e viver, que se manifesta de modo singular”. O riso, portanto, tinha seu tom de divertimento tanto como uma atividade criadora para o entretenimento nos intervalos das atividades fabris, como para a própria crítica ao “diferente”. Através do humor sutilmente ácido, as brincadeiras homofóbicas faziam ecoar o riso e pulverizar o preconceito pelos “quatro cantos” da fábrica.

Outro relato de *Adam* mostrou um comprometimento de suas estratégias de aproximação com os operários heterossexuais da fábrica. Segundo *Adam*, os operários heterossexuais

---

<sup>71</sup> Para Silva (2000, p. 54), “estereótipo é a opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence. O etnocentrismo, o racismo, o sexismo, a homofobia, baseiam-se, todos, em grande parte, na produção e reprodução de estereótipos sobre os respectivos grupos sociais atingidos por essas atitudes tendenciosas. Os Estudos Culturais têm preferido utilizar, na análise do etnocentrismo, do racismo, do sexismo e da homofobia, o conceito de ‘representação’, por permitir ressaltar as relações de poder envolvidas nesse processo, bem como o papel central da linguagem na produção de visões específicas sobre a alteridade”.



formaram um grupo na rede social *Whatsapp*<sup>72</sup> para trocar informações sobre futebol. De forma involuntária, *Adam* enviou para o grupo uma foto onde aparece despido. Assim ele conta:

[...] A gente fez um grupo, assim um grupo de “fuleragem” assim, só pra comentar o negócio de time, o que tá acontecendo na fábrica. Aí nesse dia eu ia mandar um “nudes” pra um carinha lá, mas não da fábrica, outro carinha lá, aí como o nome do grupo tava logo em cima aí eu cliquei e mandei a foto sem ver que era pro grupo lá da fábrica. Quando eu cheguei na fábrica foi o maior comentário, o pessoal só falava nisso, o comentário durou a semana todinha, só comentavam sobre essa foto (ADAM, 2017).

Pedi para que ele me relatasse como era a foto divulgada no grupo virtual: “era a parte da bunda sem nada, só mostrei só a bunda. Não acharam bom, não, que acabou o grupo né? Porque eram todos héteros e só tinha eu lá” (ADAM, 2017). As conversas sobre o ocorrido tiveram ampla duração, *Adam* afirmou que durante toda a semana se falou sobre o evento da foto. Apesar de ter comprometido seu relacionamento com o grupo de heterossexuais, ficava claro que ele precisaria de uma tática de defesa que o imunizasse dos comentários dos operários na fábrica e em suas dependências como os próprios restaurantes, já que são neles que o contingente operário se reunia para se alimentar e conversar. Como tática de defesa ao ser indagado pela coragem em ter enviado a foto para o grupo, *Adam* respondia:

[...] Eu falei: o que é que tem homem? Deixa o povo ser livre, tem que tirar foto, tem que mandar mesmo. Meu superior é bem relax assim, num liga não. Até porque ele diz que prefere trabalhar com a gente do que trabalhar com os héteros que eles são. A gente é mais fiel assim ao trabalho do que eles, do que os próprios héteros. Meu ex-supervisor sempre dizia isso né? Até porque no apoio dele tinha eu e mais outro e uma menina, pronto. Só nós três mesmo. Que era mais de confiança dele (ADAM, 2017).

No trecho “deixa o povo ser livre, tem que tirar foto, tem que mandar mesmo”, *Adam* utilizou-se de uma fala que quebra com a moral vigente, com as normas e códigos de conduta sociais partindo da premissa de que todo ser humano é livre. Era perceptível o risco que ele corria com a divulgação de uma foto pelos ambientes da fábrica onde ele se expunha de forma desnuda, era perigoso. O grupo era heterossexual, a temática principal era o entretenimento futebolístico, mas não deixava de ser um grupo formado por companheiros de trabalho. Existia uma ética baseada na moral. Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010, p. 894) afirmam que

<sup>72</sup> *Whatsapp* é um *software* para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *Internet*. O grande diferencial do *Whatsapp*, segundo os seus criadores, foi a inovação do sistema de utilização dos contatos telefônicos no *software*.

Ao contrário dos negros, mulheres, deficientes e obesos, discriminados e estigmatizados pelas suas características físicas e mentais, os *gays* o são pela percepção social de um desvio de conduta moral, que comprometeria seus desempenhos profissionais.

Por ser homossexual, o acontecimento tomou uma grande proporção. Falava-se sobre o ocorrido, julgavam e o condenavam. Para aquele contingente de operários, houve um desvio de conduta moral por parte de *Adam*. O mesmo, quando questionado por seu supervisor imediato, apenas retrucou: “deixa o povo ser livre”. No momento do “deslize” se encontrava fora dos limites da fábrica, nada o impedia de validar sua existência plena. Apesar da vigilância ininterrupta dos companheiros operários no ambiente virtual, *Adam* não cometeu nenhum dano à organização. O grupo, apesar de composto por funcionários fabris, não se reuniu com fins profissionais, e o operário *Adam* estava consciente dessa empreitada.

As falas de *Adam* representavam a construção de uma existência singular e bela, de uma maneira particular e corajosa de ser. Ao tempo em que *Adam* tentava se adaptar a algumas convenções, também “quebrava” com as regras que impunha a heterossexualidade enquanto modelo a ser seguido. As táticas de aproximação vieram a somar em sua própria (res)significação enquanto sujeito do “eu-ético”, que, segundo Rago (2008, p. 128), é “transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta”.

A esse respeito, Michael Foucault (2004, p. 75) complementa esta consideração ao afirmar que o sujeito é constituído “por meio das práticas de assujeitamento, ou de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade, desde (bem entendido!) de certo número de regras, estilos, convenções”. *Adam* buscava atravessar esse conjunto de regras essencialmente baseado na obediência aos códigos morais, se apresentando enquanto sujeito da experiência que era livre, ao invés de anular-se com violência através de culpas e ressentimentos, para fazer de sua vida uma obra de arte.

Os espaços de sociabilidades da fábrica parecem narrar sobre os operários que ali transitavam e sobre suas relações. O restaurante foi palco de encontros que revelaram táticas de defesa, do riso e do escárnio, do assédio discreto. Práticas de conquista, como as dos bilhetinhos, estavam presentes no convívio quase festivo propiciado pelo momento da refeição, assim como as brincadeiras de cunho sexual e afetivo. Os sujeitos e suas relações muito tinham a contar sobre suas experiências e sobre os lugares da fábrica, enquanto espaços propícios aos acontecimentos, possuíam uma gama de representações veladas que, aos poucos, iria sendo revelada. Para além dos restaurantes, os banheiros masculinos refletiam simbologias,

representavam lugares de subversão, onde práticas da sexualidade poderiam ser observadas com mais afinco quando adentradas as suas dependências.

## 23 Nos banheiros masculinos, práticas espaciais homoeróticas que subvertem a ordem

“Sentado no vaso sanitário, ouvindo o som das descargas dos banheiros vizinhos, como se fosse o som de longínquas cachoeiras, ele tenta lembrar os balbucios, a respiração do parceiro, cada vez mais alterada pela emergência do prazer”

(Albuquerque Junior, 2010, p. 48).

Os corpos dóceis eram encontrados nos restaurantes da fábrica, ali se apresentavam contidos, censurados e submetidos às estratégias de disciplinamento pelos códigos de moral e ética social e institucional, como também se localizavam nos espaços dos banheiros, não mais dóceis, se apresentavam arredios, indisciplinados e transgressores quando propensos à prática da “pegação”. As mudanças de comportamento eram observadas: os banheiros produziam ares de liberdade, como, também, de libertinagem. Os corpos estavam à deriva, configurados pelos cinco sentidos, se deslocavam num campo onde poderiam atuar rompendo padrões de moralidade.

A fábrica se apresentava como um lugar de grande trânsito de pessoas e de informações, seus espaços eram condicionantes à multiplicidade de possibilidades de convivências entre os operários que se deslocavam por seus espaços. As narrativas dos sujeitos interlocutores desta pesquisa apresentavam os banheiros masculinos como sendo lugares da liberdade, onde múltiplas eram as variações e formas de agir e de aparecer, relativizando os aspectos éticos e estéticos da vivência cotidiana operária. Com aproximadamente duzentos metros de área construída, numa planta que comportava dois mictórios, área para banhos e vestiários, armários com chaves, lavatórios espelhados e vinte cabines sanitárias com portas de alumínio e travas, os banheiros masculinos da grande fábrica sugeriam representações que se posicionavam para além das rotineiras atividades fisiológicas.

Um espaço transitado cotidianamente e de forma ininterrupta, tipos masculinos que apressadamente lançavam seus olhares uns sobre os outros. Alguns demoravam na parte interna, os demais apenas acompanhavam seus companheiros de jornada no ato de higienização das mãos antes das refeições se posicionando na entrada. O espaço físico apresentava, em sua parte inicial de acesso, as cubas e lavatórios. Caminhando um pouco mais, se encontravam os mictórios. Adiante e afastados, localizavam-se os vestiários e as cabines sanitárias divididas por suas paredes de, aproximadamente, dois metros e meio, numa tonalidade fria de branco-

neve. As portas das cabines com suas travasse apresentavam abertas (quando não utilizadas) ou fechadas (quando utilizadas por algum operário). O fato que me chamava a atenção era o de que, das vezes em que transitei por esses espaços, observei que algumas cabines sanitárias em utilização produziam suas brechas e espreitas, de forma proposital ou não, suas portas se mantinham visivelmente “entreabertas”.

A iluminação do ambiente tornava-se precária à medida que se caminhava em direção aos compartimentos internos. A luz amarelada minguava, deixando a visão turva, e para além da visão, os sentidos eram ativados de forma a perceber sons e odores. O caminhar que já se distanciava da entrada deixava para trás o barulho intenso e os cheiros de desodorizantes passavam a compor uma paisagem sensível e floral. Bacias sanitárias higienizadas exalavam seus odores, um corredor de portas se apresentava e, de ambos os lados, as cabines sanitárias sorriam convidativas para os corpos solitários que buscavam realizar suas atividades fisiológicas, como também os corpos que, à espreita, aguardavam o momento do encontro com “outros”, na busca insaciável pelo gozo e pelo prazer subversivo homoerótico.

A homoerotização do espaço onde se localizam as cabines era percebida por pichações diversas nas paredes internas das mesmas. Desenhos dos órgãos genitais masculinos como forma de despertar o desejo no “outro” sugestionavam o ato sexual viril entre homens, como também o desejo homoerótico apresentado em reproduções imagéticas nas paredes. Os escritos eram contornados com canetas esferográficas ou no estilo “grafite”. Os enunciados estavam endereçados aos operários LGBTTTs e HSH e se faziam percebidos pela sensibilidade do olhar. Os contatos telefônicos ali expostos tinham a função estratégica de concretizar os encontros de ordem sexual tanto nos banheiros da própria fábrica quanto para além de seus portões. Os interessados em “sexo casual” prometiam prazer intenso, cabine por cabine, os enunciados pichados nas paredes iam ganhando grandes proporções, à medida que outros atores entravam em cena para explicitar seus desejos transgressores. Convido o leitor a observar as fotografias abaixo:

**Figura 1:** Fotografias de anotações eróticas e homofóbicas escritas nos banheiros da fábrica.



Fonte: Fotografia cedida Milk, 2016.

A primeira imagem era bastante comum entre as pichações observadas. Tanto nas paredes quanto nas portas das cabines sanitárias, vários números de contatos telefônicos estavam espalhados como uma última tentativa de se conseguir marcar um encontro. Sem denunciar o nome do interessado, o enunciado camuflava a identidade do operário e, ao invés do nome, a “pessoa” passava a ser associada apenas ao número. A segunda imagem explicita a homofobia. O termo “boiola” assume um tom pejorativo na intenção de pulverizar o preconceito contra os operários LGBTQTTs na fábrica. A terceira imagem pulverizava o falocentrismo, tendo a representação imagética do “falo” escrita à caneta “piloto”. O órgão sexual masculino era

comumente desenhado ou escrito nas paredes e portas como forma de seduzir ou ridicularizar os demais tipos masculinos que circulavam nos banheiros. Pode simbolizar a força do operário “macho”.

De forma esporádica, numa ação chamada de “anti-vandalismo”, os enunciados eram apagados com tinta branca por determinação da administração da fábrica, mas, cotidianamente, novos enunciados começavam a aparecer, inclusive os enunciados de cunho “homofóbico” e/ou “transfóbico”, nomeando e identificando os sujeitos LGBTTTs que ali trabalhavam, sendo considerados o “outro”, o diferente, o anormal, o sujo, o deprimente. Os diálogos nas paredes passavam a ser desrespeitosos e depreciativos. Nesse contexto, os enunciados são endereçados a determinados indivíduos e têm a finalidade de atingi-los, de chamar a atenção do contingente humano que transitava e realizava suas leituras por meio do modo de endereçamento, no qual Elizabeth Ellsworth (2001 *apud* GOMES, 2011, p. 33) afirma ser um “[...] conceito que se refere a algo que está no texto e que age, de alguma forma, sobre seus expectadores imaginados ou reais”. A força dessas pichações movimentava a vida sexual e afetiva na fábrica, os códigos de ética eram confrontados por novos contornos da sexualidade flutuante.

Os banheiros masculinos da fábrica representavam um espaço que produzia o encontro de corpos para a prática da “pegação” homoerótica nas cabines sanitárias. Para Benhur Pinós Costa (2014, p. 158), “a ‘pegação’ homoerótica apresenta-se como uma ação espacial vinculada a uma qualidade singular do ser que age, ou seja, sua busca sexual e afetiva relacionada ao desejo, socialmente construído como transgressivo, ao mesmo sexo”.

A “pegação”, aqui entendida como uma “prática sexual homoerótica”, ocorria nos espaços das cabines sanitárias, estas eram o “refúgio” para aqueles operários que desejavam trocar carícias sexuais nos pequenos intervalos de suas atividades laborais. Toda uma ação era “pensada” para sorrateiramente burlar a ética institucional do trabalho, e nesse ínterim, as estratégias e táticas antecederam o encontro de corpos consumidos num movimento “invisível” pelo território fabril. A “pegação” também pode ser compreendida como uma tática homoerótica que se movimenta no campo do inimigo, já que esse inimigo é aqui percebido como sendo a instituição (fábrica) com seus códigos éticos e regras de disciplina moral. Chegar ao lugar dos encontros para “o ato” coexistia todo um trajeto por entre os corredores, ruas e vielas da fábrica, espaços que representavam os marcadores espaciais da “pegação” por abrigarem uma variabilidade de performances e expressões corporais de gênero e sexualidade, como afirma Benhur Pinós da Costa (2014, p. 154):

Os marcadores espaciais de 'pegação' (trajetos, pontos e lugares específicos do espaço urbano) abrigam uma variabilidade de possibilidades de expressões e performances corporais de gênero e de sexualidade de diferentes sujeitos e isto tanto inclui uma variabilidade de figuras do mundo LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), assim como uma gama de sujeitos que conscientemente não se identificam com este rol LGBT, como, por exemplo, os homens que fazem sexo (esporadicamente ou mais assiduamente) com outros homens.

Nos corredores da fábrica, em momentos que antecediam os horários de refeições, o contingente humano operário transitava de forma expressiva. Operários de vários setores se encontravam no caminho rumo aos restaurantes, um caminho cheio de trajetos e pontos de espera (pontos onde os colaboradores marcavam diariamente para juntos seguirem ao restaurante). A cada movimentação ficava nítida a diversidade, operários LGBTTTs se misturavam aos operários heterossexuais, e nesse movimento de encontro, surgiam as oportunidades estratégicas para se aproximar do “outro”, para tentar conquistar, paquerar e, por fim, marcar a “pegação” no banheiro.

O operário *Milk*, assumidamente *gay* no ambiente familiar e no trabalho, em seus relatos, expôs suas vivências e aventuras de cunho sexual na fábrica. Nas narrativas, ficou nítido a utilização dos marcadores espaciais homoeróticos para iniciar todo o processo de sedução, assim como a utilização do ambiente virtual através do *Whatsapp*, ferramenta que possibilitava a aproximação do “outro”. A comunicação era discreta e o ambiente físico e o virtual indicavam espaços praticados pelo afeto e pelo desejo.

Michael Kimmel e Michael Messner (1992 *apud* Louro, 2015, p.22) afirmam que

Alguns estudiosos afirmam que são comuns, entre rapazes e homens, em muitas sociedades, os tabus sobre a expressão de sentimentos, o culto a uma espécie de “insensibilidade” ou dureza. Nas suas relações de amizade, podem ser acentuadas a camaradagem e a lealdade; no entanto, são mais ou menos frequentes os obstáculos culturais à intimidade e à troca de confidências entre eles.

A aproximação íntima entre dois operários masculinos que trabalhavam num mesmo *chão de fábrica* poderia, de imediato, alarmar os demais companheiros, também masculinos, sobre a possibilidade de práticas homoeróticas, inclusive, com riscos de serem denunciados ou agredidos. O comportamento de *Milk* e a discrição que este impunha tanto a si mesmo quanto aos operários com quem se relacionava afetivamente eram apenas o reflexo dos tabus sociais sobre a expressão dos sentimentos entre os variados tipos masculinos. Culturalmente, o homem é pedagogizado para ser viril, portanto, uma aproximação que deixaria visíveis expressões corporais de afeto, como o beijo e o abraço, denotariam uma relação íntima, o que não era permitido pelo modelo heterossexual vigente.

*Milk*, quando combinava seus encontros nos banheiros da fábrica, administrava todas as situações, desde a maneira como se aproximaria do interessado até a concretização do ato sexual no banheiro. Todo o trajeto era pensado de uma forma a não criar sequer especulações, para que nem ele e nem seu parceiro fossem descobertos. A esse respeito, Guacira Lopes Louro (2015, p. 27) afirmou que “as coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação”. De forma silenciosa e dissimulada, com um comportamento assumido por medo de retaliações dentro da organização, *Milk* marcava encontros e desenhava trajetos.

Embora livre para viver sua sexualidade, na fábrica, *Milk*, assim como os demais trabalhadores, estavam condicionados a um regime de normas, o que não os impedia de experimentar suas fantasias e desejos homoeróticos. Nesse contexto, os banheiros representavam os esconderijos onde se materializavam os desejos transgressores para *Milk* e seus parceiros, estes vivenciavam nos banheiros e nas cabines sanitárias a oportunidade de experimentarem suas sexualidades transgressoras, já que não era possível em suas rotinas sociais fora da fábrica.

Abaixo, *Milk* relatou suas táticas homoeróticas como também, nas entrelinhas, descreveu esse “outro” como sendo “homem”, supostamente, heterossexual, que camuflava seus desejos homoeróticos por ser casado com mulher e ter constituído família, exemplificando, nesse caso, a prática HSH muito comum. *Milk* relatou que

[...] Tem um cara que trabalha lá no moinho da fábrica 1, era lá da 1, tipo geralmente a gente sempre curte, geralmente quando a gente tem tempo aí ele passa por mim, aí ele olha e baixa a cabeça e vai descendo, aí eu já sei o que é [...]. É homem, ninguém sabe não, aparentemente. Aí tipo quando ele foi lá no banheiro, aí ele sempre deixa a porta meio que “entreaberta” e entra nas cabines, geralmente os caras quando vão mijar não deixam a porta aberta, tem gente que deixa, mas geralmente ele deixa aberta e fica de costa, aí quando eu vejo que é ele eu (pahhhhh) vou e abro (MILK, 2016).

A comunicação muitas vezes ocorria pelo olhar, a porta da cabine sanitária “entreaberta” era interpretada como um código específico utilizado por sujeitos que faziam da “espreita” uma prática. Benhur Pinós Costa (2014, p. 153) define a prática de espreita como sendo “uma atividade de ‘paquera’ sigilosa e discreta, porém, muito atenta aos sinais da disponibilidade sexual do outro que convive ou passa no mesmo espaço”. *Milk* deixava entender que estava interessado em “sexo” quando, de forma proposital, sentava-se solitário nos bancos localizados nas imediações externas do *chão de fábrica*. Quando percebia a presença de *Milk* nos bancos,



os olhares se entrecruzavam e o “outro” dirigia-se ao banheiro, entrando em uma das cabines. Em seguida, *Milk* caminhava na mesma direção, também entrava no banheiro e, cautelosamente, procurava a porta que estava entreaberta para adentrar na cabine, cujo operário se encontrava.

Quando indagado sobre o trânsito de pessoas no banheiro, *Milk* (2016) foi enfático em afirmar que “geralmente essa hora não tem muito movimento, não tem muita gente”, ou seja, os horários com menor fluxo eram os escolhidos para o encontro. Quando perguntado sobre o tempo médio em que permaneciam na cabine, ele respondeu: “[...] uns quinze minutos, é pouco, mas é rápido”. Em alguns encontros, *Milk* relatou que havia penetração e que ele, em todos os momentos preferia ser penetrado, mas, na maioria das vezes em que se encontravam, ocorria a “pegação”, sem, necessariamente, o ato de penetrar. *Milk* ainda relatou que “[...] a gente começa a dar um sarro, não beija, mas morde o pescoço, essas coisas, aí eu começo a chupar ele”. Os banheiros masculinos supõem uma heterossexualização do espaço, a subversão “apressada” de sujeitos como *Milk* quebrava de forma intermitente com as hegemonias de orientação sexual.

O ser e agir homoafetivo de *Milk* quando transitava pela fábrica expunha toda uma estética comportamental que sugeria traços femininos, comportamento que incomodava sujeitos preconceituosos. Um típico “rapaz alegre” que construía suas vivências sendo quem realmente era e, para isso, rejeitava ser um produto da heteronormatividade. O fardamento cingido e o andar delicado indicavam traços “estereotipados” de um masculino considerado “diferente” por se apresentar feminilizado nos modos de agir e falar. *Milk* era um corpo visivelmente transgressor a essa ideia de masculinidade heteronormativa que dita como o comportamento masculino deve ser. Nesse sentido, Elisabeth Badinter (1993, p. 10) considera que “a masculinidade é um conceito relacional, pois só é definida com relação a feminilidade [...] embora o ‘macho’ e a ‘fêmea’ possam ter características universais, ninguém pode compreender a construção social da masculinidade sem referência ao outro”.

A masculinidade era evidente nas práticas comportamentais dos sujeitos operários. A partir de suas observações sobre o feminino que circulava na fábrica, construía suas maneiras de agir e de se comportar, tentando se distanciar do trato delicado. Se reafirmavam operários, machos que se conduziam pela força e pela agressividade não só na relação com as máquinas, mas, acima de tudo, com seus pares. O comportamento para ser considerado “normal” deveria ser rude, apresentando virilidade. O “outro”, ou seja, “estranho”, era aquele operário que rompia com esses atributos, ao invés de apresentar um comportamento viril (atributo dado pela

sociedade heteronormativa ao masculino), em seus modos de ser e agir, soava estranho a delicadeza.

*Bobby*, operário de prensas, colaborou com sua fala ao afirmar que ocorria preconceito na fábrica quando alguns sujeitos eram associados ao feminino: “isso vai interferir também, eu acredito que o “jeito” da pessoa ele é seu, mas a partir do momento que as outras pessoas começam a lhe analisar diferente eles começam a ver você como uma menina” (BOBBY, 2016). *Milk*, apesar de sofrer diversos tipos de preconceitos por se aproximar de um comportamento associado ao feminino, continuava se portando de maneira autêntica, ignorando comentários negativos ao seu respeito.

Dentre suas táticas de aproximação, a ferramenta do *Whatsapp* lhe era muito “cara”. Ao aproximar-se para conversas triviais e intencionais, *Milk* sabia que a troca de contatos telefônicos e “*whats*” o aproximaria dos operários pelos quais se interessava e permitiria que a intimidade ocorresse de forma efetiva, já que as conversas virtuais dispunham de troca de áudios como também de fotos. Abaixo, *Milk* relatou uma de suas estratégias para conseguir o contato via *Whatsapp*:

[...] Geralmente assim, eu gosto de caras muito sarados, aff, eu tenho uma fixação, é minha preferência. Aí geralmente eu fui e disse “ai meu Deus, como eu vou fazer?” Aí fui naquele negócio de perguntar a hora e eu com o celular no bolso. Era umas 18:30 a hora que eu fui jantar. Aí ele tava sentado, eu disse “tem a horas?” ele disse “tem não”, “mas tu num tá com o celular aí no bolso?” Daí ele “mas meu celular não sei se tá certo [...] Aí ele disse “isso é *migué* né?”. Aí eu disse “como assim?”. [...] ele “(jogada?)”; eu disse “não” [...], ele falou “mas sente aí pra gente conversar”; daí ele “tu trabalha aonde?”; falei “trabalho aqui no silk” [...], “tu faz o que lá”? Respondi “sou recebedor”, ele “oxe, vida boa”. Daí eu perguntei: “e tu trabalha aonde?”. Ele “trabalho nas prensas, morrendo”. Daí eu perguntei: “tu vai voltar de que horas?”. Aí ele disse: “vou voltar de oito horas, tô descansando aqui, já já eu vou”; porque geralmente o pessoal das prensas tem 10 minutos para as máquinas formar as mantas. Daí eu perguntei “tu tem *whats*?”. Ele falou: “tenho”; “se eu te pedisse tu mandaria?”. Ele disse “mando”. Aí nisso já foi a questão X da história (MILK, 2016, grifos nossos).

A ferramenta virtual se tornou fundamental para que o objetivo de *Milk* fosse alcançado. Na fábrica, ocorreu a aproximação de corpos, a interação, mas foi a partir do aplicativo *Whatsapp* que o encontro foi sendo amadurecido. Quando questionado se a estratégia havia dado certo, *Milk* (2016) foi enfático: “[...] Rolou com uma semana depois. Todos os combinados davam errado [...] porque assim, como ele é casado, ele trabalha de manhã ai fica complicado. No começo ele mencionou até dinheiro, mas, fomos conversando, conversando e contornei”.

Quando *Milk* se referiu à oferta em dinheiro, é importante frisar que muitos dos operários que eram “paquerados” por ele tentavam cobrar pelo ato sexual. Outro ponto observado é o de que a maioria dos operários heterossexuais que se disponibilizavam a prática do encontro e do ato sexual homoerótico eram, em grande maioria, casados com mulheres, com filhos provindos de famílias heteronormativas. Dentre esses operários casados, *Milk* já se relacionou com um dos seus líderes na fábrica. Segundo ele, o líder o procurava de forma insistente via *Whatsapp*. Quando questionado se havia ocorrido algum envolvimento com supervisores fabris, o mesmo relatou que não. Quando perguntado se estaria aberto a cantadas de supervisores, ele responde aos risos: “lógico, mas, com uma questão, ser mudada minha função” (MILK, 2016). Apesar de ter interesses reais de se desligar da fábrica, *Milk* não rechaçava a possibilidade de, através dos incentivos sexuais, ascender às funções que lhe forneciam melhores condições financeiras e de trabalho.

Outro depoimento que colaborou com a discussão acerca das oportunidades de trabalho que esses sujeitos tinham na fábrica aparece nos relatos do operário *Bobby*. Enquanto *Milk* se disponibilizaria a oferecer serviços sexuais em troca de melhores posições profissionais na fábrica, *Bobby* entendia que, para se tornar competitivo frente às promoções profissionais, era necessário performatizar uma postura heterossexual.

Para Croteau (1996 *apud* Irigaray; Saraiva e Carrieri, 2010, p. 894), “há evidências de que ser identificado como homossexual no mundo corporativo pode comprometer a ascensão profissional de um indivíduo, em função de sua dificuldade em elaborar uma rede de contatos”. *Bobby* acreditava que assumir-se homoafetivo no ambiente fabril poderia colocá-lo em desvantagem, já que os melhores cargos eram distribuídos para os operários heterossexuais, deixando nítido, com essa fala, o preconceito latente na fábrica. Em entrevista, relatou: “[...] hoje eu vejo dessa maneira, que você pela postura de heterossexual dentro do ambiente fabril você tem mais oportunidade de avançar de cargo de que quem se assume ali e dá a cara a tapa” (BOBBY, 2016).

Quando cruzei as vivências narradas por *Milk* com os depoimentos de *Bobby*, percebo *Milk* como um sujeito corajoso por se permitir burlar o modelo heteronormativo para viver sua vida na fábrica e para além de seus portões de forma intensa. No *chão de fábrica*, nos restaurantes e banheiros *Milk* autoafirmava sua sexualidade, construía suas estéticas sem se preocupar com o que pensariam sobre ele ou até mesmo sobre as oportunidades de trabalho que poderiam lhe ser negadas. *Bobby*, por sua vez, buscava enquadrar-se no estilo de vida heterossexual, dialogar e participar de grupos como forma de se proteger do preconceito à

medida que concretizava laços de amizade. *Agrado*(2016) seguia, como a mesma disse: “[...] matando cem leões por dia”. Cada dia de trabalho finalizado significava uma vitória, a sua luta por espaço e reconhecimento era diária e ininterrupta, fosse esta no *chão de fábrica*, nos restaurantes ou nos banheiros.

### 2.3.1 Uma mulher no banheiro dos homens?

“[...] Corpos pré-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconizados, maquiados. Corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão”  
(Berenice Bento, 2006).

Os banheiros são separados a partir de uma lógica binária que reconhece dois sexos plausíveis, designando banheiros para homens e para mulheres, o que torna a questão delicada para a operária *Agrado*, que enfrenta problemas nesse sentido pelo fato de não poder utilizar o banheiro condizente com o seu gênero, para que sejam evitados constrangimentos com os demais indivíduos que também utilizam os espaços. Ela relata: “Eu gostaria que tivesse um banheiro assim, só pra os trans [...]. Pronto, só isso” (AGRADO, 2016). *Agrado* é a única operária trans na fábrica, mas, diante da insatisfação e do constrangimento, o fato não gera impedimento para a viabilidade de um banheiro que a atenda, como também futuras profissionais trans femininas que venham a adentrar o espaço fabril. Para Rios e Resadori (2015, p.199), “maior ainda é o constrangimento para uma travesti, identificada e vestida com roupas femininas, ingressar num banheiro masculino”. Segundo os autores, essa disputa por qual banheiro deve ser utilizado pelas travestis e transexuais femininas vem ganhando espaço na mídia e no poder judiciário, seja dando apoio às pessoas trans ou defendendo que elas não devam utilizar os banheiros femininos.

*Agrado* frequentava vários ambientes de sociabilidade na fábrica, desde o setor de recursos humanos e segurança do trabalho até restaurantes e banheiros. Tem acesso permitido e livre trânsito. Nas baterias de banheiros distribuídas pela grande fábrica, *Agrado* já vivenciou várias tentativas de assédio sexual, discriminação e preconceito. Ela frequentava o banheiro masculino e, por conta disso, sofria e subjetivava esses comportamentos de seus pares de uma forma que viesse a lidar de maneira positiva. *Agrado* queixava-se de que muitas vezes sua presença nos banheiros surpreendia os “novatos”, funcionários recém-chegados à fábrica que

notavam a presença dela e imediatamente tinham um comportamento arredio por causa do estranhamento. Vejamos o seu relato:

[...] Olhe, eu sei o meu limite até aonde vai tá certo? Eu me acho como uma mulher, como uma trans, mas só que eu tenho que respeitar o meu espaço em qualquer canto que eu vá. Entrei no banheiro, perguntaram porque tem uma mulher aqui no banheiro dos homens? [...] Olhe meu perfil, meu perfil é de mulher, só que eu não tenho nada de uma mulher pra entrar nos banheiros das mulher (AGRADO, 2016).

O estranhamento nos banheiros começou a partir dos funcionários recém-chegados na empresa. Segundo *Agrado* (2016): “[...] quando entra novato (no banheiro), eu até acho engraçado, tem aquele choque [eles dizem] ‘oxente uma galega aqui dentro?’”. Só que se eu for pro banheiro feminino vai ter um choque maior ainda”. *Agrado* amenizava determinados comportamentos desse “outro” que para ela é também estranho, e faz suas leituras a partir do “humor” como uma forma de trazer leveza a esses encontros. Com isso, constrói sua existência de uma forma que venha a lhe trazer bem-estar mesmo diante de comportamentos teoricamente negativos.

Já fazia parte do seu dia a dia frequentar banheiros masculinos, e com o passar do tempo, ela aprendeu a lidar com o fato de no banheiro encontrar variados tipos masculinos. Para *Agrado*, o desrespeito não está associado apenas ao estranhamento, até porque ela entende que sua presença poderá vir a chocar alguns indivíduos, o que ela não permite e de fato não aceita é a falta de respeito e o assédio sexual quando adentra esses espaços. Em outro momento da entrevista, ela afirma que os sujeitos masculinos que adentram os banheiros sentem a necessidade de mostrar seus órgãos genitais, conforme fala abaixo:

[...] Eu saio rápido!!!! [semblante de susto] Mostra seus órgãos genitais e eu saio rápido. Mostram, tipo, eu vou no banheiro, não faço diante do povo, eu faço ali naquelas partezinhas que é só de homem não, é porque não tem as partes que divide (em referência às cabines sanitárias), aí quando eu saio, aí em vez de fazer as coisas dele, eles se vira, vai lavar as mão, aí eu pego e saio e nem olho [...] É, fora [referindo-se ao pênis à mostra]. É como se fosse assim, se... se... mostrar eu vou sentir alguma vontade (AGRADO, 2016).

O desrespeito sofrido por *Agrado* nos banheiros da fábrica me impulsionou a pensar as relações sociais pautadas no falocentrismo. O órgão genital masculino, o “falo”, representa o objeto de “poder” que permite viver relações de superioridade frente aos demais sujeitos. No relato, torna-se necessário que o homem mostre seu órgão genital para *Agrado* como forma de autoafirmação e de sedução. O homem, nesse contexto, precisa sentir-se superior à medida que

também é desejado. Essa relação de empoderamento está presente nas formas em como ele subjetiva a própria sexualidade. Louro (2015, p. 10) afirma que

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo dado pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...] processos profundamente culturais e plurais.

A sexualidade se deixa visibilizar no comportamento de uma forma geral quando traz sua linguagem, códigos e signos transformados e aglutinados em uma representação individualizada. *Agrado* e sua relação com seu corpo subverteu algumas regras impostas pelo *dispositivo da sexualidade*, que são socialmente naturalizadas, isto pelo fato de que seu organismo biológico atende à categoria de macho pela presença do falo, mas quebra com a ideia de masculino quando transgredir sua sexualidade e, sobretudo, as fronteiras de gênero a partir da mudança corporal, deixando claro, a partir dessa “quebra”, que vive seu corpo de uma maneira “não-universal”, e que, a partir dessa perspectiva, gera estranhamentos, chamando a atenção de todos, seja os pares ou supervisores, que por não compreenderem, tendem a rechaçar e tratar *Agrado* como um sujeito marginal, ou até mesmo os estudiosos de gênero, que ao se depararem com *Agrado*, ampliam suas leituras e problematizam a sua existência como sendo parte de um processo plural da sexualidade que precisa ser percebido.

Em janeiro 2014, um fato interessante ocorreu no estado da Bahia, mais especificamente na cidade de Salvador. Segundo o Portal R7<sup>73</sup>, funcionários, de um shopping localizado no bairro da Barra preencheram um abaixo-assinado contra uso do banheiro feminino por uma colaboradora transexual, sob o argumento de se sentirem constrangidos(as) em dividir o mesmo espaço com uma pessoa trans. É interessante ressaltar que, seguindo esse pensamento, alguns indivíduos e instituições se pautam no discurso religioso de que, apesar de serem pessoas do gênero feminino, ainda que com interesses em se submeterem à cirurgia de transgenitalização, continuam possuindo o aparelho reprodutor masculino, portanto, devem usar o banheiro masculino, já que utilizar o banheiro feminino seria obrigar as mulheres que ali se encontram a se desnudarem diante de um homem, violando suas intimidades e privacidades (RIOS e RESADORI, 2015).

---

<sup>73</sup> Portal de notícias e entretenimento virtual vinculado ao grupo Record de televisão.

Em novembro de 2015, o caso de uma transexual que defecou nas próprias vestes por ter sido impedida por um funcionário de utilizar o banheiro feminino de um *shopping* em Florianópolis, Santa Catarina, ganhou notoriedade nacional, tendo repercussão geral reconhecida pelo plenário da corte do *Supremo Tribunal Federal*. Em sua fala, a advogada da transexual, Ama Fialho, defendeu o direito dela “ser o que é e ser reconhecida pelo que é” (G1, 19 nov. 2015). A advogada Isabela Pinheiro Medeiros Gonçalves da Silva<sup>74</sup>, responsável pelo processo, acrescentou:

Quando se discute se uma transexual pode ou não fazer uso do banheiro feminino, ou seja, do banheiro pertencente ao gênero com o qual se identifica está se discutindo ainda seu direito à identidade e à autodeterminação sexual, à honra, à intimidade e à privacidade. Está se discutindo se essa mulher e tantas outras e outros na mesma situação têm ou não o direito de viver sem marginalização e invisibilidade social (G1, 19 nov. 2015).

O processo foi acatado pela *Procuradoria Geral da República* em parecer emitido ao *Superior Tribunal Federal*, reconhecendo o direito de indenização à transexual. O texto dizia:

Ser cabível a coordenação de estabelecimento comercial o pagamento por dano moral, na hipótese de abordagem de transgênero que visa constranger a pessoa a utilizar banheiro do sexo oposto ao qual se dirigiu, por identificação psicossocial, uma vez que viola a dignidade da pessoa humana, bem como os direitos da personalidade que conferem aos transgêneros os direitos referentes à sua identidade, ao reconhecimento, à igualdade, à não discriminação e à segurança previstos nos artigos 1º, III, 5º, V e X da Constituição Federal (CF), caracterizando combate à discriminação racial e de gênero (PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA, out. 2015).

Via *amicus curiae*<sup>75</sup>, algumas entidades se posicionaram através de pedidos para discutir de forma objetiva as teses jurídicas do processo. Tiveram os seus pedidos deferidos pelo STF a ANIS<sup>76</sup>, ABGLT<sup>77</sup>, CLAM<sup>78</sup> e o LIDIS<sup>79</sup>. O Grupo Dignidade<sup>80</sup>, assim como o Conselho Federal de Psicologia, tiveram seus pedidos indeferidos por não mostrarem os requisitos

<sup>74</sup> Isabela Pinheiro Medeiros Gonçalves da Silva é advogada e coordenadora do Núcleo de Prática Jurídica, do Escritório de Atendimento Jurídico e do Projeto “Assistência Jurídica Emancipatória” da Faculdade CESUSC. Além de professora do curso de graduação em Direito, a advogada Isabela Pinheiro Medeiros Gonçalves da Silva foi a responsável pelo processo que originou parecer favorável da Procuradoria Geral da República.

<sup>75</sup> Segundo o dicionário jurídico, *Amicus Curiae* é um termo latim, de origem norte-americana, que significa “amigo da corte”. É o instituto que permite que terceira pessoa, entidade ou órgão interessado passe a integrar a demanda, a fim de discutir de forma objetiva as teses jurídicas nela previstas. Não é parte do processo, mas tem interesse em seu resultado.

<sup>76</sup> ANIS: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

<sup>77</sup> ABGLT: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

<sup>78</sup> CLAM: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.

<sup>79</sup> LIDIS: Laboratório integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos Humanos.

<sup>80</sup> O Grupo Dignidade é uma **organização não governamental**, sem fins lucrativos, fundado em 1992, em Curitiba. É pioneiro no estado do Paraná na área da promoção da cidadania LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

necessários para o ingresso e por não ter solicitado o ingresso antes da inclusão do processo em pauta respectivamente. O julgamento do Recurso Extraordinário foi interrompido por um pedido de vista do ministro Luiz Fux. Ao consultar o site do Supremo Tribunal Federal, constase que o último despacho data de 18 de abril de 2016, ou seja, o processo ainda consta em tramitação no STF, apesar de o Ministério Público do Paraná ter indeferido o pedido de indenização, alegando que a autora tinha aparência do gênero masculino.

As questões jurídicas relativas à transfobia se tornaram relevantes e passaram a fazer parte das pautas dos movimentos LGBTTTs no Brasil. Os dois casos acima mencionados são apenas exemplos da luta cotidiana de sujeitos que sofrem atentados à dignidade humana e resolvem não calar-se diante das injustiças. Fatos como esses ocorrem todos os dias em *shoppings*, repartições públicas, empresas de pequeno e de grande porte, e, como não poderia deixar de ser, nas fábricas. No âmbito desta pesquisa, as narrativas da operária apenas colaboram com a problemática dos banheiros. Apesar de assumir sua condição transexual, ainda que não tenha se submetido à cirurgia de transgenitalização, *Agrado*, durante os nove anos decorridos entre o seu ingresso como operária na fábrica, até o momento desta pesquisa, sofreu discriminação e assédio quando submetida ao uso de banheiros masculinos. Apesar do constrangimento, ela relata: “eu sou tão bem resolvida. Teve uma menina que olhou pra mim e falou: “eu não concordo que você entre no banheiro dos homens” aí eu vou explicar tudo: “mas você não ia concordar se me visse no banheiro das mulheres” (AGRADO, 2016).

Nos banheiros ela ficava exposta ao constrangimento e vulnerável ao assédio sexual de operários, o que me levou ao questionamento de como estavam sendo trabalhadas as causas LGBTTTs no âmbito fabril. Quando perguntada sobre as reações dos indivíduos e se já havia sofrido assédio sexual ao verem-na entrando no banheiro, ela é enfática em seu relato:

[...] Já! Mas eu saio rápido! (semblante de susto) Mostra seus órgãos genitais eu saio rápido. Mostram. Tipo, eu vou no banheiro, não faço diante do povo, eu faço ali naquelas ‘partezinhas’ que é só de homem não, é porque não tem as partes que divide, aí quando eu saio, aí em vez de fazer as coisas dele, eles se vira, vai lavar as mão, aí eu pego e saio e nem olho [...]É como se fosse assim, se mostrar eu vou sentir alguma vontade (AGRADO, 2016).

Atitudes falocêntricas são muito comuns. Influenciada pela teoria lacaniana, Barbero (2005, p.74) afirma que

A significação fálica, derivada do significante fálico, pressupõe que exista um significante *princeps* (principal) do desejo e que este, que está ligado sempre a uma falta constituinte, derivada da incompletude original do ser humano, na teoria (na nossa cultura?), “falo”.



Os homens que dividiam o espaço do banheiro com *Agrado* externavam um comportamento culturalmente masculino, eles acreditavam ser os seus órgãos genitais objetos do desejo cobiçado por ela. A fala “é como se fosse assim, se mostrar eu vou sentir alguma vontade” denota que a abordagem masculina era intencional e soava como uma tática de sedução, ao expor, de forma desnuda, o órgão genital. Apesar de ser discreta ao entrar no banheiro, já que não demorava e nem buscava naquelas dependências interagir com nenhum dos operários, ainda assim, a rápida presença de *Agrado* oportunizava que sujeitos agissem de forma subversiva ao tentar chamar a atenção. Num outro momento, *Agrado*(2016) narra uma situação tensionada pela perseguição de um líder que a assediava tentando marcar a “pegação” nos banheiros masculinos da fábrica: “[...] pare sua gostosa, eu quero sair com você, eu vou tá aqui no último banheiro”, disse ele a *Agrado* em tom imperativo e ameaçador, o homem buscava auto afirmar sua “macheza” viril ao impor que ela se subjugasse ao seu comportamento fálico.

*Agrado* foi pedagogizada durante sua infância a utilizar o banheiro masculino por possuir um órgão genital condizente com esse gênero, fato recorrente na idade adulta. Nos anos em que, ainda criança, frequentava a escola, *Agrado*, antes de transicionar, foi confundida com uma menina e, a partir desse incidente, procurava não utilizar nem os banheiros das meninas e nem dos meninos, sua sexualidade estava em formação. Para Louro (2015, p. 11), “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções[...], processos profundamente culturais e plurais”. Na infância, seus embates “internos” sobre a definição de sua identidade de gênero e sexual viriam a desembocar nas representações plurais que ela construía com os banheiros “binários” da escola. Segue abaixo o relato da experiência escolar:

[...] Era porque eu nunca ia para o banheiro nem de menino nem de menina, eu evitava. Teve um dia que eu fui no banheiro de menino e o menino disse “oxe, uma menina dentro do banheiro?” Aí eu cheguei em casa me perguntando “meu Deus, porque ele disse isso? Eu não sou um menino não?” Aí eu fui começando a trabalhar, quando eu tinha de nove pra dez anos, aí fui trabalhando com isso, aí foi daonde eu vi mais isso e me descobri, mas eu nunca namorei com meninas. Nunca, nunca, nunca não (AGRADO, 2016).

Uma situação vivida por *Agrado* há dezoito anos veio a se repetir no ambiente fabril. No período escolar, a relação que ela tinha com os banheiros norteou a formação de sua identidade de gênero, sendo o banheiro masculino o fator relacional para que ela se aceitasse

feminina. Na fábrica, a história se repetia, e como se não bastasse o assédio, a presença de *Agrado* era rechaçada nas dependências do banheiro. Segue o depoimento:

[...] Ah, teve, teve no meu trabalho. Teve um preconceito que olhe, eu sei o meu limite até aonde vai, tá certo, eu me acho como uma mulher, como uma trans, mas só que eu tenho que respeitar o meu espaço em qualquer canto que eu vá. Entrei no banheiro, perguntaram “Porque tem uma mulher aqui no banheiro dos homens?” (AGRADO, 2016).

Com essa fala, ela reafirmava sua transexualidade. Das vezes em que precisava utilizar as dependências do banheiro, sofria com a transfobia declarada por parte de alguns operários que ali se encontravam. A pergunta em tom irônico, “porque tem uma mulher aqui no banheiro dos homens?”, era uma forma de pulverizar o preconceito, à medida que expunha a operária. Quando perguntada se foram os operários que, em tom sarcástico, a questionaram, ela respondeu:

[...] É foi agora, eu nem te contei isso, foi novato. Novato que entrou pra empresa. Eu chamei o supervisor e falei ‘você acha que eu sou pra entrar no banheiro das mulher?’ Olhe meu perfil, meu perfil é de mulher, só que eu não tenho nada de uma mulher pra entrar nos banheiros das mulher. Aí eu peguei e expliquei, aí ele pegou e chamou aí disse, “você disse uma mulher no banheiro dos homens?” Pra você ver o preconceito, aí ele veio me pedir desculpas mas eu num [...] os outros são tudo acostumado (AGRADO, 2016).

Segundo *Agrado*, os “novatos”, por não estarem acostumados com a presença dela, criavam um comportamento baseado no estranhamento. Em um relato contundente, percebi o quão incomodada ela demonstrava ficar diante do preconceito sofrido. Ao analisar o depoimento, também notei uma contradição no momento em que a mesma afirma não ter nada de mulher, mas, ao mesmo tempo, se considerar uma transexual feminina.

Além do constrangimento por ser orientada a utilizar os banheiros masculinos, *Agrado* se sentia recuada com a possibilidade de adentrar os banheiros femininos. As operárias criavam uma atmosfera de concorrência com a mesma. Quando perguntada sobre a possibilidade de utilizar os banheiros femininos, ela foi enfática em afirmar que, ao entrar no banheiro feminino, as mulheres teriam um choque, jamais aceitariam. Que se ela sofria discriminação nos banheiros masculinos, sofreria muito mais se entrasse no feminino. *Agrado* afirmou incisivamente que as mulheres se sentiam constrangidas com a presença dela, que percebia inveja das mulheres quando os homens a elogiavam em público.

*Agrado* por se reconhecer pessoa transexual feminina, experimentava violências de cunho físico/psicológico diariamente, sendo preciso, por parte da supervisão, à medida que iam

sendo contratados novos operários, mencionar em reunião com os novos contratados a presença dela na fábrica. Fato que gerava curiosidade por parte dos operários novatos. Ela relata:

É tanto que agora o supervisor antes de mostrar o local que eles vão trabalhar (novatos), eles fazem uma reunião, repara só, eles fazem uma reunião dizendo: “olha gente, quando você ver uma pessoa, assim e assim, vocês hajam normal, é uma pessoa que trabalha a não sei quantos anos, na empresa, que já é uma pessoa bem quista aqui”, aí eles já entram procurando saber quem é a trans que está trabalhando lá, todo mundo já procura saber (AGRADO, 2016).

O discurso transfóbico presente nos limites que comportavam a grande fábrica trazia consigo o ódio, a não aceitação e a segregação como ferramentas para marginalização da operária nos espaços de sociabilidade trabalhista. Em várias situações, *Agrado* se sentia hostilizada pelo simples fato de viver em sintonia consigo mesma, ou seja, era considerada “abjeta” por assumir uma identidade de gênero que a deixava confortável e feliz.

Na medida em que casos como os de *Agrado* vêm à tona na sociedade, os comportamentos transfóbicos passam a ganhar visibilidade, fazendo com que problemas, como a discriminação, a marginalização e a exclusão sofridas por pessoas trans, sejam combatidos. Por isso, a importância de dar voz a esses sujeitos, de tornar essas existências visíveis para que as problemáticas venham a ser documentadas e, por conseguinte, suas tratativas emergenciais sejam efetivas no sentido de educar a sociedade no intuito de respeitar às diferenças. Para tanto, nesse caso em específico, a inclusão de uma agenda que discuta medidas pedagógicas sobre a diversidade LGBTTT no âmbito da fábrica se torna fundamental, considerando-se que identidade e diferença fazem parte do dia a dia do operariado.

## 24 Operários na experiência de vivenciar os sentimentos

“A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade”  
(Carlos Drummond de Andrade).

Na História, muito se escreveu sobre o amor romântico, sobre sentimento e sobre as diferentes formas de amar, mas raras são as vezes em que me debrucei sobre estudos que focassem numa perspectiva da história do amor vista de baixo. Dentre os poucos escritos sobre a temática, um em específico, da historiadora Mary Del Priore, chamou-me a atenção. No livro

*História do Amor no Brasil*(2005), a autora nos remete a um Brasil já distante que se encontrava na primeira metade do século XX, dando seus primeiros passos rumo à industrialização. A autora problematizou o papel da mulher nesse período, da operária e dos estigmas que sofria por ser uma mulher que deixava seus afazeres domésticos para se aventurar numa grande empreitada industrial trabalhando horas à fio. Ela revela que

No mundo do trabalho, cada vez mais urbano ou industrializado, a confusão entre a mulher fácil e a esposa e mãe era enorme. Por um lado, embora as mulheres correspondessem à grande parcela da força de trabalho e esses fossem tempos de forte militância em favor dos seus direitos, a mentalidade machista era muito arraigada. Mesmo entre anarquistas e comunistas, a fábrica, espaço do trabalho para milhares de imigrantes e seus descendentes, era considerada um “lupanar”, “bordel”, “um antro de perdição” (PRIORE, 2005, p. 266).

Nesse período, a mulher já contava como grande parcela na força de trabalho, mas sofria com a mentalidade machista da sociedade que apontava a trabalhadora fabril como sendo mulher fácil. No Brasil que se industrializava, o machismo permanecia imponente, e, as mulheres trabalhadoras, que sonhavam com seus casamentos românticos ou até já eram casadas, sofriam assédios por parte de seus chefes e patrões. Traçando uma breve analogia entre as relações fabris no início do século XX e como elas são apresentadas na contemporaneidade, observa-se que essa realidade, em que chefes e supervisores que, no passado, assediavam sexualmente as operárias, perpetuou-se. Mas, é relevante considerar que as personagens atuais dessa “história do amor vista de baixo”, hoje, não estão apenas concentradas nas mulheres, como ocorria no início do século XX. Indivíduos LGBTTTs passaram a figurar agora entre os objetos de desejo no *chão de fábrica*.

Nesse sentido, faz-se necessário traçar, mesmo que de forma breve, a história dos homossexuais, percebendo que foi com o advento da modernidade que o termo “homossexual” apareceu, sendo elevado ao posto de categoria naturalizada no seio da sociedade pelo saber médico, assim como legitimada e criminalizada pelo Estado. Sobre essa discussão Michel Foucault (2017, p. 48) afirma:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia [...] a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia<sup>81</sup>, para uma espécie de androgenia

<sup>81</sup> Para Trevisan (2000 *apud* Aparecida e Viana 2007, p. 316), “até o século XIX, a palavra mais utilizada para designar as relações entre pessoas do mesmo sexo era a expressão latina *sodomia*, que se origina do relato do antigo testamento no livro de gênesis sobre a destruição das cidades Sodoma e Gomorra pela ira divina. Segunda a tradição cristã, sodomitas seriam os praticantes de atos sexuais contra a natureza humana. Todo e qualquer ato

interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.

Vale ressaltar que a categoria homossexual emergiu em um contexto exclusivo no ano de 1870 como uma categoria construída do saber, e não como uma identidade que acabara de ser descoberta. Michel Foucault não sugeriu que as relações entre pessoas do mesmo sexo não existiam antes do século XIX. Tamsin Spargo (2017, p. 18) colabora com essa premissa afirmando que “no período da Renascença, por exemplo, práticas sexuais como a sodomia eram condenadas pela Igreja e proibidas por lei, tanto entre dois homens quanto entre homem e mulher”. O sodomita passaria, então, no século XIX, a ser chamado de homossexual, um tipo de ser humano anômalo de sexualidade perversa, uma espécie com características distintas encravadas em seu corpo e em suas condutas. Ser classificável e inteligível, sujeito que fugia da ordem.

Enquanto no século XVI os homens eram conclamados a confessarem seus pecados da carne contrárias às leis de Deus, no século XIX, os homens que assumiam terem praticado o sexo com outros homens eram encorajados a se enxergarem como homossexuais. Essa nova “espécie”, portanto, estava no cerne de uma série de investigações e estudos científicos que tinha como finalidade estimular uma população produtiva e procriadora que atendesse às necessidades do sistema capitalista em desenvolvimento. O elemento chave desse novo sistema econômico era a família burguesa, que em termos simplistas, geraria a nova força de trabalho. Convém observar que as relações sexuais que não tivessem a reprodução como um fim, precisariam ser banidas do meio social como forma de evitar que o sistema entrasse em colapso.

No Brasil Colonial, fartos eram os casos de sodomia e relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo investigadas pelo *Tribunal do Santo Ofício* de Lisboa. Partindo dessa premissa, não se pode estudar a história do Brasil colonial sem mencionar a presença significativa dos homossexuais. As relações homossexuais, para Toledo (2004, p. 8), “extrapolavam os muros da vida monástica fazendo das relações entre senhores e escravos um ritual barroco de iniciação mística de dominação e submissão erótica e mental”. De acordo com essa ideia, o antropólogo Luiz Mott, em seus estudos sobre os principais aspectos das relações raciais numa população de homossexuais masculina perseguida no Brasil, pelo *Tribunal do Santo Ofício* (séculos XV ao XVII), trouxe registros documentais sobre as relações sodomitas entre homens por ele

---

sexual que não tivesse como fim a procriação era tido por sodomia, sendo um pecado frente a Deus. Estados católicos e não-católicos tipificaram a sodomia, transformando assim o que era considerado pecado também em crime. A sodomia, até meados do século XIX, era um pecado frente a Deus e um crime contra o Estado, configurando um pecado-crime”.

chamados de “adeptos do amor de Sodoma”. Segundo o antropólogo, os visitantes do Santo Ofício instalaram seus tribunais na Bahia e em Pernambuco entre os anos de 1591 a 1620. Siqueira (1978 *apud* Mott 1985, p. 102) revela que

De 283 culpas confessadas nestes tribunais, englobando blasfêmias, superstição, judaísmo e luteranismo, bigamia, feitiçarias, etc. – há 44 casos de sodomia (15,5% dos desvios), sendo depois das blasfêmias o pecado mortal mais frequentemente praticado pelos primeiros povoadores nordestinos

Os livros de confissão e denúncia do *Tribunal do Santo Ofício* documentaram casos como o de Belchior da Costa e Mateus Nunes, com quatorze e vinte anos, respectivamente, que, por dormirem na mesma cama, consumaram o ato sexual conforme relato: “começou a solicitar de maneira que com efeito chegou a dormir com ele claramente, metendo nele seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele, cumprindo nele assim como fizera com mulher” (MOTT, 1985). A historiografia nos revela, através dos autos da visitação do Santo Ofício no Grão-Pará e Maranhão, um caso que merece atenção. Segundo Toledo (2004, p. 9), “entre 1763 e 1769, destaca-se o caso do senhor de engenho Francisco Serrão Filho, que estuprara em torno de vinte negros [...], entre os estuprados dois morreram e vários padeceram de infecções”. Os inúmeros registros do Brasil Colonial em torno das práticas de sodomia são enfáticos e denunciam a diversidade sexual presente na relações entre os masculinos que viveram nesse período.

No século XIX, assim como na Europa, o homossexual no Brasil deixava de ser um pecador para se tornar um doente passível de tratamento. Numa descrição de Gilberto Freyre (1973 *apud* Del Priore 2005, p. 212), alguns tipos *dengosos* eram notados por se vestirem em “trajes de veludo, pelas sobrecasacas a Luís XV com rendas nos punhos, pelas golas de pelúcia nos casacos, muita brilhantina no cabelo [...], adereços que os tornavam objeto de escárnio por parte dos colegas”. Uma descrição preciosa indicando que na transição entre Brasil Império e Republicano, os homossexuais se mantinham, assim como no Período Colonial, em evidência.

Foi no ano de 1894 que o termo pejorativo *fresco* foi empregado pela primeira vez por um professor de criminologia da *Faculdade de Direito do Rio de Janeiro*. José Viveiros de Castro descreveu os “frescos cariocas” como “sodomitas modernos [...] homens efeminados que praticavam sexo anal com elementos passivos e ganhavam a vida com a prostituição das ruas.” Ainda assim, foi no século XIX que surgiu, pela primeira vez na literatura brasileira, personagens que iriam de encontro a heteronormatividade vigente. Em o *Bom Criolo*, de Adolfo Caminha, no ano de 1895, visibilizou-se, a partir de seus escritos nos folhetins da época, a

história de um marinheiro homossexual que se apaixonou por seu amigo mais jovem. Com essa publicação, percebeu-se que os *frescos* também amavam (PRIORE, 2006).

Em terras *tupiniquins*, os comportamentos que revelavam a manifestação da homossexualidade ou até mesmo da trangeneridade sempre foram rechaçados. Desde a instauração dos *Tribunais do Santo Ofício*, no Período Colonial, conforme depoimento citado anteriormente, passando pelos relatos pejorativos de intelectuais no Período Imperial e republicano, como foi o caso do professor José Viveiros de Castro. Nota-se que as reações da sociedade eram combativas em torno dos comportamentos que não condissessem com a moral e com a ordem vigentes das referidas épocas. No Brasil, o que se presenciou historicamente foi a repressão aos sujeitos que viviam às claras suas liberdades individuais, estes eram punidos por suas transgressões de gênero e/ou sexualidade. Em decorrência desses aspectos, a homossexualidade passaria a ser o objeto da intolerância coletiva.

No século XX, foi com o surgimento da contracultura (década de 1960 sendo ampliado na década de setenta) que vários dos costumes, preconceitos e padrões sociais judaico-cristãos terminaram por ser contestados pela juventude contemporânea mundial. O modo de vida considerado burguês passava a ser considerado *careta*, e como movimento estético, a contracultura traria com intensidade o experimentalismo sobre novas concepções de mundo. As drogas alucinógenas ganharão ênfase, assim como o pacifismo, o movimento das mulheres, a ecologia, o pansexualismo, discos voadores etc. Havia uma confiança coletiva no sentido de construir um mundo radicalmente novo. Jovens, pela primeira vez na história da humanidade, se organizavam pacificamente, como numa grande aldeia global, a fim de lutar pela paz e pelo amor. A contracultura semeou uma nova ideia de família, de casamento, como também de relações sexuais (LINS, 2012).

Os ares de liberdade que se manifestavam em várias partes do mundo alcançavam o Brasil. Os movimentos *hippie*, feminista, *gay* e a própria revolução sexual sugeriam novas formas de pensar, de se vestir, de fazer arte e de se relacionar. As músicas falavam de amor, mas apresentavam um apetite sexual nunca antes visto. Inspirados por essa nova tendência mundial, nos idos de 1967, nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e Mutantes incendiariam a cena musical brasileira com gritos guturais pregando o *amor livre* cheios de força e experimentalismo, num caldeirão de cores tropicais em que o colorido das calças escandalosas passaria a fazer parte do cotidiano dos jovens cariocas. Os binarismos eram questionados, assim como também as relações monogâmicas. O píer da praia de Ipanema se tornou um famoso reduto, onde corpos bronzeados se encontravam para curtir um *barato* nas

famosas *dunas da Gal*<sup>82</sup>. Nesse privilegiado espaço, artistas e intelectuais resistiam abertamente à cena política vigente no país em que viviam, valendo ressaltar que, à época, o Brasil experimentava um de seus piores momentos políticos, os temerosos Anos de Chumbo, ou melhor dizendo, a Ditadura.

As noites quentes do verão carioca traziam para o palco do *Teatro Thereza Raquel*<sup>83</sup> a boca vermelha de *Gal Costa*, que cantando de forma sensualíssima, performatizava essa nova mulher produto da revolução sexual. Irreverente, a Tropicália transformou os critérios de gostos vigentes, não só quanto à música e à política, mas também quanto à moral e ao comportamento. Seguindo uma tendência mundial, confrontava antigos costumes, rompia definitivamente com os ultrapassados tratados conservadores e reacionários. Segundo Lins (2012, p. 284), “celebrava-se, na verdade, o mito da pureza do ser humano em contato com o mundo natural”. Nesse período, fins da década de 1960 e início da década de 1970, o movimento *gay* surge em contraponto à moralidade da igreja e dos setores conservadores que sempre tentavam bloquear a normalização das minorias sexuais.

Quaisquer práticas que não levassem à procriação foram, por um longo período da história, criminalizadas. Um acontecimento em específico, ainda na década de 1970, veio a corroborar com a quebra de alguns paradigmas, e, como consequência, respingou de maneira positiva nas questões que envolviam os homossexuais: o surgimento da pílula anticoncepcional. A partir desse ponto, permitiu-se dissociar o ato sexual da reprodução, revolucionando os valores concernentes à sexualidade, melhorando, em contrapartida, a situação dos *gays*.

No final da década de 1970, mais especificamente em 28 de Junho de 1969, no Greenwich Village, Nova York, Estados Unidos, o *Stonewall Inn*, lugar de encontro de *gays*,

---

<sup>82</sup>As Dunas da Gal ou Dunas do Barato foi uma construção projetada para erguer um emissário que levaria o esgoto da cidade ao mar, propiciou também o surgimento de ondas perfeitas para surfistas e dunas que impediam a visão de pedestres no asfalto. A soma desses fatores é responsável pela idealização de um ponto fértil para o nascimento da contracultura, lugar preferido de atletas, poetas, artistas e revolucionários. “Um sol. Pois é. Acho que tudo começou num dia de sol, quando Gal saiu de sua casa na Farme de Amoedo em direção à praia e resolveu estender sua toalha e sua plástica bem em cima de um monte de areia, uma duna, ao lado do píer de Ipanema. Pronto. A *crème de la crème* da lisergia tropical se apinhou a sua volta, fervendo, a festa já preparada, estava lançado o *point* mais badalado dos anos 70, o auge da contracultura: as Dunas da Gal ou as Dunas do Barato ou, para os mais íntimos, o Morro da Gal. Ainda bem que ela escolheu Ipanema” (SIMÃO, 2005). Disponível em: <<http://canalbrasil.globo.com/programas/dunas-do-barato/materias/serie-estreia-dia-18-de-maio-21h.htm>>. Acesso em 03/02/2018.

<sup>83</sup>Teatro localizado no bairro de Copacabana. Foi inaugurado em 14 de outubro de 1971 pela atriz que lhe dá o nome com um show de Gal Costa<sup>[2]</sup>, em uma temporada de apresentações que seriam registradas no disco ao vivo Fa-Tal - Gal a Todo Vapor. Em seu palco, vários sucessos da dramaturgiabrasileira e internacional foram apresentados, entre eles Um Bonde Chamado Desejo, de Tennessee Williams, e os musicais Gota d'Água, de Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes, e A *Chorus Line*, de Michel Bennett. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro\\_Net\\_Rio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_Net_Rio)>. Acesso em 03/02/2018.



lésbicas e travestis, foi invadido pela polícia. Era uma batida policial comum, já que os bares *gays* locais sofriam inspeções rotineiras. A única diferença é que, nesse dia em específico, os *gays* reagiram e conseguiram a retirada dos policiais do local. As décadas de 1960 e 1970 foram marcantes para o movimento *gay* norte-americano, porque foi nesse período que os homossexuais se deixaram visibilizar saindo de seus silenciamentos. Mais do que isso, se organizaram e enfrentaram a sociedade para viverem a vida que desejavam. Eles levantaram bandeiras mostrando que a heterossexualidade não era a única forma de sexualidade, que era preciso questionar os privilégios dos “machos”, o que contribuiu bastante com as reflexões feministas. Surgem, nesse caldeirão de acontecimentos, os *gay's studies* (estudos *gays*), que eram um conjunto de trabalhos sobre a homossexualidade, sua história, natureza e sociologia. Os homossexuais buscavam sua afirmação (LINS, 2012).

No Brasil, as décadas de 1960 e 1970 não seriam menos representativas para os homossexuais. As subculturas homossexuais se organizavam nos grandes centros, em cidades do Sudeste, como no Rio de Janeiro e em São Paulo. Segundo Mary Del Priore (2005, p. 296), “a pressão que sofriam em suas localidades de origem, para arrumar namorada ou casar, levava muitos homossexuais a profundas crises familiares ou de saúde, obrigando-os a partir rumo à cidade grande”. Os grandes centros eram procurados com fins trabalhistas. Advindos do interior, um grande contingente foi introduzido nessas cidades em busca de melhores condições financeiras ou do tão sonhado emprego. Os homossexuais, para além dessas perspectivas, sonhavam com a liberdade de poderem viver suas existências livres dos falatórios e fofocas originadas em seu meio social e familiar.

A década de 1980 foi marcada mundialmente por uma das maiores pestes do século XX, a Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida - AIDS. Vários são os estudos que buscam investigar seu aparecimento e desencadeamento globais. Inicialmente associada aos *gays*, a AIDS notabilizou-se como consequência da revolução sexual que desde a década de 1960 quebrava paradigmas e rompia com tabus sexuais. No centro dessa discussão, a comunidade *gay* era constantemente assediada e culpabilizada pelo alastramento de tal epidemia. As controvérsias que envolviam homossexualidade e saúde sempre estiveram latentes. A homossexualidade já havia sido considerada uma doença e os indivíduos que a praticavam foram considerados portadores de patologia ou distúrbio.

Com o advento da AIDS, essa relação – homossexualidade/saúde – se tornou ainda mais complexa, contribuindo para que no meio social o preconceito contra homossexuais crescesse consideravelmente. Quando do momento da descoberta, logo no início da década de 1980,

segundo Daniel e Parker (1991 *apud* Terto Júnior (2002, p. 1), a AIDS “chegou a ser chamada de GRID (*Gay Related Immune Deficiency*) nos meios científicos e de *câncer gay, peste gay ou peste rosa* pela imprensa e pela opinião pública”, o que ajudou para que mesmo passados mais de vinte anos a AIDS ainda seja associada ao homossexual masculino que sofre como consequência o estigma e o preconceito.

Jeffrey Weeks (2015, p. 37) traz uma reflexão precisa sobre esse período quando afirma que

[...] Muitas pessoas, não apenas a imprensa sensacionalista, apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da “perversidade sexual”. De acordo com os mais óbvios comentaristas, era a vingança da natureza contra aqueles que transgrediam seus limites.

Weeks, em seu comentário, apenas reafirma o que vem sendo discutido até aqui. Pessoas das mais comuns influenciadas por uma mídia tendenciosa abraçaram o discurso médico preconceituoso contra os homossexuais como forma de rechaçar o que para eles estava fora da ordem. O interessante é perceber que o vírus da AIDS nunca foi seletivo, ou seja, podia infectar homossexuais como também heterossexuais, mulheres e homens, jovens e velhos. Jeffrey Weeks (2015, p. 37) prossegue: “contrair o HIV é, em parte, uma questão de acaso, mesmo para aquelas pessoas que estão envolvidas no que agora chamamos de atividade de alto risco”. A AIDS, portanto, tornou-se mais do que uma doença, ela se reafirma cotidianamente como partícipe da cultura sexual ocidental, estigmatizando, obviamente, as minorias. Terto Júnior (2002, p.150) afirma que

Na década de noventa, aproximadamente 24% dos casos de AIDS estão relacionados à transmissão homo e bissexual, contra aproximadamente 30% dos casos relacionados à transmissão heterossexual. Na década de 80, as estatísticas brasileiras registravam aproximadamente 47% dos casos relacionados à transmissão homo-bissexual, contra 10% entre heterossexuais.

Diante dos dados fornecidos pelo estudo, fica nítido que o combate por parte da comunidade LGBT durante as duas décadas se intensificou, e que os números despencaram consideravelmente diante do cenário apresentado na década de 1980. Ainda assim, esse mesmo estudo aponta que as iniciativas de cunho governamental no intuito de combater a epidemia eram raras, ou seja, as iniciativas eficazes de combate partiram de ONGs/AIDS e grupos gays.

O ativismo LGBTTT tanto na década de 1960 quanto nos dias atuais tem se mostrado de crucial importância para o reestabelecimento dos direitos humanos no Brasil e no mundo.

Para Paulo Gogo, psicólogo e especialista transpessoal, em seu artigo publicado<sup>84</sup> na revista *Lado A*, afirma que ativismo “é a ação de lutar por uma causa legítima na intenção de questionar o instituído e contribuir com a mudança das mentalidades, auxiliando na construção de um mundo melhor”. A causa LGBTTTT é uma das mais legítimas, a luta contra a LGBTfobia se torna, portanto, um imperativo categórico especialmente para aqueles sujeitos que já sofreram alguma forma de abuso ou discriminação em quaisquer espaços de sociabilidade, inclusive no espaço do trabalho.

Na fábrica em questão, por exemplo, ocorriam assédios sexuais por parte de homens heterossexuais (chefes, supervisores ou pares) a pessoas transe a outros homens *gays*. Com base nos relatos que se seguirão mais à frente, para além do assédio de cunho sexual, observei que relacionamentos afetivos e amorosos se desenrolavam nos cenários da grande fábrica, relacionamentos que envolviam os operários machistas heterossexuais, inclusive casados, com a comunidade operária LGBTTTT ali presente.

O campo dos estudos de gênero me possibilitou alguns raros vislumbres sobre a ampliação do olhar quando me voltei para o reconhecimento da simultaneidade das identidades. Um diferente olhar para aquilo que forma a estrutura da sexualidade do outro, um renovado olhar para a sexualidade construída, para perceber como ela é imaginada, vivida e transgredida. Tecer uma escrita que transportasse as alegrias e as dores da existência, as lágrimas e os sorrisos, os suspiros de quem timidamente começava a narrar vivências tão particulares tornou-se um grande desafio. Interagia com identidades formadas, mas não estáticas. Estes se reconheciam trans, bissexuais, *gays*, plurais em um universo cultural hegemônico onde se normalizavam os corpos, os gêneros, as relações sociais, a afetividade e o amor.

A sexualidade dos operários e suas faces estavam em pauta, me deslocava por falas que se apresentavam densas, “cavando” em busca dos tesouros escondidos nos recônditos de cada sujeito. As verdades estavam sobre a mesa, nas falas trêmulas que o gravador captava a cada sussurro. Os registros orais me diziam para seguir em frente, persistindo na coragem daqueles sujeitos em se narrarem. De maneira súbita, senti um *insight*, era chegada a hora de falar sobre os sentimentos vividos por sujeitos operários LGBTTTTs em condições tão sombrias, hostis e repressivas.

Durante a ação de ouvir contar, percebi, por meio dos gestos e dos olhares, o aceno para narrativas que nos transportariam para além da sexualidade, narrativas que traziam depoimentos

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2014/01/coluna-leitor/sobre-importancia-ativismo-gay-em-um-mundo-homofobico>>. Acesso em: 03/02/2018.

sobre afeto tanto no interior quanto fora da fábrica. Imbuído de uma sensibilidade ali aguçada, eu fitava-os enamorado por suas narrativas, e, mesmo sabendo que navegava por um oceano de incertezas, insisti em me manter condutor daquele barco, rumo ao inesperado. Começaria a ouvir pela primeira vez sobre paixão e amor, sobre as relações de afeto entre operários LGBTTTs que se apaixonariam longe dos portões da fábrica, sentimentos que se solidificavam no exercício do viver. Na fábrica ou no seu chão, “amor da cabeça aos pés”.

A ideia de pensar as relações entre operários na perspectiva das emoções surgiu a partir das narrativas sobre o afeto e da descoberta do amor no *chão de fábrica*. Iara Anton (2007 *apud* Rigo e Rintz (2015, p. 183) entende a homoafetividade como sendo “não só a relação sexual entre os parceiros, como também a existência de elos mais intensos como a do afeto”. A atração sexual passava a apresentar outra conotação, não mais casual, circunstancial ou promíscua. A partir de algumas narrativas, o sexo levaria determinados indivíduos a experimentarem sentimentos e/ou as emoções ali denunciados, seriam o fio condutor para experiências sexuais entre operários masculinos. Nessa abordagem, Jimena Furlani (2008, p. 125) afirma que

Desde que nascemos, e ao longo de toda a vida, precisamos e gostamos de estar com outras pessoas. Podemos ter sentimentos diferentes em relação aos outros: amizade, carinho, paixão e atração sexual. [...] Eles podem surgir entre um homem e uma mulher, entre dois homens ou entre duas mulheres.

O pensamento da autora corrobora com a dinâmica desta pesquisa. Os operários na fábrica criavam relações das mais variadas formas, que eram construídas pelo viés da amizade, do carinho, por formalidade trabalhista ou até mesmo por atração sexual. Aqueles indivíduos que interagiam uns com os outros buscavam criar elos com fins específicos, o que é comum das relações humanas. Rezende (2008, p. 59 – grifo nosso) endossa essa reflexão quando afirma que “as relações afetivas são construídas, não estão, *a priori*, determinadas pela natureza”. A afetividade nada mais seria do que uma construção singular da emoção vivenciada pela experiência, nesse contexto, amparava e possibilitava, como normal e esperada, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. Em se falando de sentimento e afeto, é preciso se reportar à forma pela qual cada sujeito se experimenta e se afeta. O amor e a paixão trazem consigo alegrias, mas oferece um terreno pantanoso onde o sofrimento instala desilusões. A operária *Agrado*, apesar de hoje está casada, tem suas reservas quando o tema é sentimento. Sobre os riscos de gostar, ela depõe:

Mas é verdade, olhe, escute só. Eu digo assim. Gostar é bom, melhor ainda é a gente não gostar. Entendeu o que eu quero dizer? É muito bom gostar, é muito bom a gente

saber que a gente tem uma pessoa que a gente gosta. Mas o bom ainda, eu acho, é a gente não gostar. Não deixar se apegar tanto. Não deixar assim as coisa flutuar tanto. Porque assim no fundo você vai ter uma recaída. Você vai ter um “sofrimentozinho” leve, pode ser que você amadureça e se sinta assim forte, eu amadureci com muito sofrimento (AGRADO, 2016).

A fala de *Agrado* reflete a dor deixada por experiências afetivas passadas. Rememoradas, prefere não deixar se levar pelas emoções do coração com a intenção de não se permitir sofrer, não mais. Para Roland Barthes (1985, p. 60):

O coração é o órgão do desejo (o coração se dilata, falha, etc., como o sexo), tal como ele é retido, encantado, no campo do imaginário. O que é que o mundo, o que e que o outro vai fazer do meu desejo? Essa é a inquietude que reúne todos os movimentos do coração, todos os “problemas” do coração.

No campo do imaginário, *Agrado* se perguntava até que ponto valia apenas se entregar, desejar, ter um coração. “O que o outro vai fazer com o meu desejo?” Diante do experienciado emocionalmente, para ela, era melhor não arriscar, era melhor se abster de sentir, de amar. O amor trazia consigo dor e sofrimento. Como entregar um coração sem ter a certeza de que o outro cuidará bem dele? Para Roland Barthes (1981), a palavra coração vale por todas as espécies de movimento e desejo, é como um “dom” que pode se dar ou receber. O autor apresenta em seus fragmentos amorosos uma fala reticente quando o assunto é o “coração”. *Agrado*, apesar de não acreditar no amor romântico em sua plenitude, reflete sobre o que o sofrimento lhe trouxe de amadurecimento para encarar seus afetos e desafetos a partir de uma perspectiva de que não vale apenas amar, mas que é sofrendo por amor que se amadurece para a vida.

Algumas experimentações na convivência entre as pessoas naquele espaço, a fábrica, provocavam o surgimento do afeto mútuo que se deslocava tanto para as relações entre heterossexuais quanto entre homoafetivos. Em ambas as situações, se tornava importante considerar que a lógica do sentimento poderia justificar as uniões, o que, no caso das relações homo, não ocorria, mas não impedia a reflexão sobre a desconstrução da ideia de atração sexual apenas pelo viés da vontade de fazer sexo. As emoções e os sentimentos muitas vezes antecediam o ato sexual e atuavam como mola propulsora para que o desejo sexual fosse se instalando e sendo compartilhado entre os masculinos que se apaixonavam.

O afeto vivenciado por masculinos na fábrica transgredia com a ideia binária de gênero inteligível, assim como a atração sexual ser movida única e exclusivamente pelo sentimento era socialmente inconcebível, já que as relações entre masculinos são associadas à degeneração

exatamente por subverter a ordem heteronormativa. Socialmente, a ideia de amor e paixão só poderia ser desfrutada por um casal binário heterossexual, e não por um casal formado por dois homens. O dispositivo da sexualidade cria o sexo em práticas de sexualidade, como afirma Swain (2011, p. 395), ele “institui os próprios corpos em suas tramas de sentido, em suas representações sociais, impondo a forma binária, feminino e masculino, como o fundamento da norma, natural, heterossexual”. Desconstruir pensamentos e comportamentos que normatizam o gênero e os corpos a partir das reflexões sobre as narrativas dos operários era uma ação emergencial.

Guacira Lopes Louro (1999, p. 32) refuta a lógica binária quando afirma que

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita.

Ou seja, nesse contexto, a ideia de pensar a atração sexual separada do afeto se tornava passível de desconstrução. Era necessário pensar a homoafetividade como forma de justificar as relações entre os operários masculinos, e as narrativas me fizeram percorrer novos caminhos. Era importante pensar para além da polarização em torno do binarismo existente e naturalizado, ou no ato sexual necessariamente desmembrado de sentimentos, afinal de contas, alguns dos interlocutores gostavam de se encontrar a sós para se sentirem mais próximos, unidos pela necessidade de compartilhar momentos e afinidades, que, por vezes, evoluíam para relações amorosas.

2.4.1 “Mas eu sei que ele é casado, e esse lance não vai muito à frente”: a passionalidade em uma relação homoafetiva operária

*Adam*, um dos interlocutores dessa pesquisa, apesar de não assumir que estava apaixonado, assegurou gostar de um operário e que com ele mantinha uma relação afetiva de quase dois anos. *Adam* relatou: “é, eu gosto dele né? Não do jeito que assim eu queria gostar mais, mas eu sei que ele é casado e que esse lance não vai muito à frente. Aí eu fico mais assim, com um pé mais atrás” (ADAM, 2017). O medo de sofrer induzia *Adam* a recuar. O envolvimento com um operário casado poderia lhe acarretar uma série de danos morais e/ou físicos, além de comprometer o bem-estar da família do operário em questão, já que o mesmo, segundo *Adam*, tinha esposa e filhos.

*Adam*, em suas narrativas, se apresentava passional, não se opunha à relação marital que o seu parceiro, também operário, vivia publicamente. Optava por seguir se relacionando com um homem casado mesmo não acreditando que poderiam viver algo pleno no futuro, já que o

parceiro não se desvencilharia da relação com a atual esposa. *Adam* se submetia aos esconderijos, à penumbra de uma relação extraconjugal. Um sujeito da experiência, segundo

Jorge Larrosa (2004, p. 163), “alcançado, tombado, derrubado” pelo experimentar de um sentimento que se apoderava dele. Muito mais um homem que se expunha vulnerável ao risco, alguém que provava a instabilidade de se relacionar com um homem casado e também operário fabril. Alguém que por quase dois anos vivia a paixão na penumbra. Nas sombras ele aguardava um olhar, um sorriso, um bom dia desse outro. Inicialmente, resolveram por se relacionar de forma restrita e discretamente sexual, mas, à medida que o tempo passava, as circunstâncias e o cotidiano foram abrindo espaço para novas formas de viver essa relação. O beijo era proibido pelo parceiro e *Adam* obedecia a regra imposta. Passionalmente, era resignado no aguardo da transgressão desse limite imposto, mas, com o decorrer do tempo, a relação foi gradativamente ocupando novos espaços da intimidade e algumas regras foram se tornando obsoletas entre eles.

Em uma de suas narrativas, mencionou um momento que para ele foi especial. O operário com quem se relacionava resolveu lhe presentear. Para *Adam* (2017), este foi um momento significativo, conforme depoimento:

Aí meu aniversário foi segunda passada. Aí ele foi de carro e foi me deixar em casa, aí ele nunca me dá nada de presente, aí nesse dia, eu nem liguei né, eu nem ligo muito, que nunca me dá nada, aí quando a gente foi pra casa antes de chegar em casa, aí ele parou no carro e me deu um beijo, chega eu fiquei sem reação, ele nunca tinha feito isso dentro do carro [...]. É, ele diz que era um presente. (*Nesse relato se mostrou tímido, tensionado e ruborizado, sorria constrangido...*).

Quando interpelado sobre o que sentiu quando aconteceu o beijo, se teria sido bom, se o parceiro havia sido carinhoso, *Adam* prontamente sorriu de maneira tímida e falou “[...] foi sim (mais risos), sensação assim, estranha. Como nunca tinha rolado ficou assim, estranho [...] é carinhoso, é [...]” (ADAM, 2017). Ao recordar o acontecido, notadamente, vi um sujeito tensionado, mexendo e remexendo uma lembrança que o deixava ruborizado ao ser questionado na entrevista. *Adam* narrou de forma tímida um momento especial, o primeiro beijo após quase dois anos de relacionamento, sorria desviando o olhar. Falava sobre uma intimidade, um segredo, nunca havia mencionado tamanha sentimentalidade a um estranho, diligentemente, se recompunha e continuava a depor sobre si, sobre o momento que experimentara. O ato sexual perdeu sua posição de hegemonia na relação, o “gostar” dava indícios claros de que a atração

sexual inicial gerou como consequência um sentimento que os unia. Lopes (2011 *apud* Macedo e Naro (2016, p. 6) afirmam que

O entre-lugar das homoafetividades está entre identidades, entre homo e heterossexualidade, implica repensar as masculinidades para além de uma homosociabilidade homofóbica. O que é estar entre homens, quando não se sabe o que pode acontecer, a violência ou o beijo inesperado.

Alguns encontros entre operários desembocavam no afeto, a exemplo do próprio *Adam*, cuja narrativa aparece como a representação desse entre-lugar ocupado pela homoafetividade. O beijo teve sua representatividade afetiva, trouxe surpresa e encantamento, uma ação que se posicionava entre a homossexualidade ou heterossexualidade, desconstruindo a ideia de atração sexual que apenas valoriza o ato sexual em si. Havia ternura, o parceiro pensou que o melhor dia para o beijo seria no dia do aniversário. *Adam* nem criava expectativas, acreditava que jamais seria beijado. O beijo inesperado ocorreu, *Adam* gostou, sentiu-se feliz.

Outros casos amorosos foram identificados na fábrica. Os relatos sobre paixão entre operários foram tomando um *corpus* investigativo, eles enfrentavam os perigos de se relacionar no ambiente de trabalho, se conheciam, reconheciam-se, apaixonavam-se, experimentavam o encontro de corpos, eram traídos, sofriam, viviam. O caso de outro operário me chamou atenção. Diferente de *Adam*, *Gabriel* pode publicizar entre o círculo de amizade operária na fábrica sua história de afeto com outro sujeito também operário. Foi na fábrica que *Gabriel* viveu para além da experiência do trabalho, sua primeira experiência homoafetiva.

2.4.2 “Eu me envolvi com uma pessoa de lá. Isso foi logo no início”: o primeiro emprego, o primeiro amor

Os modos de vida fabris apresentavam suas singularidades, atores sociais dos mais variados tipos entrecruzavam suas histórias de vida. Todos os dias, novos personagens chegavam para iniciar suas jornadas profissionais, muitos deles tinham a fábrica como instituição que lhes proporcionava os primeiros empregos. O contingente juvenil era contratado como mão-de-obra qualificada advinda de escolas técnicas profissionalizantes. Ali se abriam para suas primeiras experiências profissionais que poderia durar anos, meses ou dias, variava de acordo com a função para as quais eram destinados no *chão de fábrica*. Alguns indivíduos não suportavam as cobranças, o trabalho repetitivo, o calor das máquinas e o peso dos emborrachados sobre as costas, diante do tamanho esforço, pediam para sair e nunca mais



voltavam. Outros insistiam e sonhavam com a possibilidade de progredir nas funções. Eram um ir e vir constantes. Mensalmente, ocorriam muitas demissões, assim como também novas admissões para atender o processo de demanda calçadista.

*Gabriel* teve sua primeira experiência trabalhista na grande fábrica. Apesar de todos os estranhamentos iniciais de quem adentra aquele espaço pela primeira vez, insistiu em continuar e, aos poucos, apesar de tímido, foi criando laços de amizade, à medida em que buscava desempenhar a contento suas funções. Nesse ínterim, conheceu homens e mulheres que circulavam pelo seu setor. À medida que o tempo passava, suas relações de proximidade com os masculinos na fábrica se intensificavam, sentia-se visto, olhado por alguns homens, paquerado. No seu círculo de amizade, percebia que um dos operários se interessava por ele. Eles estreitaram seus os laços e passaram a conviver de forma mais intensa na fábrica. Se, para *Gabriel*, estar na fábrica era uma grande novidade, o afeto por um homem também seria. Até ali não havia experienciado sequer um beijo. O mesmo relatou:

Ao passar do tempo fui me soltando um pouco, fui abrindo novas amizades dentro da fábrica, aí foi onde eu cheguei a conhecer uma pessoa lá dentro, por questão de amigos. Estava num círculo de amigos e essa pessoa participava, eu cheguei a conhecer e viramos amigos todos. Era uma pessoa mais velha do que eu, não lembro bem a idade, mas acho que uns quatro a cinco anos mais velho, era solteiro, já era homossexual, já era assumido, já tinha um tempo na empresa já também e a gente passou a fazer aquela questão de alisar, de conviver junto (GABRIEL, 2017)

Os encontros passaram a ser combinados. Na chegada, “o amigo” operário aguardava *Gabriel* nos portões que dava acesso à fábrica. Juntos, trincavam seus cartões e se dirigiam aos armários localizados nas partes anexas aos banheiros. Os armários para guardar seus volumes eram estrategicamente próximos, o que permitia a conversa, a interação, o abraço tímido, o sorriso terno. Nos diz *Gabriel* (2017):

Como eu entrei na segunda turma lá, que era de duas às dez, sempre quando eu chegava o encontrava na entrada, no caso, principalmente, e tinha as questões os armários do banheiro ne. Como eu arrumei um armário próximo a gente sempre conversava, ia junto pros armários, conversando, arrumava as coisas, ficava conversando, mas assim, sem interesse da minha parte. Eu nunca tinha tido relacionamento, não sabia como é que era.

Aqui, *Gabriel* aponta que conversava com o operário por quem estava se apaixonando e o cenário do banheiro surgia por ser o espaço de sociabilidades, onde os operários, de um modo geral, se encontravam para guardar e\ou retirar seus pertences antes e depois de suas

jornadas diárias. Se apresentava como um lugar praticado pela intimidade, pela conversa, pelo riso, pelo barulho do abrir e fechar de pequenas portas com seus cadeados. Armários institucionalizados, armários que apresentavam a função de guardar e/ou esconder objetos do uso pessoal dos trabalhadores fabris. Nesse contexto (físico), não eram os armários que regiam e controlavam a sexualidade, até porque tanto *Gabriel* quanto o parceiro se reconheciam publicamente homoafetivos. Ambos costumavam conversar e melhor se conhecer próximo aos armários físicos. Os armários de ambos estavam estrategicamente localizados bem próximos, mas, do “armário”, eles já haviam saído.

Para *Gabriel*, a aproximação com outro masculino não denotava imediatamente uma conotação sexual, era muito mais uma experiência que o tocava. Quando interrogado sobre a temática do desejo sexual, ele verbalizava “era mais aquela coisinha como dizem do primeiro amor né? Aquela coisa platônica, aquela coisa bem fantasiosa, era uma coisa diferente”. *Gabriel* se sentia atraído emocionalmente. O afeto era ligeiramente alimentado por esses dois sujeitos, ao ponto de iniciarem o processo de namoro. *Gabriel* (2017) depõe:

[...] Isso, um afeto, não tinha aquela coisa, aquele desejo carnal, sexual. Até o presente momento nunca tinha tido uma relação com alguém então não sabia mais ou menos o que era aquilo. Aí então a gente chegou a ficar depois de uns certos meses, fora da fábrica. Nunca tinha tido relacionamento, aí em questão de meses a gente já tava namorando, entre a gente assim ne [risos] tava namorando, tá. Pronto. Na fábrica só quem sabia era um colega nosso que fazia parte do círculo.

Algo havia acontecido para *Gabriel*. Um sentimento? Um afeto? Uma amizade? Antes de quaisquer conclusões que pudessem surgir, era fato que *Gabriel* vivenciava sua primeira experiência amorosa, uma relação com um outro operário. Em sua fala, percebi um sujeito tomado pela curiosidade de experienciar uma relação com outro homem. Mais que isso, ele permitiu que o seu corpo encontrasse um outro, fosse pelo abraço ou pelo beijo na face, eles se reconheciam: “por trás tinha um carinho, um contato mais próximo né? Tinha o contato do abraço, aquela troca de olhares, aquela coisa inocente ne?” Uma paixão fugaz se instalava, em poucos meses estariam juntos, experienciando o compromisso do namoro “sério” (GABRIEL, 2017).

Jorge Larrosa (2004, p.160) corrobora com a ideia de *experiência* quando afirma que esta tem por característica “cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender com lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro”. Os encontros no portão para adentrarem a fábrica, as conversas quando entravam no banheiro e se dirigiam aos armários para juntos guardarem seus volumes, os horários de almoço em que

podiam compartilhar do ato da refeição nos restaurantes. Não era uma experiência primeiramente sexual, era, antes de tudo, uma experiência do afeto que dialogava com os armários e fora deles, que dialogava com os encontros na fábrica, como também fora dela. Os dias na fábrica pareciam menos extenuantes. Para ambos, havia a expectativa do encontro antes de iniciarem a jornada, como também nos intervalos. Sentiam-se um ao outro, a presença, os odores, o toque. Viviam a emoção de se perceberem juntos, unidos. Dois operários que se encontraram e abraçaram um sentimento intempestivo. Gabriel, nesse momento, era território de passagem, sujeito de uma experiência singular. A experiência sentida e vivida de ter se apaixonado por um homem, operário, o transpassava.

Em alguns momentos de sua fala explicitava que não chegou a amar o operário em questão. Mas, de forma escorregadia, quando questionado sobre “paixão” por outro homem, ele afirmava: “[...] foi, foi repentina, até porque eu nunca tinha tido experiências com outras pessoas. Principalmente do mesmo sexo [...]” (GABRIEL, 2017). Sobre a paixão, Michel Foucault (1981, p. 1) afirma:

É um estado, é algo que te toma de assalto, que se apodera de você, que te agarra pelos ombros, que não conhece pausa, que não tem origem. Na verdade, não se sabe de onde vem. A paixão simplesmente vem. É um estado sempre móvel, mas que não vai em direção a um ponto dado. Há momentos fortes e momentos fracos, momentos em que é levada à incandescência. Ela flutua. Ela balanceia.

Distando da percepção de paixão por Michel Foucault, como aquele sentimento que se apodera, *Gabriel* resumia sua primeira e inesperada vivência afetiva como um “carinho”, que no cotidiano do trabalho, se tornara especial. Ele relata:

A gente se tratava como amigo mesmo. Era uma relação de amizade mas por trás tinha um carinho, um contato mais próximo né? Tinha o contato do abraço, aquela troca de olhares, aquela coisa inocente né? Mas dentro da fábrica maiores contatos não, era meu primeiro emprego, era muito novo, eu tinha medo (GABRIEL, 2017).

*Gabriel* estava apaixonado, era um tipo de paixão camuflada pela serenidade de sua personalidade que expunha um temperamento contido. E sobre paixão entre tipos masculinos na fábrica, como uma sociedade heteronormativa iria supor que numa grande fábrica onde o contingente humano é em sua quase totalidade formado por sujeitos masculinos, existiriam relatos sobre sexualidade, e, mais que isso, sobre a prática da paquera e do namoro entre operários? *Gabriel* viveu sua primeira experiência real com o trabalho ao tempo em que também vivia suas primeiras experiências afetivas com outro homem. Segundo ele, essa primeira

experiência durou aproximadamente três meses. Quando perguntado pelo ato sexual, ele foi enfático: “não”. Em suas narrativas, recorda com mágoa o fim da relação, experimentou a dor de ser traído:

[...] Eu tava na fábrica e sabia que ele tinha ficado com outra pessoa estando comigo. Isso me deixou um pouco magoado. Terminamos. Eu me retraí. A gente se via mas não se falava. Ele queria falar comigo mas eu não falava, aquela questão. Aí com o passar dos anos a gente se afastou de vez [...] (GABRIEL, 2017).

O primeiro amor, ou melhor, a primeira paixão, primeira decepção. Uma relação que se inicia sem a conotação sexual, sem encontros de corpos nos banheiros para a realização do ato sexual apressado. Um encontro entre sujeitos comuns que resolveram assumir para si a experiência do novo. Viver a emoção propiciada pela troca de olhares, boas conversas, afetos. A decepção se tornou eminente, houve uma traição, e, por conseguinte, a mágoa, a dor e a separação. Vivida a experiência, atravessado por ela, *Gabriel* recuou, retraiu-se e resolveu não querer se relacionar mais com o operário que até então se apresentava como seu parceiro de uma aventura percebendo no ato de se apaixonar o seu primeiro amor.

Jurandir Costa Freire (1998, p. 12) dirá que,

O amor é uma crença emocional, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo.

Considerando ser a sexualidade uma invenção humana, porque não compreender o amor como parte desse arcabouço emocional humano construído? Porque não percebê-lo como uma construção muitas vezes lenta e gradual? O amor, assim como os afetos, pode ser e é construído, representado, simbolizado e praticado. Por vezes, consequência do ato de se apaixonar. Pode ser confundido com a própria paixão. De todas as possibilidades aqui apresentadas, penso que seja amor, seja ele o primeiro ou o último, não pode ser limitado a questões de gênero, não pode ser normatizado ou normalizado. O amor é pessoa, e não categoria. Seus derivados desconhecem barreiras sejam quais forem (LOURO, 1999)

Nesse estudo localizei a paixão entre operários na fábrica, alguns interpretarão como afeto ou emoção. Encontrei sentimentos vivenciados por masculinos que não necessariamente estavam subjugados à degeneração ou à promiscuidade. Percebi a partir da ideia de experiência que a afetividade tocava e transpassava existências humanas, conversei com sujeitos que mantinham relações prolongadas de afeto dentro de uma composição amorosa. Outros que experimentavam as sentimentalidades em curtas temporalidades, de fato, era impossível

encontrar algumas tantas narrativas sobre gênero e sexualidade sem me deparar, na fábrica, com a narrativa do amor romântico. Para esta dissertação, resolvi trazer dois personagens – *Adam* e *Gabriel* –, e a partir das narrativas de ambos, percebi a importância de combater o discurso heteronormatizado que insiste em marginalizar as relações homoafetivas como sendo sexualmente degeneradas.

No *chão de fábrica* existiam pessoas, trânsito de indivíduos e suas singularidades culturais. No *chão de fábrica* e para além dele existia o ato sexual sendo realizado nos banheiros. Mas ao cartografar a fábrica pela entrelinhas que as subjetividades me permitia, percebi que nela e para além de seus portões sujeitos vivenciavam suas incríveis e sublimes experiências afetivas. Homens, sim, eram homens cisgêneros de orientação homoafetiva, que antes de serem tomados como objetos do sexo, me diziam que podiam fabricar e compartilhar afetos, eles eram amor, “amor da cabeça aos pés”.

Nesse capítulo, foram abordados temas que envolviam as práticas espaciais homoeróticas. Dentre os espaços de sociabilidades da fábrica, o restaurante emergia como o lugar do encontro de corpos dóceis, os banheiros, em contrapartida, surgiam como um espaço praticado pela transgressão. Discutiu-se também a experiência operária de vivenciar os sentimentos, o afeto e as paixões entre os iguais no âmbito do trabalho, da fábrica. O próximo capítulo irá trazer, nas entrelinhas da sensibilidade, a história de vida da operária trans *Agrado*. Desde a infância até a sua chegada à fábrica, a narrativa irá se concentrar na bela existência de um sujeito que, em sua jornada de vida, se ressignificou a partir da busca constante por si mesmo.

**CAPÍTULO III**  
**“FICAMOS MAIS AUTÊNTICAS QUANTO MAIS NÓS NOS**  
**PARECEMOS COM O QUE SONHAMOS QUE SOMOS”: UM CORPO**  
**CONSTRUÍDO PARA (A)GRADAR**

“Eu levo uma vida de uma mulher que trabalha, que luta de tudo para  
conseguir os seus objetivos.  
É a diferença. É meu ponto de vista”  
(Agrado, 2017).

### 3.1 De volta para casa

Em um ensolarado começo de tarde do mês de Março de 2016, após oito horas de trabalho no *chão de fábrica*, encerrava-se mais um expediente. O calor varria a entrada asfáltica que dava acesso à parte interna da fábrica, preenchendo com ar quente os espaços e vias de acesso aos setores. O relógio marcava quatorze horas e a primeira turma de operários e operárias terminava o ciclo de trabalhos, iniciado às seis da manhã. A temperatura escaldante das primeiras horas da tarde se unia ao calor humano dos transeuntes que começavam a deixar os seus postos de trabalho. O enfado corporal era camuflado por sorrisos. O fardamento suado, a essa altura, se apresentava manchado pelo pó da borracha ou pigmentos das mais variadas cores, denunciando o árduo processo produtivo ao qual estavam demasiadamente envolvidos. Os suspiros do operariado externavam a contento mais um fim de uma das três jornadas laborais diárias. Retomando minhas memórias fabris, eu os percebia desarrumados e cansados ao fim de suas jornadas. Na volta para casa, algumas operárias reencontrariam seus familiares, seus esposos e filhos, seus namorados e/ou namoradas. Outros muitos operários voltariam para suas mulheres e filhos, famílias.

Enquanto os corpos cansados se despediam de mais um dia de trabalho, outros corpos adentravam pelas fronteiras da grande fábrica. Sujeitos ligeiramente perfumados, cabelos penteados e fardamentos higienizados começavam a assumir suas funções nos setores substituindo os operários da primeira turma. A grande fábrica era o lugar dos encontros, mas também dos desencontros em meio a uma multidão de aproximadamente quatro mil pessoas. Os portões imensos eram abertos em sua totalidade para abraçar o contingente operário que chegava para o início de mais uma jornada, como também para servir de passagem e de saída para os que ali encerravam suas atividades. O tráfego de veículos era suspenso para que o contingente pudesse transitar dentro dos limites de segurança exigidos pela organização. Na troca de turma, o fluxo de pessoas transitando pelas dependências da fábrica chegava ao seu ápice. O burburinho da classe operária se espalhava de tal maneira que de todos os setores administrativos, distantes do portão de entrada cerca de setecentos metros, se ouvia o som, eram vozes, inumeráveis. Vozes que se amontoavam, se atropelavam, que se encontravam e se desencontravam. Gritos dos mais eufóricos, paqueras, olhares, brincadeiras e sorrisos fáceis.

O perfume dos que chegavam para o trabalho se misturava ao odor da sudorese dos que felizes se encaminhavam para a fila do cartão do ponto. Ao me deslocar pela fábrica, ainda cumprindo meu horário de trabalho, observava filas quilométricas que se formavam na espera

para registrar o horário de chegada ou de saída. As conversas eram extensas no aguardo da vez para trincar o cartão e seguirem seus destinos de chegada ou de retorno para casa, da volta. Nas filas, algumas operárias aproveitavam para vender seus produtos de forma discreta, já que no *chão de fábrica* o comércio entre os operários era proibido. Das suas sacolas, saíam catálogos dos mais diversos, desde perfumaria a produtos para cabelos. Os catálogos passavam de mão em mão, os acenos eram constantes, todos queriam ver as novidades, barganhar os preços. Homens e mulheres se interessavam e comprometiam parte de seus ordenados no consumo de cosméticos dos mais variados tipos. Alguns, inclusive, já recebiam os produtos solicitados e, na mesma hora, se banhavam com as águas perfumadas.

O maquinário em pleno vigor seguia seu fluxo servindo como testemunha ocular dessas experiências humanas. As máquinas não poderiam se dar ao luxo da despedida, presas ao *chão de fábrica*, apenas observavam todos os movimentos e, cadenciadamente, permaneciam no processo produtivo, atendendo aos mandos e aos desmandos dos chefes e supervisores, como também dos operários que, cotidianamente, tinham como função fazê-las produzir em tempo hábil. As vozes dos operários na troca de turma se uniam ao barulho proveniente do *chão de fábrica*, criando a atmosfera urbano-industrial, rica em suas multiplicidades e não menos interessante nas singularidades humanas que desfilavam naqueles espaços.

Em meio a toda essa algazarra diária e cercada por companheiros e amigos, despedia-se do *chão de fábrica* com destino à fila do ponto a operária *Agrado*. Mas, antes de continuar seguindo o fluxo com o grupo de companheiros rumo à fila, como de costume, conduzia-se naturalmente a um dos banheiros masculinos localizados à margem do caminho por onde todos estavam passando. Munida com sua *necessaire* na cor Lilás, a operária recusava a sair dos limites da fábrica sem seus retoques embelezadores. Poucas foram as vezes que compartilhamos o mesmo espaço, mas, dessas poucas, sempre a vi diante do espelho pintando um rosto ressignificado que lhe trazia plenitude e que, certamente, irradiava liberdade de uma estética existencial corajosa. Com leveza e empoderamento, prendia suas longas madeixas loiras para, em seguida, lavar o rosto removendo o cansaço diário de sua face. Apressadamente, enxugava com papel toalha disponível na cuba branca. O batom, o *blush* e o delineador eram artefatos que prestavam reverência à construção do belo. Os olhos realçados delicadamente por um rímel na cor preta dialogava com a beleza daquele momento. A base acompanhada do pó disfarçava as olheiras e alguns sinais de expressão. O batom, na cor rosa, era o seu preferido para deslizar por entre seus lábios suntuosamente “carnudos”. Soltando o cabelo, se avaliava na frente do espelho, gostava do que via, amava ser como era.



Ao se juntar novamente aos caminhantes, ouvia os gritos camuflados de “gostosa”, interpelações que massageavam o seu ego, sentia-se atraente e linda depois de uma jornada tão dura, mas não esboçava nenhum olhar permissivo aos gracejos que ouvia, já que, como citado anteriormente, sentia-se incomodada quando associavam sua imagem com a de uma prostituta. Vale ressaltar que nos dias de hoje a mulher continua sob suspeição quando expressa sensualidade. A sociedade, herdeira de um discurso biológico iniciado em meados do século XIX, ainda caracteriza a mulher sexual como prostituta. Para Miskolci (2003, p. 120), “a mulher normal não podia expressar sensualidade, o que a caracterizaria como prostituta. A prostituição era considerada uma forma de loucura feminina e a prostituta como o oposto da mulher normal”. Em pleno século XXI, essa premissa segue ativa. No que se refere a *Agrado*, responder aos olhares na fábrica ou se portar de forma sensualizada poderia confirmar o que seus companheiros de lida acreditavam, que ela era uma trans e que, por isso, se prostituía.

Em seus relatos, ela se deixa observar não apenas a partir do discurso da pureza. Em algumas falas, pude perceber que apesar de, atualmente, manter uma relação afetiva estável, em determinados períodos da sua vida, se envolveu apenas sexualmente com alguns homens, evitava, no ambiente do trabalho, enamorar-se de alguém por receio de perder o emprego, mas afirmou: “era acostumada a sair com homens que, era assim, conhecia hoje e amanhã eu já estava com ele num motel” (AGRADO, 2016). Sem pudor, ela revelou de maneira efêmera que antes da relação atual teve experiências de cunho sexual, rompendo de forma involuntária com o discurso da pureza tantas vezes observados em seus relatos.

Trincava seu ponto e, imediatamente, buscava a rota que a levaria para os seus. Sobre sofrer algum tipo de assédio no ônibus, ela foi enfática: “não, até porque quando eu entro no ônibus eu entro muito na minha. Pode ser que é devido ao cansaço. Mas eles me tratam normal” (AGRADO, 2016). Durante nove anos seguidos, o trajeto era o mesmo. *Agrado* entrava no ônibus que a levaria para casa, séria, contida, conversava com um ou outro operário que conhecia, falavam sobre o calor do dia como também sobre os assédios morais sofridos, dos sonhos de um dia poder se desligar da fábrica e montar seu próprio negócio.

A cada parada, *Agrado* se aproximava um pouco mais de seu destino. Às quatorze e quarenta, o ônibus da rota, já no seu bairro, chamado Santo Antônio, trafegava com pouca velocidade, entregando seus passageiros às suas famílias. As memórias que aquele lugar lhe trazia eram numerosas, retalhos de reminiscências, o passado e o presente caminhavam juntos por entre as ladeiras, ruas de areia e terrenos baldios. Três décadas haviam se passado desde o seu nascimento, as paisagens que via da janela do ônibus haviam se modificado. As ruas de

areia aos poucos foram sendo calçadas ou asfaltadas. Alguns casebres se transformaram em edifícios de dois ou três andares. A cada esquina um mercado, um bar ou uma pequena loja de confecção. O bairro trazia fortes ares de comércio. A padaria de Seu Ailton reinava solitária ao final da rua, reformada com ares de modernidade, atendia à população que vivia nas proximidades.

Ainda do ônibus, mas já nas proximidades da rua onde morava, *Agrado* avistava o *Colégio Assis Chateaubriand*, a *Igreja dos Santos do Sétimo Dia*, o *Grupo Escolar Santo Antonio*, o *Mini-box de Edson*, o *Bar de Lêda*, a venda de Guia onde se comprava fiado e o casarão de Fofinha. Íntimas paisagens carregadas de uma sensação de pertencimento àquele universo de pessoas e coisas que a fazia se sentir segura e acolhida. Sua rua, mais adiante, parecia permanecer inalterada. Já na esquina, descia da condução pisando a areia. Os ares da modernidade industrial que havia modificado algumas paisagens do bairro, não chegaram a sua rua, ao seu recanto. *Agrado* andava lentamente até a casa amarela onde residia, lugar que era palco de sua intimidade. No caminho, crianças brincavam à sombra dos pés de castanhola e os adultos buscavam em suas calçadas o assento para as conversas e fofocas cotidianas com a desculpa de estarem olhando os seus pequenos.

Cumprimentando esses sujeitos, seguia *Agrado*, ansiosa para abraçar seu amor que a aguardava. Parando entre um aceno e outro, ela continuava o seu desfile se revezando por entre poeiras e calçadas. Uma porta de madeira na cor azul convidava *Agrado* ao regresso, ao descanso. O bairro também me era familiar, assim como a rota por onde o ônibus da fábrica passara. Tive a oportunidade de ainda infante conviver no bairro, conhecer suas ruas e o comércio. Era comum ver sujeitos fardados na espera da rota que os levaria ou os traria da fábrica, muito mais comum era ver *Agrado* saltar do transporte rumo ao seu lar. A casa era simples, a tinta amarela opaca e fugidia dava sinais de desgaste na parte externa contrastando com um banco de madeira feito a partir de um tronco de árvore sobre a calçada de “terra batida”. Em uma de minhas visitas para entrevistá-la, conheci a gata “Deusa”. Essa era sempre a primeira a ganhar uns afagos e alguns sorrisos de *Agrado*. Animal estimado que se apresentava como um cartão de visita para os que ali aportavam.

A dores de *Agrado* e sua coragem estavam presentes de forma constante nas narrativas. A serenidade dialogava com os anseios pelo reconhecimento, pelo respeito. Ela gostava de viver e as suas lágrimas contavam sobre sua existência. Ela encarava o mundo com “graça”. Obviamente, colecionava suas derrotas e dores, colecionava tantas lágrimas. Remeto-me à

música *Vaca profana*<sup>85</sup>, de Caetano Veloso<sup>86</sup>, uma belíssima composição de sucesso na voz da cantora Gal Costa<sup>87</sup>. Seus impactantes refrãos são uma “ode” sacralizadora à ideia do feminino, como também um constructo empoderado de uma mulher que respeita suas dores para se afirmar como tal, e, com esse comportamento, muito mais respeita sua “risada”, aglutinadora de tantas batalhas vencidas.

Nos poéticos refrãos melódicos, percebe-se a reafirmação de uma mulher que aprendia com sua existência a ser quem era: “*Respeito muito minhas lágrimas/ mas ainda mais minha risada/inscrevo assim minhas palavras/na voz de uma mulher sagrada/vaca profana põe teus cornos/pra fora e acima da manada*”. O poema começa com o eu-lírico afirmando, no presente do indicativo, que respeita suas lágrimas, mas ainda mais a sua risada, ou seja, infere-se que chora, mas que apesar disso, respeita muito mais o riso, mostrando que o choro não invalida a felicidade, o riso transpassa as dores. O eu-lírico transfere a uma mulher sagrada a autoria de seus versos. Para além disso, a vaca<sup>88</sup>, que é a mulher, animalizada, mas sagrada e importante, é responsável por se mostrar afora e acima da manada, com seus cornos, porque tem algo diferente, algo de especial, saindo à frente e, possivelmente, comandando toda a manada.

Assim como a *Vaca Profana* de Caetano, *Agrado* tinha um olhar superiormente interessado em enxergar acima do óbvio e das pessoas. Desviava-se constantemente da maldade social que lhe impunha o lugar de sujeito abjeto e do insignificante por transgredir seu corpo. Mas, para além dessa premissa, percebia-se mulher, e, até mais do que isso, sagrada. Sofria, sabia disso, e por isso mesmo entendia o seu valor moral e social. Aceitando-se, aprendera a respeitar suas lágrimas e suas dores. Atinara sutilmente que poderia muito mais respeitar e valorizar a sua alegria em ter assumido uma identidade de gênero e sexual que a representasse, a sua risada simbolizava essa afirmativa. *Agrado* se aceitava, se gostava e se sentia confortável no entendimento desse “eu”.

Para se ter acesso às complexidades apresentadas por uma existência transgressora, é imprescindível que se busque no corpo infante e juvenil as experiências do vivido. A infância dela, assim como a adolescência, contavam sobre a construção desse sujeito, as formas como subjetivava o mundo à sua volta. Os estigmas sociais aos poucos seriam impressos tanto no

---

<sup>85</sup> *Vaca profana*

<sup>86</sup> Caetano Emanuel Viana Teles Veloso é um músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Com uma carreira que já ultrapassa cinco décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada amplamente como possuidora de grande valor intelectual e poético.

<sup>87</sup> Maria das Graças Penna Burgos, Gal Costa, é uma cantora brasileira, uma das mais bonitas e ousadas vozes da Música Popular Brasileira.

<sup>88</sup> Na Índia, a vaca é um animal sagrado que pode circular livremente nas ruas da cidade. Em “vaca profana”, sugere-se que Caetano faz alusão à cultura indiana.

comportamento quanto no corpo. As marcas de uma sociedade que exclui a partir da ideia de diferença começaria a pesar ainda na infância. A pobreza, a educação precária e a família formavam uma tríade que lentamente se frustraria na fabricação desse sujeito. Um sujeito menino.

### 3.2 *Agrado*, um menino?

De origem pobre, *Agrado* foi criada como um menino. A rua deveria ser o seu parque de diversões. Enquanto alguns meninos brincavam pelas calçadas com seus piões, bolas e pipas, ele<sup>89</sup> preferia brincar dentro de casa com as suas amigas e irmãs. As bonecas e os batons despertavam a partir das brincadeiras uma produção de subjetividades, e na TV, a apresentadora Xuxa<sup>90</sup> reinava absoluta nas manhãs do final da década 1980, o “Xou da Xuxa”<sup>91</sup> o qual era o seu preferido. Sobre esse período ela complementa:

Minha infância foi uma infância boa, não foi uma infância que eu fui criada no “mei” da rua [...] eu sei que era da escola pra casa e com meus “irmão”. Não foi aquela infância que eu diga assim, eu tive uma infância que eu brinquei de bola de gude, não aconteceu, tá entendendo? Eu não tive uma infância que vivia em campo jogando bola e também não tive aquela infância que era com um monte de amiguinho aqui no meio da rua brincando de carrinho, não tive, sempre meus pais me “criou” assim, com muito cuidado. Eu já tinha tendência, pelo fato de que eu não tinha a proximidade com criança, com criança homem, só mulher [...] eu fui criada dentro de casa, fiquei dentro de casa com três irmãs, eu tenho irmãos homens, mas não era assim muito junto a mim, era mais as meninas. Eles (os pais) sempre me “protegia” mais do que os outros irmãos, somos oito irmão. Tem mulher e tem homem, tem quatro mulher e quatro homem. Sempre no meio deles eu percebia que eles (os pais) tinham um certo cuidado, é como que fosse uma proteção pra ninguém “fizesse” algo mal comigo (AGRADO, 2016).

A rua era para os meninos o espaço público da liberdade, em contrapartida, as casas e seus quintais eram para as meninas o espaço da discrição e da intimidade, seus refúgios. No período da tarde, ele se deliciava com os penteados que fazia nas bonecas, como também com as diversas cores dos batons trazidos por suas amigas. Durante as conversas que tive com *Agrado*, ela confessava que sua mãe a criava dentro de casa, longe dos meninos. Ela entendia

<sup>89</sup> Nesse primeiro momento, utilizarei “ele” pelo fato de *Agrado*, na infância, se perceber como um menino, atendendo à nomeação de gênero que lhe deram ao nascer.

<sup>90</sup> Maria da Graça Xuxa Meneghel é uma apresentadora, atriz, cantora *pop* infantil, empresária, filantropa e modelo brasileira. É conhecida mundialmente pelo epíteto “Rainha dos Baixinhos”.

<sup>91</sup> O *Xou da Xuxa* foi um programa infantil de variedades apresentado por Xuxa Meneghel, na Rede Globo, de 30 de Junho de 1986 a 31 de Dezembro de 1992.

que a mãe queria protegê-la por perceber em *Agrado* um comportamento diferente, uma forma feminilizada de se apresentar socialmente, e, por isso, preferia que *Agrado* estivesse sob seu acompanhamento direto. *Agrado* (2016) relata: “minha mãe ela me criou muito dentro de casa, era da escola pra casa, da casa pra escola”. Em tom crítico, Giancarlo Cornejo (2010, p.4) ao referir-se às suas vivências de um menino afeminado e sua relação com a mãe, afirma que, “a ela se dirigiam, e sobre ela recaíam as atribuições de culpa e responsabilidade. E de que a culpavam realmente? Talvez por atribuir a ela aquele que é considerado o pior dos crimes: matar a seu próprio filho”.

Alguns estudos, como os de Lee Edelman, em *Homographesis: Ensaio sobre a Teoria Literária e Cultural Gay* (1994, p.167), vêm trazendo uma crítica contundente à ideia de vilã atribuída socialmente à mãe de uma criança efeminada. Nas palavras desse autor, “se representa a homossexualidade masculina através de uma mãe que mata seu filho, e quem, portanto, participa na destruição de continuidade familiar (patriarcal)”. Nasce o menino *gay* e morre o menino heterossexual. No caso de *Agrado*, em específico, nasce a menina à medida em que morre o menino heterossexual, e sua mãe tem parte nesse processo. Certamente, chamada de superprotetora, acaba por ser responsável socialmente pela grande mudança que anos mais tarde iria ocorrer com a transição de *Agrado*. Existiu esse menino heterossexual? Adiante, os relatos da própria *Agrado* nos responderá a indagação. Numa sociedade patriarcal, a mãe, por já sofrer misoginia, é culpabilizada e patologizada por ter um filho afeminado. Nas palavras de *Agrado* (2016): “meu pai dizia que a culpa era dela, da minha mãe, por eu ser assim desde pequena”.

*Agrado*, ao falar sobre seu pai, deixava visível a indiferença deste a partir da ideia de neutralidade: “meu pai ele é assim, ele é neutro. Ele não dá opinião em nada. E até porque eu procuro ter um comportamento mais rígido dentro da minha casa” (AGRADO, 2016). Dentro de casa, passaria a maior parte do tempo: “Minhas brincadeiras eram mais assistindo, na época não tinha essa história de *Internet*, era mais interessante assistir Xuxa” (AGRADO, 2016). Nesse relato, observa-se o receio de que *Agrado* sofresse com algum tipo de violência física por preferir brincar com as meninas. Os pais criaram todos os filhos considerando a premissa de que meninos brincavam na rua e meninas em casa.

*Agrado* foi um desafio. Era aquele sujeito diferente dos demais. Apresentava-se frágil, estereotipado socialmente como um menino delicado, feminino, anormal. Ele precisava de quem o protegesse e sua mãe tomava a dianteira nesse sentido. Mesmo considerando a heterossexualidade como inegociável, a mãe, segundo *Agrado* (2016), costumava relatar: “assim eu tive oito filhos e eu sei cada um deles, meu filho nunca foi preciso a dizer assim ‘eu

sou *gay*’, até porque eu criei ele e eu sabia para o que ele ia dá”. A mãe conhecia bem seu filho. Cuidava, protegia, cumpria o papel de mãe, exortava quando necessário, nunca o abandonou. O filho dela era visto como uma criança anormal por vizinhos, familiares e demais sujeitos que compartilhavam das relações interpessoais junto à família. O discurso médico estava enraizado, naturalizado, ditava o certo e o errado se sobrepondo inclusive ao discurso religioso. Em meados do século XVIII, se iniciou um mecanismo psiquiátrico-familiar que iria se desenvolver no século seguinte. A sexualidade passava a ser considerada parte do reino da patologia e a medicina, representada pela psiquiatria, racionalizaria o espaço familiar. Richard Miskolci (2003, p. 112) afirma que:

Durante o século XIX a psiquiatria buscou abranger o grande domínio que ia da irregularidade familiar à infração legal e, nesse sentido, passou a associar as irregularidades dentro e fora da família. Um criminoso passou a ser julgado não mais por seu crime, mas por seu passado, sua posição dentro da família; portanto, por sua inconformidade à formação normativa [...] Deve-se ressaltar que o que caracteriza o “anormal” é sua suposta doença. A ideia de um desvio do “tipo original” evoca a temática bíblica da queda e revela que sob o traje da cientificidade a psiquiatria apenas transformou a temática cristã do pecado em doença.

Quando a mãe confessou: “nunca foi preciso dizer assim ‘eu sou *gay*’, até porque eu criei ele e eu sabia para o que ele ia dá”, percebe-se, com essa corajosa fala de sua mãe, o não silenciamento da mesma sobre a sexualidade de sua filha, pois ela sabia de sua orientação sexual e queria protegê-la. *Agrado*, em contrapartida, não silenciava, o seu corpo e seus gestos falavam sobre aquele sujeito, o expunha à sociedade e aos comentários jocosos do bairro. Apesar de na sua infância já se identificar algumas inconformidades com as normas, por exemplo, o gosto por brincadeiras de meninas, ela optava por se fazer “vista grossa” para determinados comportamentos. Os saberes apreendidos de gerações em gerações repudiava o anormal, rechaçava quaisquer possibilidades de abraçar as diferenças. Em nenhum dos relatos se observou um desejo por parte de seus pais de procurarem entender o que se passava no comportamento de seu filho. Para a mãe, havia um desvio do tipo original, ele era diferente, e se crescesse afetivamente interessado por meninos seria considerado, para além de pecador, doente. Ao se deparar com essa realidade, ela optava por não problematizar. Deixá-lo em casa, invisível, era uma atitude para ela coerente e protetora até para que não sofresse violência de cunho sexual por meninos em idade superior a de seu filho.

Para Michel Foucault, as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo existiram antes do século XIX. Como exemplo, ele afirmou que no período da Renascença a prática sexual da sodomia era condenada pelo cristianismo e proibida por lei, tanto quando vividas por dois

homens quanto por duas mulheres. No século XIX, um outro discurso tomaria fôlego frente ao próprio discurso religioso. A medicina, ao comprovar que existia ato sexual entre pessoas do mesmo sexo, indicaria esses sujeitos praticantes do ato como sendo de uma outra “espécie”, um tipo de ser humano anômalo definido por uma sexualidade perversa. Enquanto no século XVI os homens e mulheres poderiam ser chamados à confessarem seus atos e práticas vergonhosas contrárias à lei de Deus e da terra, o homem do fim do século XIX, que se utilizasse de práticas sexuais que envolvessem pessoas do mesmo sexo, era visto como homossexual e encorajados a se enxergarem como tais. Foucault aponta o ano de 1870 como significativo para a visibilidade desse discurso, reafirmando que o termo “homossexualidade” surge como categoria construída do saber e não uma identidade descoberta. Em outras palavras, a homossexualidade é uma invenção da modernidade (SPARGO, 2017).

Os saberes que se apropriavam de algumas ações pedagógicas providas de sua mãe eram saberes derivados de vários dispositivos e discursos, dentre eles, o discurso médico aprendido através das gerações. Saberes que fabricavam discursos que, por sua vez, dialogavam com a ciência da diferença ou da diferença sexual<sup>92</sup>. Araújo (2015, p. 37), em seus estudos, corrobora no sentido de perceber que esses discursos “afirmavam ser o homem e a mulher diferentes por meio do sexo”. *Agrado* havia nascido biologicamente menino e deveria, portanto, performatizar o gênero masculino. Mesmo reconhecendo que o “filho” não apresentava as características comportamentais dos meninos, ele deveria agir e ser “visto” como tal. Para a sua mãe, essa era a forma correta de educar seus filhos.

Gerard Duveen (1994 *apud* Lemos 2007, p.4) complementa quando afirma que “a criança nasce em um mundo que já está estruturado pelas representações sociais de sua comunidade, o que lhe garante a tomada de um lugar em um conjunto sistemático de relações e práticas sociais”, ou seja, ao nascer, a criança, automaticamente, é pedagogizada a partir de convenções sociais, normas legais, vigilância comunitária, obrigações sociais e religiosas, é conduzida a se adequar ao seu gênero a partir do organismo biológico, naturalizando práticas sociais que antecedem a sua existência. Ainda criança, *Agrado* rompia, involuntariamente, com algumas regras. As brincadeiras preferidas refletiam um gênero em construção, eram práticas pedagógicas evidenciadas pela diferenciação sexual. A casa, por exemplo, era considerada o

---

<sup>92</sup> Piscitelli, Gregori e Carrara (2004 *apud* Araújo 2015, p. 37) informam que “a diferença sexual entre homens e mulheres, a partir do sexo, foi construída no século XIX pelo discurso médico. Foram dispositivos e discursivos que diferenciaram homem e mulher a partir do saber sobre o corpo. O saber sobre o corpo feminino, particularmente.”

espaço praticado pelo feminino e, a rua, pelo masculino. *Agrado* era aos oito anos um menino que brincava dentro de casa transgredindo esses espaços.

Ele crescia como um menino e assim era apresentado, mas, como de costume, no bairro do Santo Antônio, antes que a mãe se adiantasse em “apresentá-lo”, confundiam-no com uma menina. Tornava-se fato comum, era corriqueiro quando *Agrado*, ao acompanhar sua mãe até o mercado, ao serem atendidos pelos donos das vendas, lhe fossem oferecidos bonecas, calçados femininos e prendedores de cabelo na cor rosa. Esguio, magro e tímido, aos seis anos, era percebido - numa linguagem popular - como “franzino”. Calçando uma sandália havaiana na cor preta, comumente vestia uma camisa de poliéster branca com um desenho do *Pato Donald's*, esta, amarrotada pelo uso constante, era ensacada numa bermuda de brim confeccionada com esmero por sua mãe. Um menino que não era menino. Um corpo infante ornado com artefatos masculinos. Um corpo normatizado para atender às expectativas e aos anseios de uma sociedade heteronormativa.

A família era numerosa e todos os filhos deveriam começar a frequentar, entre os cinco ou seis anos de idade, o espaço escolar. Nos limites do Grupo Escolar, os vislumbres proporcionados por novas experiências, tantos conflitos, deslumbres. As leituras diárias de trechos bíblicos “abria” as atividades pedagógicas. Os cânticos e hinos invadiam o pátio principal como também as salas de aula.

Retornando ao bairro para encontrar *Agrado* com a finalidade de conversarmos sobre a pesquisa, pude atentar para alguns detalhes e observar alguns aspectos relevantes que caracterizavam aqueles espaços públicos. Em homenagem ao Santo Antônio, a comunidade resolveu batizar o bairro, o grupo escolar e a rua principal. A Rua Santo Antônio interligava o bairro ao centro da cidade. Com trânsito de veículos constante, possuía ares de avenida por ser a única rua asfaltada. O grupo escolar se encontrava na parte final desta, num local onde o asfalto sofria um estreitamento curvilíneo. A partir do grupo escolar, as casas pareciam encolhidas. Minúsculas, representavam a pobreza, um lugar de pessoas humildes e os ares de uma suposta avenida se reduziam. Os carros transitavam com maior dificuldade. O grupo chamava a atenção por sua extensão territorial. A propriedade que se iniciava na curva seguia protegida por um muro frontal cerca de duzentos metros até a esquina de edifício residencial azul, também registrado de Santo Antônio. A grandeza do muro era “quebrada” por seus portões, dele se podia, do lado externo, ver o campinho de futebol e as plantações de bananeira, de tomate e de hortaliça. A estradinha de calçamento em paralelepípedo conduzia os alunos, os pais e os profissionais às dependências do prédio principal.



*Agrado*, em sua infância<sup>93</sup>, sonhava em poder estudar naquele espaço, onde a maioria dos vizinhos de sua idade já haviam se matriculado para iniciar o ano letivo. Para o seu descontentamento, não seria dessa vez que conseguiria a matrícula, sendo necessário se dirigir a outra instituição, também próxima, para que lhe fosse dada a oportunidade aos estudos. Rememorando a partir do que contara sua mãe, *Agrado* afirma que, à época, com seis anos, foi conduzido por sua mãe até o *Grupo Escolar Alice Gaudêncio*<sup>94</sup>, localizado nas proximidades. Era chegada a semana de matrículas, uma semana, provavelmente, concorrida pela necessidade de vários pais matricularem seus filhos. Dirigindo-se à secretaria da escola, a mãe, retirando de sua sacola a certidão de nascimento de *Agrado*, além de outros comprovantes solicitados, começava a ditar para a diretora da escola as informações solicitadas no formulário. Tímido, *Agrado* apenas segurava na barra da saia de sua genitora observando os olhares sobre si. Quando leu a certidão de nascimento, a diretora não conteve um comentário sobre aquela criança que acabara de chegar para se matricular. Segundo *Agrado*(2016):

Eu sempre tive uma aparência de mulher. Eu me lembro que quando eu fui estudar e minha mãe foi fazer a matrícula e deu meu nome de homem normal a diretora disse “e não é uma menina?” Ela fez “não, é um menino”. Sempre eu sofria mais por conta disso, por essa aparência.

Assim como nos estabelecimentos comerciais, achavam que *Agrado* era uma menina, então, na escola, não seria diferente. De fato, *Agrado* era uma menina, mas isso nem ela mesma sabia. Os traços delicados, o comportamento discreto, os cabelos castanhos cobrindo os olhos e o conforto em estar entre mulheres pulverizavam a ideia do diferente, um menino que se parece com menina. Nessa experiência escolar, o ainda pequeno *Agrado* desenharia com as cores dos seus lápis de cera sua existência nem sempre colorida. Nas fases iniciais do período escolar, os desencontros consigo mesmo, o menino, aos poucos, se percebia diferente, aquela realidade lentamente o atravessaria. Ela relata: “Percebi quando eu fazia a quarta série, eu tinha uns oito anos, nove anos, percebi que eu era diferente já” (AGRADO, 2016). O menino sequencialmente rompia com a matriz binária sustentada pela heteronormatividade. As lembranças das experiências escolares eram dolorosas, curiosas e intimamente particulares. Para Lemos (2011, p. 6), “[...] a família é uma das primeiras esferas sociais que ajudam na

<sup>93</sup> Segundo Freitas e Kulmann Júnior (2002, p. 7), a infância é uma construção, uma “concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança”, enquanto a criança seria o sujeito real que vive essa fase da vida chamada de infância.

<sup>94</sup> O Grupo Escolar Alice Gaudêncio localiza-se na zona leste da cidade de Campina Grande-PB e oferece o ensino regular fundamental, anos iniciais, como também a EJA – Educação para Jovens e Adultos. Possui organização por ciclos. Em sua infraestrutura, disponibiliza sala de leitura, quadra esportiva e sala para atendimento especial.

estruturação das relações de gênero, seguidas pelas instituições de ensino, religiosa, trabalhistas dentre outras”. Tanto a família quanto a escola tiveram um papel preponderante no sentido de buscar ajustar o menino *Agrado* às convenções sociais refletidas pelo masculino.

Na porta do banheiro masculino da escola, o desenho de uma criança de cor branca, cabelos loiros e olhos azuis, vestindo calça e sapatos indicava ser ali o banheiro dos meninos, um exemplo que desnudava a instituição escolar, apontando-a como produtora do binarismo heteronormativo. A placa com o desenho representava o dispositivo que vigiava e que orientava a partir de regras heteronormativas, compondo assim o processo escolarização dos corpos. Um dos alunos ao se deparar com *Agrado* no banheiro masculino o confundiu com uma menina. A ideia de vigilância automaticamente atuava sobre a outra criança, pois ele entendia que meninas não poderiam adentrar aquele banheiro. O dispositivo da sexualidade fora acionado naquele momento e involuntariamente “transgredido” nas partes internas do local. A presença de *Agrado* era o suficiente.

A escola se apropriou, historicamente, de práticas heteronormativas. Vigia, controla e pune, age em nome de Deus e da família. É na escola que os indivíduos vão aprender e lá desenvolvem seus papéis de gênero, papéis esses que irão desempenhar por toda vida. O ambiente escolar e toda a sua estrutura física e intelectual oferece o palco que privilegia o exercício do gênero conforme. Dentro de seus limites físicos, as pessoas irão aprender a ser homens ou mulheres, e quem romper essa fronteira binária, será deixada ou deixado de fora dos modelos de educação oferecidos às crianças, aos jovens e aos adultos (LANZ, 2015).

De forma sutil e contínua, a escola disciplinava os corpos infantis, a própria experiência de *Agrado* causaria rupturas com esses espaços que passariam a ser problematizados nela e por ela mesma. Entre seus oito e dez anos de idade, o que lhe atordoava não era a ideia de possuir um pênis, mas, sim, a ideia de não ser um menino. Seria, então, um corpo estranho? Estranho para quem? Sobre o ocorrido no banheiro *Agrado*(2016) depõe:

[...] Aí eu cheguei em casa me perguntando “meu Deus, porque ele disse isso? Eu não sou um menino não?” Aí eu fui começando a trabalhar, quando eu tinha de nove pra dez anos, aí fui trabalhando com isso, aí foi daonde eu vi mais isso e me descobri, mas eu nunca namorei com meninas. Nunca, nunca, nunca não.

A partir dali, seria iniciada sua travessia de gênero e existencial. O impacto de ser confundida com uma menina nos banheiros da escola “mexeu” com *Agrado*. Desse momento em diante, ela começaria a tentar compreender para além da sexualidade, o gênero e suas rupturas. Uma jornada que se iniciava. Segundo Louro (2004, p. 15),

[...] A declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo.

O conflito se instalava na medida em que os alunos definiam que *Agrado* não era um menino, mas, sim, uma menina. *Agrado* sofria, sentia-se rejeitado, censurado e não enquadrado nos âmbitos sociais que dialogavam diuturnamente com a sua sexualidade ainda em formação. Aos dez anos, afirmou ter se descoberto, sabia que não era um menino como seus pais diziam, mas, de fato, era a menina que a diretora comentara ou que os donos dos comércios no bairro apontavam. A construção de uma identidade de gênero transviada iniciara por entre seus nove e dez anos, apresentava-se como sendo um processo de mudança subjetivo e particular. Desabrochava para desenhar estética própria, pintar com arte novos e belíssimos quadros de uma existência singular. Crescia por entre os becos e vielas do bairro do Santo Antônio. A menina, aos poucos, ia se deixando visibilizar.

É num outro espaço escolar que *Agrado* viveria sua adolescência. A saída do *Grupo Escolar Alice Gaudêncio* para a *Escola Estadual de Ensino Médio Assis Chateaubriand* representaria sua ruptura definitiva com a infância, dando início ao período da adolescência. No tópico que adiante se inicia, apresentarei *Agrado* a partir dos seus treze anos, um adolescente confuso, corpo sem órgãos<sup>95</sup>, que transitava por entre salas e banheiros, pátios e diretoria. *Agrado*, um corpo discente, já lidando com o ser “diferente”, assediado por um docente, tornara-se invadido, penetrado, corpo violado.

### 3.3 No muro da escola, o primeiro ato

O desejo por sujeitos do sexo masculino começava a despontar. Se aos dez se sentia diferente, aos treze, pelos caminhos do desejo, passaria a notar a presença dos masculinos deveras excitante. Um corpo que desejava, que admirava o outro. Rememorava atônita e com traços de timidez: “mas eu comecei a sentir desejo por homem aos treze anos”. Dona de suas vontades, *Agrado* nem aguardava lhe chegar a próxima interpelação, nas entrevistas, se antecipando falava sobre a sua “primeira vez” e, aos risos, complementava: “foi com um

---

<sup>95</sup> Deleuze e Guattari (2012, p. 144) afirmam que “de acordo com Deleuze, o CsO é o que resta quando tudo foi retirado. Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades, ele faz passar as intensidades, as produz e as distribui. Quando se fala em corpo que busca outras formas de viver, sentir e expressar; que possui prazer em experimentar e ser afetado, fala-se no desenvolvimento de um corpo sem órgãos, pois o CsO é sempre revolucionário e deseja tomar o que é dele: a potência de existir”.

professor de educação física”. Ela se sentiu atraída pelo seu professor e percebia nele uma reciprocidade. Relata que conversavam muito depois das aulas.

O muro do “Assis” era bastante conhecido. Construído quando da inauguração do colégio, em meados da década de 1980, ele ostentava seus quase três metros de altura. Para a construção, utilizaram pedras e concreto. Se estendia protegendo todo o território escolar ocupando um quarteirão inteiro. O grande muro possuía a fama de abrigar delinquentes. Viciados em drogas, como maconha e/ou outros alucinógenos e entorpecentes (como a cola de sapateiro furtada dos calçadistas clandestinos da região), se dirigiam ao muro para se encontrar e praticarem os atos ilícitos que incorriam em delitos, como a prática de assalto aos alunos e moradores daquela região que por ali precisavam transitar. Além de um contingente que não compunha o quadro discente do colégio, à noite, eram vistos alunos fardados encostados naquele local. Na penumbra, fumavam seus cigarros, como também viam na escuridão a possibilidade de praticar o sexo. Buscavam, encostados ao muro, o prazer das noites escolares quentes.

Oportunizando um encontro às escondidas nos limites do ambiente escolar, ocorreria o afago, o toque, a pressa em abraçar e beijar, a pressa pelo prazer. No desejo subjetivado, praticado, exercido pelo prazer, a virgindade seria rompida às escondidas, mas não a contragosto. Naquele espaço, vivendo uma experiência escolar, o corpo do menino *Agrado* fora violado, “mexido”, penetrado por um corpo alheio, o de seu professor de Educação Física. Se a primeira experiência sexual havia sido boa, ela confessa:

[...] Não, assim, eu não posso nem afirmar que foi uma coisa boa. Porque assim eu tava voando. Nas conversas que ele tinha comigo, e por eu ter treze anos é uma idade que você fica ainda na descoberta de qualquer coisa que te ‘interte’ na sua frente, ele conversava muito comigo, mas, era outro tipo de conversa tá entendendo (AGRADO, 2016)?

O agora adolescente se sentia atraído por seu professor. Nas aulas de Educação Física, o admirava, e deixando-se levar pelo que sentia, o procurava para conversar pelos corredores do colégio, quadra de esportes e cantina. As conversas versavam pelo duplo sentido, e a inexperiência de *Agrado* não lhe permitia ir imediatamente além. O ato sexual ainda era um território a descobrir, a experimentar. Ir ao colégio se tornava mais instigante, existia a prática da paquera com o professor. Vestia o uniforme limpo, sentia vontade de “pintar-se”, mas ainda se apresentava como um masculino. Banhava-se com lavanda, penteava-se.

Os encontros, antes esporádicos, durante o período da manhã, foram se ampliando para o horário noturno, já que a série a qual estudava fora transferida para a noite. Como também, à

medida que a intimidade se aprofundava, os encontros, antes ocorridos nos corredores internos do prédio, foram transferidos para o “descampado” por trás da escola. Às dezenove horas, o professor combinava com *Agrado*, de antemão, avisara que precisavam ser rápidos. O beijo, o abraço, carícias tantas por entre suas nádegas e pernas duravam seus quinze deliciosos minutos, no máximo. A luz do poste que dava para a rua não acendia há meses, o local se tornara escuro e sem trânsito de carros ou pessoas. Por trás do grande colégio, os arbustos e árvores testemunhavam os encontros subversivos de *Agrado* e de seu professor. Enquanto o alunado estava em sala de aula, *Agrado* experienciava o ato sexual por entre bocas e cabelos, sarros e deleites. O corpo era penetrado, ela sentia prazer, dava prazer.

Os momentos juntos se multiplicaram por anos e para além do ambiente escolar, o apartamento do professor foi escolhido para que, longe dos olhos de terceiros, os encontros permanecessem velados. *Agrado* (2016) relata: “eu fiquei entre os treze até os dezesseis com ele”. Durante três anos, *Agrado* manteve a relação amorosa. Ao término, entendia que havia chegado a hora de mudar, de realizar a travessia mais importante de sua existência. O menino começava, aos poucos a se despedir de suas vestes, de seu corpo. A necessidade de se resignificar enquanto sujeito de uma existência bela, vontade de ser o que sempre sonhara. As amigas lhe inspiravam a liberdade de vestir uma saia, usar batons dos mais variados, sutiãs e seios. O desejo por um novo corpo era subjetivado por *Agrado*. Queria seios, unhas grandes. Calças, *anabelas* <sup>96</sup>, *scarpins* <sup>97</sup> e *mules* <sup>98</sup>. Vestidos, prendedores de cabelos. Maquiagens. Desejava externar corporalmente o que de fato era, como se enxergava.

Para Deise Azevedo e Paula Regina (2016, p. 775):

[...] A maquiagem, a produção do cabelo e o investimento no vestuário são as primeiras transformações apresentadas; entretanto, parece ser a mudança na biologia corporal que produz os efeitos mais significativos com relação a construção da travestilidade e da transexualidade.

Deixara o cabelo crescer e discretamente se maquiava. Eram seus primeiros passos rumo à transgressão do gênero. A menina que muitos já percebiam existir queria publicizar esse “eu”. Era chegada a hora de renascer para sua família, amigos e amigas, para o bairro do Santo

<sup>96</sup> Calçado feminino cuja característica principal é o salto que se une ao sapato ficando inteiriço. É considerado um dos mais confortáveis combinando praticamente com todos os tipos de roupa e estilo.

<sup>97</sup> É o sapato feminino propriamente dito. Por definição, sapato é o calçado que esconde os dedos do pé e é fechado na parte de trás (parte posterior). O *scarpin* pode ter bico fino, arredondado (“sapato de boneca”) ou quadrado.

<sup>98</sup> É um sapato feminino diferente, com características de outros calçados. Assemelha-se ao tamanco, pois é preso somente pela parte frontal, ao *scarpin*, pela sua parte frontal fechada e seus bicos mais finos e clássicos, e pode ser considerado uma variação do *Channel*, que é um tipo de sapato fechado.

Antônio, mudar de nome, libertar seu “jeito”. As ruas e os becos periféricos testemunhariam a partir do “rebolar” desse novo sujeito, a viagem de *Agrado*, sua travessia e seus deslocamentos, a construção de um novo gênero. Seu ponto de partida era pela heterossexualidade que regravava, vigiava sua conduta, controlava. *Agrado* sabia que para se equilibrar era preciso estar em movimento, atravessar fronteiras. As mudanças que ela tanto almejava dependeriam dessa “viagem”. O destino? Um “eu” e um “corpo” ressignificados.

### 3.4 Atravessando as fronteiras do gênero e da sexualidade numa viagem existencial

A viagem representa movimento contínuo. A estrada reveladora das distâncias e das paisagens parece se mover por entre cores e tons do mais variados. No diário de bordo<sup>99</sup>, indispensável ao bom viajante, os registros dos acontecimentos mais importantes. A viagem, segundo o dicionário, é um deslocamento entre lugares, por territórios que distam geograficamente entre si considerando o espaço e o tempo. Planejada ou não, tem seu ponto de partida. Em sua rota, se estudam os percursos e as trajetórias como também os declives e possíveis perigos oferecidos pelo caminho. Viajar pode ser instigante, interessante do ponto de vista da aventura. Atingir o ponto de chegada pode ser opcional, por vezes muitos desistem no meio dos caminhos e voltam para suas rotinas, porém, outros seguem, num percurso desafiador, afinal de contas, as rotas mudam e o inesperado se torna companheiro do acaso.

Quem viaja desbrava novos territórios e pode conquistar outros muitos. Alguns preferem viajar sozinhos, sentem-se seguros e motivados para saírem de suas zonas de conforto e se embrenharem por jornadas que durarão dias, meses ou até anos experienciando jornadas que podem, para além de físicas, serem culturais e/ou psicossociais. Pessoas viajam por anos sem sequer sair de suas cidades ou até mesmo de seus bairros. Viajam sem sair de seus lugares instituídos. Metaforicamente, viajam para dentro de si e, nesses lugares íntimos, constroem seus esconderijos e se deslocam por entre os recônditos de suas almas, deparando-se a todo momento com o inesperado, com o susto ou com o medo de não chegar a lugar algum.

O fato é que se existem rotas terrestres, aéreas, marítimas e psicológicas, certamente, existirão viajantes dos mais diversos tipos. Sendo estes os bravos aventureiros ou até mesmo os tardios viajantes, que fartos da teatralização social, embarcam corajosamente em aventuras existenciais, permitindo os sabores e dissabores dos deslocamentos. É preciso compreender que

---

<sup>99</sup> Em inglês, *Log Book* é um instrumento utilizado na navegação para registro dos acontecimentos mais importantes. A expressão pode também ser usada como diário de algo que se faz, uma espécie de sumário. Diário de bordo é um documento de controle de viagem, de supostos problemas na viagem.

as distâncias que esses viajantes cedo ou tarde se dispõem a percorrer, nem sempre geográficas, podem ser, para além de experimentais, culturais. A ideia de “viagem” serve como metáfora para compreender as distâncias culturais proporcionadas pela diferença. O viajante que atravessa a distância social e cultural proporcionada pelo gênero e sexualidade transgressores se apresenta como aquele corpo estranho, estigmatizado. Na diferença, um “outro” distanciado e longínquo, como aquele que é estranho.

Louro (2004, p. 15) discorrerá sobre o poder de transformação que a viagem proporciona a quem decide, em sua existência, viver itinerante:

[...] A viagem transforma o corpo, o “caráter”, a identidade, o modo de ser e de estar...Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição das novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele)”.

A viagem proporciona mudanças que podem ser de ordem física ou comportamental e se apresenta como agenciadora de profundas transformações. Decidir-se por se assumir diferente implica em desafios, mudanças, na maioria das vezes, drásticas e irrevogáveis. No que tange às diferenças que perpassam o gênero e a sexualidade, no âmbito da transgressão (quando se decide por não mais atender à matriz binária homem/mulher), elas ampliam as formas de ler e de enxergar o mundo, as pessoas e as coisas, e, para além dessa premissa, afetam corpos e produzem novas identidades. Indicam pontos de partida para esses corpos viajantes, como também aonde se quer chegar e se querem, de fato, aportar em algum caos existencial. Não existe nada definido ou decidido. Os territórios são fluidos, sair da rota pode ser um novo ponto de partida. Binarismos questionados embarcam munidos da coragem de expressar para o mundo o que são e como querem viver dali em diante.

O viver era uma experiência muitas vezes difícil quando se decidia pela resignificação do corpo e da identidade para ser quem era, uma nova estética se apresentava como expressão única do ser, do ser mulher. Até aquele momento, muitas lutas foram travadas desde a infância pobre numa região periférica até os dias de sua travessia de gênero. *Agrado* havia crescido e, com ela, a certeza do que queria para si, do que queria ser para a sua família, seus amigos, vizinhos e sociedade. Diante da perturbação de se olhar no espelho e de não se enxergar, do incômodo em achar que aquela imagem ali refletida faltava vida, decide por sacudir-se, bagunçar-se. Aos dezesseis anos, um ponto de partida, viagem que começaria por novos tons. Cores que passariam a fazer parte do cotidiano daquela adolescente. Ousava, experimentava,

chocava. O pequeno e velho guarda-roupas de madeira ganharia novos inquilinos fixos. Coloridas, as peças de roupas presenteadas por suas amigas invadiam o móvel. Blusas com lantejoulas, minissaias, *tops* e biquínis ganhariam espaços por entre gavetas e ombreiras. Na parte inferior, passaria a guardar caixas de sandálias e calçados com saltos. Já sabia se equilibrar e, graciosamente, aprendera a desfilar por sobre as alturas, arrumava-se.

Morava na mesma rua de *Agrado* um rapaz com idade aproximada de vinte e dois anos, chamado popularmente de *Baby*. Era um sujeito assumidamente homoafetivo que chamava a atenção de *Agrado*. Ela o conheceu por volta dos seus quatorze, quinze anos. Aprendera a admirar aquela figura humana que representava o diferente, a forma como se vestia a agradava. A liberdade de ser quem era, por mais que se pagasse um alto preço, atraía aquela jovem adolescente mutante. *Agrado* (2016) relata:

[...] Eu me lembro que eu pequena admirava muito ele, ele usava short curto, aí eu fui conversando com ele escondida da minha mãe. De quatorze pra quinze anos eu tava com a personalidade querendo se formar, aí ele pegou e indicou um hormônio, aí eu tomei com dezesseis anos.

*Agrado* tem sua primeira experiência com hormônio<sup>100</sup> a partir da auto-medicação. Segundo Arán e Murta (2009, p.19),

No caso de mulheres transexuais (MtF), na automedicação normalmente são utilizadas pílulas anticoncepcionais em grande quantidades - as pacientes tomam muitos comprimidos por dia, acreditando que assim terão um efeito mais rápido - e hormônios indicados para reposição hormonal de mulheres na menopausa. Além disso, a literatura especializada aponta para a necessidade de pesquisas empíricas sobre os efeitos colaterais do uso prolongado de hormônios.

*Agrado*, por ser jovem e, à época, não possuir condições financeiras para ser acompanhada por um especialista, resolveu comprar de forma indiscriminada a medicação para injetar em seu corpo, prática que ocorre até os dias atuais.

Foi onde eu vi meus seios se evoluir, os pelos caindo, a definição do rosto, muda, com hormônio muda [...] afinou mais a voz, o cabelo começou a crescer [...] os hormônios ficam encarregados de tudo tu acredita? Eu faço de seis em seis meses, aqui mesmo,

<sup>100</sup> Sobre hormônios, de um modo geral, a testosterona tem efeitos masculinizantes e o estrogênio tem efeitos de feminilização. Juntamente com fatores genéticos, os hormônios sexuais afetam o desenvolvimento do sistema reprodutivo, o cérebro e as características físicas, como altura, constituição física, a forma de como a gordura é distribuída em seu corpo e sua massa muscular. Traduzido do "A guide to hormone therapy for trans people", produzido pelo Escritório Central de Informações do Departamento de Saúde do Reino Unido, em 2007.



eu tenho uma pessoa que aplica em mim, no braço, como eu tenho na bunda, o silicone, eu não posso aplicar (AGRADO, 2016).

De acordo com o *Guia de terapia com hormônios para pessoas trans*, produzido pelo Departamento de Saúde do Reino Unido, nas mulheres trans, o estrogênio tem efeitos sutis de feminilizar. A gordura pode ser distribuída nos quadris; O tamanho do pênis e os testículos podem ser ligeiramente reduzidos, algumas mulheres trans acham que as ereções e os orgasmos são mais difíceis de alcançar. Os seios podem ficar insensíveis e irregulares. Os pelos tendem a diminuir. Alguns dos processos de modelagem corporais presentes neste guia atestam as falas de *Agrado* no que diz respeito à sua experiência transgênera. Ela ainda se queixou de efeitos colaterais: “o sistema nervoso altera muito, fico nervosa, nervosa”.

*Agrado* reafirma seu gênero através da hormonoterapia informal produzindo efeitos em seu corpo. Em nenhum momento revelara ter sido adepta de comprimidos para menopausa, apenas de injeções medicamentosas. Desde os dezesseis anos, período em que tomou a primeira injeção, ela religiosamente faz uso da medicação. Para Galindo, Vilela e Moura (2012, p. 174):

Os hormônios deslizam em diferentes estratégias de governo da vida, principalmente, das vidas mulheres, às quais se destinaram para o controle de natalidade, bem como passaram a ser parte de reivindicações políticas em torno da liberdade sexual. Apenas recentemente, estes fármacos foram direcionados à população masculina, o que veio a acontecer quando o seu emprego passou ser generalizado, não somente como marcadores de gênero (e também marcados pelo gênero como masculinos e femininos), mas como medicamentos úteis a tratamentos de doenças como câncer de próstata. Nas apropriações de hormônios por travestis, fármacos contraceptivos são utilizados para fins distintos daqueles indicados à população feminina onde bulas são subvertidas com a criação de autorregulações por meio de experimentos corporais próprios e/ou de terceiros.

A hormonoterapia<sup>101</sup> passou a contribuir como um grande marcador de gênero, tanto na transição quanto na perpetuação do gênero ao qual *Agrado* se identificava. Diante da informalidade, o uso de hormônios ocorreu sem o devido acompanhamento do médico

---

<sup>101</sup> O objetivo da terapia hormonal é fazer você se sentir mais à vontade consigo mesmo, tanto fisicamente como psicologicamente. Você pode estar experimentando desconforto porque você não está feliz com sua aparência masculina ou feminina, ou talvez não se sinta confortável em seu papel de gênero como homem ou como mulher. Talvez esses dois fatores - a sua aparência e seu papel de gênero - estão em conflito com seu senso interior de ser um homem ou uma mulher (a sua identidade de gênero). Você pode ter vivido com esse conflito há muitos anos e estar desesperado para obter alguma ajuda. Se esta é a forma como você está se sentindo, o tratamento hormonal (testosterona, se você é um homem trans, e estrogênio se você é uma mulher trans) podem ajudar a superar sua angústia. Este tipo de tratamento é muitas vezes referida como terapia do "sexo oposto" hormônio. Traduzido do: "A guide to hormone therapy for trans people" produzido pelo Escritório Central de Informações do Departamento de Saúde do Reino Unido, em 2007. Disponível em <http://reicla-trans.blogspot.com.br/2011/04/guia-da-terapia-hormonal-para.html> Acessado em 25 de novembro de 2017.

endocrinologista, o que a colocou em risco, visto que o uso em excesso poderia ter acarretado em distúrbios no organismo, vindo a comprometer seriamente sua saúde. O hormônio se tornou um referencial importante para *Agrado*, que tanto desejava iniciar mudanças em seu corpo, como também mantê-las. Deise Azevedo e Paula Regina (2016, p. 774), em seus estudos, afirmam que “para o processo de feminilização, a ingestão de hormônios caracteriza-se como ato indispensável e fundamental na fabricação desse corpo [...] o corpo assume uma posição de objeto em que nele tudo se faz”. A hormonização passou a fazer parte de uma nova modelagem corporal associada às vestimentas e aos comportamentos. *Agrado* construía traços que compunham uma nova estética.

No filme *Tudo sobre minha mãe*, do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, a personagem mulher trans também chamada de *Agrado* (que inspirou o pseudônimo de *Agrado*, sujeito desta pesquisa) entra em cena para falar sobre uma de suas características latentes: agradar. Como também sobre sua maneira autêntica de viver sua existência bela e da necessidade ser quem sempre sonhou. No corpo ressignificado da personagem, as marcas da autenticidade e da transformação, do espírito bem humorado. Segue abaixo o monólogo do filme:

Me chamam de *Agrado* porque, a vida inteira, só pretendi tornar a vida dos outros agradável. Além de ser agradável, sou muito autêntica. Olhem só que corpo! Tudo feito sob medida. Olhos amendoados: oitenta mil. Nariz: duzentos mil (jogadas no lixo ano seguinte, ficou assim depois de outra surra). Sei que me dá personalidade, mas, se soubesse antes, não mexeria nele. Vou continuar. Peitos: dois, porque não sou nenhum monstro, setenta mil cada uma, mas eles já estão *superamortizados*. Silicone em lábios, testa, maçãs do rosto, quadris, bunda. O litro custa uns cem mil. Calculem vocês, porque eu já perdi as contas. Redução da mandíbula setenta e cinco mil, depilação definitiva a laser, porque as mulheres também vem dos macacos, até mais do que os homens, sessenta mil por sessão. Depende da cabeluda que se é. O normal é entre duas ou quatro sessões. Mas, se é uma diva do flamenco, precisará de mais, claro. Bem, como eu estava contando, sai muito caro ser autêntica. E, nestas coisas, não se deve ser avarenta. Porque nós ficamos mais autênticas quanto mais nós nos parecemos com o que sonhamos que somos (*Tudo Sobre Minha Mãe*, 1999).

A personagem apresenta um monólogo memorável sobre a condição da mulher trans na busca por se tornar esteticamente aquilo que se almeja ser. É sensível e inspirador. No filme, a personagem constrói um novo corpo: olhos, nariz, seios, rosto etc. através dos procedimentos cirúrgicos e estéticos. Longe de ter realizado tantos procedimentos cirúrgicos, *Agrado*, sujeito dessa pesquisa, buscou mudanças corporais a partir de tratamentos hormonais, o único procedimento cirúrgico foi a colocação do silicone. Em uma breve comparação, a *Agrado* da vida real em muito remete à do filme, e a intersecção entre as duas personas é a autenticidade, o ser autêntico. Enfrentaram a sociedade com seus saltos, maquiagens, silicones e hormônios. Sujeitos cheios de sonhos alcançáveis que eram, mergulharam em águas profundas em busca

de seus sonhos, de suas realizações mais íntimas, de suas autenticidades. Muito mais do que agradar um outro, aprenderam a olhar para o espelho e se amarem, se agradarem a si mesmas.

O *short* curto representava para ela o feminino. Uma expressão que denotava, naquela temporalidade, a mudança, a transgressão do gênero. Vestir-se fora do padrão heteronormativo dava provas que uma travessia estava ocorrendo. *Agrado*, transicionando para além do vestuário, interessava-se pela hormonização. Não apenas seios, *Agrado* ficara sabendo que os pêlos de todo o corpo diminuiriam e que em até algumas regiões sumiriam. A voz, antes grave, ganharia novos agudos. A pele se tornaria mais delicada. Era tudo novo. A transgeneridade ganharia visibilidade, agora, pelo corpo sendo modificado. Pele, mamilos, pelos, a voz. Como afirma Lanz (2015, p. 11) “expressões transgêneras são cada vez mais explícitas e visíveis na paisagem do mundo contemporâneo”. O exótico desafiava o convencional confrontando paisagens naturalizadas. Nessa viagem, *Agrado* assumiria uma nova identidade, desnaturalizando-se construiria um novo corpo, novas condutas. Sua identidade transgênera ganharia visibilidade social. A viagem estava só no começo, inumeráveis seriam os percalços.

Berenice Bento (2006, p. 61) afirmou que:

No momento em que se quebra a determinação natural das condutas, também se põe em cheque o olhar que analisa os deslocamentos enquanto sintomas de identidades pervertidas, transtornadas e psicóticas. A radicalização da desnaturalização das identidades, iniciada pelos estudos e políticas feministas, apontará que a identidade de gênero, as sexualidades, as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar.

Mas o que seriam essas determinações naturais das condutas? Nada mais do que condutas heterossexuais naturalizadas pelo discurso médico. É fato que a sociedade exige uma conduta heteronormalizadora, mas não se pode deixar de perceber que alguns sujeitos no seio social se deslocam, e, com isso, confrontam a normalidade exigida. Esses sujeitos são apontados pelo discurso médico como pervertidos, transtornados e psicóticos. O olhar da heterossexualidade guia as identidades de gênero e as sexualidades, apontando como corpo correto o corpo heterossexual. *Agrado*, ao empreender sua viagem transgressora do gênero, radicalizou com a desnaturalização das identidades, para além de um indivíduo travestilizado – como por muitos ainda é apontada –, ela passou a se perceber transexual feminina, uma mulher trans indo de encontro às ideias socialmente pedagogizadas.

Retomando a metáfora da “viagem”, é preciso considerar que as estradas existenciais apresentam suas curvas nas proximidades de desfiladeiros ou abismos. Assim como cruzamentos onde a atenção precisa ser redobrada para que não ocorram acidentes fatais durante

o itinerário. Além das curvas e cruzamentos, existem as fronteiras como sendo um lugar de relação, muitos estão estacionados diante da decisão de corajosamente atravessar ou covardemente retornar. As fronteiras estabelecem os limites de uma região para outra, representam o lugar onde ocorrem os encontros. Elas podem tanto unir quanto separar indivíduos e culturas. A fronteira é sempre movimentada e, talvez, por isso, o policiamento age vigilante, com fins de identificar as transgressões e as subversões. Diante das fronteiras permanentemente vigiadas do gênero, *Agrado*, viajante estranha e desordeira, começou a agir fora da ordem vigente, fora de uma rota planejada no seu nascimento, ela se desviava. Fabricava seu corpo socialmente errante. Na travessia de suas fronteiras existenciais, provocava curiosidade e desconforto.

Olhava seu corpo em processo de modificação e queria mais. Os seios apareciam, as maçãs do rosto sempre rubras apresentavam a construção do belo sendo cuidado pelos usos e abusos da maquiagem. Visivelmente dava os indícios de que o menino havia ficado para trás e que nascia *Agrado*. As mudanças no corpo conduziam-na a uma nova fronteira, ela precisaria decidir se continuaria modelando seu corpo ou se o que já havia feito era o suficiente. A cirurgia de transgenitalização<sup>102</sup> era uma possibilidade real, mas não a atraía, ela dizia ter medo, não do procedimento em si, mas do que Deus poderia “pensar” disso tudo. Ela relata:

[...] Eu tomo hormônio mas nunca fiz cirurgia. Já apareceu oportunidade pra mim fazer a cirurgia de órgão e eu não quis, *eu fiquei muito assim pensando, por eu ter uma família evangélica e por seguir essa regra deles*, porque eu fiquei assim, com medo assim e se depois eu quisesse voltar atrás? E se fosse castigado por isso? Porque querendo ou não eu tava brigando com Deus, tirando a natureza que Deus pôs em mim, e fazendo outra que não tinha nada haver (AGRADO, 2016).

No trecho: “ter uma família evangélica e por seguir as regras deles”, *Agrado* se justifica de forma contraditória. Ela, quando busca se adequar ao gênero feminino, iniciando sua transição, nitidamente, quebra com quaisquer regras da família cristã da qual faz parte. Sua

<sup>102</sup> Lanz (2015, p. 403) afirma que “trata-se da intervenção cirúrgica, vulgarmente conhecida como “operação par mudança de sexo”, mediante a qual se busca retificar o sexo de nascimento de uma pessoa transexual de modo a fazê-lo concordar com a sua identidade de gênero. Existem duas categorias de cirurgias de redesignação sexual: a) cirurgias de reconstrução genital – que se referem especificamente ao aparelho genital (por excelência são a vaginoplastia e a faloplastia); b) cirurgias feminilizantes ou masculinizantes – que se referem à adequação de características sexuais secundárias (como a mamoplastia ou as cirurgias faciais). *Nota:* A Comunidade Transgênera Norte-Americana passou a considerar essa denominação inapropriada (e até ofensiva). A denominação politicamente correta hoje em dia é ‘cirurgia de confirmação de gênero’ (*gender confirmation surgery*).” A primeira cirurgia de reaparelhamento genital do mundo foi realizada, de maneira experimental, na Alemanha, entre os anos de 1930 e 1931. A então famosa artista plástica Lili Elbe se submeteu a uma série de cinco operações num período de aproximadamente dois anos. No momento da cirurgia, seu caso já era uma sensação nos jornais da Dinamarca e Alemanha. Lili Elbe ficou conhecida como a “garota dinamarquesa” e morreu em 1931, logo depois de sua quinta e última operação.

família jamais seria conivente com saltos, maquiagens, mudança de nome social e hormonizações, mas ainda assim o fez. Em seguida, pensa nas penalidades divinas, no castigo que Deus poderia lançar sobre a mesma. Mas, porque Deus a condenaria pela cirurgia de reaparelhamento genital e não tomava nenhuma providência punitiva no caso das hormonizações e implante de silicone? Se ela havia nascido com o organismo reprodutor masculino, seria um pecado retirá-lo através de uma cirurgia, demonstrava medo das consequências, da justiça de Deus sobre sua vida, mas em nenhum momento, *Agrado* se mostrou temerosa sobre o que Deus pensaria quanto ao fato de realizar outras mudanças radicais em seu corpo. É importante levantar suspeições quanto à polidez percebida na fala. O discurso religioso parece vir à tona muito mais no sentido de legitimar seu medo do arrependimento, caso optasse pela cirurgia, do que necessariamente alguma condenação familiar ou de ordem espiritual.

Lemos (2011, p. 10) colabora afirmando que:

Mesmo com a caracterização moderna de uma religiosidade expressa pela relativização, transitoriedade e poder de escolha do sujeito, a religião sempre exerceu fortes influências na constituição e manutenção da representação social do homem e da mulher. Nas sociedades modernas a religião expressa sua influência sobre as representações sociais, quando os discursos são permeados pela idealização das relações sociais de sexo. Por isso, estabelecer uma relação entre religião e gênero nos ajudará a perceber a importância da religião na constituição e manutenção das relações de gênero.

*Agrado* tomava hormônios com fins de modificar sua silhueta ainda masculina. Os seios haviam crescido, já se percebia claramente uma figura humana feminina. Quando aceitou experimentar a hormonoterapia, em nenhum momento relatou o medo de ser penalizada por Deus. O medo do divino ocorreu visivelmente quando se remeteu à possibilidade de uma cirurgia de transgenitalização. Falar em cirurgia seria como ir de encontro à sua essência naturalizada pelo discurso religioso. O receio de se arrepender, de ser castigada. Operar a partir do reaparelhamento genital significava brigar com Deus. Mas, hormonizar, não? Será que não seria ir contra a “natureza” recorrer a hormônios para feminilizar o corpo? O discurso de *Agrado* apresentava algumas contradições. Se a natureza que Deus “colocou” nela era masculina, certamente, ele iria se chatear se a visse realizando modificações das mais superficiais através de hormônios ou demais artefatos que a associassem ao feminino. Talvez o próprio Deus tenha se aborrecido quando, por exemplo, soube das cirurgias plásticas que a mesma realizou por se achar ainda “masculinizada” demais.

O fato é que a religião exerce uma forte influência no seio social no que se refere às representações de homem e mulher. Ela reafirma os binarismos de gênero como sendo originais e divinos, ou seja, idealiza as relações sociais sexuais. O corpo quando discutido pelo viés da religiosidade, é sagrado e deve atender o caráter reprodutivo para o qual foi designado por Deus. Masculinizar ou feminilizar um corpo para reafirmar uma identidade transgressora vai de encontro às leis da cristandade. *Agrado*, por mais temerosa que fosse quando o assunto polêmico de reaparelhamento genital surgia, ao se anunciar outras formas de modelagem corporal, se sentia mais à vontade. A transexualização para *Agrado* era uma forma agressiva de transicionar. Por isso, a mesma optou por cirurgias plásticas. No processo de composição desse novo corpo, *Agrado* além de confidenciar que todo processo se iniciou a partir da hormonoterapia, enfatizou que determinadas regiões foram submetidas à intervenção cirúrgica. Ela relata:

[...] O resto foi cirurgia, cirurgia plástica comum. Botei silicone na parte das nádegas, e preenchi essa parte da perna, eu tinha a perna muito masculina [...] Com certeza eu sempre vou ser punida. É como diz o meu namorado. Ele diz: “tu sabe que a gente não tá fazendo coisa boa”. “Tu sabe que a gente vai ser punido. Não aqui” (AGRADO, 2016).

*Agrado* vivia à sombra do pecado. Explicitava não ter interesse pela cirurgia de transexualização, alegando o receio de ir de encontro aos seus princípios religiosos. Em contrapartida, havia trabalhado como vendedora e dançarina entre os dezoito e vinte anos para reunir uma quantia aproximada de dez mil reais no intuito de realizar cirurgia plástica (particular) na região das nádegas e das pernas. O então namorado, hoje marido, reafirmava que o fato de estarem juntos, diante de Deus e da igreja cristã, não era certo. Viviam um amor transgressor, subversivo, e em algum momento acreditavam que iriam pagar um alto preço por isso. Que Deus os condenaria. Após as cirurgias plásticas ela passaria a se assumir como *Agrado*, suas longas madeixas loiras denunciava a nova estética, *Agrado* se reconhecia como uma mulher trans. Aos vinte anos a vida passaria a fazer mais sentido.

Buscando uma contextualização histórica, a transexualidade passou a ser investigada na década de cinquenta. Os estudos realizados inicialmente por Herry Benjamin pulverizaram o discurso de que a identidade transexual é tida como uma patologia. O diagnóstico parte do pressuposto de que a pessoa apresenta uma repulsa pelo seu próprio corpo, julgando o mesmo incompatível com a concepção identitária que desenvolveu de si própria, uma identidade oposta à categoria de gênero recebida ao nascer. A transexualidade foi classificada como doença mental, figurando no DSM III e IV como sendo um transtorno de identidade de gênero que

sofreria uma alteração para Disforia de Identidade de Gênero (*Gender Identity Disphoria*) a partir do DSM V, publicado em 2013. No item F64.0 CID 10, é reafirmada como doença mental chamada de Transexualismo. A identidade transexual nasce atrelada ao discurso médico-psiquiátrico, tendo como principais referências o médico endocrinologista e sexólogo Harry Benjamin, o psicólogo e sexólogo John Money e Robert Stoller, médico psiquiatra e professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O sujeito transexual, portanto, tornou-se objeto específico no campo das patologias sexuais (LANZ, 2015).

A última novidade teórica nesses últimos cinquenta anos veio do pesquisador J. Michael Bailey, que, diante de seus estudos sobre gênero e sexualidade, publicou o livro *The Man Who Would Be Queen* (O Homem Que Queria Ser Rainha), no ano de 2003. Lançando uma nova teoria sobre a origem da transexualidade, J. Michael irá afirmar que muitas transexuais MtF desejavam fazer a cirurgia de reaparelhamento genital não por acreditarem terem nascido no corpo errado, mas por se sentirem excitadas pela ideia de se verem a si mesmas como mulheres. Este pesquisador foi influenciado pelos estudos do Dr. Ray Blanchard, do notório Clarke Institute, de Toronto, Canadá. Foi este pesquisador quem deu o nome de *autoginefilia*<sup>103</sup> ou *autoginecofilia* à condição clínica popularizada por Bailey. A visão clássica de “transexualismo” parte de uma perspectiva inteiramente patológica, sendo a transexualidade um desencontro entre mente e corpo, um erro da natureza que teria colocado um cérebro de uma mulher no corpo de um homem ou vice-versa (LANZ, 2015).

É relevante considerar que em sua trajetória como mulher trans, *Agrado* se apaixonou algumas vezes. Nas conversas, afirmava que geralmente se relacionava com homens casados: “eu gostei de um, por sinal eu só tenho sorte com homem casado”, num relato desacreditado sobre a ideia de amar ela continuava solene:

Eu gostei de um que eu amei muito ele, gostei muito dele e através dele eu botei na cabeça que num existe amor, existe costume de estar com aquela pessoa, porque assim, que amor é esse que faz a gente sofrer? Então é amor covarde, eu sempre digo assim, que o amor é tão covarde que faz a gente sofrer, que se fosse tão bom a gente não sofria tanto. Concorde comigo? Eu sofri muito por amor, eu sofri muito. Aí eu botei na cabeça que quando eu conheço uma pessoa eu apenas vou me acostumar. Não vou amar. E amor eu só acho que você só ama uma vez. Que é a primeira vez. O amor eu acho ele muito covarde. Ele é tão covarde que faz com que você pense em se matar por outra pessoa (AGRADO, 2016).

<sup>103</sup> Sobre Autoginefilia ou autoginecofilia, Lanz (2015, p. 400) acrescenta: “o termo autoginecofilia, que significa literalmente “amor (atração) a si como fêmea”, foi criado por Ray Blanchard, na época psicólogo clínico do Clark Institute of Psychiatry, em Toronto, Canadá, com o objetivo, segundo ele, de aprimorar os critérios de classificação das pessoas transgêneras. Partindo do fator “excitação sexual”, Blanchard dividiu a população das pessoas transgêneras em dois grupos aos quais denominou, respectivamente, de autoginefílico (ou autoginecofílico) e androfílico.

Apesar de insistir que na vida só se ama uma vez, *Agrado*, atualmente, está casada. Sentindo-se confortável para contar sobre sua atual experiência amorosa, ela se referiu inicialmente ao período do namoro com um homem jovem de seus trinta e um anos (atualmente, *Agrado* refere-se a ele como marido), bonito e forte: “malhado. Ele é malhado. Tem um peitoral muito bonito, uma bunda muito bonita. Umas pernas muito bonitas” (AGRADO, 2016). Preferiu se abster de fornecer maiores informações sobre ele. Mas, para além das características físicas, ela intensificou seus elogios ao masculino cortês que, apesar de casado, no início da relação, deixou mulher e dois filhos para assumi-la como namorada e viver uma grande paixão. Quando questionada sobre o relacionamento extraconjugal, *Agrado* (2016) foi enfática:

É uma relação muito boa entre eu e ele [...] eu nunca exigi nada disso, que ele que deixasse a mulher dele, porque querendo ou não ele tem uma família, é a vida dele com uma mulher, mas foi ele que tomou essa decisão, ele dizia que não estava mais sentido alívio em estar com a mulher dele, não via mais a mulher dele como mulher.

A família do namorado inicialmente poderia ter representado um impedimento para a relação deles, mas diante do fato dele não se sentir mais atraído pela esposa, fez com que *Agrado* continuasse a se relacionar mesmo sabendo que ele era casado. Segundo *Agrado*, ele assumia a relação em público, mas ela evitava: “eu evito assim, de tá andando com ele de mão dadas, é um choque, querendo ou não, para o povo é um choque. Eu não tenho preconceito comigo, mas eu evito [...] por ele ser um pai de família” (AGRADO, 2016). Ela se reservava por medo do choque social que poderia causar nos ambientes públicos pelos quais precisassem passar ou interagir. À época, a esposa ficou sabendo e entrou em contato via telefone com *Agrado*, que se disse assustada e vítima da circunstância, já que, segundo ela, o então namorado só revelou que era casado após dois meses de relacionamento:

Eu só sei que a mulher dele ligou para mim perguntando, ela ficou abismada! [...] Não, não me tratou mal. Até porque eu tava inocente nessa história, depois de dois meses que eu tava com ele foi que ele veio dizer que era casado, senão até antes eu não queria [...] eu recebo ele na minha casa muito bem, ele dizia que a mulher dele não era uma mulher que tratava ele bem, era briga todo dia (AGRADO, 2016).

O discurso vitimizado de *Agrado* era muito presente em suas interlocuções. Se expunha de maneira excessiva como inocente, mas, mesmo após a descoberta da façanha de seu pretendente, continuou a relacionar-se, e na intimidade, a apresentá-lo como seu namorado. Na fala “recebo ele em minha casa muito bem”, *Agrado* se mostra uma exímia estrategista na arte



da conquista, visto que, se a esposa não o tratava bem na intimidade do lar, *Agrado* muito bem o fazia como forma de seduzi-lo. Vitimizações à parte, foi no campo da intimidade sexual que ela se mostrou um pouco mais despudorada, abrindo algumas brechas para ser interpelada e expor alguns detalhes de suas práticas sexuais. Do quanto se sentia mulher nas relações e da não permissão em ser tocada em seu órgão genital, não gosta: “Me sinto como mulher, é tanto que eu já deixei muito namorado porque eu não queria usar o outro lado que eles queriam. Tá entendendo?” (AGRADO, 2016). Aqui, *Agrado* deixa clara a sua preferência por, durante o ato ser sexual, ser penetrada. Em outras situações, foi deixada pelo namorado anterior porque não queria ser ativa<sup>104</sup>, na relação sexual.

As preliminares ocorriam de maneira muito prazerosa. O intenso encontro de corpos enamorados permitia que *Agrado* extravasasse seus desejos se sentindo plena e realizada com seu parceiro: “ele assim, ele consegue me realizar em tudo na cama. Ele me faz ser uma mulher” (AGRADO, 2016). Ela se dizia cativada e afirmava que as relações sexuais não ocorreram já nos primeiros encontros:

Repara só como que foi eu com ele. Para ter relação com ele foi depois de dois meses, por quê? Ele me dizia que eu era a primeira e que ele não estava preparado pra isso, e eu sabia e respeitei o espaço dele. Então que ele não me via só como um objeto sexual. Ele me via como uma pessoa que ele queria ter uma coisa séria. Que se fosse para querer transar, transava com qualquer uma por aí. Foi depois de dois meses, eu soube esperar.

Esse relato supervalorizava a pessoa de *Agrado*. Num primeiro momento, ela se apresentava como vítima de uma situação que envolvia um relacionamento com um homem casado, insistiu apesar de ser considerada socialmente “a outra”. No segundo momento, se narrou buscando se livrar do estereótipo de objeto sexual, visto que o parceiro queria viver uma relação amorosa. Mais uma vez, *Agrado* se colocava a partir de um discurso puro que fugia da ideia de libertinagem comumente propiciada pelas relações extraconjugais. Em mais um relato, ela se referia a uma situação embaraçosa que viveu com seu parceiro e do quanto se sentiu cuidada por ele:

Ele me levou no hospital, eu comi alguma coisa na fábrica aí fiquei com uma infecção. Foi ele que me levou no hospital e assim as enfermeiras tudo olhando pra ele, porque

<sup>104</sup> Em uma relação sexual homossexual, o termo *ativo* refere-se à pessoa que faz sexo penetrando anal ou oralmente outra pessoa, que por sua vez, assume a posição de oposto e por isso é chamado *passivo*. Por extensão, a palavra ativo também é usada para identificar pessoas que geralmente preferem esta posição sexual, ou que pretendem desempenhar um papel mais dominante durante o sexo. A pessoa que escolhe uma ou outra posição sexual é chamada de “versátil”.

ele é muito bonito, uma pessoa malhada, [...] as enfermeiras tudo olhando e perguntavam a ele o que ele era meu, ele falou: “eu sou namorado dela”. Eu fiquei assim, se fosse eu, dizia que era um tio, um primo, eu fiquei abismada na hora que ele disse “eu sou namorado dela” como eu tenho plano (de saúde) eu fiquei num apartamento e sempre sabia que não tinha precisão de tá enfermeira dentro do quarto, ela ia direto, não pra me ver, ia pra olhar pra ele (AGRADO, 2016).

Diante da exposição, *Agrado* se sentia realizada por viver uma relação onde o parceiro não se omitia em assumi-la. Em contrapartida ela era temerosa diante do fato de ser uma mulher trans, já que a sociedade marginalizava sujeitos que transgrediam com as normatizações impostas. Diante desse cenário, não só *Agrado* poderia ser hostilizada, mas também o seu parceiro, já que ele estaria vivendo uma relação afetiva com uma mulher trans. *Agrado* sempre se refere a ele como sendo um homem muito bonito, e com isso, se mostrou no final do relato enciumada por perceber que as enfermeiras procuravam adentrar ao quarto em que a mesma estava não para atendê-la, e sim para flertar com o jovem que a acompanhava.

Retomando à intimidade de casal, procurei indagar sobre o cotidiano apaixonado que ambos construíam quando se percebiam sozinhos. Ela afirmou que o ato sexual ocorria de quinze em quinze dias, intervalo referente às visitas dele em sua residência. Por ter se instalado no quarto dos fundos da casa, *Agrado* dispunha de maior privacidade para receber seu parceiro. Quando ambos estavam sozinhos, se despiam de quaisquer vergonhas: “ele dorme ‘nuzinho’ (despido) perto de mim, aí fala ‘que besteira, fique nua’ aí eu falo ‘não que eu tenho vergonha’ [...] eu fico só de calcinha perto dele [...] eu nunca respondi isso para ninguém, você tá me deixando muito eu (risos)” (AGRADO, 2016). Vencendo, a timidez *Agrado* prosseguiu relatando suas aventuras sexuais com o que ela viria a chamar mais à frente de “o homem da minha vida”.

*Agrado*, que inicialmente construiu um discurso onde afirmava que só sentia prazer sendo penetrada e de que não gostava de ser tocada em seu órgão genital, sutilmente, se contradiz quando questionada diretamente se o parceiro a tocava em seu órgão: “pega, e às vezes eu gosto”. Mesmo algumas das vezes rejeitando se permitia ser tocada dessa forma. Prossigo perguntando se ao ser tocada o órgão enrijecia, ela respondeu: “sim, enrijece. E ele também fica”. Diante do clímax, as brincadeiras por parte do parceiro surgiam para que ambos relaxassem frente ao contato de corpos: “aí ele começa a ri. Aí fica na brincadeira ‘oxe, e não é uma mulher não? Eu pensei que fosse uma mulher. É um machão, meu machão!’ Aí começa a brincar [...] ele é um companheiro ótimo comigo, ele é ótimo, ótimo” (AGRADO, 2016). O semblante de *Agrado* se modificava ao relembrar das brincadeiras entre eles e do quanto essa

interação trazia leveza e segurança para a relação. Quando perguntada se ele permitia que ela tocasse seus glúteos, ela ri e desconversa “pego, mas ele sempre diz: ‘êpa, não desça muito não’”. A fala do parceiro no sentido de rechaçar quaisquer investidas onde ele se coloque num lugar de passividade, vem a calhar com a reafirmação de sua própria masculinidade que lhe diz que o lugar do macho, viril, é o que tem como papel no ato sexual o de penetrar.

O encontro de corpos seguia noite adentro. A cada encontro para o sexo, *Agrado* relatava que ele chegava ao orgasmo duas vezes. Enquanto ela: “três vezes, aí se relaxa um pouquinho e volta tudo de novo”, temerosa diante de tantas revelações: “que essa gravação não se espalhe pelo amor de Deus (risos)” (AGRADO, 2016). *Agrado* convidou o então namorado para que viesse morar com ela na casa onde reside. Ambos vivem maritalmente no quarto dos fundos. Ela trabalha durante o dia, assim como ele também. A família, segundo *Agrado*, o respeita e mantém um bom relacionamento. Quando está em casa, nos dias de sua folga, ambos gostam de ficar juntos. Ele jogando *vídeo game* e ela arrumando o quarto e providenciando a refeição para ambos. Durante a semana, nas quartas-feiras à noite, *Agrado*, assim que chega da fábrica, começa um processo de produção sobre o seu corpo. Cabelos, unhas, pele. Maquiagens em tons festivos. Tudo em prol de um programa de entretenimento virtual que a faz brilhar no seu perfil do *Facebook*, é o programa da *Agrado*, ou, melhor dizendo, *De Frente com Agrado*. O tema será abordado no próximo tópico.

### 3.5 Um rosto e um corpo feitos para brilhar no ciberespaço

Numa sexta-feira, véspera de outro dia qualquer, o relógio marcava 20 horas. O primeiro programa do verão de 2016 estava prestes a começar. A câmera do seu *Smartphone* estrategicamente posicionada capturava a imagem frontal em tempo real. A *live*<sup>105</sup> iniciara e a estrela maior do programa *De Frente com Agrado* brilhava efusivamente no ciberespaço. O som trazia ares de mais uma sexta-feira animada com as músicas das “paradas de sucesso” transitando em torno de gêneros musicais como o forró, sertanejo, *funk* e axé. Sentada numa poltrona marrom, o vestido curto e cingido ao corpo denunciava suas curvas, como também sua autoestima alta. Decotes valorizavam o seu busto compondo uma estética cuidadosamente elaborada com fins de atrair os mais curiosos olhares. No vídeo gravado, que ficara registrado em seu perfil do *Facebook*, *Agrado* não escondia a ansiedade, e com um amadorismo que ainda

---

<sup>105</sup> *Live* é uma palavra inglesa que, ao ser traduzida para o português, significa “ao vivo”. Tornou-se uma expressão muito comum no ciberespaço quando internautas realizam chamadas de vídeo em tempo real.

lhe era peculiar, perguntara aos seus ajudantes, posicionados nos bastidores, se o programa estava “ao vivo”. Confirmado, *Agrado* arrumava suas madeixas loiras e com um sorriso convidativo olhava para a câmera, desejando o seu primeiro boa noite, “vamos começar mais um *De Frente com Agrado*, quem será o meu primeiro seguidor ou seguidora da noite?” (AGRADO, 2016). Chegava a hora de interagir com os internautas que de maneira gradativa ingressavam na *live* para acompanhar a estrela e seus convidados.

Os temas a serem discutidos ficariam por conta dos “fãs”, que ansiosamente esperavam seus nomes serem chamados ao vivo pela carismática *Agrado*. À medida que iam se conectando, imediatamente davam o seu boa noite, o momento era festivo! Tornava-se muito comum ler: “*Agrado*, manda um beijo para minha tia”, ou “*Agrado* manda um alô para meu irmão que está no Rio de Janeiro te assistindo”, “*Agrado*, você arrasa, está linda!”, fora as inúmeras menções (marcações) dos perfis de terceiros para que estes pudessem participar. Era agradável para ela ser vista, sentir-se aceita e querida. Iniciava o programa sempre buscando interagir com seus seguidores e seguidoras. Àquela altura, o programa “*De Frente com Agrado*” já reunia famílias inteiras ao redor dos computadores e celulares. Vizinhos, amigos, amores e ex-amores abandonavam seus afazeres cotidiano para assistirem ao programa na *Internet*. Prestigiavam-na com perguntas das mais diversas. Também era comum pedidos para que ela dançasse, e ela os realizava dançando ao som de gêneros musicais populares, como *funk*, *axé music* e forró. Por dançar em bandas de forró da cidade, como também em quadrilhas tradicionais da periferia, *Agrado* provara ser uma eximia dançarina, sentindo-se plena, como também muito requisitada quando pediam para que ela dançasse.

Agradecia e pedia aos participantes que dessem a nota para a roupa da noite que ela estava usando. De forma detalhada, narrava cada peça. Geralmente, *looks* para o verão ou para a noite. No programa, o primeiro do ano, desfilava seu *look* sensual e, logo após os primeiros “boa noite”, informava, de maneira pretenciosa, que estaria lançando a música do verão. Levantando e afastando a cadeira, queria espaço. A música do verão? “Paredão metralhadora”, da Banda Vingadora. Na batida do *funk*, os refrões penetravam as residências dos seus telespectadores: “pega a metralhadora/ trá trá trá trá trá/ as que comandam vão no trá/ tra tra tra tra tra” À medida que *Agrado*, durante sua performance, rebolava e se jogava rapidamente no chão, a quantidade de seguidores aumentava interagindo com a divertidíssima apresentadora e dançarina. Finalizando o número, ofegante, ela agradecia aos elogios dos participantes “obrigada meu amor. Mona o carnaval vem aí...” (AGRADO, 2016).

A operária do *chão de fábrica* era esquecida por algumas horas. Diante das câmeras, se exibia, empoderada, uma mulher que deixava a discrição de lado e encarava a sua personagem da vida real. Sentia-se livre para ser quem era, acompanhada por amigos e admiradores, só lembrava-se da fábrica quando os operários se conectavam e começavam a interagir. Ela deixava claro: “Na sexta-feira vocês tem um encontro comigo meus amores, é um programa babado, o *De Frente com Agrado*, quem quiser me ver...vamos conversar, vamos falar de moda, de tudo”. Em vários momentos, ela levantava e desfilava para mostrar seu *look*, sempre fazendo referência à loja que a patrocinava e com uma música no gênero musical *funk*. Por entre rebolados, *Agrado* rodopiava leve, o cabelo na altura da cintura parecia ter vida própria. As pernas à conduziavam por passos elaborados e cadenciados. Dançava, encantava, sorria, ela só queria agradar. O *De Frente com Agrado* era “purpurinado”, reluzia com a autenticidade e a força de uma mulher exuberante. As margens eram rompidas, os silêncios encerrados, existia uma mágica que envolvia de forma avassaladora os mais conservadores usuários do *Facebook*.

O festivo programa de verão se aproximava do final. Sutilmente, ela pergunta ao amigo colaborador: “Já são nove horas? Então gente eu tenho que ir, até sexta-feira, vou agora gente, eu vou ter que ir, porque eu só posso ficar até nove horas”. Seu público, resistente à sua ida, insiste que ela não termine o programa naquele horário, queriam mais *Agrado*, com o término a sexta voltaria à monotonia comum. “Vou dançar uma música para encerrar com tudo, beijos e tchau”. Dançando, *Agrado* de forma brilhante encerrava mais um encontro no ciberespaço e já convidava para que os participantes curtissem suas postagens e comentassem, dentro do possível responderia a todos e todas. Os vislumbres que causavam deslumbramentos atraíam cada vez mais pessoas para aquelas aparições apoteóticas.

### 3.5.1 O vasto universo do ciberespaço

Por ter a pretensão de discutir sobre as interações de *Agrado* com o *Facebook*, apontando suas experiências virtuais, e tendo em vista que a *Internet*, como também os novos espaços de sociabilidade que surgiram e se ampliaram a partir dela são uma criação do tempo presente, enquanto pesquisador, se fez necessário observar as redes sociais na contemporaneidade. Além de encurtar as distâncias entre o pesquisador e o objeto de sua pesquisa, a *Internet* se apresentou como uma produtora de novas fontes documentais. No caso desta pesquisa, foi substancial ter acesso ao perfil de *Agrado* no *Facebook*, aos comentários dos seus seguidores, às fotos e aos vídeos. Partindo da observação diária virtual, pude acompanhar,

assim como qualquer seguidor, o cotidiano de um dos sujeitos dessa pesquisa, e, com isso, conhecer a *Agrado* virtual, percebendo os contrastes que me eram apresentados no ato da entrevista presencial.

Para Almeida (2008, p. 1):

[...] A *Internet* configura-se como uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas históricas. Em especial para os pesquisadores do Tempo Presente, que após o advento da *Internet*, passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes.

Sendo a *Internet* essa nova categoria de fontes documentais, ainda assim, muitos historiadores preferem usar como suas fontes de pesquisa o papel, indicando, portanto, a escassez de trabalhos acadêmicos cujas fontes são providas dos meios virtuais e ciberespaços. Sobre essa discussão, Almeida (2008, p.2) ainda colabora:

[...] Uma primeira explicação para este comportamento é de caráter histórico. Durante séculos a historiografia baseou-se na validação de fontes e metodologia de análise em um suporte documental específico: o papel.

De acordo com Almeida (2008), a limitação de trabalho de cunho historiográfico é uma herança histórica que referencia a busca recorrente de pesquisadores por arquivos. Uma herança positivista que destitui a própria fonte oral ou até mesmo arqueológica. Era o papel quem deveria reinar como fonte primordial histórica, e, como exemplo dessa fala, as fontes historiográficas mais comuns eram as correspondências, os ofícios e requerimentos, atas, inventários, códigos de leis etc. Com os *Annales*<sup>106</sup>, o reino do papel começaria a ruir. Lucien Febvre (1950 *apud* LE GOFF, (1992, p. 540) defendia a ampliação das ideias sobre a fonte documental. Para ele:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais.

---

<sup>106</sup> A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. Sob esta visão, a História era relatada como uma crônica de acontecimentos, o novo modelo pretendia em substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das “mentalidades”. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>. Acesso em: 06/02/2018.

Nessa perspectiva, a afirmativa denota um avanço considerável no pensamento, o que permitia ao pesquisador/historiador ir além do *corpus* escrito, se apropriando da liberdade de recorrer a outras fontes como forma de conceber a historiografia. Dentro desta ampliação, era factível que o pesquisador/historiador do Tempo Presente, poderia então, se utilizar de fontes contidas na *Internet*. O ciberespaço nada mais seria do que um produto que derivaria do surgimento da rede mundial de computadores que, diante do poder da comunicação em massa, fez surgir novos espaços de sociabilidade não presenciais, e o ciberespaço exemplificaria de maneira precisa essa observação. Para Levy (1999, p. 17),

O ciberespaço [...] é o novo meio de comunicação que surge com a rede mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Com o advento das redes sociais (redes virtuais), percebeu-se esse importante recurso que pode ser usado pelos pesquisadores, permitindo que os mesmos mergulhem em um oceano de informações que passariam a, inclusive, reduzir distâncias, como citado anteriormente. O *Facebook* emerge como um dos exemplos de ciberespaços mais procurados mundialmente. Em sua concepção, é um site de relacionamentos com outras pessoas, tornando-se de uso frequente por quem navega nas redes, à medida que também sugestiona outros tipos de relações. No caso do *Facebook*, os usuários criam perfis com a finalidade de visibilizar e divulgar suas informações pessoais. São novas possibilidades onde os usuários têm a oportunidade de ser reconhecidos enquanto sujeitos compartilhando sua vida privada.

Considerando tais premissas, esta pesquisa considera que o *site* de relacionamentos *Facebook* estimula as múltiplas possibilidades de se dizer sujeito, e, mais do que isso, abarca as variadas formas de se relacionar virtualmente. Oferece a visibilidade de um *corpus* documental importante a qualquer pesquisador, e, no meu caso, tornou-se uma excelente ferramenta de observação e análise. Ao mergulhar nas fontes produzidas por *Agrado* em sua página, pude não só visualizar, mas também interagir com a experiência desse sujeito. Foi a partir das visitas cotidianas ao perfil dela que tive a oportunidade de conhecer mais uma de suas façanhas: o *De Frente com Agrado*, um *talkshow* amador com música, dança, entrevistas, patrocinadores etc. As próximas linhas que se seguirão terão como função primordial apresentar *Agrado* a partir de uma outra perspectiva que não seja a da fábrica. Por esse viés, será mostrada a estrela suburbana trans que atrai centenas de usuários “*faiceboquianos*” todas as sextas a noite para discutir sobre temas ligados à política, sexualidade. Tudo como muito brilho.

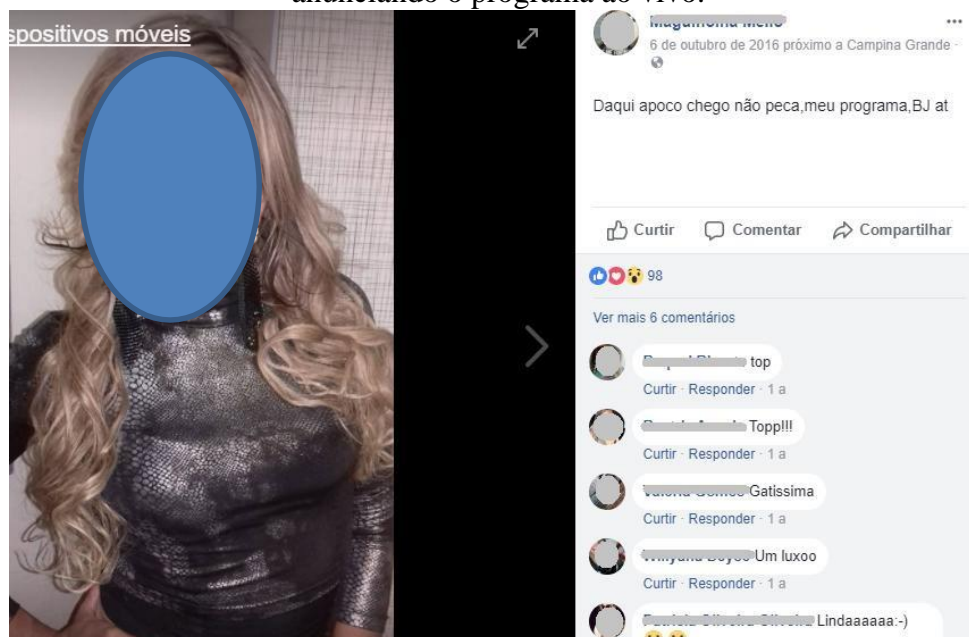
### 3.5.2 De Frente com *Agrado*

O perfil da *Agrado* no *Facebook* conta hoje com mais de cinco mil amigos e já apresenta dificuldades para aceitação de novos convites, ela relatou: “é tanto que para uma pessoa entrar é uma agonia, porque tipo, manda convite e eu não estou conseguindo mais aceitar” (AGRADO, 2016). Cartografando os perfis virtuais que mais interagiam comentando e conversando ao vivo com *Agrado*, percebeu-se que os jovens, em sua maioria, com idade entre quinze e trinta e cinco anos, eram reincidentes nos comentários. Quando questionada sobre como avaliava a questão do preconceito nas redes e sobre o público que a acompanhava, ela foi enfática: “eles são pessoas héteros. Observe que são mais mulheres casadas, homens, são pessoas mais héteros. E é por isso que eu digo assim, que através desse programa o preconceito caiu muito” (AGRADO, 2016). Ela percebia o seu programa como uma ferramenta importante para a visibilidade trans, como também para o combate à transfobia.

Durante as *lives* dos programas da sexta, a média de participantes interagindo chegava ao interessante patamar de duzentas pessoas em tempo real. Nas abas dos comentários, variadas eram as perguntas que, ao vivo, *Agrado* respondia, temas relacionados aos acontecimentos políticos semanais estavam sempre em pauta, assim como reivindicações à prefeitura por melhoramentos da cidade. As sugestões sobre moda feminina eram uma constante. Alguns desejavam sucesso e reafirmavam o fanatismo pela atração, que se tornou, inicialmente, no bairro do Santo Antônio e adjacências, uma febre. Era comum ver perfis comentando e pedindo para que *Agrado* citasse os nomes de pequenos negócios locais (salões de beleza, lojas de confecções etc.) Dentre os demais comentários, tornava-se comum visualizar os internautas, em sua maioria mulheres, enaltecendo a beleza de *Agrado*. As imagens abaixo ilustram:



**Figura 2:** Imagem contida na página pública do *Facebook* de *Agrado* com chamadas virtuais anunciando o programa ao vivo.



Fonte: Página pública de *Agrado* no *Facebook*, 2016.

Como já era de *praxe*, às sextas-feiras, antes de iniciar o programa, *Agrado* lançava uma imagem sensual convidando seus seguidores para, às 20 horas, participarem do “*De Frente com Agrado*”. Ao divulgar o horário e confirmar que em determinado dia o programa iria “ao ar”, ela alcançava seu objetivo de atrair o máximo possível de público para as suas *lives*. As imagens de seu corpo e seus *looks* variavam de acordo com a temática a ser aborda. Nos dias de temas mais sérios, *Agrado* parecia vestir roupas mais fechadas, que escondiam um pouco seu corpo, nos dias de temas abertos, leves, engraçados, ela optava por roupas mais curtas e mais erotizadas.

**Figura 3:** Imagem contida na página pública do *Facebook* de *Agrado*, para seu programa “*De Frente com Agrado*”.



Fonte: Página pública de *Agrado* no *Facebook*, 2016.

Na figura 3, *Agrado* se apresentava sentada sobre uma cadeira na cor laranja ao iniciar dois de seus programas semanais. No período dessas gravações, ela já era bastante conhecida em seu bairro. *Agrado*, ao chegar da fábrica, rapidamente iniciava sua produção: cabelo, maquiagem, unhas e adereços brilhosos como pulseiras e brincos, adornos que enalteciam o corpo, já ressignificado, para ser apresentado para seguidores e fãs internautas. O cenário era simples, conforme relatou:

[...] O cenário quem doou foi um amigo, como se fosse um *bannerzinho* cheio de cds, essas coisas. Aí a iluminação era uma lâmpada em cima de mim com uma gambiarra para dá uma claridade melhor, e até hoje ainda é assim (AGRADO, 2016 – grifo nosso)

Era preciso atentar para a consideração de que o foco de suas aparições soava como um movimento mais político (do ponto de vista do ativismo LGBTTTT) que erótico. A maneira de se vestir indicava ser aquela pessoa impregnada por um sentimento de liberdade que lhe era peculiar. O seu corpo refletia empoderamento e reafirmava sua identidade de gênero. No livro *Vidas Trans: a luta de transgêneros brasileiros em busca do seu espaço social*, Jaqueline Gomes de Jesus (2017, p. 7) dialoga com a postura libertária de *Agrado* quando afirma:

Eu adoro ser uma mulher trans. O momento em que se reconhece como pessoa trans é maravilhoso. Quão difícil é explicar para as pessoas cis – que não são trans– o sentimento de plenitude que nos preenche. A transição entre como nosso corpo era, para a forma com a qual nos identificamos, é um nascimento: tornamo-nos nós mesmos. Engana-se terrivelmente quem acha que nossa jornada é para fora, ela é para dentro.

*Agrado*, em um determinado momento de sua existência, resolveu externar suas opiniões, compartilhar suas experiências e pontos de vista, dialogar com a diferença ali representada por seus seguidores. Protagonizava um movimento “de dentro para fora” que partia da necessidade em ser reconhecida, da necessidade de representar um contingente historicamente excluído: ela era pobre, trabalhadora e transexual. Tornou-se emergencial se conectar e quebrar os silêncios, enfrentar uma sociedade que ridicularizava e invisibilizava causando sofrimento e dor. Ela queria poder falar e ser ouvida. Queria ser lida e reconhecida. Jaqueline Gomes de Jesus (2017, p. 7) prossegue:

Mas quem ouve a pessoa trans? – Age-se como se não falássemos. Quem a lê – Age-se como se não escrevêssemos...É costumaz que terceiros (geralmente cis) falem por nós, iniquamente, sem considerar nossos pontos de vista, nossa visão de mundo, nosso protagonismo em todas as suas expressões.

Inquieta, *Agrado* decidira pela exposição voluntária nas redes. Tornava-se um ato político sair das margens e transitar por um espaço, que, apesar de virtual, era, antes de tudo, social, e refletia a cultura da exclusão para quem transgredia o gênero. De maneira corajosa e autêntica, se tornava um desafio sair do anonimato e dar visibilidade a sua identidade de gênero no ciberespaço, onde o alcance de uma foto, de um vídeo ou até mesmo de um comentário poderia ganhar críticas em uma proporção inimaginável. *Agrado* brilhava.

Estimulada inicialmente por amigos e vizinhos *online*, interagia discutindo temas da atualidade. Ao vivo, era questionada e respondia aos seus seguidores. A política era um tema

bastante popular. Ela prontamente dava sua opinião e os comentários seguiam concordando ou discordando de seus posicionamentos. Quando perguntada se a escolha dos temas a serem colocados em pauta durante o programa eram pensados previamente, ela rebate:

[...] Não, o povo joga o tema na hora. Aí faz pergunta, daí a gente já vai naquele tema. Tá entendendo? [...] Já tem um menino que fica no celular dele, assistindo, aí tem pessoas que eu não consigo mandar um alô porque tem muita gente, aí o menino faz uma lista e passa pra mim, aí eu mando naquela hora o alô (AGRADO, 2016).

Nos programas ao vivo, é preciso ser dinâmico. Diante da “chuva” de perguntas e interações, *Agrado* não conseguia atender em tempo hábil. Os seus colaboradores acompanhavam tudo e anotavam o que fosse preciso para que ela, num segundo momento, respondesse. Durante a semana, como também nos finais de semana, em seu perfil do *Facebook*, *Agrado* tanto entrava ao vivo em chamadas curtas quanto gravava alguns vídeos e publicava. Na aba de comentários dos vídeos publicados, alguns usuários do *Facebook* faziam suas perguntas. Quando não eram respondidas nas abas de comentários, *Agrado* respondia ao vivo no *De Frente com Agrado*, ou até gravava um vídeo comentando as perguntas de alguns seguidores.

Dentre as perguntas: “No âmbito político qual você mudaria: a saúde pública ou a segurança pública? Qual você mudaria primeiro?” outros comentários se referiam as festas na cidade: “Você acha que deve voltar o São João nos bairros ou vai motivar a violência ainda mais?”. Quem acompanhava o perfil de *Agrado* no *Facebook* sempre interagiu com as suas publicações, seja perguntando seja discordando de determinadas posturas de *Agrado* nas redes. Diante de alguma música recém-lançada e que estivesse no topo das paradas de sucesso do Brasil, *Agrado* gravava vídeos dançando e os publicava.

Como também dançava no *De Frente com Agrado*, dançava estimulada pelos pedidos dos seus seguidores, muitos queriam vê-la dançando, pois sabiam que era um dos seus *hobbies* preferidos:

**Figura 4:** A dança como um robe.



Fonte: Página pública de *Agrado* no *Facebook*, 2016.

Um corpo construído para agradar, era assim que a imagem de *Agrado* repercutia nas redes sociais. Um público ávido por suas performances se reunia para prestigiar, alguns surpresos diante do que viam reagiam com elogios. Para além dos comentários realizados por vizinhos e conhecidos, outros, ao perceberem *Agrado* sensualizando com suas danças, comentavam de maneira a produzir cantadas de cunho machista e até transfóbico.

Os comentários “Posso tocar para ver se é de verdade” e “tira você toda pelada” pulverizam falas transfóbicas, supondo que *Agrado*, mesmo associada ao feminino, não seria biologicamente uma mulher. Mais dois comentários chamaram a atenção: “uma mulher dessa eu não faço nada, chupo toda” e “pensa esse cuzão do meu lado”. Identifiquei esse primeiro comentário como machista pelo fato de o internauta se reportar de forma depreciativa à figura feminina de *Agrado*, um comportamento típico de indivíduos masculinistas que reafirmavam sua masculinidade inferiorizando a mulher. A esse respeito, Lemos (2007, p. 3) assevera que é “por isso não é incomum encontrarmos homens que impõem sua masculinidade por intermédio

da misoginia, do horror a tudo que se apresenta enquanto feminino. A masculinidade é desenvolvida em constante relação com a feminilidade”. Diante da presença feminina de *Agrado* nas redes, era nítida a necessidade de reafirmação de alguns masculinos, que, ao se utilizarem de uma linguagem falocêntrica e depreciativa, tinham a finalidade de se reafirmar enquanto “machos”. O segundo comentário denotou o falocentrismo, a necessidade do homem ser aquele que penetra. Diante dos comentários expostos, o último é o dela, que, apesar de sempre abraçar discursos combativos à discriminação, preconceitos e quaisquer formas de machismo e transfobia, termina vindo à público (*online* nas abas dos comentários) para agradecer. Nesse ponto, o que se percebe é uma sutil contradição entre discurso e prática.

Diante dos comentários anteriores, pergunto se *Agrado* sofria preconceito nas redes de maneira constante. Ela respondeu:

[...] O ano passado surgiu um grupo de adolescentes assim com “chacotinhas”. Aí foi aonde foi formada uma equipe pra ficar perto de mim, é, pra tá observando...e na mesma hora a gente tinha que excluir. Tu tá entendendo? Ao vivo. Todo mundo que assiste a gente observa todos os comentários. Porque as vezes tem criança, principalmente porque hoje em dia o meu público é mais de criança que gosta muito, aí a gente evita certos comentários pra não chegar a atingir eles, pra não chocar (AGRADO, 2016).

Nessa última, percebe-se a preocupação com o público infantil, como também a sua inquietação em não permitir que determinados comentários discriminatórios atingissem essas crianças. O *De Frente com Agrado*, inicialmente, caiu na graça dos amigos e dos vizinhos do bairro. Aos poucos, foi tomando uma maior proporção, ela era chamada para os salões de beleza mais próximos com fins de divulgar tanto os estabelecimentos comerciais quanto os produtos. À medida que o programa ia sendo divulgado nas ruas do bairro, novos seguidores iam sendo adicionados pela mesma, independente de conhece-los presencialmente, o que gerava algum desconforto por parte de *Agrado*. Ao observar com mais profundidade o seu perfil no *Facebook*, percebi que, em algumas publicações com fotos de *Agrado*, comentários de cunho transfóbicos se tornavam comuns, comentários jocosos realizados tanto por homens quanto por mulheres. Dentre eles: “Que diabos é isso?” em alusão comparativa à figura do demônio. Para sujeitos transfóbicos, *Agrado* era considerada uma “aberração”. Outro comentário numa foto onde *Agrado* vestia biquíni: “Ei bicha, teu ovo está aparecendo”, soava como forma de, nas entrelinhas, dizer para *Agrado* que ela não passava de uma farsa e que não deveria usar aquele tipo de vestimenta. No mesmo *post*, uma senhora alertava: “passou dos limites”, o reflexo de uma sociedade que não aceita o que considera fora da ordem.

Diante de algumas ofensas, *Agrado* rebatia: “Eu sou bonita, tenho corpo e mostro sim. Obrigado pelo tempo que você perdeu em divulgar minhas fotos por aí. Beijos da *Agrado*” (AGRADO, 2016). Não se deixando abalar pelos comentários pejorativos, *Agrado* seguia firme em sua luta diária contra o preconceito. Em mais uma publicação, ela aparecia de biquíni. No *post*, só era possível ver a sua resposta, o comentário depreciativo já havia sido apagado. *Agrado*, em tom esbravejador, confrontava: “Quem é você para mandar eu aquietar a neca<sup>107</sup>? Se eu fosse você ficava na sua, fofa”. Em alguns *posts*, percebi que *Agrado* sofria transfobia quando utilizava vestimentas como biquínis e exibia-se frontalmente.

Após um ano de programa no *Facebook*, *Agrado* passou a reunir seguidores não apenas no seu bairro. Para além até mesmo de sua cidade Campina Grande, na Paraíba, ela interagiu com amigos que estavam em outros estados, como também já havia conquistado seguidores em outros países. Ela relatou:

[...] Meu público é Rio de Janeiro, fora do Brasil. Tem muita gente fora do Brasil que me assiste. Que entra comigo, que eu sei que tá fora do Brasil, porque eu sei. É Rio de Janeiro, é São Paulo, porque assim, tem pessoas que estão no Rio que eu conheço e que me assiste. Aí já vai marcando um amigo pro amigo assistir (AGRADO, 2016).

Existia uma divulgação entre os amigos. Era comum nos comentários perceber que os seguidores “marcavam”<sup>108</sup> outras pessoas que muito provavelmente não a conheciam, o que fez com que uma proporção ainda maior fosse ocorrendo. Em alguns dos comentários em transmissões do *De Frente com Agrado*, pude perceber que sujeitos interagiam de outros locais. Comentários do tipo: “Europa unida!”, “Cadê você, desde a Europa só para te ver”, “Aqui são 1:40 da madrugada, Te esperando desde a Bélgica”. Visualizei, também, comentários em outras línguas: “*I’m in UK. Just waiting you start you tv show*”. Dos seguidores que estavam no Brasil, mas fora do Estado da Paraíba, os comentários eram mais exaltados: “Mande beijos para as bichas de São Paulo”.

Nos comentários, se percebia a expectativa latente dos seguidores no aguardo do início do programa *De Frente com Agrado*. Para além das expectativas, pediam que *Agrado* mandasse beijos para os respectivos estados em que se encontravam no momento. Os comentários, retirados de seu perfil no *Facebook* corroboram com as narrativas de *Agrado*, que afirmava serem essas pessoas amigas que estão distantes, mas que ainda assim acompanhavam o

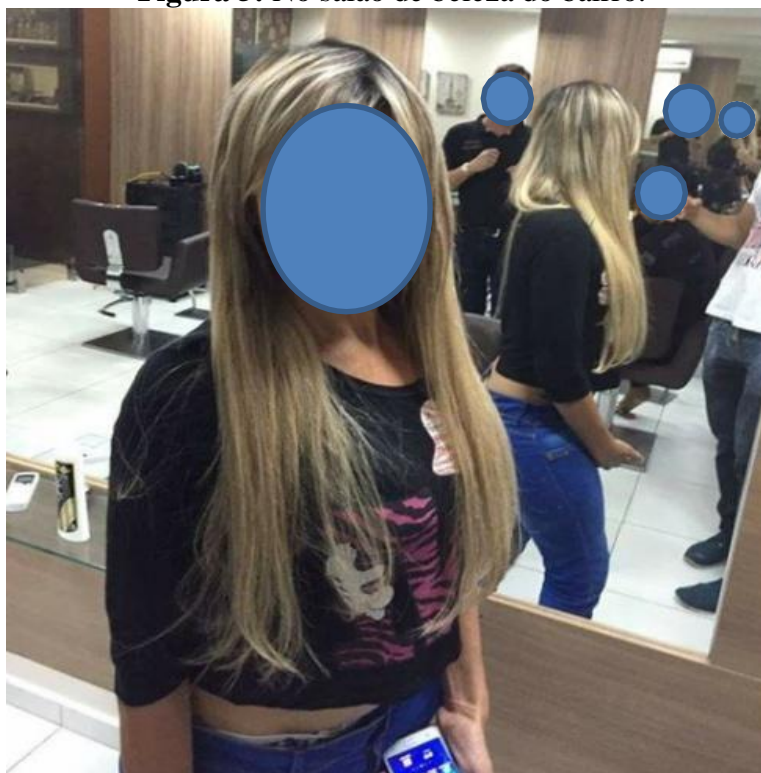
<sup>107</sup> Gíria gay que significa pênis.

<sup>108</sup> Mencionar o nome do perfil de algum usuário do *Facebook*.

programa. Eram sujeitos que estavam morando fora do estado da Paraíba, como também fora do Brasil.

Em suas *lives* durante a semana, interagia muitas vezes de estabelecimentos comerciais a fim de divulgar os produtos à venda. Segue o relato: “agora teve um salão, ali pra lá do bairro do Rocha que eu fui pra divulgar [...] Eu também fui e gravei na loja de ‘Sandra Galega’ que é a que tem um negócio de bijuteria, já fui lá aí eles botaram a gente pra fazer um vídeo lá pra divulgar os produtos” (AGRADO, 2016). Quando perguntada se ela divulgava na *Internet*, imediatamente, responde: “eu jogo na *Internet*”. *Agrado* também relatou que cobrava de alguns estabelecimentos uma ajuda financeira para divulgar seus produtos, só não o fazia quando o estabelecimento (no caso de confecções e acessórios) a patrocinava, cedendo, por exemplo, as peças de roupa e/ou bijuterias usadas para compor o figurino da gravação do programa: “[...] eu escolho a minha roupa, ou senão, tem uma menina que patrocina com roupa, pra gente divulgar a loja dela. Pronto [...] as roupas ficam para mim” (AGRADO, 2016).

**Figura 5:** No salão de beleza do bairro.



Fonte: Página pública de *Agrado* no Facebook, 2016.

*Agrado* visitava as residências de amigos mais próximos e, ao vivo, realizava seu programa da sexta à noite. Ela relatou que durante suas visitas, as pessoas interagem de maneira positiva:



[...] Aí pronto, eu sou convidada para fazer uma *visita com a Agrado*, numa casa, aí o povo convida e a gente vai, daí todos vão (colaboradores) para me ajudar [...] qualquer coisa que eu faço o povo morre de rir, porque é uma coisa cômica, mais pra animar, eu me solto (AGRADO, 2016).

Dentre as “*lives-surpresa*” que a mesma realizava, uma em específico me chamou a atenção por abordar uma temática religiosa. Iniciava-se com uma música da cantora gospel Aline Barros<sup>109</sup>. Em tom solene, *Agrado* comunicava sobre um acidente ocorrido com pessoas próximas e, ao vivo, pedia orações. A abordagem funcionava como um “plantão” de notícias, em que, ao relatar a tragédia ocorrida, pedia preces aos seguidores para confortar as famílias das vítimas, assim como ela mesma, ao vivo, fazia também suas orações.

Outra gravação publicada por *Agrado* se destacou. Era uma gravação intitulada: “Mais uma polêmica de *Agrado*”. A estrela do programa *De Frente com Agrado* emitiu sua opinião sobre a polêmica cura *gay* diante da onda de indignação nas redes sociais. O juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar que, na prática, tornava legalmente possível que psicólogos oferecessem pseudoterapias de reversão sexual, popularmente chamadas de “cura *gay*”. O jornal *El País*, em reportagem intitulada “*Cura gay*”: *o que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação*, publicada em vinte de Setembro de 2017, replicou a fala do juiz que se defendeu afirmando: “a homossexualidade constitui uma variação natural da sexualidade humana, não podendo ser, portanto, considerada como condição patológica”. Entretanto, determinou que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) não impedisse os profissionais de promoverem estudos ou atendimento profissional, de forma reservada, pertinente à (re)orientação sexual, garantido-lhes, assim, a plena liberdade científica acerca da matéria, sem qualquer censura ou necessidade de licença prévia<sup>110</sup>.

Durante o ocorrido, vários artistas brasileiros se manifestaram de forma combativa à determinação do juiz, dentre eles, as cantoras Anitta e Preta Gil e a atriz Taís Araújo, as quais repudiaram a tal determinação. À época, foram convocadas manifestações nas maiores metrópoles brasileiras no intuito de discutirem a decisão. *Agrado* resolveu gravar um vídeo traduzindo sua indignação. No vídeo publicado, ela vociferava:

[...] Oi gente, eu estou aqui revoltada com um juiz, que decretou agora, que os homossexuais é tudo como uma doença [...] Senhor juiz, eu acho que quem precisa de tratamento é você, sabe porquê? A opção sexual não depende de ninguém não, depende da própria pessoa. E porque a gente tem que ser tratado com um psicólogo?

<sup>109</sup> Aline Barros é uma cantora brasileira de música gospel.

<sup>110</sup> Matéria completa disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454\\_712122.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html)> Acesso em: 06/02/2018.

[...] já deixou de ser uma patologia, a opção é de cada pessoa. Agora senhor juiz ao invés do senhor está preocupado com a opção sexual dos outros, vá se preocupar com os ladrões e esses políticos que estão aí roubando dinheiro a “torto e a direita”, porque não vão correr atrás disso? Quem precisa de tratamento são eles não a gente, só porque a gente tem uma opção sexual? Tenha vergonha juiz! Você precisa de um bom tratamento e não a gente. Agora deu mesmo, para ser feliz agora a gente precisa fazer um tratamento. É tanto juiz burro, porque você é um burro juiz, eu não sei nem quem é esse juiz. É tanto que agora as pessoas têm assim oh, direito porque escolhem o que quer ser: depois se quiser ser uma transgênero pode ser. Eu sou uma trans com muito orgulho e eu não preciso de tratamento não, sabe porquê? Porque senhor juiz eu não ando agredindo ninguém, agora vocês andam agredindo as pessoas. Então eu acho que quem precisa de tratamento é você, não a gente. Entendeu? Aí vai um recado para todas as trans, homossexuais, as lésbicas, que se manifestem e compartilhem esse vídeo pra chegar até esse nojento, esse juiz safado, que juiz mas safado, Eu acho que quem é doente é você e não a gente (vídeo publicado em 2016 no *Facebook* de *Agrado*).

*Agrado* se posicionou enquanto ativista trans. Sentindo-se ofendida pela determinação do juiz, buscou, de imediato, sair da sua zona de conforto e bradar em alto e bom tom nas redes sociais seu descontentamento com o aparelho judiciário frente às causas LGBTTTs. Para *Agrado*, a transexualidade não era um transtorno, uma doença. Muito pelo contrário, de forma simplista, ela apenas quis ressaltar que apenas não se identificava com o gênero que lhe atribuíram ao nascer. Decisões dessa envergadura atingem cotidianamente a comunidade LGBTTT, o que existe é um descaso por parte dos governantes para se empenharem no sentido de dar uma condição mínima de civilidade às minorias. Jaqueline Gomes de Jesus (2017, p. 7) é precisa quando afirma que “para as pessoas cisgêneras, ou seja, aquelas que se identificam com a genitália e o gênero com que nasceram, uma das maiores dificuldades é saber como tratar uma pessoa transexual”. O “tratar” ao qual autora Jaqueline Gomes de Jesus se refere não está associado à medicina, ela se reporta ao comportamento diante das relações interpessoais. A bela escrita de T. Brant (2017, p. 175), homem trans de vinte e quatro anos, modelo e estudante de interpretação, reflete um pouco do que significa uma jornada para dentro de si. Por mais “*Agrados*”, mesmo que desagrade:

Re-escrever  
Re-capitular  
Passar a limpo tudo que está (aparentemente) fora do lugar.  
Muitos são os que julgam, poucos os que compreendem,  
Saiba lidar  
Eu escolho (estar) onde devo estar  
Eu escolho (fazer) o que devo fazer  
Eu escolho (ser) o que quero ser  
O que realmente (lhe) importa?  
O (ser) diferente  
Ou  
Fazer a diferença?

Para uma grande maioria de sujeitos cis, existe uma dificuldade em saber lidar com essa diferença. Se em situações tão irrisórias a sociedade se ver impossibilitada de lidar com as questões LGBTTTs, uma ação descabida como a do juiz em questão se torna apenas o reflexo dessa apatia generalizada. As pessoas são ensinadas a não falar sobre o assunto, negam a diversidade e constroem uma nação despreparada com sujeitos incapazes de reconhecer no outro um reflexo de si mesmos. *Agrado* apenas expressou um sentimento que prezava pela igualdade e negava a patologização das trans. Queria ser ouvida, e foi. Mais do que isso, *Agrado* foi vista e aplaudida. Muitos foram os comentários diante de seu posicionamento. *Agrado* aprendera a ter voz, a viver a vida com graça e perspicácia. Avante!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das narrativas sobre Histórias de Vida, me conectei a personagens reais como também às suas tramas existenciais. Adentrando ao espaço fabril, me dispus a entrevistar, colher informações, conhecer pessoas e cotidianos, vidas que se cruzavam e ansiavam pelo “contar-se”. O processo de pesquisa apresentava seus desafios que me estimulavam a tecer questões levando a pensar em como me aprofundar na intimidade de cada sujeito para discutir temas ligados às práticas educativas da sexualidade e do gênero. Como trabalhar com memórias, às vezes, tão dolorosas, de operários LGBTTTs que eram marginalizados no *chão de fábrica*? O desafio estava proposto.

Percebendo a vida enquanto possibilidade de enfrentamento e objeto primeiro das práticas de liberdade, fui impulsionado a problematizar operários que não se adequavam às tecnologias de poder pulverizadas por um sistema binário heteronormatizador. Sujeitos que já haviam rompido com as regras e controles e que, por isso mesmo, eram involuntariamente excluídos e marginalizados. Me pus no encalço destes, aqui personagens da experiência do “contar-se”, indivíduos que governavam suas condutas, e nos territórios da liberdade, construíam suas *Estéticas da Existência*. Eram artistas da beleza de suas próprias vidas. Trazer à superfície suas histórias e dar visibilidade às tramas sociais e culturais em que estavam envolvidos foi um processo doloroso. As dificuldades emergiam quando da necessidade de abordar com profundidade temas tão íntimos, afinal de contas, a sexualidade ainda permanece como um tabu nos dias de hoje.

De maneira objetiva, planejei caminhos e rotas que me levassem até os sujeitos dessa pesquisa. Trabalhadores que sofriam a opressão por representarem uma classe historicamente explorada, como também sujeitos cuja sexualidade era culturalmente marginalizada. Imediatamente, os percebia invisíveis aos olhos da sociedade, carentes de espaços que vislumbraassem as suas trajetórias de vida. Me embrenhei no percurso acadêmico com o objetivo de revelar essas existências. Dando voz aos excluídos da história, iniciei essa pesquisa que veio a desembocar, diante da perspectiva fabril, em um trabalho no qual os motes das discussões transitavam por entre os operários LGBTTTs e as relações que eles construíam com seus pares e chefia na grande fábrica. As práticas educativas da sexualidade, como a homofobia, a transfobia e o machismo, nortearam os meus embates teórico-discursivos mais acalorados. De maneira concomitante, após imenso esforço de convencimento, recolhi depoimentos

emocionantes de pessoas comuns que me fizeram perceber na humanidade delas o meu próprio reflexo.

No primeiro momento do texto dissertativo, apresentei a grande fábrica como um organismo que pulsava transpassando os cinco sentidos. A relação homem e máquina desnudava os caminhos fabris da sensibilidade. Aos poucos, fui me deparando com sujeitos LGBTTTs interessados em falar sobre suas vidas e seus anseios, sujeitos que representavam a diferença em um espaço cartografado por masculinidades. O **primeiro capítulo** apresentou o “outro da diferença”, operários que, em seu cotidiano, eram vitimados por uma contingente de trabalhadores LGBTfóbicos, refletindo comportamentos sociais que estavam para além da fábrica. Foi possível perceber que a homofobia se fazia presente no cotidiano fabril, e que, apesar de algumas poucas ações em defesa do respeito aos homossexuais, ainda estava longe de se (re)educar as sensibilidades capazes de combater o machismo e a religiosidade.

No **segundo capítulo** desta dissertação, aprofundou-se as discussões trazendo as narrativas dos operários sobre os espaços e seus significados. Na fábrica, nos restaurantes e nos banheiros, por exemplo, muito tinham a falar. Era importante observar tanto os corpos dóceis masculinos, que educadamente adentravam os espaços dos restaurantes para as refeições, quanto os corpos masculinos que transgrediam a ordem nos banheiros, considerados por estes um lugar de práticas espaciais homoeróticas, como a da “pegação”. Dentre os inúmeros relatos, eu trouxe os depoimentos de *Agrado*, a operária trans, sujeito representativo que aprendera a conviver, durante nove anos, com atos discriminatórios e marginalizadores no *chão de fábrica*.

O **terceiro** e último capítulo dedicou-se, portanto, a biografar a operária transexual. Era necessário conhecer sua história de vida e de lutas para além do espaço fabril. A infância pobre, a travessia de gênero e os conflitos de um sujeito que dia após dia construía sua estética existencial, quebrando padrões morais vigentes na sociedade heteronormativa. *Agrado* brilhou em diálogos ricos de histórias sobre sua jornada enquanto sujeito da experiência trans.

Diante do exposto, restaram as minhas impressões. É preciso considerar que a sociedade em que vivemos, por estar arraigada a uma moral que heteronormatiza sujeitos e relações, imprime seus reflexos em quaisquer espaços de sociabilidade. Na fábrica, portanto, não seria diferente. Percebendo que o ambiente fabril era um espaço praticado na sua quase totalidade pelo masculino, não era incomum encontrar homens que desenvolviam sua masculinidade em constante relação com a aparente feminilidade apresentada por sujeitos que haviam transgredido as normas impostas pelo gênero. Tais comportamentos, aqui definidos como

sexistas, revelaram-se opressores para as minorias sexuais e de gênero (operários LGBTTTs), que habitavam a fábrica, por um período de, aproximadamente, oito horas diárias.

Apesar de um aparente preconceito contra sujeitos homoafetivos e transexuais, as narrativas orais contavam sobre as táticas de aproximação e defesa por parte da comunidade LGBTTT entrevistada, como também dos incontáveis casos afetivos/sexuais que estes denunciavam manter com homens casados, heterossexuais e “pais de família”, inclusive nos espaços físicos que compunham a grande fábrica. Como, em um universo tão viril e masculinizante, se sobressaíam histórias de afeto entre “iguais”? A sociedade que insiste em naturalizar comportamentos com seus discursos biologizantes está atenta para as façanhas sexuais nos espaços internos da fábrica? Presumo que não. A sociedade Lgbtfóbica prefere não enxergar, não problematizar o que está óbvio.

Diante de tantos relatos regados por lágrimas e sorrisos, problematizei sujeitos e relações buscando trazer para as rodas de discussões um assunto que até aqui ganhara pouca ou nenhuma visibilidade por parte das estruturas sociais, políticas e culturais. É preciso pensar a fábrica para além das questões de classe atentando para o fato de que existem figuras humanas que, além de sofrerem porque são pobres e trabalhadoras, sofrem por questões relacionadas às suas escolhas pessoais, porque decidiram construir suas estéticas em contraposição aos padrões exigidos pela sociedade. Em pleno século XXI, continua sendo uma prática comum negar direitos civis à comunidade LGBTTT, o que não ocorre da mesma forma para homens e mulheres *cis*. A fábrica, assim como inúmeras instituições brasileiras, reverencia essa premissa.

Com esse estudo, foi possível mostrar que no espaço fabril, assim como no seio da sociedade, as pessoas LGBTTTs continuam sendo repositórios de um dos mais antigos estigmas da humanidade: a condenação sobre a expressão de gênero fora do binarismo padrão “masculino/feminino. Essa tendência deixa expresso o atraso da sociedade no reconhecimento dos direitos LGBTTTs, sociedade que está alicerçada em um machismo exacerbado e por uma religiosidade fundamentalista. Com isso, percebemos a urgência de investimentos na educação, no sentido de formar e esclarecer os sujeitos sociais, pois, caso contrário, continuará prevalecendo a visão arcaica que discrimina e trata como abjetas as minorias sexuais.

Concluo afirmando que é necessário discordar, tanto por parte do operariado quanto por parte da administração das grandes e pequenas fábricas, do binarismo de gênero que voluntária ou involuntariamente, apoia, reforça e ratifica (por parte das organizações) mecanismos de repressão, dos quais os operários fabris LGBTTTs são vítimas. Com esse estudo, esperamos que novas perspectivas de pesquisas venham a se desenvolver, intensificando este mesmo

trabalho em tantas outras companhias e organizações, bem como nos distritos industriais das grandes metrópoles. Que as organizações sociais e empresariais atentem-se para essa discussão e se retratem sobre o mal histórico que vêm causando aos sujeitos marginalizados, quando permitem que operários LGBTTTs sejam ameaçados e perseguidos em seus espaços internos. Nada justifica o impedimento do direito de ir e vir de qualquer cidadão dentro de sua estrutura social. Nada.

## **FONTES CONSULTADAS**

**ADAM. Entrevista concedida em sua residência a João Diogo Trindade.** Campina Grande – PB, 20/05/2017.

**AGRADO. Entrevista concedida em sua residência a João Diogo Trindade.** Campina Grande – PB, 20/09/2016.

**BOBBY. Entrevista concedida em sua residência a João Diogo Trindade.** Campina Grande – PB, 08/10/2016.

**GABRIEL. Entrevista concedida em sua residência a João Diogo Trindade.** Campina Grande – PB, 26/05/2017.

**MILK. Entrevista concedida em sua residência a João Diogo Trindade.** Campina Grande – PB, 04/10/2016.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos**. 2013. Disponível em: <[http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/07/durval-muniz-de-albuquerque-junior\\_22.html](http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/07/durval-muniz-de-albuquerque-junior_22.html)>. Acesso em: 30/02/2017.

\_\_\_\_\_, Durval Muniz de. *et al.* **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Fábio Chang. **A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina**. Disponível em: <[http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212504757\\_ARQUIVO\\_TextoCompleto-Chang.pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212504757_ARQUIVO_TextoCompleto-Chang.pdf)>. Acesso em 06/02/2018.

ALMEIDA, Thiago de. (Org). **Relacionamentos Amorosos: o antes, o durante... e o depois**. São Paulo: Polobooks, 2015.

SOBRENOME, Prenome. **Título**: subtítulo. Ano de depósito.

ALVES, Leonardo da. **A industrialização incentivada no Nordeste e o caso de Campina Grande**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. **Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde**. Disponível em: <<https://scielosp.org/pdf/physis/2009.v19n1/15-41/pt>>. Acesso em: 08/02/2018.

ARAÚJO, Eronides Câmara. **Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. 2011. Tese. 295 f. (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

\_\_\_\_\_. **Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. Curitiba: Appris, 2016.

ARRUDA, Maria da Conceição de Freitas da; GUIMARÃES, Kalina Naro. **Discutindo homoafetividade no conto aquele dois, de Caio Fernando Abreu: uma microanálise etnográfica de sala de aula**. 2013. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA9\\_ID2<76\\_31082016234408.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA9_ID2<76_31082016234408.pdf)>. Acesso em: 16/10/2017.

BADINTER, Elizabeth. **Sobre a identidade masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993.

BARBERO, Graciela Haydée. **Homossexualidade e Perversão na psicanálise:** uma resposta aos *Guys and Lesbian Studies*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BARBOSA, Regina. Textos, têxteis e genealogias: reflexões sobre um processo criativo. 2015. Disponível em: <[http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/05-Sessao-Tematica-%20Memorias-Design-Moda-e-Cidade/Regina-Barbosa-\\_ModaDocumenta2015\\_Textos\\_texteis\\_e\\_genealogias.pdf](http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/05-Sessao-Tematica-%20Memorias-Design-Moda-e-Cidade/Regina-Barbosa-_ModaDocumenta2015_Textos_texteis_e_genealogias.pdf)>. Acesso em: 12/05/2017.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BESSI, Vania Giseli. *et al.* **O panóptico digital nas organizações:** espaço-temporalidade e controle no mundo contemporâneo. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v14n42/05.pdf>>. Acesso em 27/05/2017.

BRAZ, Ednaldo da Costa. **Corpos que se transformam:** a (re)invenção dos corpos das travestis. Monografia. 2013. 27. f. Monografia (Graduação em Serviço Social). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do sexo. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/12/corpos-que-pesam-sobre-os-limites-discursivos-do-sexo-judith-butler/>>. Acesso em: 08/02/2018.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Nos caminhos da história social:** os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19284/10384>>. Acesso em: 02/05/2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. **A alteridade no pensamento de Jacques Derrida:** escritura, meio-luto, aporia. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CORNEJO, Giancarlo. **A guerra declarada contra o menino afeminado.** Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2011/04/a-guerra-declarada-contra-o-menino-afeminado/>>. Acesso em: 08/02/2018.

CORRÊA, Henrique L.; GIANESI, Irineu G.N.; CAON, Mauro. **Planejamento, programação e controle da produção - MRPII / ERP:** conceitos, uso e implantação. São Paulo: Atlas, 2007.

COSTA, Benhur Pinós da Costa. **Práticas espaciais de ‘pegação’ homoerótica:** o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA). 2014. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/rlagg/article/view/5233>>. Acesso em: 23/06/ 2017.

COSTA, Pinós da Costa. **Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do estado do Rio Grande do Sul:** o caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e

Cruz Alta - RS. 2012. Disponível em:  
<<http://177.101.17.124/index.php/rlagg/article/view/3232>>. Acesso em: 23/06/2017.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memórias, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Renata Costa; SIQUEIRA, Marcus Vinícius Soares. **O Gay no Ambiente de Trabalho**: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas. Disponível em:  
<<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR-B524.pdf>>. Acesso em: 10/01/2017.

FIGUEIREDO, Fernando Padrão. Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michael Foucault. 2010. **Revista Ítaca**, n. 25. São Paulo, 2010. Disponível em:  
<<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/262>>. Acesso em: 10/10/2017.

FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, Jan/Jun. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Por uma vida não fascista**. In.: COLETIVO SABOTAGEM. (Org.). 2004. Disponível em: <<https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf>>. Acesso em: 11/05/2015.

FREIRE, Jurandir Costa. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FURLANI, Jimena. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoa do mesmo sexo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a09v19n2>. Acesso em: 16/10/2017.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. In.: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, v. 5.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GALVÃO, Bruno Abílio. **A ética em Michel Foucault**: do cuidado de si à estética da existência. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewFile/17068/11428>>. Acesso em 11/05/2017.

GIRONDI, *et al.* **A Metodologia problematizadora utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes.** Disponível em:

<<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/6864/4872>>. Acesso em: 11/05/2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: ADUFBA, 2011.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima *et al.* **Por uma lógica do desassujeitamento: o pensamento de Michel Foucault na pesquisa em Ciências Humanas.** São João Del Rey - MG. 2011. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6\\_n2/Guareschi\\_et\\_al.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6_n2/Guareschi_et_al.pdf)>. Acesso em 23/03/2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; CASTRO, Nádyra Araújo. **Classes, regimes fabris e mudança social no nordeste brasileiro.** 2007. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/2469/1/CadCRH-2007-432%20s.pdf>>. Acesso em: 14/01/2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HIRSCHMAN, Albert O. **Desenvolvimento industrial no nordeste brasileiro e o mecanismo de crédito fiscal do artigo 34/18.** Disponível em:

<<file:///C:/Users/ghjfhkhjk/Downloads/1743-14742-1-PB.pdf>>. Acesso em: 26/05/2017.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; SARAIVA, Gabriel Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional.**

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v14n5/v14n5a08.pdf>>. Acesso em 15/07/2017.

KOTLINSKI, Kelly. **Diversidade sexual: uma breve introdução.** Disponível em:

<[http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/41/docs/diversidade\\_sexual-artigo\\_-\\_diversidade\\_sexual\\_-\\_artigos\\_e\\_teses.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/41/docs/diversidade_sexual-artigo_-_diversidade_sexual_-_artigos_e_teses.pdf)>. Acesso em: 15/10/2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero.** Uma introdução aos estudos de gênero. Curitiba: Transgente, 2015.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LE GOFF, Jacques; NORAT, Pierre (Org.). **História: novos problemas.** Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1995.

LE MOS, Fernanda. **A Representação Social da Masculinidade na Religiosidade Contemporânea.** Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dr/article/view/10736>>. Acesso em: 08/02/2018.

LEVY, Pierre. **Ciber Cultura.** Ed. Trinta e quatro. São Paulo, 1999.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012, v. 2.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Travestis e Transexuais: corpos (trans)formados e produção de feminilidade**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46748/32493>>. Acesso em: 08/02/ 2018.

LOURO, Guacira Lopes *et al.* **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis - RJ. Vozes, 1997.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In.*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MADLENER, Francis. DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia** – UFF, Jan/Jun. 2007, v. 19, p. 49-60. Disponível em: <<http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/psi-41917>>. Acesso em: 23/03/2017.

MARQUES, Artur Antônio Moraes. **O conceito de poder em Foucault: algumas implicações para a teoria das organizações**. Disponível em: <[http://convibra.com.br/2006/artigos/74\\_pdf.pdf](http://convibra.com.br/2006/artigos/74_pdf.pdf)>. Acesso em: 06/10/2017.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. **Classe e cultura no estudo da história operária: identidade, memória e cotidiano**. Disponível em: <[http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2007/t/Microsoft%20Word%20-%20juçara\\_mello.pdf](http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2007/t/Microsoft%20Word%20-%20juçara_mello.pdf)>. Acesso em: 23/04/2017.

MISKOLCI, Ricard. **Reflexões sobre a normalidade e desvio social**. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169>>. Acesso em: 08/02/2018.

\_\_\_\_\_. **O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88>. Acesso em: 20/09/ 2009.

MOIRA, Amara *et al.* **Vidas Trans**. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2017.

MONTENEGRO, Antônio Torres (Org.). **História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE; Cuiabá: Editora da UFMT, 2008.

MOTT, Luiz. Relações Raciais entre Homossexuais no Brasil Colônia. **Revista Brasileira de História**, n. 10. Mar/Ago. São Paulo, 1985, v. 5, p. 99-122.

NASCIMENTO, Marcio Alessandro Neman do. **Homofobia e Homofobia Interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?** Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3201244>>. Acesso em: 02/03/2017.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Disponível em:

<em[http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/monografias/2007/mono\\_julio](http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/monografias/2007/mono_julio)>. Acesso em: 08/02/2018.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Taborda (Org.). **Sentidos e Sensibilidade:** sua educação na história. Curitiba: Ed UFPR, 2012.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo as sensibilidades.** 2004. Colóquios Novo Mundo Mundos Novos 2004. Disponibilizado em 04 de Fevereiro de 2005 em <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 26 de maio de 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** Disponível em: <[www.culturaegennero.com.br/download/praticafeminina.pdf](http://www.culturaegennero.com.br/download/praticafeminina.pdf)>. Acesso em: 15/03/2017.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero.** Projeto História. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10728/7960>>. Acesso em: 23/04/2017.

PRESTES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil:** da sodomia ao homossexualismo. Disponível em: <https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf>. Acesso em: 02/02/2018.

RAGO, Margareth. (Org.). Foucault e as Estéticas da Existência. Campinas - SP. **Revista Aulas**, 2010. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/~aulas/Revista\\_Aulas\\_Dossie\\_06\\_Foucault\\_e\\_as\\_esteticas\\_da\\_existencia.pdf](http://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf)>. Acesso em: 24/03/2017.

RAGO, Margareth *et al.* **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

**RELATÓRIO** de Direitos Humanos. 2013. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf> acessado em 02 de março de 2017

RIOS, Roger Raupp; RESADORI, Alice Hertzog. **Direitos Humanos, transexualidade e “direito dos banheiros”.** 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3509/350944514008/>>. Acesso em: 16/07/2017.

RODRIGUES, L. M. **Industrialização e atitudes operárias:** estudo de um grupo de trabalhadores [*online*]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, 201 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ssshp>>. Acesso em: 09/01/2017.

SANTOS, Rafael Enrique dos. **A discriminação sexual no ambiente de trabalho.** Disponível em: <[https://www.univates.br/graduacao/media/direito/2016-a-artigo-rafael\\_santos.pdf](https://www.univates.br/graduacao/media/direito/2016-a-artigo-rafael_santos.pdf)>. Acesso em: 24/02/2017.

SCHROETER Werner; Michel Foucault. Entrevista: **Entre o amor e os estados de paixão Conversa com.** Disponível em:

<file:///C:/Users/H%C3%89LDER%20N%C3%93BREGA/Downloads/FOUCAULT,+Michel\_Entre+o+amor+e+os+estados+de+paix%C3%A3o\_1982.pdf>. Acesso em: 16/10/2017.

SENKEVICS, Adriano. **Os corpos abjetos, os excluídos e aqueles que não devem existir.** Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/23/os-corpos-abjetos-os-excluidos-e-aqueles-que-nao-devem-existir/>>. Acesso em: 08/02/2018.

SILVA, Joseli Maria (Org.). **A representação e o real em Michel Foucault.** Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/77.pdf>>. Acesso em: 21/03/2017.

\_\_\_\_\_. Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas:** os discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares; FERREIRA, Renata Costa; ZAULI-FELLOWS, Amanda. **Gays no ambiente de trabalho:** uma agenda de pesquisa. Disponível em: <[www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-gpra-1782.pdf](http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-gpra-1782.pdf)>. Acesso em: 16/07/2017.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros:** diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1244/4251>>. Acesso em: 08/10/2017.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Physicamente vigorosos:** medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942). 2015. 270 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SOUSA, Priscila Freitas. **Há diferenças entre travestis e transexuais femininas? Breve conceituação dos termos.** 2015. Disponível em: <<http://www.faculdaDESCearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol9-2015.1/artigo6.pdf>>. Acesso em: 16/07/2017.

SOUZA, Leonardo Lemos de. GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (Orgs.). **Gênero, Corpo e Ativismos.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/346805961/SOUZA-GALINDO-BERTOLINE-Generos-Corpo-E-ativismos-pdf>>. Acesso em 08/02/2018.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer.** Belo Horizonte. Autêntica, 2017.

TERTO JÚNIOR, Veriano. **Homossexualidade e Saúde:** desafios para a terceira década de epidemias de HIV/AIDS. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19080.pdf>>. Acesso em 03/02/2018.

TOLEDO, José Luiz Dutra de. **O gato que ri do meu ego esquizofrênico**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/gatoqueri.html>>. Acesso em: 08/02/2018.

VASCONCELOS, Luciana Teixeira. **Travestis e Transexuais no mercado de trabalho**. 2014. Disponível em: <[http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14\\_0409.pdf](http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0409.pdf)>. Acesso em 10/07/2017.

VILAR, Antônio de Melo.; NÓBREGA JÚNIOR, Cláudio Lins. **Planejamento nas instalações empresariais**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

WALTER, Benjamin. **O Anjo da História**. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

WOITOWICZ, Karina Janz. **O riso como lugar de expressão e fortalecimento do machismo**: uma leitura folkcomunicacional das piadas envolvendo questões de gênero na internet. Disponível em: <[file:///C:/Users/ghjfhkhjk/Downloads/939-3092-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ghjfhkhjk/Downloads/939-3092-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 22/07/2017.